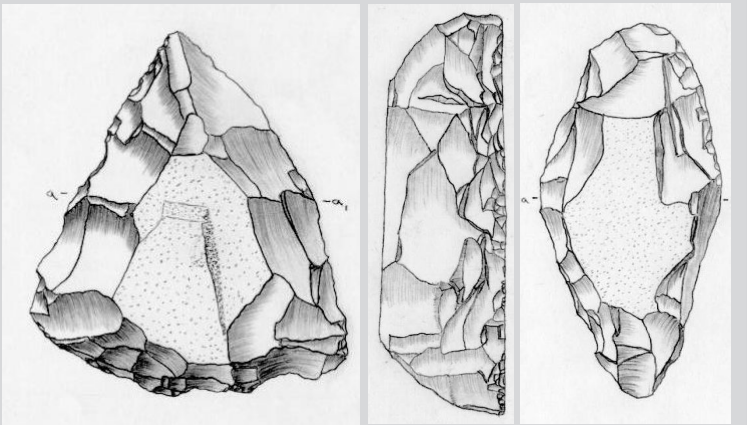
Andrei Isnardis

ENTRE AS PEDRAS

as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de diamantina, minas gerais



MAE/USP
Janeiro de 2009

Entre as Pedras
as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais

Autor: **Andrei Isnardis**

Orientadora: **Prof. Dra. Marisa Coutinho Afonso**

Tese de doutoramento apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
do Museu de Arqueologia e Etnologia
da Universidade de São Paulo.

São Paulo, janeiro de 2009

ao sorriso que basta.

a maria e assis, cujo amor por e em diamantina continua dando frutos.
a ana, bruno, victor, camila e o que serão.

trabalhar em equipe —— 13

Introdução —— 16

Capítulo Primeiro – Arrumando problemas: discutindo abordagens, métodos e referências teóricas —— 27
Explorando uma nova região arqueológica: por onde e como começar? — 27
Sistemas de sítios —— 31
Sítios na paisagem —— 35
A construção da amostra: as prospecções e seus resultados —— 38
A condução das escavações, sondagens e coletas de superfície —— 48
A abordagem dos conjuntos gráficos rupestres da região de Diamantina — 53
Afinidades culturais e expressões gráficas —— 55
Crono-estilística para quê? —— 62
Pinturas em contexto. Pinturas rupestres e ocupações recentes: dois contextos arqueológicos —— 66

Capítulo Segundo – Muito mais que um cenário: os elementos naturais da paisagem na região de Diamantina —— 72
Diamantina, diamantes, serras —— 72
Geologia e Geomorfologia da região de pesquisa —— 73
Plantas entre pedras, bichos entre as plantas —— 77

Capítulo Terceiro – Esboçando o quadro e delimitando objetos: os horizontes de ocupação pré-histórica da região de Diamantina —— 81
O horizonte de ocupação humana na transição entre Pleistoceno e Holoceno 81
As indústrias líticas das camadas da transição entre Pleistoceno e Holoceno em Diamantina —— 85
As estruturas dos níveis antigos —— 87
Antigüidade *X* pouco profundidade: possibilid. para a radical descontinuidade – 87
Síntese preliminar e hipóteses sobre o uso dos abrigos no horizonte de ocupações antigas —— 88
O horizonte das ocupações pré-históricas recentes: a eleição de um objeto 90

Capítulo Quarto – Tintas nas pedras: os grafismos rupestres da região de Diamantina —— 93
A análise das pinturas rupestres de Diamantina e as unid. classificatórias – 96
A Tradição Planalto em Diamantina —— 97
Os conjuntos Planalto —— 102
De contorno a preenchimento, de pescoço a asa: a constr. gráfica das figuras — 110
A composição diacrônica de figuras e painéis —— 114
Planalto: continuidade, inovação, variabilidade —— 118
As pinturas de Diamantina para além das características Planalto: outros temas, outros estilos —— 118
Pinturas da Tradição Agreste —— 119
Pinturas do Complexo Montalvânia —— 121
Pinturas da Tradição Nordeste —— 123

Paisagens construídas com pinturas rupestres — 127

CAPÍTULO QUINTO – PRÉ-HISTÓRIA AINDA QUE TARDIA: elementos para a construção de um contexto pré-histórico recente — 130
Ocupações modernas dos sítios e suas implicações para a análise da Pré-História regional: caçadores-coletores de diferentes eras — 131
O lascamento moderno do quartzo — 135
Os sítios arqueológicos relacionados às ocupações pré-históricas recentes 140
Morfologias dos sítios e sua implantação na paisagem — 143
Estabelecendo conexões: a atribuição cronológica dos sítios com materiais de superfície — 147

CAPÍTULO SEXTO - PEDRAS POR ENTRE AS PEDRAS: as indústrias líticas recentes nos abrigos de Diamantina — 160
Metodologia de análise das indústrias líticas de Diamantina — 160
As matérias-primas — 163
O material lítico da Lapa do Boi — 166
O material lítico de superfície da Lapa do Boi — 168
Áreas de atividade ou áreas de deposição de refugo? — 172
As pedras por entre as pedras — 175
Algumas considerações sobre abandono — 177
O material das escavações na Lapa do Boi — 178
Reunindo os elementos — 180
O material lítico da Lapa do Caminho da Serra — 180
O material lítico da Lapa de Moisés — 183
O material lítico da Lapa do Peixe Gordo — 185
O material lítico da Lapa da Ciranda — 187
O material lítico da Lapa da Bandalheira — 190
O material lítico da Lapa Pintada de Datas — 197
O material lítico da Lapa do Caboclo — 198
O material lítico da Lapa da Chica — 201
O material lítico da Gruta da Lasca — 204
O material lítico da Casa de Pedra Norte — 208
Os grupos de artefatos — 209
Os artefatos plano-convexos sobre plaquetas — 220

CAPÍTULO SÉTIMO – ARTICULANDO INDÚSTRIAS, ESTRUTURAS E SÍTIOS: paisagem pré-histórica recente da região de Diamantina — 230
Estruturas arqueológicas evidentes recentes na Lapa do Caboclo — 230
Sepultamentos da Lapa do Caboclo — 233
Caça, coleta e horticultura — 242
Os artefatos e os sítios na paisagem: conexões — 252

ARREMATANDO A PROSA — 264

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS — 267

ANEXOS
Quadro de datações — 278
Mapa 1 — 279

Índice de Pranchas

Prancha 1 – Regiões mencionadas no texto onde ocorrem grafismos da Tradição Planalto — 20
Prancha 2 – Localização da área de pesquisa e arredores — 21
Prancha 3 – Áreas prospectadas pelo projeto *Diamantina Rupestre* — 29
Prancha 4 – Diagrama de Prous (2004) para a represent. da cadeia operatória — 32
Prancha 5 – Prospecções no eixo Serra do Pasmar / Batatal — 39
Prancha 6 – Perfil topográfico — 43
Prancha 7 – Perfis topográficos — 44
Prancha 8 – Perfil topográfico — 45
Prancha 9 – Mapa 2 – Prospecções e intervenções na área de pesquisa — 52
Prancha 10 – Blocos com pinturas rupestres datadas de Santana do Riacho — 68
Prancha 11 – Feições da Serra do Espinhaço na região de Diamantina — 76
Prancha 12 – Aspectos fitofisionômicos na região de Diamantina — 78
Prancha 13 – Croquis de planta baixa da Lapa do Caboclo — 84
Prancha 14 – Elementos das ocupações da transição Pleistoceno /Holoceno — 86
Mapa 3 – Distribuição dos sítios calcados — 95
Prancha 15 – Tradição Planalto em diversas regiões de Minas Gerais — 98
Prancha 16 – Pinturas da Tradição Planalto na região de Diamantina — 100
Prancha 17 – Trechos de painéis de pinturas rupestres de Diamantina — 101
Prancha 18 – Primeiro Conjunto da Tradição Planalto — 103
Prancha 19 – Zoomorfos do Segundo Conjunto da Tradição Planalto — 105
Prancha 20 – Terceiro Conjunto da Tradição Planalto — 107
Prancha 21 – Figuras do Quarto e do Quinto conjuntos da Trad. Planalto — 109
Prancha 22 – Zoomorfos do Grande Abrigo de Santana do Riacho — 111
Prancha 23 – A construção das figuras — 112
Prancha 24 – Reconstituição provável das etapas de elaboração da figura de um cervídeo do Segundo Conjunto Planalto, da Lapa do Galheiro (abrigo norte) — 113
Prancha 25 – Relações diacrônicas entre figuras — 115
Prancha 26 – Encaixes e justaposições entre as figuras na composição dos painéis 117
Prancha 27 – Manifestações da Tradição Agreste em Diamantina — 120
Prancha 28 – Grafismos atribuíveis ao Complexo Montalvânia na região de Diamantina — 122
Prancha 29 – Quadro crono-estilístico dos grafismos rupestres da região de Diamantina — 126
Prancha 30 – Os garimpeiros e o quartzo lascado — 137
Prancha 31 – O lascamento moderno do quartzo pelos garimpeiros — 138
Prancha 32 – Sítios localizados nas bordas dos campos — 144
Prancha 33 – Escavações nas lapas de Moisés e do Peixe Gordo — 150
Prancha 34 – Lapa da Bandalheira e seu material de superfície — 153
Prancha 35 – Aspectos da Lapa da Ciranda — 155
Prancha 36 – A Gruta da Lasca — 157
Prancha 37 – A Lapa do Boi e a Lapa do Caminho da Serra — 167
Prancha 38 – Lapa do Boi (Diamantina, MG) – croquis de planta baixa — 171
Prancha 39 – Lapa do Caminho da Serra — 182

Prancha 40 – Gruta da Lasca, área interna e vestígios — 205
Prancha 41 – Gruta da Lasca. Área de grandes desmoronamentos e negativos de Lascamento no teto — 207
Prancha 42 – Artefatos retocados do horizonte de ocup. recente. Grupos 1 a 4 — 217
Prancha 43 – Artefatos retocados do horizonte de ocup. recente. Grupos 5 a 9 — 218
Prancha 44 – Artefatos retocados do horizonte de ocup. recente. Grupos 10 a 13 - 219
Prancha 45 – Mudanças de perfis resultantes de reformas de plano-convexos — 222
Prancha 46 – Análise diacrítica de artefatos plano-convexos de superfície — 223
Prancha 47 – Grupos de plano convexos conforme atributos morfo-tecnológicos - 225
Prancha 48 – Perfil estratigráfico e estruturas da Lapa do Caboclo — 232
Prancha 49 – Sepultamento I da Lapa do Caboclo — 234
Prancha 50 – Sepultamento I da Lapa do Caboclo (Diamantina) — 237
Prancha 51 – Sepultamentos III e IV da Lapa do Caboclo — 241
Prancha 52 – Fragmentos de cerâmica Tupiguarani encontrados em São Gonçalo do Rio das Pedras — 246
Prancha 53 – Presença na Lapa do Boi de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados — 254
Prancha 54 – Presença na Lapa da Ciranda de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados — 255
Prancha 55 – Presença na Lapa da Bandalheira de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados — 256
Prancha 56 – Presença na Lapa do Peixe Gordo de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados — 257
Prancha 57 – Presença na Lapa Pintada de Datas de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados — 258
Prancha 58 – Presença na Lapa da Chica de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados — 259

Índice de Figuras

Figura 1.1 – O “par de peixes”, tema freqüente nos sítios da Tradição Planalto em diferentes regiões — 55
Figura 1.2 – Diversidade de figuras de cervídeos — 57
Figura 4.1 – Grafismos da Tradição Nordeste na região de Diamantina — 124
Figura 5.1 – Maços de flores depositados na Lapa do Mano — 132
Figura 6.1 - Gráfico de tamanhos de lascas dos níveis superiores da Lapa do Boi, organizados em classes — 178
Figura 6.2 - Gráfico da distribuição das lascas dos níveis superiores da Lapa do Boi, conforme a matéria-prima (agrupadas as variedades de quartzito). — 179
Figura 6.3 - Proporções das m-p nas lascas dos níveis recentes da Lapa de Moisés 183
Figura 6.4 - Matérias-primas na L. do Peixe Gordo, em seu horizonte recente — 186
Figura 6.5 - Lascas da Lapa do Peixe Gordo agrupadas em classes de tamanho — 187
Figura 6.6 - Proporções das matérias-primas dos níveis sup. da L. do Caboclo — 199
Figura 6.7 - Dimensões das peças dos níveis recentes da Lapa do Caboclo — 200
Figura 6.8 - Exemplos de artefatos do Grupo 1 — 209
Figura 6.9 – Plaq. com retoques regulares (exemplos de peças de gumes denticulados) - 210
Figura 6.10 – Artefatos do grupo 5 — 211
Figura 6.11 – Detalhe dos retoques de artefato de gume semi-circular — 212

Figura 6.12 – Artefatos em quartzo de gume reto e curto ——— 213
Figura 6.13 – Artefatos sobre plaquetas delgadas ——— 214
Figura 6.14 – Artefatos bifaciais em quartzo ——— 215
Figura 6.15 – Lascas com gumes múltiplos ——— 216
Figura 6.16 – Comparação entre cadeias operatórias dos artefatos plano-convexos antigos (tipo Tradição Itaparica) e os artefatos plano-convexos recentes de Diamantina ——— 226

Créditos das fotografias

Compõem este texto fotografias do autor e fotografias gentilmente cedidas por diversos companheiros de percurso:
Alex Mendes (cerâmica Tupiguarani)
Alexandre Almeida
Ângelo Pessoa
Juliana Machado
Juliana Resende
Lílian Panachuk
Rafael Miranda
Rogério Tobias
Vanessa Linke
Wagner Marin.

trabalhar em equipe é um privilégio. apesar de eventuais dificuldades, poder compartilhar com belos companheiros as dúvidas, os desejos e as alegrias é um grande prazer. as pesquisas em diamantina sempre foram um trabalho de equipe, que gerou diversos produtos, como artigos a quatro ou seis mãos, uma bela dissertação de mestrado e esta tese. trabalhar em equipe traz, porém, um "inconveniente" ao se escrever uma tese, que é um "problema autoral": quando escrevo aqui, estou na verdade agregando o trabalho dos que integraram a equipe. estou, desavergonhadamente, me apropriando do que foi construído em conjunto. a generosidade das pessoas que compõem essa equipe nem o garimpeiro mais sortudo encontraria. espero ter conseguido, no decorrer do texto, dar crédito a, ao menos, parte das participações de todos. de todo modo, o que está dito aqui não pode ser creditado só a mim (quando fizer sentido!), pois a metodologia e os resultados foram discutidos em equipe. a redação, contudo, é responsabilidade minha, com seus deméritos. nesse trabalho em equipe, vanessa linke e ângelo pessoa têm papel central, pois foi sua participação constante que viabilizou o trabalho e deu a ele o melhor de seu conteúdo.

em campo, pude contar com a colaboração de muitos dos integrantes do setor de arqueologia da ufmg, que seguraram a onda do trabalho e dividiram o prazer de percorrer os altos do espinhaço: vanessa linke (sempre), ângelo pessoa (todas as vezes), rogério tobias, rafael miranda, luiza campera, wagner marin, gustavo neves, camila jácome, lilian panachuk, alexandre mafaim almeida, adriano carvalho, deborah duarte, lílian regina, juliana resende, filipe amorelli, danilo palhares e o nosso *comandante* márcio antônio dos santos. bruno salvio, também conhecido como derílson, mesmo sem vínculos diretos com o setor de arqueologia, enfiou literalmente a cara no trabalho. outros vieram de longe e, por puro prazer e amizade, se juntaram a nossas caminhadas pela serra: lucas bueno, juliana machado e mariana neumann (nossa mini-mineira ao contrário) – sua curiosidade e inteligência combinaram muito bem com o campo rupestre.

a biblioteca da casa da glória teve suas portas abertas por romeo, que nos mostrou a região como é vista do céu, nos acompanhou no campo sob a chuva.

o professor allaoua saadi, da ufmg, teve um papel importante na construção da pesquisa, como interlocutor sobre a geomorfologia da serra, como aquele que nos conduziu aos garimpeiros de cuiabá, como o provocador do achamento do sítio do garimpo, como apoiador, na condição de diretor da casa da glória, como doador de seu saber sobre o espinhaço e seus caminhos.

diamantina foi capaz de manter próximas pessoas preciosas com quem eu já havia tido o privilégio de trabalhar e conviver, e com quem, naquelas cabeceiras, pude trabalhar novamente e continuar apreciando a amizade: danielle piuzana e marcelino morais.

acho que arqueologia é boa quando é feita assim. como diria meu saudoso tio argel, dinheiro nós não temos, não, mas paixão...

danilo galhardo e juliana luz vieram a belo horizonte trabalhar comigo por um período que, ainda que curto, foi valioso na reta final.

gustavo neves, além de ter compartilhado um dos campos mais proveitosos, foi um interlocutor importante e sua inteligência e boa vontade foram preciosos na análise dos artefatos reunidos na última etapa de campo, doando fôlego para a arrancada final.

as pessoas dos vários cantos da serra nos guiaram, nos receberam, permitiram que cutucássemos suas terras. a elas meu muito obrigado: avan, adão monteiro, silvestre, dona neide e seo zé, seo zé borges, diego do galheiro, rosângelo, ana maria, martin, as comunidades de são joão da chapada, do galheiro, de são gonçalo do rio das

pedras, do milho verde, de três barras, de trinta réis, do redeador, de batatal, de conselheiro mata e de cuiabá.

alex mendes e seus companheiros dos caminhos da serra deram uma contribuição fundamental pro andamento das prospecções, compartilhando conosco seu conhecimento sobre a serra. estou em dívida com ele e sua dedicação à serra e às comunidades da região. espero em breve poder dar-lhes um retorno à altura.

seo bonifácio do rodeador foi muito mais do que um anfitrião. foi ele mesmo um convite e um estímulo, nos ensinando o que são as bordas da serra.

seo antônio yamaguchi, nosso anfitrião na lapa do caboclo, que veio de tão longe para compartilhar conosco sua simpatia e gentileza.

à equipe da seção acadêmica do mae devo um agradecimento especial. vanusa gregório (especialmente), geraldo miranda, heloísa babo e regina leopoldo e silva quebraram todos os galhos e, sempre gentis, foram muito além de suas obrigações para ajudar de verdade. sem eles, este percurso teria sido muito acidentado.

a missão arqueológica franco-brasileira, vinculada ao ministério dos assuntos estrangeiros da França, deu o suporte financeiro das pesquisas nos anos de 2004 e 2005. a partir de 2006, o setor de arqueologia da ufmg obteve financiamentos junto à fapemig para projetos de pesquisa que incluíam como uma de suas áreas prioritárias a região de diamantina. a ambas as instituições devo meu agradecimento, pois sem elas esta pesquisa não teria se concretizado.

a capes financiou este doutorado com uma bolsa de pesquisa a partir do segundo semestre de dois mil e sete. sem essa bolsa minha dedicação ao trabalho ficaria seriamente comprometida e sabe-se lá como eu teria me virado.

luiza campera é muito bem vinda entre nós e agora compartilha de nosso gosto pelas pinturas das minas e dos gerais. companheira em campo e no belo.

rafael miranda veio também enriquecer a equipe e nos mostrar o que é um bom companheiro de campo. parte do trabalho árduo das análises quantitativas deve ser creditado a ele. e agora está definitivamente contaminado com nosso amor pelas coisas velhas, quebradas e largadas no chão.

lucas bueno e juliana machado continuam sendo referência na caminhada pelas arqueologias deste mundo. e por este mundo, mesmo sem arqueologias. algumas das melhores modas dos últimos tempos os envolvem diretamente, quando não foram inventadas por eles. ganhei o presente de tê-los como amigos, interlocutores e compadres!

o povo de são paulo me ofereceu o privilégio de estudar em sua universidade, sustentada pelo seu trabalho e suas conquistas.

andré prous me deu todo o apoio e fez o que esteve a seu alcance para esta pesquisa se concretizar. os financiamentos que sustentaram a pesquisa em diamantina, assim como toda a infra-estrutura, se devem à sua confiança. se ele não olhasse as pedras e as pinturas com tanto gosto, acho que eu teria feito outra coisa da vida.

marisa coutinho afonso me brindou com o aceite de ser uma vez mais minha orientadora, generosa, crítica, atenta. agradeço muito poder ter trabalhado com ela e o respeito que ela sempre demonstrou por mim e meu trabalho.

ângelo pessoa foi o companheiro de todo o processo, desde a discussão da metodologia até o desatolamento no córrego da begônea, passando pela análise do material lítico, as prospecções, os belos desenhos, o aprendizado sobre o garimpo e os garimpeiros. seu astral inabalável e amizade ajudaram a recobrir de beleza os cantos por onde esta pesquisa passou.

periquito e ariosvaldo são, além de completamente malucos, meus companheirim de caminhada, construtores de minha casa.

isnard foi quem me ensinou diamantina.

antonieta, para minha sorte, se manteve sempre a meu lado.

vanessa é companheira integral neste caminho. co-autora de meus amores, está aqui todo o tempo. sorriso meu, lindeza da serra.

INTRODUÇÃO

Ao longe, para além e para cima da linha das serras, o que se vê é o Itambé, o mais alto. Ao redor dele outros morros tantos. E daqui, de onde se olha, até lá, é pura serra. Serra que ondula ao mesmo tempo suave e dura, cheia de paredes, fendas, rachaduras, frestas. Entre as serras de rocha pura, se derramam campos, aqui e ali manchas de cerrado, mais ralo, mais grosso, às vezes feito mata. Por toda a Serra brotam plantas as mais variadas, com formas e cores que nascem, impossíveis, no meio das pedras mesmas e até em cima delas. E água por toda parte. Choveu, os morros todos brilham com a água que lhes escorre, os córregos e suas cachoeiras engrossam, os campos se enchem de uma água que parece maior do que a que a chuva trouxe. Pra secar demora. Se não chove, o sol é grande e a Serra tem tanta luz que o campo brilha. Não fosse o vento de quase sempre refrescar, o calor seria sem fim. E a água está sempre ali, mesmo que não chova, vinda não se pode ter certeza de onde, sempre indo, pra se juntar ao Jequitinhonha, ao Velho Chico ou ao Doce.

E a Serra tem recantos, muitos, muitas paredes querendo se deitar, alguns blocos grandes, que iam rolar mas pararam, muitos morros enormes inclinados e fendidos. E tudo oferece uma sombra, um teto, às vezes curto, mas capaz de abrigar da chuva quando ela vem. E muitas paredes lisas.

Quem caminha até esses recantos não demora para achar uma parede que ganhou cores: veados, tatus, peixes e outros bichos; aqui e ali uma figura de gente. Não são poucos os lugares que as gentes antigas fizeram de tela. E quem reparar bem no chão, entre os cacos de pedra que caem das paredes, verá pequenas peças lascadas no cristal, que é como água, que quando se olha se vê os dois lados ao mesmo tempo. E verá peças outras, talhadas nos quartzitos vários da Serra.

E assim é por todo canto, da cachoeira do Paraúna ao Rio Manso, das Três Barras a Conselheiro Mata. Em redor de Diamantina tudo é Serra, é campo, é água, é cerrado, é abrigo, é quartzito enorme, é quartzito miúdo, é cristal de quartzo, é parede pintada, é pedra lascada.

Os campos e os morros, que, hoje, o povo palmilha, indo ou vindo do garimpo, atrás das sempre-vivas, atrás de um mocó, que ainda se caça, não é de hoje que são palmilhados.

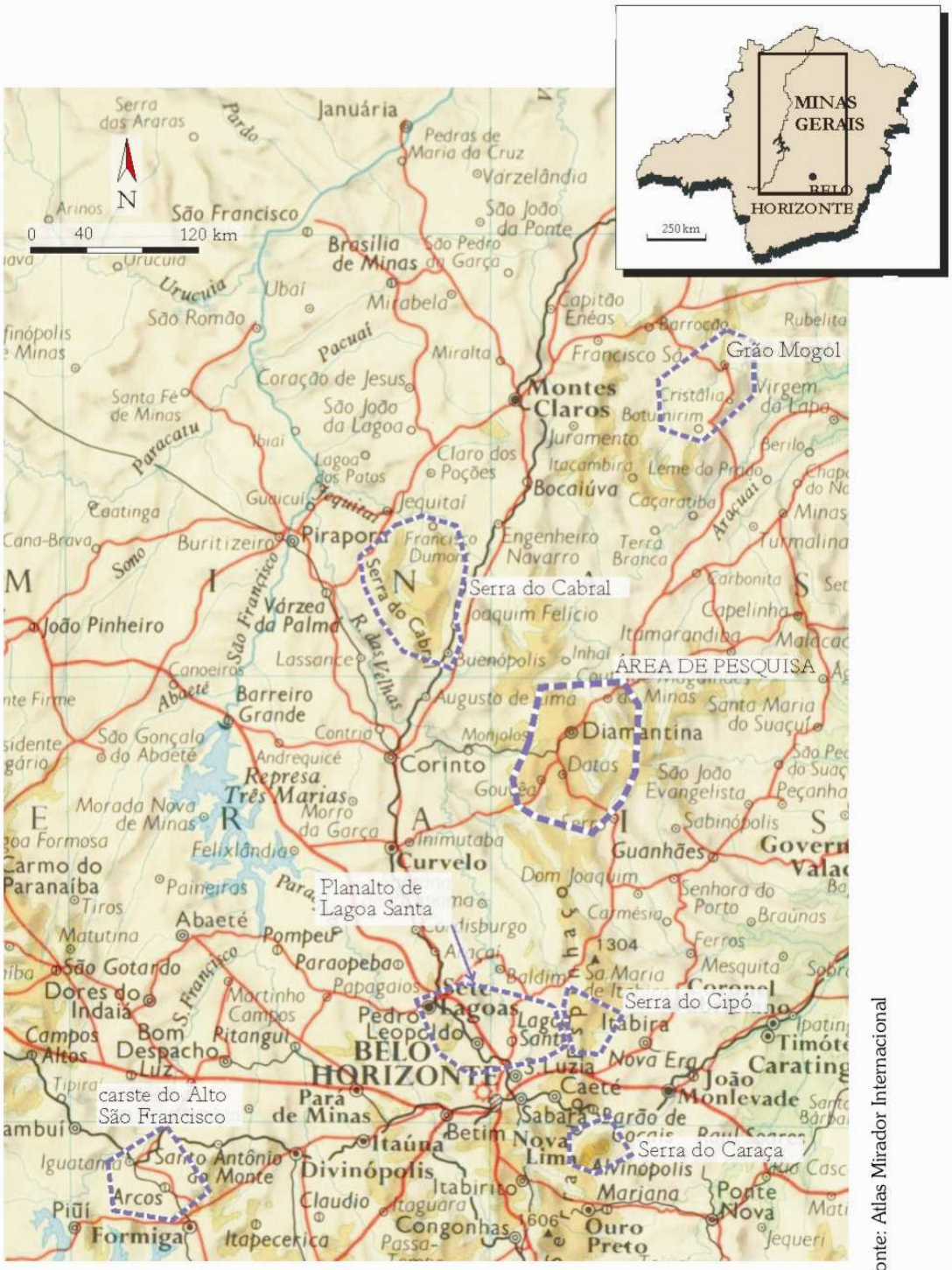
Quando ali chegaram os primeiros que queriam ouro, vindos do Serro Frio, e acharam diamantes, acharam também uma gente que o recontar do povo chama de Puris. Fossem quem fossem esses Puris, caminhavam eles por serras cheias de desenhos que lhes eram mais antigos. Ficamos sabendo, faz dois anos agora, que muito antes, mais de dez mil anos antes, ali já se caminhava.

De um tempo para cá, tempo pouco, tem uma turma que chega ali de vez em quando, vinda de Belo Horizonte, e se põe pela Serra adentro atrás dessas pinturas e dos cacos de pedra, ali e acolá. Querem saber um pouco das histórias que ali se guardam, querem glosar um pouco sobre como viviam as gentes daquela Serra.

A região em que se focalizaram os esforços de parte da equipe do Setor de Arqueologia, esforços que tornaram real esta pesquisa, inclui o que chamarei aqui repetidas vezes de *região de Diamantina*. Essa região corresponde de fato à metade sul do extenso município de Diamantina, ao município de Gouveia, à porção Norte do município de Datas, à porção Noroeste do município do Serro e à porção oriental do município de Monjolos, todos em Minas Gerais. Tal área é dominada por uma feição fisiográfica característica, qual seja, as altitudes elevadas e plenas de afloramentos rochosos do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço (veja a delimitação da área de pesquisa na Prancha 1, na página seguinte).

A pesquisa que aqui se apresenta é resultado de uma idéia inicial e de sua transformação em função dos resultados concretos conseguidos. Inicialmente, ao apresentar um pré-projeto para o doutoramento no MAE, construí uma proposta baseada em levantamentos ainda iniciais em Diamantina, que correspondiam a prospecções de áreas bastante reduzidas e levantamentos preliminares de arte rupestre – calque de três abrigos – realizados no projeto *Diamantina Rupestre*, dentro do Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Newton Paiva[1]. Também fundamentavam o projeto um contexto em escala ampla, que incluía outras áreas ambientalmente semelhantes a Diamantina, a Serra do Cipó e a Serra do Cabral (veja a localização dessas áreas na Prancha 2, nas páginas seguinte). Propunha-me a discutir um contexto para a tradição Planalto em Diamantina, que até aquele momento parecia ser o único grande conjunto de pinturas rupestres presente nos abrigos diamantinenses, envolvendo outras categorias de informação que não apenas o registro gráfico. Partindo das datações obtidas para as pinturas em Santana do Riacho (PROUS & BAETA, 1992/93), na Serra do Cipó, que indicam como período de desenvolvimento para a Tradição Planalto a faixa entre 4.500 e 2.000 BP[2], a proposição era analisar os vestígios e estruturas desse período, para discutir as afinidades entre os grupos humanos autores da Tradição Planalto de Diamantina e os autores da Tradição Planalto da Serra do Cipó. Através da análise do uso dos abrigos – seriam esses os sítios a serem

[1] Participaram do projeto quatro professores da instituição, James Goodwin Jr., José Newton Meneses, Marcelino Morais e eu, e quatro alunos de graduação dos cursos de Geografia e de História do Centro Universitário Newton Paiva, Vanessa Linke, Polyana Valente, Cláudio Lima e Daniela Lage.
[2] Op. cit.



Fonte: Atlas Mirador Internacional

Prancha 1- Regiões mencionadas no texto onde ocorrem grafismos atribuídos à Tradição Planalto

Prancha 2: Localização da área de pesquisa e arredores

prioritariamente investigados – e das análises das indústrias, me propunha a investigar as semelhanças e diferenças entre essas comunidades para além da expressão gráfica.

Nessa intenção, a chave eram as datações de Santana do Riacho, que permitiam supor uma faixa cronológica para a ocorrência das pinturas Planalto, o que permitiria, encontrando-se ocupações contemporâneas em Diamantina, distante menos de 200 km de do Grande Abrigo de Santana, comparar as ocupações. As datações obtidas em Santana do Riacho estão entre as mais seguras já obtidas para pinturas rupestres, pois combinam, de forma preciosa, blocos caídos sobre níveis datados e cobertura desses blocos por outros pacotes sedimentares também datados, além de ocupações dos negativos dos blocos nas paredes. O "problema" foram as datações obtidas em Diamantina. A partir das primeiras escavações, realizadas em 2004 e 2005, com o financiamento da Missão Arqueológica Franco-Brasileira, foram obtidas três datações. Essas provêm da Lapa do Caboclo, cujo pacote sedimentar apresenta três camadas distintas com vestígios. As datas foram obtidas nas camadas um e dois. Talvez nem seja preciso dizer: as datas escapam exatamente do período de ocorrência do Planalto em Santana do Riacho. Na camada 1, intermediária (o nível superficial foi denominado Zero), as datas são de 680 e 1.220 BP; na camada 2, uma única data de 10.560 BP[3]. Escavações conduzidas em outro abrigo, cujo pacote é menos modesto que aquele da Lapa do Caboclo, a Lapa do Boi, não resolveram o problema: nenhuma amostra segura de carvão foi obtida. Mais tarde, novas datas, da própria Lapa do Caboclo e da Lapa do Peixe Gordo não mudaram o quadro: 10.380, no Caboclo, e 10.210, no Peixe Gordo (amostras Beta Analytic nº 233762 e 233764, respectivamente).

Assim, os resultados concretos de campo tornaram inviável a proposta inicial, uma vez que não disponho de nenhuma coleção ou estrutura em Diamantina, mesmo depois de sondar vários outros abrigos, que possa atribuir ao horizonte cronológico de 4.500 a 2.000 BP.

Se depósitos sedimentares desse período não foram ainda reconhecidos, outras possibilidades muitas se abriram a partir das atividades de campo exploratórias de 2004 e 2005.

[3] Amostras analisadas no laboratório *Beta Analytic*, sob os números de registro 199502, 199503, 199504.

Os trabalhos de prospecção de abrigos com pinturas revelaram abrigos com muito mais. No que se refere às últimas ocupações pré-históricas, alguns sítios se mostraram muito convidativos. Os materiais líticos de superfície de alguns deles se revelaram bastante interessantes, em termos tecnológicos e em termos de possibilidades interpretativas para os sítios. A Lapa do Caboclo permitiu que evidenciássemos sepultamentos secundários de padrão sofisticado e ainda inédito na bibliografia, em ótimo estado de conservação. Também na Lapa do Caboclo, outras estruturas peculiares oferecem possibilidades interpretativas profícuas. Assim, desenhou-se a possibilidade de eleger esse horizonte, o das últimas ocupações pré-coloniais, como o centro da pesquisa.

Os grafismos rupestres, porém, não deixaram por menos. A grande concentração de sítios com pinturas[4] que encontramos e uma diversidade estilística e mesmo temática maiores que as esperadas acenaram com possibilidades analíticas que podem contribuir efetivamente para discussões articuladas a outras regiões do Brasil. Aspectos da composição gráfica e das relações diacrônicas entre as figuras também são caminhos que se ofereceram com curvas convidativas (e foram exploradas em prazerosas colaborações: ISNARDIS, LINKE & PROUS, 2008; ISNARDIS & LINKE, 2005; LINKE & ISNARDIS, 2007).

Desse modo, esta tese toma como seus dois focos principais as ocupações pré-históricas tardias e o acervo gráfico rupestre dos sítios arqueológicos da região de Diamantina, congregando também outros elementos resultantes dos trabalhos na região, que podem contribuir para a construção dos quadros iniciais sobre as ocupações pré-históricas do Planalto Meridional do Espinhaço. Os dois focos serão abordados através de problemáticas específicas que apresento a seguir.

Os objetivos da pesquisa que resultou neste texto envolvem questões um tanto diferenciadas. Em primeiro lugar, objetivo caracterizar as ocupações pré-históricas tardias no que tange ao sistema de distribuição de sítios e atividades no território e a um sistema de percepção e atribuição de significados à paisagem. Esse objetivo foi buscado a partir dos sítios em abrigo, uma vez que disponho de apenas um sítio e duas ocorrências dissociados de paredes rochosas. Porém, os abrigos aqui analisados são diversos, em termos de forma, inserção e conteúdo.

[4] Só foram identificadas gravuras próximas à localidade de Rodeador, no município de Monjolos, na área de prospecção mais a Oeste do projeto.

A pesquisa pretendeu articular diferentes categorias de sítio em busca dos referidos sistemas, valendo-se para tanto, nas análises, dos conceitos de cadeia operatória (LEROI-GOURHAN, 1971) e organização tecnológica (BINFORD, 1983), assim como das discussões concernentes ao campo que se denomina Arqueologia da Paisagem (KNAPP & ASHMORE, 1999; LAYTON & UCKO, 1999; CRIADO, 1999).

Outro objetivo é a construção de um quadro crono-estilístico para os grafismos rupestres da região de Diamantina. Em que efetivamente consiste esse quadro, com quais pretensões e de que forma ele foi construído são temas a serem desenvolvidos detalhadamente a diante, mas desde já alguns pontos ficam enunciados. Não se trata de um quadro meramente classificatório. Trata-se sim de uma classificação, porém não uma classificação com fim em si mesma; e sim uma classificação que pretende encetar comparações com outras regiões, a fim de nutrir discussões sobre territórios culturais. Outro ponto importante é a noção de que esse quadro crono-estilístico (embora a expressão possa sugerir o contrário) não é uma sobreposição de unidades classificatórias estanques, que meramente se sucedem no tempo, mas uma cadeia de conjuntos que interagem, influenciando-se e relacionando-se nos suportes rochosos. Assim, tanto quanto propor linhas de seqüência estilística regional, discuto formas de interação sincrônicas e diacrônicas na construção de painéis e figuras. A noção que subsidia o raciocínio aqui é que essas formas de interação são reveladoras de afinidades culturais, lógicas, estéticas, ou indicadoras de diferenças culturais em distintos níveis.

Este texto pretende dialogar com um contexto regional mais amplo, correspondente à Pré-História do Centro e do Norte mineiros e também do Brasil Central como um todo. Esse diálogo se relaciona à construção de territórios culturais no Sertão para diferentes horizontes cronológicos. O quadro crono-estilístico que apresento tem como um de seus objetivos permitir comparações com regiões, vizinhas ou não, onde grafismos semelhantes são encontrados. Proponho que há afinidades - cuja natureza discuto no capítulo primeiro - entre alguns grafismos de Diamantina e outros de diversas regiões e, ao fazê-lo, pretendo que isso contribua para um possível delineamento geográfico da ocorrência de estilos e temas, e, assim, para a discussão de territórios em que certos aspectos culturais são compartilhados. O mesmo se aplica às ocupações recentes, cuja análise pretende se articular

aos conhecimentos construídos e em construção sobre os derradeiros milênios antes da invasão européia.

Tanto no caso das pinturas, quanto no das ocupações tardias, as pesquisas em Diamantina podem ajudar a "tapar os buracos" entre as áreas arqueologicamente conhecidas, ou melhor, podem ajudar a alargar as janelas ainda restritas através das quais olhamos para nossa Pré-História. Não se trata de crer que o acúmulo de "dados" vai nos "conduzir ao conhecimento" ou "resolver nossos problemas". Os problemas precisam ser formulados e aí serão produzidas informações capazes de tratá-los.

Este texto

O presente texto se divide em, além desta introdução, sete capítulos e um arremate.

O Capítulo Primeiro reconstitui o trajeto da pesquisa, apresentando as opções metodológicas e as reformulações metodológicas, a partir dos resultados concretos obtidos. Alguns aspectos metodológicos são guardados para um pouco mais tarde, quando se apresentam análises sobre conjuntos de vestígios específicos; no capítulo inicial são apresentados princípios metodológicos, que orientaram a construção dos trabalhos, e opções metodológicas de campo. Para falar de princípios metodológicos são necessários os indissociáveis princípios teóricos, que também são apresentados no primeiro capítulo. Os conceitos, que inspiraram e sustentaram a pesquisa, são ali discutidos.

O Capítulo Segundo pretende apresentar ao leitor uma reconstituição do cenário natural, que lhe permite caminhar pelas páginas seguintes com a possibilidade de visualizar o cenário e manter em vista as possibilidades dos elementos naturais da Serra influírem nas ocupações pré-históricas e sua arqueologia.

As linhas para um primeiro quadro das ocupações pré-históricas, a partir dos dados hoje disponíveis, são traçadas no Capítulo Terceiro. Com estas linhas pretendo apresentar os horizontes que foram eleitos como objeto de trabalho e o porque dessa eleição.

O Capítulo Quarto aborda com os conjuntos de grafismos rupestres da região de Diamantina. Após considerações metodológicas e técnicas específicas, apresenta os conjuntos crono-estilísticos delineados na região, com seus atributos e as dúvidas a seus

respeito. São analisados aspectos da interação diacrônica entre os estilos e entre as figuras, assim como aspectos da composição gráfica destas e da construção dos painéis.

No Capítulo Quinto são apresentados os sítios e reunidos os elementos que serão integrados na interpretação sobre as ocupações pré-históricas recentes. São ali discutidos os problemas de inserção cronológicas, atributos dos sítios e como eles vieram a formar o corpo de vestígios analisados, ou seja, as intervenções que neles foram realizadas.

Os conjuntos artefatuais líticos são apresentados e discutidos no Capítulo Sexto, que apresenta os detalhes da metodologia utilizada na análise do material lítico. As categorias tecnológicas que ocorrem em cada sítio são apresentadas, de modo a se identificar as diferentes cadeias operatórias envolvidas e quais de seus elementos estão presentes. Destacam-se classes específicas de vestígios em função de seu potencial informativo sobre a organização tecnológica e as possibilidades de discuti-los em relação à bibliografia arqueológica brasileira.

O Capítulo Sétimo começa por apresentar as estruturas arqueológicas evidentes encontradas nas escavações dos sítios diamantinenses. A partir das propostas interpretativas para essas estruturas, o capítulo retoma elementos das indústrias líticas apresentados no Capítulo Sexto. Então, procura construir as articulações entre as distintas categorias de vestígios, estruturas e sítios, propondo interpretações que conectem os conjuntos atribuíveis às ocupações recentes. É também no capítulo sétimo que as articulações entre os conjuntos gráficos e o restante do registro arqueológico serão exploradas.

O arremate do texto procura avaliar o percurso da pesquisa e promover algumas conexões com um contexto arqueológico mais amplo. Também é sua função provocar outras questões, apontando caminhos que se abrem para a continuação das análises na região. O arremate se pretende um fechamento apenas deste texto, ciente de que o trabalho de pesquisa deve, ao final, gerar perguntas.

CAPÍTULO PRIMEIRO

ARRUMANDO PROBLEMAS: discutindo abordagens, métodos e referências teóricas

"*toda vez que eu dou um passo,*
o mundo sai do lugar"
Siba

A epígrafe não é um lamento, é uma celebração. As mudanças recorrentes de possibilidades e necessidades, que fizeram parte desta caminhada, foram e continuam sendo motivo de alegria.

O presente capítulo apresenta caminhos. Os caminhos percorridos, as opções do caminho e o norte e o leste da caminhada, ou seja, uma breve síntese do percurso de construção da pesquisa, as opções metodológicas e as referências teóricas.

As opções metodológicas são discutidas aqui num nível mais geral, com a intenção de definir noções básicas, reservando o detalhamento dos métodos e técnicas de levantamento e análise para os capítulos específicos referentes às ocupações pré-históricas tardias e aos grafismos rupestres. Referências teóricas são aqui discutidas com a preocupação de balizar as análises realizadas e justificar as opções metodológicas feitas. A perspectiva adotada nesta pesquisa, no que diz respeito às referências teóricas, poderia ser chamada de *pragmatista*, à maneira de Richard Rorty (1993), pois não desenvolverei a apresentação de uma linha teórica ou de um corpo teórico específico dentro do qual esta pesquisa se enquadraria ou ao qual se filiaria. As referências teóricas serão *usadas*, ou seja, serão utilizadas enquanto ferramenta para pensar o objeto de pesquisa eleito, ou melhor, para definir o objeto de pesquisa e como recursos para interpretar o registro arqueológico observado. O texto que se desenvolve aqui, resultado de um processo de pesquisa, não pretende servir à defesa ou ao exercício de uma linha teórica, mas sim *servir-se de* referências teóricas para construir conhecimento sobre a pré-história da Serra do Espinhaço.

EXPLORANDO UMA NOVA REGIÃO ARQUEOLÓGICA: POR ONDE E COMO COMEÇAR?

A região de Diamantina não havia ainda sido objeto de pesquisas arqueológicas sistemáticas até a presente década. Embora notícias de ocorrência de sítios de pintura rupestre sejam de conhecimento generalizado entre a população local, não se tinham informações organizadas sobre

quantos eram ou poderiam ser esses sítios, sobre como eram eles e sobre a ocorrência de outras categorias de vestígios - diferente de outras regiões, a população em geral daquelas serras não conhece histórias de “panelas de índio” e “pedras de raio” encontradas aqui e ali.

Arqueólogos do Setor de Arqueologia da UFMG fizeram levantamentos oportunísticos na região nos anos setenta, localizando sítios com pinturas rupestres e sítios interpretados como quilombos. Seus cadernos de campo dão indicação da riqueza regional, embora faltem elementos que permitam uma localização precisa de alguns dos sítios descritos.

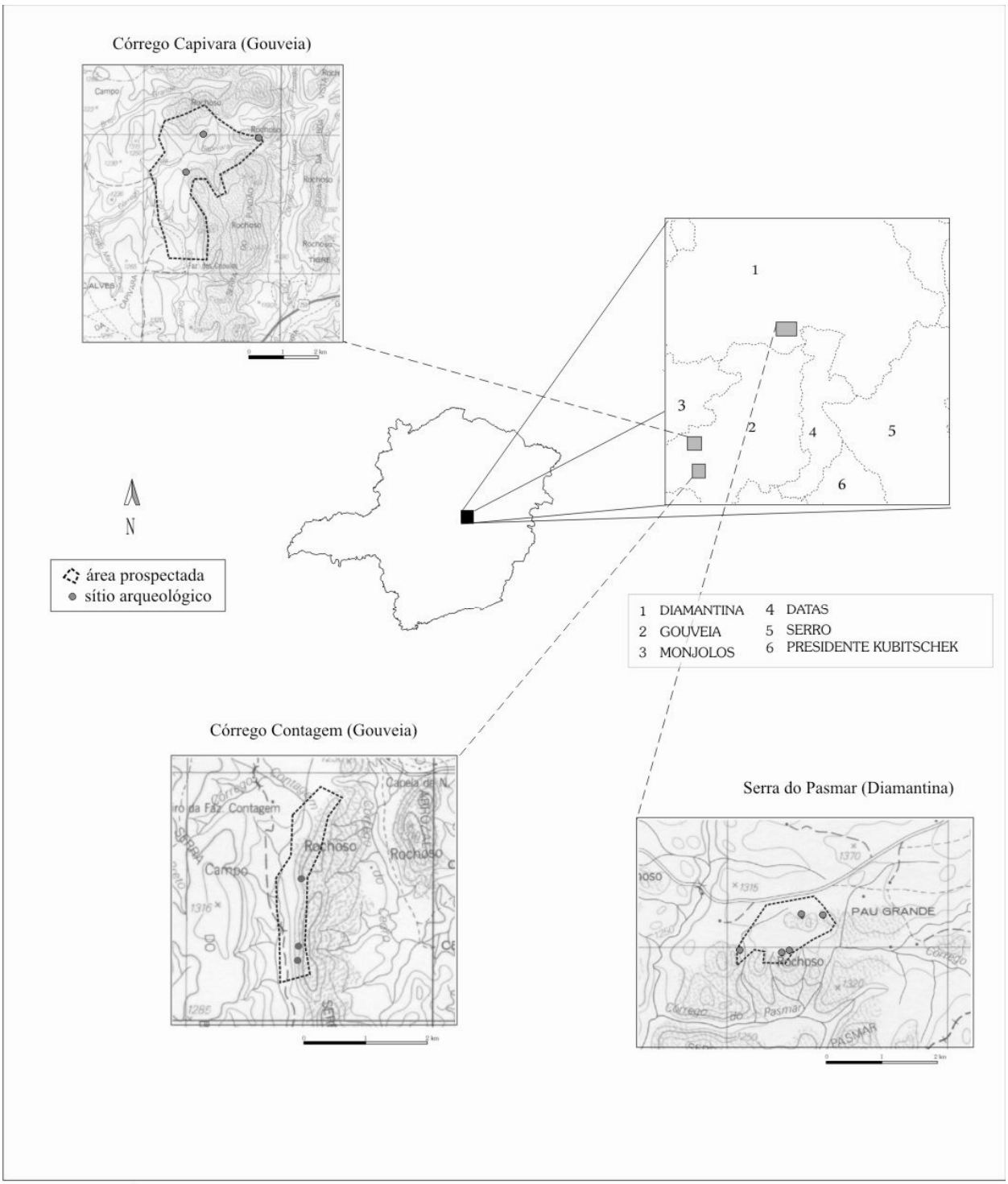
No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, há não menos de 30 sítios pré-históricos registrados nos municípios de Diamantina, Datas, Gouveia e Monjolos a maioria deles, porém, com referências demasiado vagas ou sem referência alguma de localização, de modo que reencontrá-los exige nova prospecção[1]. Entre os responsáveis pelos registros figuram, além de integrantes do Setor de Arqueologia, o professor Ondemar Dias do IAB, o arqueólogo canadense Alan Bryan e a professora Maria da Conceição Beltrão (sítios de Monjolos). Esses levantamentos e registros de sítios não resultaram em pesquisas ulteriores[2], não havendo nenhuma sistematização de informações, nem análises de qualquer natureza sobre os sítios pré-históricos da região.

Como dar, então, início a pesquisas numa área arqueologicamente desconhecida? Como conduzir um projeto sobre bases tão vagas?

Dar início a uma pesquisa na região significava partir quase do zero. A pesquisa *Diamantina Rupestre* do Centro Universitário Newton Paiva me presenteou com um belo ponto de partida para este projeto, pois permitiu que fizéssemos, com uma pequena amostra, uma avaliação de potencial, ao menos para a ocorrência de sítios de pintura. E essa avaliação apontou para um potencial realmente grande. No projeto realizamos prospecções sistemáticas em três pequenas áreas, uma no município de Diamantina (na micro-bacia do córrego do Pasmar) e duas outras no município de Gouveia (nas micro-bacias vizinhas dos córregos Contagem e Capivara) – veja Prancha 3, na página seguinte). As três áreas possuíam alguns atributos geográficos diferentes, de modo que os sítios de pintura puderam ser analisados em relação a características paisagísticas diversificadas. Assim, com os doze sítios localizados pela equipe do *Diamantina Rupestre*, pude ter uma idéia do potencial regional e enxergar a viabilidade de uma pesquisa de doutoramento.

---

[1] A partir dos cadastros do IPHAN pudemos localizar os sítios da Sentinela, de Moisés (Dois Corações no CNSA), do Caboclo. Por meio de prospecções, re-encontramos quatro outros sítios já registrados.
[2] A exceção são alguns sítios de Monjolos, escavados pela Prof. M. C Beltrão, para os quais não há publicações.



Prancha 3 - Áreas prospectadas pelo projeto *Diamantina Rupestre*

Esta pesquisa procura ser conduzida a partir de problemas que estruturem as atividades. Numa região nova, qualquer pesquisa tem um caráter exploratório, não sabemos ao certo o que vamos encontrar. Mas menos encontraremos se não estruturarmos a procura.

Nessa medida, embora Diamantina fosse um mar pouco previsível de possibilidades, as primeiras prospecções deste projeto se fizeram motivadas por duas questões iniciais: o padrão de inserção dos sítios de pintura na paisagem e a caracterização das variantes regionais da Tradição Planalto de grafismos rupestres. A partir do projeto *Diamantina Rupestre*, foi possível perceber uma inserção largamente dominante dos sítios grafados: abrigos na borda de áreas de campo e no sopé dos afloramentos rochosos, a que se podia chegar sem grande esforço - sem grandes aclives ou paredes a escalar. Foi também possível perceber que a Tradição Planalto em Diamantina manifestava-se com variações estilísticas que podiam ter coerência em termos de cronologia relativa, tendo sido montado um quadro crono-estilístico hipotético inicial[3].

Outra questão co-orientou os trabalhos de prospecção e deu sentido às sondagens e escavações: a construção de um contexto para a Tradição Planalto. O objetivo inicial da pesquisa era, como dito na introdução deste texto, discutir a Tradição Planalto em Diamantina conduzindo uma análise sobre os demais vestígios contemporâneos ao horizonte cronológico em que as datas da Serra do Cipó colocavam o desenvolvimento dessa tradição. Para assim investigar a possibilidade de haver outras semelhanças e diferenças entre os pintores da tradição nas duas regiões - Diamantina e Serra do Cipó. Assim, as prospecções buscaram inicialmente abrigos que pudessem fornecer esses elementos e que permitissem obter datações para ocupações humanas. Encontrados tais abrigos, o quadro se modificou. Na medida em que os resultados das prospecções e escavações foram se somando, novas opções foram feitas, definindo-se novos objetos e direcionando-se para eles as novas intervenções.

Mais a diante, este capítulo procura reconstruir o percurso das prospecções e intervenções nos sítios. Antes dessa reconstrução, contudo, é necessário explicitar referências teóricas que nortearam as opções metodológicas feitas no decorrer do trabalho.

---

[3] Os resultados do projeto compõem dois artigos, um de autoria dos alunos (LIMA et al., 2003/4) e outro dos professores (ISNARDIS et al., manuscrito não publicado).

SISTEMAS DE SÍTIOS

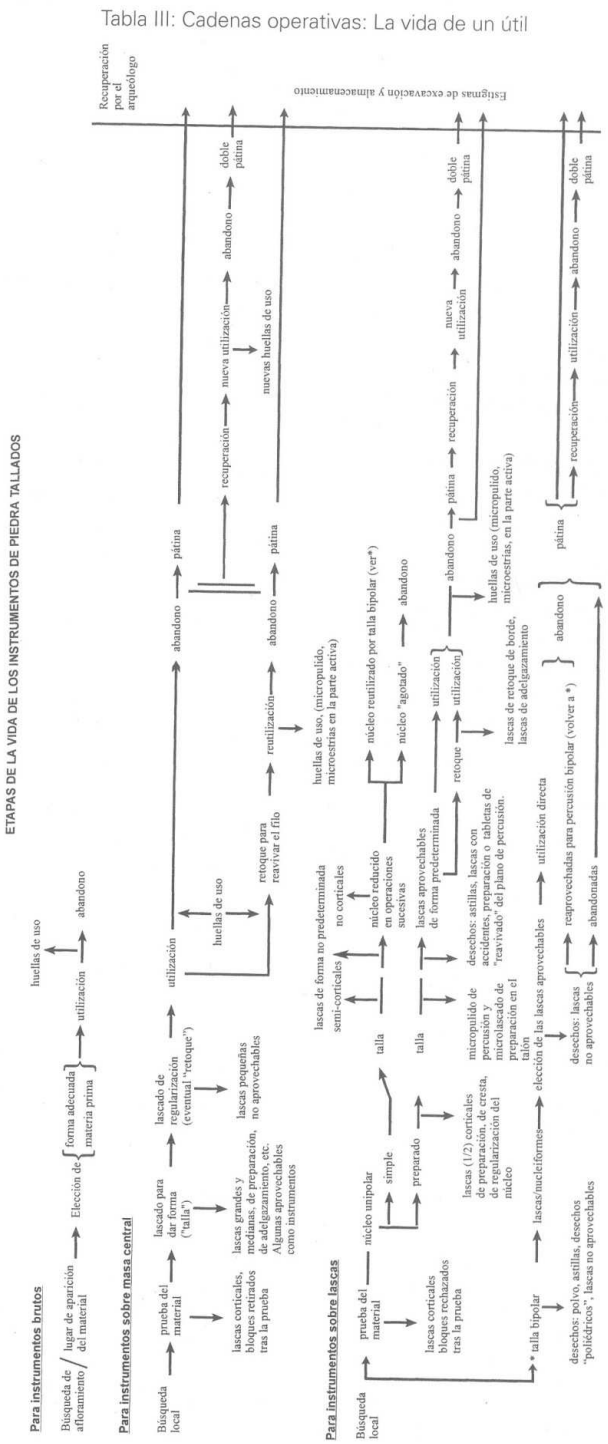
Na tradição arqueológica européia continental, uma das noções norteadoras das análises envolvendo vestígios materiais tem sido a idéia de cadeia operatória, formulada por André Leroi-Gourhan ainda nos anos de 1950 (PROUS, 2004) [4]. A idéia de Leroi-Gourhan concebe um processo envolvendo a vida do artefato, que "*comienza con la concepción del útil, continua con su fabricación y uso, hasta su abandono final*" (PROUS, op. cit.: 22).

O diagrama apresentado na página seguinte (Prancha 4) foi composto por Prous (2004: 24) e é um ótimo exemplo de uma formulação recente que emprega a noção de Leroi-Gourhan.

O conceito de Leroi-Gourhan nos permite entender um artefato, que chega até nós no registro arqueológico, como resultante de um processo que envolve diversas etapas desde a busca e obtenção de matéria-prima até o descarte do artefato, após o uso, e do refugo de sua produção, ao longo desta. Assim, a noção de cadeia operatória nos faz considerar que um vestígio por nós recuperado num sítio envolve uma trama de decisões, culturalmente orientadas, e uma cadeia de gestos. Os artefatos e o refugo são assim entendidos como integrados a uma economia (disponibilidade de recursos, deslocamentos para sua obtenção, transporte de materiais, necessidades técnicas de outros meios de produção, descarte e reaproveitamentos eventuais) e a um sistema cultural (no qual as técnicas foram desenvolvidas e são transmitidas, no qual as características dos artefatos são eleitas como desejáveis e/ou adequadas). Os diferentes componentes da cadeia representada no diagrama de Prous envolvem tanto essas dimensões econômicas quanto culturais. A noção de cadeia operatória presta-se bem à análise, na medida em que auxilia a se tratar atentamente o percurso que conduz a matéria-prima à condição de instrumentos e ao descarte destes, incluindo os desvios e atalhos, bem como os subprodutos do trajeto.

---

[4] Vale observar que a noção de cadeia operatória guarda notável semelhança com o diagrama de fluxo que Schiffer propôs, já em 1972, sem sequer mencionar Leroi-Gourhan – exemplo contundente do distanciamento quase patológico entre a produção acadêmica anglo-saxônica e a francesa, que não precisamos e não devemos nós, brasileiros, reproduzir.



(Reproduzido de PROUS, 2004: 24)

Prancha 4 - Diagrama de Prous (2004) para representação da cadeia operatória

Além de uma trama de decisões e de uma cadeia de gestos, devemos considerar outro ingrediente: o espaço. Este ingrediente, porém, não se encontra explicitamente incluída no conceito de cadeia operatória. Não há na concepção da cadeia operatória uma formulação explícita sobre o fato dos sítios comporem sistemas, há sim a concepção do processo envolvendo as diferentes etapas da vida de um artefato. Se aplicarmos efetivamente a idéia de cadeia operatória ao conjunto artefatual de um sítio, concluiremos, sem dificuldade, a respeito de quais etapas da cadeia estão presentes no sítio em questão e quais estão deles ausentes – a noção de cadeia é muito eficaz nesse sentido. As diferentes etapas da cadeia podem envolver, e efetivamente envolvem, espaços diferenciados, sejam eles distintos locais no interior de sítios, distintos sítios numa mesma região ou mesmo, em alguns casos, sítios em regiões consideravelmente distantes. Assim temos também uma rede de lugares - aqueles em que se obtém, se transforma, se usa e se descarta a matéria-prima, os artefatos e o lixo em que foi ela transformada.

Para se pensar na relação entre os grupos humanos e seu ambiente, congregando a obtenção e gestão de recursos no processo de elaboração e uso de implementos tecnológicos, o espaço deve ser efetivamente considerado. Para tanto, a concepção de *organização tecnológica*, de Binford (1979), oferece mais recursos. Se a inclusão de distintos sítios, de espaços diferenciados, é uma extrapolação no uso da noção de cadeia operatória, no caso da *organização tecnológica* essa distribuição de diferentes etapas ou elementos no espaço é um constituinte básico. Conforme sublinha Bueno (2005), com ela se pretende compreender as relações entre as etapas que envolvem a tecnologia - produção, uso, circulação e descarte - e o ambiente. A distribuição espacial dos conjuntos de artefatos é expressão de uma organização; entendê-la, para Binford (1979), é o caminho para o entendimento do sistema de subsistência e de assentamento de um grupo humano. Conforme Binford (op. cit.), os diferentes locais ocupam distintas funções e é o estudo dessas funcionalidades distintas, a partir da análise dos conjuntos de artefatos – de seus atributos e de sua distribuição espacial –, que conduzirá à compreensão do sistema. Os sítios se articulam, se complementam e, portanto, melhor compreendidos serão se forem pensados de forma inter-relacionada.

A noção de cadeia operatória inclui, ainda, um traço que deve ser posto em perspectiva. Sustentando-a, há um marcante raciocínio de previsibilidade. Ela se baseia na idéia de objetivos pré-determinados: há determinados instrumentos que se pretende produzir, há determinadas

matérias-primas desejadas dentre aquelas disponíveis, há um modo de produzir, a partir das matérias-primas desejadas, os instrumentos pretendidos, modo(s) esse(s) tradicionais, já estabelecidos. Essas noções acompanham a idéia de cadeia operatória em função, sobretudo, dos contextos que estavam sendo pesquisados no momento de sua formulação (os conjuntos líticos com alto grau de padronização do Paleolítico europeu), e são expressão de uma visão de cultura um tanto estática e até certo ponto normativa, coerente com o ambiente intelectual em que Leroi-Gourhan se inseria – qual seja, o cenário em que florescia a Antropologia Estruturalista. Contudo, a idéia de cadeia operatória não traz, a rigor, nenhuma limitação para seu emprego em contextos em que essas pré-determinações sejam vagas ou mesmo ausentes. Mesmo em uma indústria radicalmente oportunística quanto aos métodos de lascamento e absolutamente flexível quanto à morfologia dos instrumentos ou dos suportes para fabricá-los, a *cadeia operatória* oferece um instrumento útil para a análise de coleções artefatuais e suas relações com o(s) sítio(s) que ocupam.

Combinando a minúcia tecnológica da noção de cadeia operatória à compreensão sistêmica da articulação entre os sítios, presente na noção de organização tecnológica, dispomos de recursos para conduzir uma análise substantivamente atenta para buscar as relações entre os distintos sítios, para assim construirmos explicações sobre funcionalidade de sítios, padrões de assentamento, uso e exploração de territórios.

Os sistemas de sítio que abordarei aqui, contudo, envolvem mais do que a distribuição das etapas de um processo de produção, circulação e uso de artefatos. Eles envolvem conjuntos de artefatos, estruturas e práticas de naturezas distintas, integradas entre si através do espectro amplo de práticas culturais, econômicas e sociais das populações que os geraram. Os dois conjuntos de sistemas que aqui pretendo analisar em detalhe, aquele que corresponde ao registro arqueológico referente às últimas ocupações pré-históricas e aquele que corresponde aos conjuntos gráficos rupestres, não podem ser satisfatoriamente explicados como um sistema econômico, como um sistema de satisfação de necessidades materiais ou de gestão de possibilidades e limitações ambientais, nem mesmo como um sistema de circulação de bens materiais ou de artefatos. Dentre o registro tomado aqui como objeto há vestígios que escapam à categoria de meros itens ligados a um modo de sobrevivência, há elementos que não cabem satisfatoriamente num sistema de uso e exploração do território em termos econômicos, e que correspondem mal à idéia de artefatos, como os sepultamentos dos níveis recentes e os painéis de pinturas. Trata-se de usos e exploração de território sim, mas em outras bases. Portanto, recorro a outro conjunto de referências, para

enriquecer a análise desses objetos, que consideram dimensões não puramente estratégicas, econômicas ou adaptativas, incluindo reflexões a cerca da percepção e da atribuição de significado aos elementos do território.

SÍTIOS NA PAISAGEM

Não é nenhuma novidade se pensar em articular sítios muito diferentes em um determinado território, como oficinas líticas, acampamentos de caça, aldeias, cemitérios. Diversos são os contextos arqueológicos em que sítios de categorias assim distintas foram atribuídos a uma mesma ocupação, portanto, entendidos como componentes de um mesmo conjunto, como resultados da ação de uma mesma população numa dada região, num determinado tempo. Menos numerosos, porém, são os casos em que se faz mais do que reconhecer uma mesma filiação, uma mesma unidade cultural geográfica e cronologicamente circunscrita. As análises na linha de Binford fazem isso, não se limitando às unidades geo-cronológicas, pensando em sistemas. Porém, a ênfase dessa linha está voltada para os aspectos econômicos, adaptativos.

O que aqui me proponho a fazer é olhar os sítios atribuíveis a essa ocupação pré-histórica tardia e os sítios de pintura rupestre da região de Diamantina como mais do que o agregado de traços arqueológicos deixados por uma mesma população e mais do que um sistema adaptativo de subsistência. Apropriando-me das formulações que se têm chamado de Arqueologia da Paisagem (ASHMORE & KNAPP, 1999; LAYTON & UCKO, 1999; TRONCOSO, 2001; CHIPPINDALE & NASH, 2004), pretendo considerar os sítios como um sistema de partes articuladas por uma percepção e uma ação culturalmente estruturadas. Nesta linha de raciocínio encontra-se uma produção acadêmica que vem sendo agregada sob o termo Arqueologia da Paisagem. Essa estruturação, correspondente a uma racionalidade específica, encontraria expressão na forma como os sítios são constituídos, na sua funcionalidade, na sua dispersão geográfica, na sua inserção na paisagem. Tal estruturação seria, portanto, abordável a partir de um exame sistemático desses aspectos (SANTOS, PARCERO & CRIADO, 1997).

Os diferentes grupos humanos autores que viveram na região de Diamantina possuíam formas de entendimento e de atribuição de significado aos elementos da paisagem que orientaram suas maneiras de intervir nela. Os grafismos rupestres seriam, na condição de expressões gráficas

sobre suportes fixos, expressões desses modos de percepção e de intervenção, contendo lógicas próprias na criação de sistemas de locais recobertos de significação. Também o seriam as indústrias líticas recuperadas em superfície e imediata sub-superfície.

Vendo sob este prisma, a presença ou ausência de determinados conjuntos artefatuais em alguns sítios e outros conjuntos em outros sítios integra um modo de viver que tem uma lógica própria, lógica esta estruturada na atribuição de significados a esses lugares. Essa lógica se relaciona com condições ambientais, mas não é conseqüência dessas. As condições ambientais não instruem as ações humanas diretamente. Se assim fosse, povos que viveram num mesmo ambiente teriam encontrado sempre as mesmas formas de lidar com ele. Dotados que são de sistemas simbólicos diferentes, historicamente exercitados de formas também diferentes, distintos povos vão lidar de modos distintos com os mesmos elementos físicos concretos. No caso das ocupações pré-históricas recentes diamantinenses, a disponibilidade de matéria-prima num sítio, por exemplo, é capaz de influir de forma decisiva no papel que esse sítio terá no sistema de uso da paisagem, mas não instrui qual será seu uso. Matérias-primas significam coisas distintas para distintas populações e qualquer espaço pode estar carregado de outros significados e outras possibilidades de uso, conforme a maneira com que um determinado povo lida com a região em que vive.

O acesso a esses significados não é fácil, não é evidente, não é imediato. Nos termos de KNAPP & ASHMORE (1999:2): "A atribuição de significados à configuração de feições naturais ou geográficas não é nunca auto-evidente, mas antes culturalmente determinada" [5]. Não é "lógico" que um dado lugar tenha sido usado de uma dada maneira só porque nós percebemos nele um determinado elemento, dentre os muitos que o compõem e dentre as muitas possibilidades de articulá-lo a outros lugares. Para nos aproximarmos da compreensão do uso que um determinado espaço - um *sítio* – teve, é preciso reunir a gama mais ampla possível de elementos do registro arqueológico, para, combinando as pistas, tentar entender seu uso. E, então, inferir sobre seu significado.

No exame dos sítios diamantinenses, a idéia que procuro guardar aqui é que o entendimento sobre a variabilidade artefatual deve se valer de um espectro mais amplo de elementos.

Se eu disponho de outros elementos além do material lítico – e nesta pesquisa eu de fato disponho -, as variáveis materiais envolvendo as rochas frágeis e os métodos de lascamento não

[5] Tradução do autor.

bastam para explicar a variabilidade artefatual dos sítios. Se mantenho ativo o conceito de organização tecnológica, essa organização não deve ser explicada simplesmente a partir das variáveis ambientais e do material lítico. Tal organização passa por outros elementos do registro arqueológico, relacionados ao mesmo modo de viver na serra que gerou, entre outras coisas, o material lítico. Conforme procurei discutir em outro lugar (ISNARDIS, 2007), a própria análise de indústrias líticas se enriquece de significado quando a ela se agregam mais partes integrantes do contexto que a gerou.

O campo das arqueologias da paisagem oferece material para outra reflexão fundamental nesta pesquisa. O cenário em que um determinado povo ou uma "cultura arqueológica" viveu guarda inscritas em si ações dessa gente, assim como já guardava elementos ali deixados ou construídos por povos ou culturas anteriores. Assim, o cenário, já antropizado, contem elementos de diferentes períodos, que se combinam.

Mais do que isso, o meio seria, também ele, um elo de ligação entre diferentes ocupações e, portanto, a paisagem é não só meio e produto da ação humana num determinado contexto histórico (KNAPP & ASHMORE, 1999), como também uma forma de uma dada população humana interagir com os produtos de ocupações humanas anteriores – sofrer influências destas, intervir em seus vestígios, tecer considerações sobre elas. Este ponto é enfatizado por Beneš e Zvelebil, no momento em que apresentam o uso que fazem do conceito de paisagem:

> "(…) landscape is seen as a surface where cultural and natural processes of one period leave traces that in turn constrain and influence the activities of subsequent inhabitants" [6] (BENEŠ & ZVELEBIL, 1999:74)

Suportes rochosos dentro de um abrigo e nos abrigos de uma região são espaços relacionais. Os painéis rupestres de Diamantina são intensamente marcados por sobreposições entre figuras. Em Diamantina, assim como tive oportunidade de observar no Vale do Peruaçu (ISNARDIS, 2004), parece clara a capacidade de pinturas mais antigas influenciarem o comportamento dos pintores mais recentes, conforme será discutido em detalhes no capítulo quarto deste texto. Avançando-se na análise dessas relações, os paredões rochosos podem ser vistos também como espaços de análise

[6] "(...) paisagem é vista como uma superfície onde processos culturais e naturais de um período deixam traços que por sua vez constrangem e influenciam as atividades dos habitantes subseqüentes" (Trad. do autor).

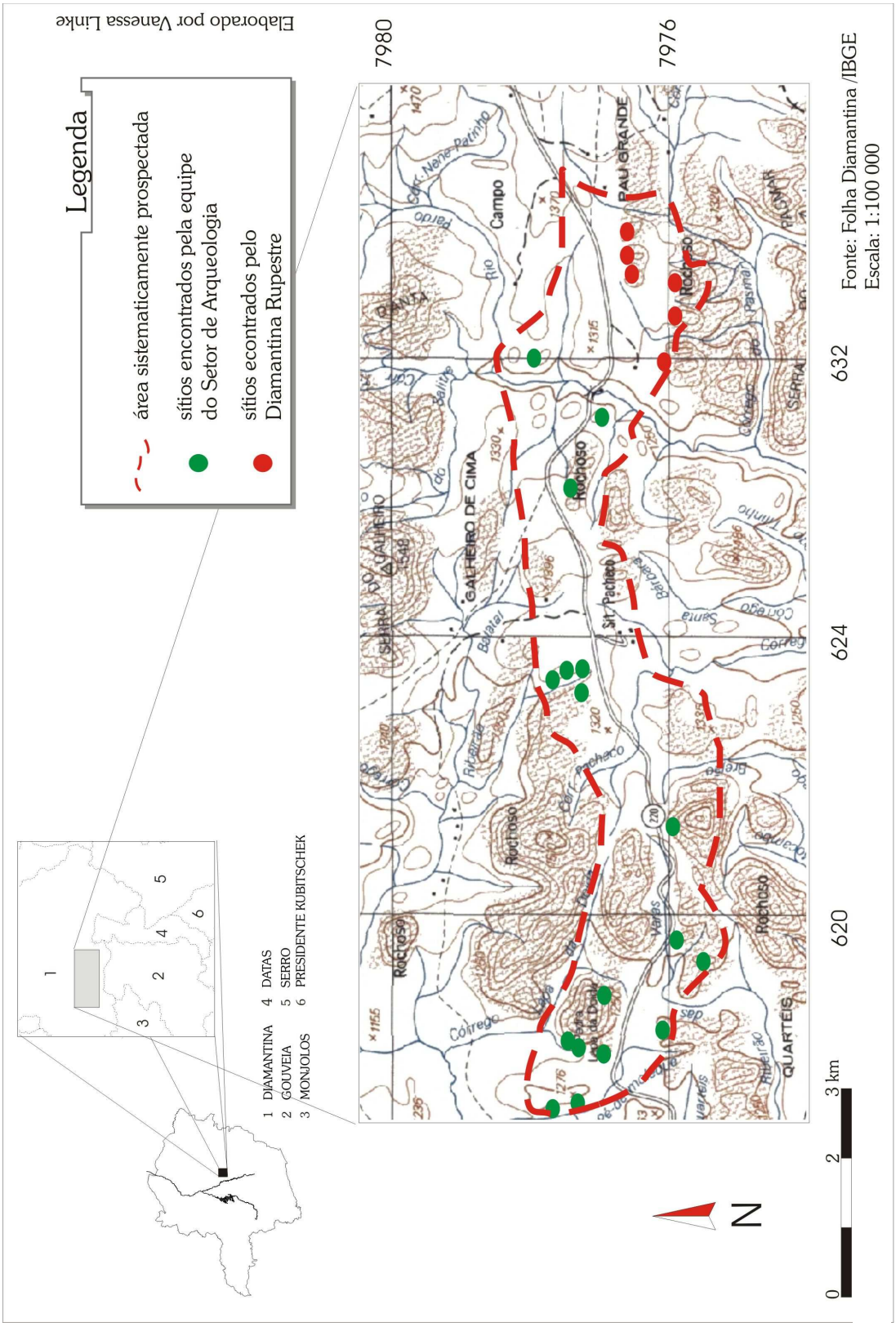
de continuidade e mudança cultural, não só dentro de um mesmo painel de pinturas, mas numa visão mais ampla, que congregue os painéis de diversos sítios.

Reflexão semelhante pode ser feita a respeito dos demais vestígios, especialmente para a indústria lítica. Em Diamantina, parte das coleções que são tomadas aqui como objeto de análise são materiais de superfície que podem estar há milênios nessa condição. A disponibilidade de materiais já lascados anteriormente – e mesmo de instrumentos já prontos para o uso – pode influenciar ativamente na forma de um grupo de pessoas ocupar um sítio e integrá-lo no seu modo de vida. Essa questão é discutida no presente texto, dialogando com a produção recente sobre a gestão de materiais de superfície por comunidades pré-históricas e sobre a influência de antigos conjuntos líticos na formação de novas paisagens (BUENO, 2007).

A CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA: AS PROSPECÇÕES E SEUS RESULTADOS

Para dar início às prospecções, a partir do potencial indicado pelas prospecções do projeto *Diamantina Rupestre*, a estratégia adotada foi eleger uma área a ser sistematicamente percorrida, em busca de abrigos rochosos (vide Prancha 5, na página seguinte). A área escolhida correspondia a uma faixa, de acesso fácil, entre dois sítios já conhecidos, funcionando como uma amostra próxima a um transecto, que ia desde a porção norte da micro-bacia do córrego Pasmar até as proximidades da localidade do Batatal. Na prospecção, os integrantes da equipe foram orientados a observar a existência de suportes rochosos com grafismos e as características físicas dos abrigos. A primeira etapa de prospecções teve um resultado além do esperado, levando à localização de 17 sítios, que, somados aos 6 outros abrigos com pinturas localizados na extremidade leste da faixa pelo projeto *Diamantina Rupestre* e à já conhecida Lapa do Caboclo, na extremidade oeste da faixa, totalizavam 23 sítios em não mais de 20 km^2 (vide Prancha 5, na página seguinte).

A pesquisa teve efetivamente um caráter exploratório, o que pode ser visto em sua reestruturação em relação ao projeto original proposto ao Programa de Pós-Graduação do MAE, porém o que procurei empreender foi um trabalho que mantivesse uma problematização capaz de otimizar essa exploração, produzindo resultados arqueologicamente mais férteis.



Prancha 5 - Prospecções no eixo Serra do Pasmar / Batatal.

Os resultados das prospecções e escavações em parte escaparam à proposta inicial. Portanto, uma reorganização foi necessária e novas questões foram formuladas, a partir dos sítios encontrados e das análises dos grafismos, bem como dos resultados das sondagens.

As prospecções localizaram sítios com pisos sedimentares, que em 2005 e 2006 foram sondados, além de sítios com material de superfície que passava das áreas abrigadas às áreas planas a céu aberto diante dos abrigos. No que se refere aos grafismos rupestres, sítios com um número grande de figuras foram localizados e uma maior diversidade estilística dentro da Tradição Planalto pode ser imediatamente percebida, assim como se fez notar a presença de outras unidades estilísticas, como a Tradição Agreste, o Complexo Montalvânia e a Tradição Nordeste.

Os resultados das prospecções e escavações em parte escaparam à proposta inicial. Portanto, uma reorganização foi necessária e novas questões foram formuladas, a partir dos sítios encontrados e das análises dos grafismos, bem como dos resultados das sondagens.

As prospecções localizaram sítios com pisos sedimentares, que em 2005 e 2006 foram sondados, além de sítios com material de superfície que passava das áreas abrigadas às áreas planas a céu aberto diante dos abrigos. No que se refere aos grafismos rupestres, sítios com um número grande de figuras foram localizados e uma maior diversidade estilística dentro da Tradição Planalto pode ser imediatamente percebida, assim como se fez notar a presença de outras unidades estilísticas, como a Tradição Agreste, o Complexo Montalvânia e a Tradição Nordeste.

As escavações na Lapa do Caboclo, o sítio com mais amplo piso sedimentar abrigado conhecido até o momento, revelaram ricas estruturas nas camadas superiores, porém deixaram claro a pouca profundidade do pacote sedimentar. Com as primeiras datas, foi possível distinguir uma ocupação recente, responsável pelas estruturas ricas em vegetais e pelos sepultamentos, e uma ocupação da transição Pleistoceno/Holoceno. Não foram obtidas datas intermediárias nem foram encontradas camadas que se possa supor terem datas intermediárias.

Tendo uma faixa geográfica sistematicamente percorrida, que revelava uma densidade admirável de sítios de pintura, ampliamos a amostragem a fim de coletar informações em pontos mais espaçadamente distribuídos na região. Minha expectativa era obter informações sobre pinturas afastadas dos núcleos que conhecíamos – a faixa Pasmar/Batatal e a região dos córregos Capivara e Contagem – que pudessem dar uma idéia da diversidade dos grafismos na região, assim como buscar sítios cujos grafismos permitissem pôr à prova o quadro crono-estilístico hipotético que então se delineava.

Valemo-nos para isso de levantamentos oportunísticos nas proximidades de São Gonçalo do Rio das Pedras e de Milho Verde (que definem o limite leste da região pesquisada), ao norte da localidade de Barão de Guaicuí (área que se encaixa logo ao sul da faixa sistematicamente percorrida), próximo da localidade de Galheiro (logo a norte da faixa Pasmar-Batatal), próximo à cidade de Gouveia e próximo à estrada que liga Diamantina a São João da Chapada (na Serra do Moçorongo, que se coloca como limite setentrional da área de pesquisa) – veja Mapa 1, em anexo. Tais levantamentos resultaram na localização de 14 sítios, tendo contado com a fundamental colaboração dos integrantes da ONG Caminhos da Serra, coordenada por Alex Mendes, de Gouveia. Além dos levantamentos nessas novas áreas, informações que nos chegaram, por iniciativa de nosso sempre gentil anfitrião Sr. Antônio Yamaguchi e de Danielle Piuzana, nos presentearam com quatro outros sítios de pinturas.

Os levantamentos nessas novas áreas e as informações complementares corroboraram a alta freqüência de sítios em toda a região, com a localização de uma média superior a dois sítios com pinturas por cada dia de levantamento de equipe de duas pessoas! A diversidade estilística e temática também confirmou sua força, com prováveis novos conjuntos estilísticos ganhando visibilidade e com novas ocorrências de conjuntos que se mostravam tímidos nos sítios até então conhecidos.

Com os sítios até então encontrados, reafirmou-se uma ampla predominância de sítios com pinturas nas bordas de áreas de campo, em abrigos de acesso fácil e pisos regulares. Nesse momento estava em avançado estágio de desenvolvimento a pesquisa de mestrado de Vanessa Linke, que buscava identificar os padrões de escolha de sítio das unidades estilísticas de grafismos rupestres identificadas na região, por meio do exame sistemático de uma ampla gama de variáveis geográficas e de um exame detalhado do comportamento de cada um desses conjuntos estilísticos no espaço físico e gráfico de cada sítio.

Foi então definido um novo levantamento de campo com caminhamentos sistemáticos ao longo dos afloramentos em áreas definidas a partir da análise de Linke. Definimos três áreas para testar o padrão dominante que estava sendo reconhecido, segundo os seguintes critérios: altimetria, posição no sistema de drenagem, feição dos afloramentos (presença ou ausência de *inserlbergs* entremeados de campos), volume dos cursos d'água próximos, extensão das planícies fluviais.

Avaliou-se que havia, na amostra até então construída, uma super-representação de áreas de cabeceiras e de divisores de água, enquanto havia uma sub-representação de vales menos

encaixados (vide perfis na Prancha 6, na página seguinte). Assim, foram definidas três novas áreas para prospecções sistemáticas de abrigos, conforme se pode ver no Mapa 1, em anexo:

- a primeira, na micro-bacia do Rio Pardinho, combinava áreas de campos amplos e *inselbergs*, um vale encaixado e áreas de cabeceiras sem campos (veja perfil na Prancha 7, nas páginas seguintes);

- a segunda, na região da Serra do Moçorongo, incluía áreas de campos amplos e áreas rochosas sem campo;

- a terceira, nos cursos médio e inferior do córrego Begônea, incluía terraços e vargens amplas de cursos d'água mais volumosos e afloramentos sem morfologia do tipo *inselberg* (vide perfil da área na Prancha 7, nas páginas seguintes).

Essas áreas revelaram 11 novos abrigos com pintura e reforçaram substantivamente o padrão dominante de escolha, conforme será discutido no quarto capítulo.

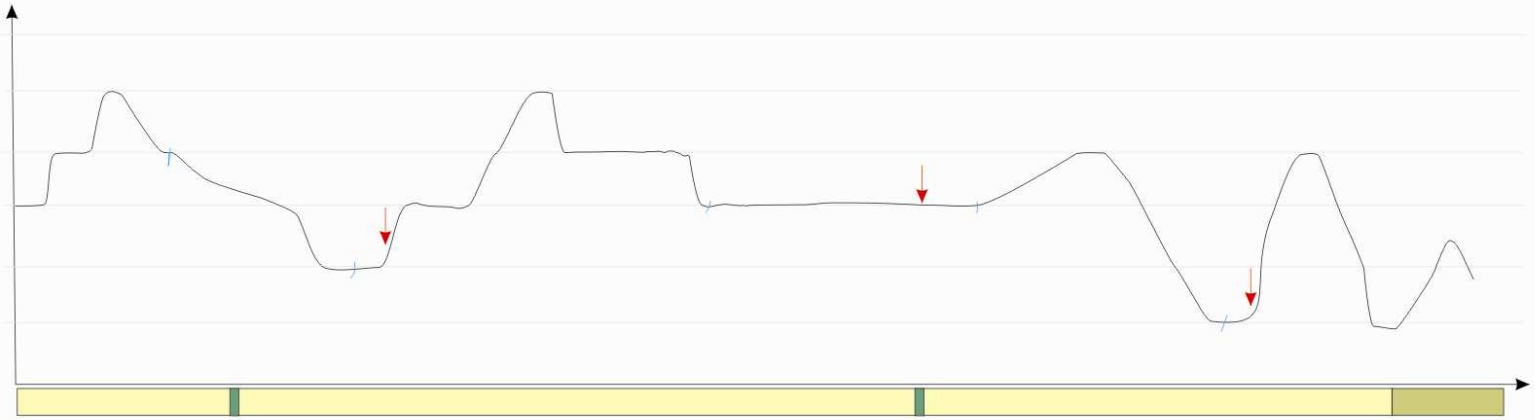
O conjunto das prospecções de abrigo para além da faixa Pasmar-Batatal não proveu apenas novos painéis pintados, mas também substantivas coleções de material de superfície.

Tendo reunido um grande número de sítios com grafismos rupestres e com um número bastante expressivo de peças líticas de superfície, a amostragem carecia ainda de sítios dissociados de abrigos para que fosse possível agregar uma maior diversidade de elementos da organização tecnológica das ocupações recentes – que guardassem vestígios da parcela da vida dessas populações que não teve lugar à sombra das paredes rochosas. Até o ano de 2007, apenas o Garimpo do Turco representava o uso da paisagem em espaços que não incluíam, direta ou indiretamente, áreas abrigadas.

As restrições orçamentárias e o cronograma da pesquisa não permitiam a realização de uma etapa de prospecções a céu aberto satisfatória, capaz de oferecer uma amostragem expressiva da diversidade de nichos que a paisagem regional oferece. Portanto, no âmbito desta pesquisa, a necessidade de prospecções a céu aberto não seria satisfeita. As restrições permitiam, porém, uma etapa modesta, que nos possibilitaria experimentar uma metodologia e agregar conhecimento para possíveis pesquisas futuras na região. Se o acaso nos favorecesse, algum sítio a céu aberto poderia ser agregado à amostra da região.

Com esse cenário, uma etapa de campo foi direcionada para a prospecção de sítios a céu aberto, por meio de intervenções em sub-superfície. Definimos três categorias de áreas, a partir dos atributos geográficos.

Perfil 1:
Perfil topográfico e sua correspondência litológica
Eixo de prospecção - Diamantina/ Conselheiro Mata



Legenda

Supergrupo Espinhaço - Formação Galho do Miguel - quartzitos puros e finos

Diques e soleiras de rochas metabásicas (metagabros e metadiabásios)

Formação Santa Rita - metassiltiltos e metargilitos e quartzítos sericíticos

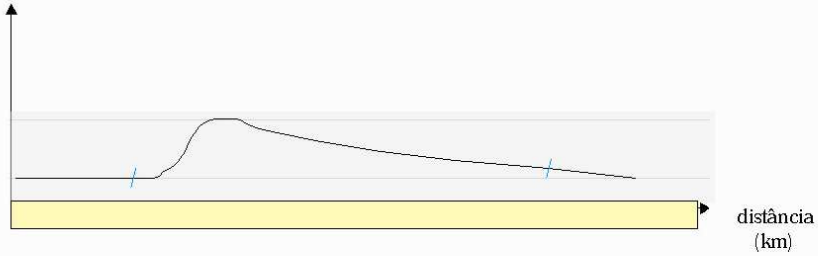
Drenagem

áreas e maciços em que há presença de sítios em abrigo

escala vertical = 1:5000
escala horizontal = 1:50000
fonte: folha Diamantina IBGE 1:100 000
Projeto Espinhaço folha Diamantina
precisão cartográfica compatível com escala de 1:100 000

Prancha 6: Perfil topográfico e correspondência geológico do principal eixo de prospecção

Perfil 4a::
Perfil topográfico e sua correspondência litológica
Eixo de prospecção - rio Pardo Grande/rio Begônia
(margem direira)



área de caminhamento sistemático

Supergrupo Espinhaço - Formação Galho do Miguel - quartzitos puros e finos

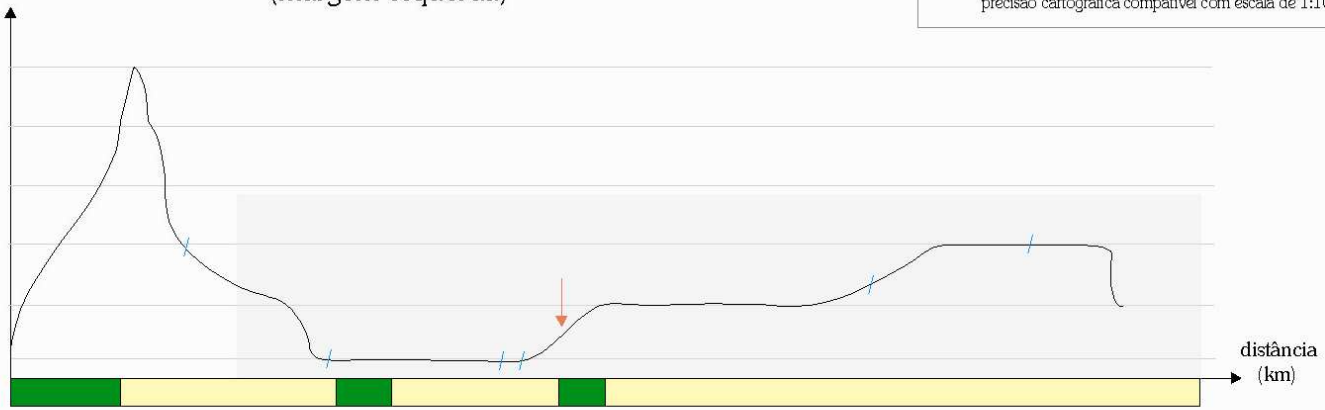
Diques e soleiras de rochas metabásicas (metagabros e metadiabásios)

drenagem

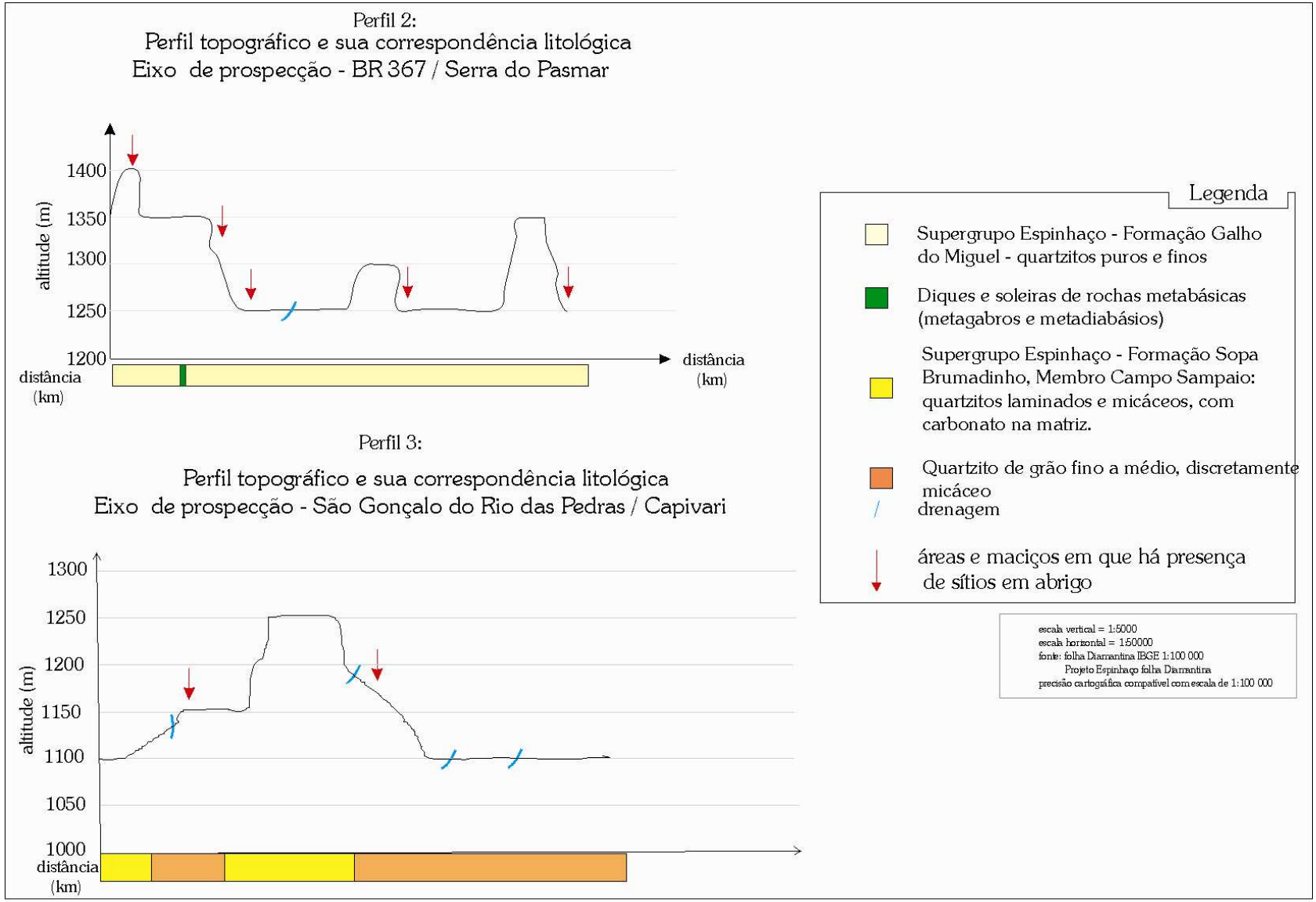
áreas e maciços em que há presença de sítios em abrigo

Perfil 4b:
Perfil topográfico e sua correspondência litológica
Eixo de prospecção - rio pardo Grande/rio Begônia
(margem esquerda)

escala vertical = 1:5000
escala horizontal = 1:50000
fonte: folha Diamantina IBGE 1:100 000
Projeto Espinhaço folha Diamantina
precisão cartográfica compatível com escala de 1:100 000



Prancha 7: Perfis topográficos do eixo de prospecção Rio Pardo Grande / Rio Begônia



Prancha 8: Perfis topográficos e correspondência geológica das áreas de propspecção

A primeira categoria corresponderia a terraços amplos próximos à barra de um córrego pequeno junto a um curso d'água mais volumoso. Tal feição foi eleita em função de corresponder ao padrão de inserção de algumas das aldeias arqueologicamente conhecidas de grupos ceramistas do cerrado – especialmente o padrão e inserção associado à Tradição Aratu-Sapucaí (PROUS, 1992).

A segunda categoria era composta por áreas planas formadas por campos em meio aos grandes afloramentos quartzíticos. Cria na possibilidade de tais áreas terem sido utilizadas como locais de acampamentos, uma vez que são, a um só tempo, secas, com acesso fácil à água e protegidas, pelos afloramentos, de ventos intensos e tempestades – ao menos hoje, muito freqüentes na região no período chuvoso. Tais áreas contam, ainda, com ampla visão dos trechos de entorno que lhes dão acesso.

A terceira categoria foi definida em função do sítio Garimpo do Turco. Sem compreender quais foram de fato os motivos que levaram à eleição de tal implantação pelos ocupantes do sítio, esta foi tomada como referência, pensando que os mesmo critérios – fossem quais fossem – pudessem ter atraído as populações recentes. A categoria corresponde a topos planos e bem elevados, sem proteção do sol, dos ventos e da chuva, com ampla visibilidade de todo o entorno – talvez este seja um dos atributos que justificou a ocupação do Garimpo.

Assim, definimos como porções a serem tradadas[7] cinco pequenas áreas, conforme se pode ver no Mapa 1, em anexo:

- nos terraços amplos na margem esquerda do Ribeirão Batatal, alguns quilômetros ao Norte da Lapa do Boi (primeira categoria);

- nos terraços da margem direita do Córrego das Varas, num trecho em que seu volume já é bem expressivo (primeira categoria);

- no campo amplo diante da Lapa da Chica (segunda categoria);

- no imenso campo e no pequeno cerrado próximos ao afloramento da Lapa do Galheiro (segunda categoria);

- no topo plano sem afloramentos a oeste do Garimpo do Turco (terceira categoria)[8]; nesta área não realizamos tradagens, pois encontramos ali múltiplas pequenas escavações dos

[7] As tradagens foram feitas com um espaçamento de 40 metros entre as linhas e 40 metros entre os pontos em cada linha, alternado a posição dos pontos em relação à linha imediatamente ao lado. Os furos foram feitos com diâmetro de 40 cm, até um metro de profundidade.

garimpeiros de diamante e nos valemos delas como amostras (muito mais amplas e mais densas do que seriam nossas tradagens).

Outro possibilidade concreta com as restrições orçamentárias seria obter informações a respeito de sítios cerâmicos fora das altitudes elevadas da serra, onde houvesse condições mais favoráveis à implantação de horticultores e de ceramistas. A ausência quase total de cerâmica nos abrigos, embora houvesse vestígios de horticultura, era uma questão que precisava ser abordada. Assim, realizamos prospecções baseadas em informações orais e caminhamentos junto a afloramentos na região de Rodeador, fora dos quartzitos do Espinhaço, numa área que conecta esta serra à planície sanfranciscana e onde ocorrem rochas carbonáticas do grupo Bambuí. Outra área foi também alvo de prospecções baseadas em informações orais e caminhamento: o vale do Ribeirão Areia, situado dentro da Janela Estrutural de Gouveia, onde o substrato rochosos corresponde ao Embasamento Cristalino, a partir do qual desenvolvem-se solos mais p´rofundos e favoráveis à prática da agricultura.

Infelizmente, em nenhuma das cinco áreas tradadas localizamos vestígios, seja em superfície ou no interior dos furos de tradagem. A amostragem, contudo, foi bem sucedida, uma vez que, consciente de sua pequenez, não esperávamos encontrar muitos sítios, mas, sobretudo, avaliar a viabilidade desse tipo de intervenção. A amostra foi bem sucedida também na medida em que verificou, no caso do campo diante da Lapa da Chica e no campo do Galheiro, a ausência de vestígios de ocupação – a presença do abrigo com vestígios sinalizava a possibilidade desses vestígios estenderem-se pelo campo. No caso das áreas de terraço, a pequenez da amostra permite apenas que se diga que nesses pontos específicos não há sítios, embora continue perfeitamente possível a presença de sítios de terraço na área.

As prospecções na região do Rodeador não obtiveram informações orais sobre a ocorrência de cerâmica, mas localizou abrigos com pinturas e gravuras (as primeiras da região) rupestres, além de pacotes sedimentares.

Na área do Ribeirão Areia foi encontrada uma ocorrência arqueológica. Localizamos fragmentos de cerâmica, com atributos de cerâmica modelada pré-histórica, depositados ao longo das praias do ribeirão. Prospecções nos terraços a montante, contudo, não localizaram o sítio de onde o material provinha.

---

[8] Esta área na se encontra sinalizada no Mapa de intervenções.

Um subproduto inesperado das prospecções com tradagens a céu aberto mostrou-se muito valioso para agregar novos elementos à análise da organização tecnológica do horizonte recente. Embora sítios a céu aberto não tenham sido localizados, novos sítios em abrigo se ofereceram à equipe. Localizamos nas imediações das áreas tradadas três sítios em abrigo, dois deles muito ricos em materiais de superfície, um dos quais se mostravam como possíveis fontes de matéria-prima para lascamento.

Concomitantemente às prospecções a céu aberto, realizamos novas prospecções de abrigos, na intenção de ampliar o acervo gráfico rupestre em termos geográficos. Um caminhamento sistemático foi realizado na região das vilas de São Gonçalo do Rio das Pedras e de Capivari (ambas no município do Serro) (veja Mapa 1, em anexo). Esse caminhamento resultou num novo sítio de pinturas e na caracterização do que se constitui como limite oriental da área de pesquisa – veja perfil (Prancha 8). Na localidade de Galheiro, realizamos também uma nova visita que, a partir de informações orais, localizou um terceiro sítio, próximo aos já ali conhecidos, porém em outro vale.

Outro sítio localizado na etapa de julho de 2008, num caminhamento concomitante às prospecções a céu aberto, foi a Gruta da Lasca, que se localiza nas imediações do pico da Tromba D'Anta, ponto de destaque na paisagem, visível a partir de boa maior parte da área de pesquisa. O caminhamento que localizou o sítio, uma gruta sem pintura, mas com grande quantidade de material lascado, objetivava verificar a existência de pinturas no imenso abrigo que se avista a muitos quilômetros no sopé do monumental pico. A intenção era verificar se tão evidente marco paisagístico recebera atenção dos pintores pré-históricos. Um sítio rupestre bastante degradado foi localizado num abrigo no afloramento vizinho, mas o grande abrigo da Tromba D'Anta, que escapa por inteiro do padrão de inserção dominante, não guarda pintura alguma.

A CONDUÇÃO DAS ESCAVAÇÕES, SONDAGENS E COLETAS DE SUPERFÍCIE

A arqueologia que se baseia exclusivamente na análise de abrigos tem sido alvo de diversas críticas, boa parte delas procedentes. As críticas dirigem-se no sentido de assinalar que restringir os trabalhos aos abrigos implica em deixar de fora a imensa parcela da vida das pessoas que teve lugar noutros espaços, ou seja, deixar de fora um enorme potencial de vestígios arqueológicos

distribuídos fora das áreas abrigadas. Por outro lado, concentrar esforços nos abrigos significa uma maior segurança na obtenção de informações, uma vez que os abrigos, além de serem mais fáceis de se localizar, possibilitam mais facilidade no controle estratigráfico/cronológico e melhor conservação dos vestígios e das estruturas. As críticas sobre a restrição à análise de abrigos são, na verdade, críticas a um uso específico de análises de abrigos: aquelas que priorizam um único sítio ou um número muito reduzido de sítios numa região. Essa é, de fato, uma exploração arqueológica dos abrigos que impõe restrições muito severas à compreensão de como uma região foi ocupada, foi percebida e foi modificada por uma população humana. É um uso que impõe limitações também à compreensão do próprio abrigo, pois o afasta de outros elementos do contexto que o gerou. Contudo, esse é um uso que é, em si, legítimo. Fundamental é que o pesquisador deixe claro o que ele pretende com suas escavações e quais análises ele pretende fazer; que ele esteja consciente das próprias opções metodológicas, suas possibilidades e limitações.

Numa região sem qualquer referência segura sobre a pré-história, abrigos são um ótimo ponto de partida, pela segurança dos resultados e pela facilidade de localizá-los. Esse era o caso da região de Diamantina e essa foi minha opção: localizar abrigos e selecionar inicialmente abrigos a serem escavados.

À medida que os trabalhos avançaram novos sítios em abrigo foram buscados, pretendendo-se ampliar o *corpus* de grafismos rupestres a ser analisado, diversificar a amostra de sítios rupestres em termos geográficos e testar os padrões que se identificava, conforme dito anteriormente. Essas prospecções priorizaram os acervos rupestres, mas ofereceram abrigos muito ricos em materiais não gráficos e ofereceram a oportunidade de compor um conjunto de sítios.

A Lapa do Caboclo, que foi escavada inicialmente com a intenção de fornecer elementos para o contexto de desenvolvimento da Tradição Planalto, forneceu um pacote sedimentar bem modesto (cerca de 30 cm de espessura), mas uma abundância de vestígios notável, especialmente em seu nível intermediário, que continha estruturas funerárias e depósitos de vegetais. O sítio forneceu uma data de mais de 10.000 anos e duas outras entre 1.300 e 600 anos antes do presente. Para esse sítio desenhou-se, portanto, um cenário com sedimentos rasos, uma grande antigüidade e um imenso lapso cronológico. Parecia que a abordagem da faixa cronológica em que a Tradição Planalto se desenvolvia na região da Serra do Cipó escapava do alcance dessa pesquisa. Não era apenas aparência, pois, após muitas outras escavações e sondagens, permanecemos hoje sem

qualquer data coerente com a faixa de 4.500 BP a 2.000 BP em que se situam as pinturas de Santana do Riacho.

Com tal lapso, voltamo-nos para outros abrigos, em busca de novos elementos para a ocupação recente e antiga, assim como elementos de ocupações intermediárias. Nesse ponto da construção do projeto, tendo sido localizados muitos outros abrigos, começava a se concretizar um dos desejos iniciais, que era construir uma análise articulando diversos sítios, que pudessem entre si dialogar e gerar elementos para a compreensão de um sistema de uso e ocupação da paisagem. As Lapas do Boi, de Moisés e do Peixe Gordo foram sondadas, mostrando-se ricas tanto em material de superfície quanto em materiais em sub-superfície.

Buscar abrigos já não era mais apenas uma entrada num vazio de informações, era sim buscar elementos para construir respostas às perguntas que foram elaboradas: quais os padrões de inserção dos sítios escolhidos para elaboração de pinturas rupestres? sítios com conjuntos artefatuais semelhantes têm também morfologias e implantações na paisagem semelhantes? quais as relações entre os quartzitos disponíveis nos abrigos e seus conjuntos artefatuais?

O avanço das prospecções nos permitiu outra etapa de campo de sondagens, que incluiria um leque mais amplo de sítios a serem sondados. Semelhanças morfológicas e de inserção na paisagem me levaram a sondar também a Lapa do Caminho da Serra e a Lapa Pintada de Datas, semelhantes ambas à Lapa do Boi e à Lapa de Moisés, a fim de comparar seus conjuntos artefatuais e eventuais datações. A Lapa da Turma, distinta das demais em termos de morfologia e implantação, foi também sondada, pois prometia sedimentos menos breves e um contraponto interessante para comparações com as demais.

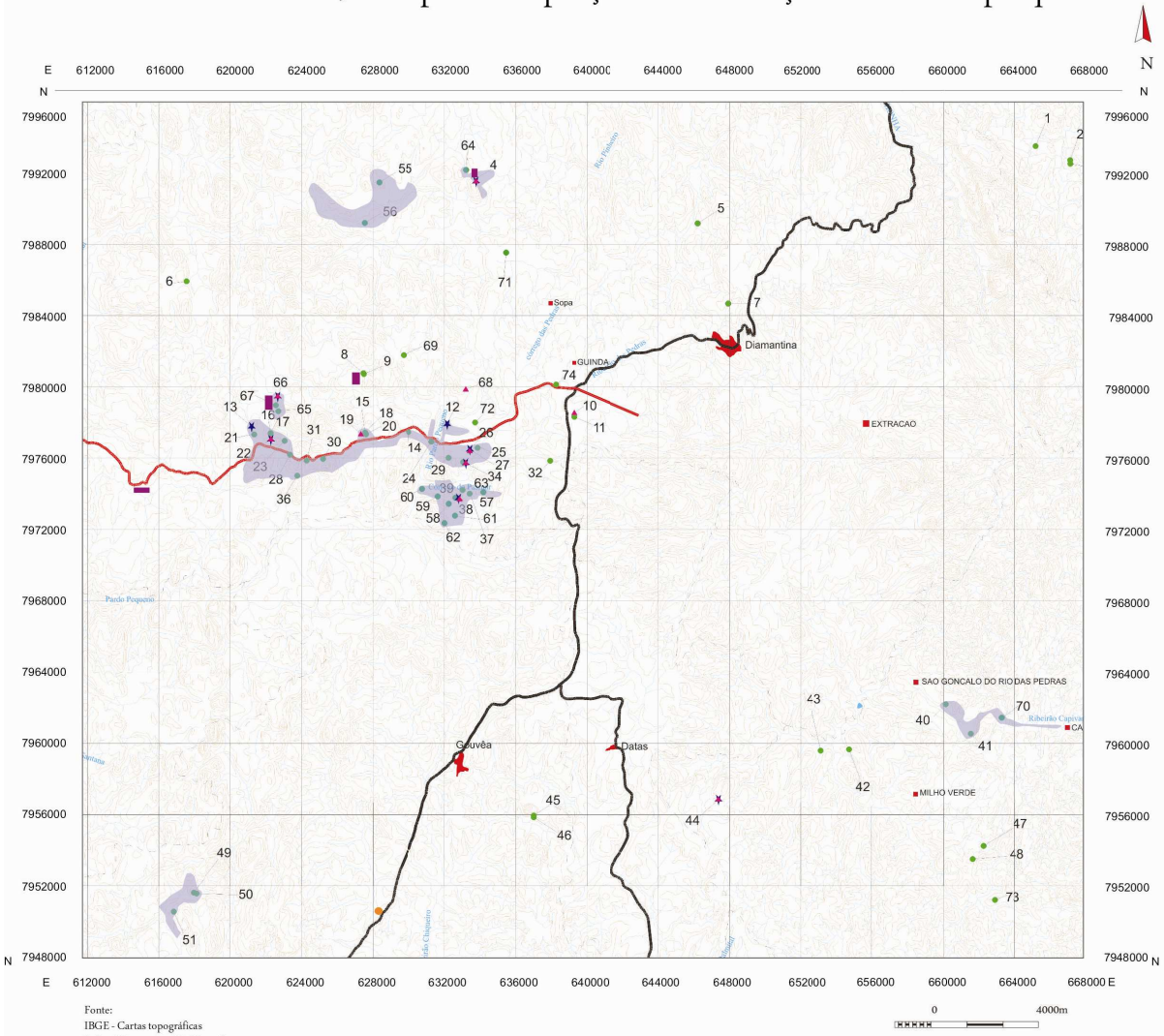
Reunindo-se novas escavações e sondagens ao avanço das prospecções, a análise do contexto da tradição Planalto desapareceu de vista como possibilidade. Por outro lado, se desenhou um instigante cenário para investigar as ocupações pré-históricas recentes, com diversos sítios com coleções fartas e variadas. As escavações e sondagens, bem como as coletas sistemáticas de superfície, nos anos de 2006 (segundo semestre), 2007 e 2008 foram realizadas tendo em vista reunir o mais amplo possível conjunto de elementos para análise do horizonte de ocupações recentes – no capítulo terceiro a opção por esse horizonte será discutida e seu delineamento como objeto será desenvolvido no capítulo quinto.

Em 2007 ampliamos a área escavada na Lapa do Caboclo, ocasião em que encontramos duas outras estruturas funerárias. Após os resultados das prospecções de 2007 e 2008, novas

sondagens foram conduzidas. Na região de Rodeador, um abrigo (gruta de Serra) teve uma sondagem de $1m^2$ iniciada, porém brevemente interrompida por problemas logísticos de campo. Conduzimos sondagens na Lapa da Chica e na Lapa da Bandalheira, onde foram realizadas também coletas de superfície, definindo-se pequenas áreas amostrais para coleta integral das peças lascadas em seu interior, com mapeamento. Também a Gruta da Lasca, a Lapa da Ciranda e a Casa de Pedra Norte foram objeto de coletas no mesmo sistema.

Ao final, os trabalhos de escavação e coleta reuniram elementos e um conjunto variados de sítios, alguns dos quais bem afastados uns dos outros no interior da área de pesquisa, com uma concentração de intervenções no polígono entre a Lapa da Chica, o Caminho da Serra, o Garimpo do Turco e a Lapa do Caboclo (veja mapa de intervenções na Prancha 9, na próxima página.

Prancha 9 - Mapa 2: Prospecções e intervenções na área de pesquisa



Fonte:
IBGE - Cartas topográficas
Folhas Diamantina, Rio Vermelho,
Presidente Kubitschek e Serro em escala
1:100 000

LEGENDA

- ocorrência de vestígio cerâmico em posição secundária
- sítios arqueológicos sem nehum tipo de intervenção
- localidade
- escavação/sondagem
- coletas de superfície
- áreas de prospecção sistemática
- áreas de prospecção de sítios a céu aberto
- Curva de Nível
- Drenagem
- Rodovia de terra
- Limite dos municípios

1 Salto dos Veados
2 Salto dos Veados II
3 Salto dos Veados III
4 Chica
5 Sentinela
6 Defunto
7 Caminho dos Escravos
8 Galheiro Abrigo Norte
9 Galheiro Abrigo Sul
10 Casa de Pedra
11 Casa de Pedra Abrigo
12 Turma
13 Caboclo
14 Escada
15 Voador Abrigo Norte
16 Boi
17 Boi Leste
18 Voador Abrigo Central
19 Ciranda
20 Voador Abrigo Sul
21 Pé de Moleque
22 Pedra do Boi
23 Casa de Adobe
24 Onça
25 Mirante do Pasmar
26 Moisés Leste
27 Moisés
28 Vargem
29 João Rosa
30 Fileira
31 Varas
32 Veadinhos
33 Peixe Lascado
34 Peixe Gordo
35 Janela
36 Varas II
37 Pasmar
38 Caminho da Serra I
39 Caminho da Serra II
40 Várzea
41 Aprazível
42 Santa Cruz
43 Santa Cruz II
44 Pintada de Datas
45 Santo Antônio
46 Santo Antônio Ocorrência
47 Carijó
48 Peixinho
49 Emas
50 Capivara
51 Sempre-Vivas
55 Pequena
56 Peixes
57 Mano
58 Floristas do Campo
59 Sossego
60 Poço
61 Engano
62 Bonita
63 Tabuleirinho
64 Capim
65 Doida
66 Bandalheira
67 Bico do Urubu
68 Gruta da Lasca
69 Vai Toicinho
70 Caminho
71 Jirau
72 Tromba d'anta
73 Ex- sítio
74 Garimpo do Turco

Elaborado por Vanessa Linke, em janeiro de 2009, sobre base de Wagner Marin

A ABORDAGEM DOS CONJUNTOS GRÁFICOS RUPESTRES DA REGIÃO DE DIAMANTINA

A partir dos levantamentos prévios ao projeto de doutoramento, conduzidos dentro do projeto *Diamantina Rupestre*, parecia que na região de Diamantina lidar-se-ia com sítios ocupados por grafismos da Tradição Planalto, cada qual com um número bastante restrito de figuras e algumas variações estilísticas, possivelmente crono-estilísticas, dentro dessa tradição (LIMA, LAGE, VALENTE & LINKE, 2004). E, diante dessa situação, uma das formas de analisar os sítios de pintura mais proveitosas seria tomá-los como sendo representantes de uma paisagem construída, buscando padrões de escolha dos abrigos, numa abordagem semelhante àquela que eu havia desenvolvido para o vale do Peruaçu (ISNARDIS, 2004). Contudo, a primeira ampliação das áreas prospectadas mostrou que o acervo gráfico da região era mais farto e mais diversificado do que o esperado. Muito mais trabalho, mais possibilidades e necessidades se puseram à vista.

O estudo da construção da paisagem por meio dos sítios apresentou-se com maior riqueza de possibilidades analíticas. Uma análise efetivamente arqueológica e geográfica da questão constituiu-se na pesquisa de mestrado de Vanessa Linke, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGC-UFMG, finalizado em 2008, que teve por objetivo analisar possíveis padrões de escolha de sítios a serem pintados por parte dos autores dos diferentes conjuntos gráficos, padrões estes que poderiam estar relacionados a elementos da paisagem natural. A pesquisa de Vanessa Linke desenvolveu uma metodologia para uma análise sistemática de um número bastante significativo de variáveis ao relacionar as ocorrências dos diferentes conjuntos gráficos definidos com características dos abrigos e de seu entorno.

Para a totalidade da pesquisa, a construção de uma crono-estilística regional firmou-se como abordagem viável e necessária, diante da diversidade que as pinturas atribuíveis à Tradição Planalto nos apresentavam e da presença – nada óbvia – de temas e estilos gráficos que escapavam do escopo Planalto e se aproximavam de outras unidades classificatórias definidas no Brasil Central. Os limites entre Planalto e as demais unidades estilísticas também não se mostram claros, com temas atribuíveis a diferentes tradições, como Agreste e Planalto, realizados no mesmo suporte aparentemente com uma mesma tinta. Portanto: bons casos para se discutir definições, limites, misturas.

As análises das pinturas rupestres da região foram desenvolvidas conjuntamente por mim e Vanessa Linke, tendo o Prof. André Prous como interlocutor freqüente. A partir do segundo

semestre de 2007 juntou-se a nós Luiza Campera, hoje bolsista de iniciação, que participou da digitalização das cópias e da curadoria do acervo fotográfico da pesquisa. Construímos um quadro crono-estilístico regional, a partir de levantamentos intensivos em oito abrigos e levantamentos complementares (priorizando a verificação das informações obtidas nos oito sítios de referência).

Mas para que estamos construindo um quadro crono-estilístico? Quais são as pretensões desta construção? Em que ela se baseia? Quais são os pressupostos que nos levam a considerar a possibilidade de estabelecer uma classificação dos conjuntos gráficos a partir de semelhanças e diferenças?

AFINIDADES CULTURAIS E EXPRESSÃO GRÁFICA

Cerca de 400 quilômetros, entrecortados de serras e vales, separam Santana do Riacho, na Serra do Cipó, da região de Grão Mogol, e entre elas se coloca Diamantina. Ao longo desses quilômetros os sítios, apesar da distância, apresentam algumas notáveis semelhanças, como a que se vê a seguir.

O "par de peixes": tema recorrente em sítios da Tradição Planalto de diferentes regiões, que geralmente ocorre em porções elevadas de paredes verticais

Grande abrigo de Santana do Riacho, na Serra do Cipó

Lapa do Caboclo, em Diamantina

Lapa do Jambreiro, em Grão Mogol

Figura 1.1 - O "par de peixes", tema freqüente nos sítios da Tradição Planalto em diferentes regiões

Certamente há alguma afinidade cultural unindo autores de expressões gráficas com tais semelhanças (de ordem temática e gramatical, sobretudo, mas também estética e estilística). Mas o que se pode presumir sobre essa afinidade? A que se podem atribuir as semelhanças?

Ao mesmo tempo, há uma nítida variabilidade inter-regional e intra-regional, dentro daquilo que se atribui à Tradição Planalto. Nos exemplos na página seguinte, se vêem representações de cervídeos de quatro regiões distintas, em que se pode observar uma variação estilística acentuada dentro de cada região, ao mesmo tempo em que se percebem semelhanças estilísticas entre figuras de regiões diferentes.

O que o registro arqueológico nos permite inferir sobre essa variabilidade? Quais questões podem ser levantadas para abordá-la? Quais interpretações temos feito a seu respeito e por onde mais poderíamos caminhar no trato com essa variabilidade?

Diferentes autores reconhecem que essas semelhanças expressam afinidades culturais, porém o fazem de maneiras distintas. Em geral seu significado não é discutido na bibliografia brasileira, permanecendo muitas vezes uma noção sub-entendida, poucas vezes explicitada. Esta é uma questão da maior relevância, envolvendo uma problemática que é presente em todos os demais elementos do registro arqueológico: que significam, em termos de cultura imaterial, as semelhanças e diferenças, por exemplo, na indústria cerâmica, na indústria lítica, nos modelos de habitação, nos padrões funerários? Na verdade, essa é uma das questões básicas de toda a disciplina. Vasta é a discussão a esse respeito, porém é discreta a produção bibliográfica que problematiza a questão a partir dos acervos gráficos rupestres.

Quando é possível estabelecer uma continuidade histórica entre populações etnograficamente conhecidas e populações autoras de pinturas rupestres, as possibilidades de atribuir significado às diferenças e semelhanças são mais facilmente abordáveis, uma vez que há um acesso possível ao significado dos grafismos e um conhecimento sobre o contexto cultural que os produziu. E quando não se tem um cenário etno-histórico e/ou arqueológico bem conhecido? O que pensar das semelhanças e diferenças?

Anne-Marie Pessis, em diferentes ocasiões (PESSIS 1992, 1993, 2003), interpreta as semelhanças expressivas entre os conjuntos gráficos como expressão da etnicidade comum a seus

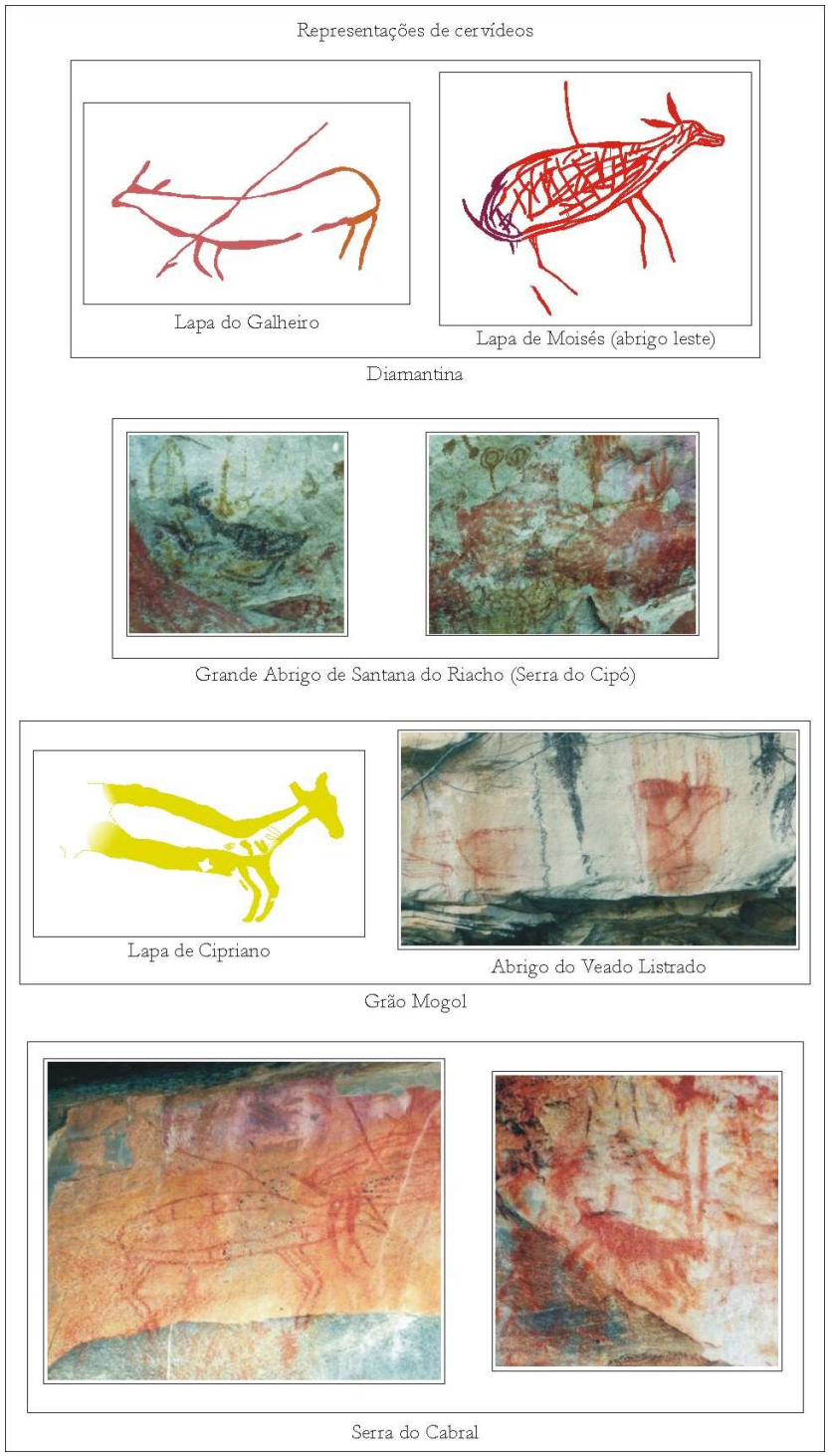


Figura 1.2 – Diversidade de figuras de cervídeos

autores. Ela relaciona, explicitamente, semelhanças na expressão gráfica a afinidades étnicas ao discutir aspectos teórico-metodológicos a partir do caso das pinturas da Tradição Nordeste.

Expressões visuais consideravelmente semelhantes podem ser realizadas por grupos étnicos muito distintos. Os exemplos são numerosos e diversificados. Veja-se, por exemplo, o barroco tcheco e o barroco português. Entre esses há semelhanças múltiplas: temática, estruturação, aspectos estilísticos. E ainda mais múltiplas são as diferenças que poderiam ser enumeradas entre as comunidades humanas autoras de cada um deles.

O caso dos barrocos tcheco e português talvez não seja um bom exemplo para se contrapor à afirmação de Pessis, uma vez que ela está desenvolvendo sua argumentação para áreas geográficas mais restritas e não para a distância de mais de 2.000 km que separa Lisboa de Praga. A amplitude geográfica certamente é uma variável central para dar significado a qualquer variabilidade no registro arqueológico, mas a extensão da ocorrência da Tradição Nordeste é também bastante ampla, mesmo se a observação se restringir aos estados do Nordeste, pois não menos de 700 quilômetros separam São Raimundo Nonato (Piauí) e Carnaúba dos Dantas (no Rio Grande do Norte). Em extensões territoriais bem mais modestas, vêem-se expressões visuais semelhantes realizadas por etnias diferentes. Por exemplo, entre as obras do barroco português e do barroco do centro da Espanha, há menos de 350 quilômetros. E os exemplos multiplicar-se-iam facilmente caso se desse ocasião a eles. Aproximando-se de cá, veja-se a indistinção entre a cerâmica dos ancestrais dos Kaingang e dos Xokleng combinada à antiga distinção lingüística e identitária entre as duas etnias (NOELLI, 2004). Retornando ao caso das pinturas rupestres brasileiras, Prous (1999) concorda que

> não podemos afirmar que todas as figurações [*da Tradição*] Nordeste do Brasil possam ser atribuídas a uma população que tenha apresentado unidade biológica ("raça"), nem lingüística, nem mesmo em outros campos (tecnologia do trabalho da pedra, por exemplo) (PROUS, 1999: 257)

Talvez o problema na proposição de Pessis sobre a correspondência entre expressão gráfica e grupos étnicos esteja na noção de etnia. Etnia e tradições culturais não são palavras equivalentes. Assim, diferentes etnias podem compartilhar aspectos de suas culturas – que são distintas em outros aspectos -, bem como povos muito diferentes podem compartilhar diversos aspectos de uma mesma tradição, vejam-se por exemplo diferentes povos cristãos ou muçulmanos.

Se não é razoável deduzir que haja necessariamente uma unidade étnica por detrás de expressões gráficas semelhantes, é razoável deduzir que haja o quê? Proponho pensar que haja um

compartilhamento de repertório cultural, aquilo que Prous descreve como “um tipo de saber e de sentir que as populações compartilham” (op. cit.: 257).

Entendo aqui repertório cultural como um conjunto de estruturas simbólicas, sejam elas idéias, noções morais, narrativas mitológicas, padrões de conduta. No caso de conjuntos semelhantes de pinturas, semelhantes em termos de temática, de atributos gráficos, de organização espacial, de associações temáticas, temos um compartilhamento de repertório que se expressa nessa semelhança. O repertório é formado pelos cânones de grafia e pelo conjunto de idéias que os motiva, os estrutura e por meio deles se expressa. Pode ser que o único repertório compartilhado pelos grupos de autores em questão seja aquele diretamente ligado àquela expressão gráfica. Dois grupos de pessoas poderiam realizar pinturas rupestres muito semelhantes por compartilharem, por exemplo, um conjunto de narrativas míticas que são retratadas ou de algum modo expressas naquelas pinturas. Eles compartilhariam as narrativas míticas e um modo, tradicionalmente transmitido, de grafar os elementos dessas narrativas. É razoável supor que quanto maiores forem as semelhanças, maiores são os repertórios compartilhados, maiores as afinidades entre os dois grupos de pintores. Se eles fazem pinturas virtualmente idênticas, significa que eles transmitem e praticam não apenas as mesmas idéias associadas às pinturas, como também os mesmos cânones de grafia, ou seja, compartilham o mesmo sistema de significantes e significados - o mesmo sistema de *signos*, conforme a definição saussureana (SAUSSURE, 1992). Para tanto, deveria haver uma proximidade histórica ou uma afinidade cultural bastante intensa.

No caso dos tchecos e portugueses, as afinidades lingüísticas são insignificantes, as afinidades urbanísticas não são muitas, mas há a tradição católica e a tradição iconográfica religiosa amplamente compartilhadas por diversos povos europeus. E havia elementos sociológicos de relevância atuando para a manutenção dessas tradições e para a comunicação, ainda que indireta, entre portugueses e tchecos do Período Barroco, que eram a Igreja Católica Romana e as ordens religiosas.

No caso de dois grupos hipotéticos de autores de arte rupestre muito semelhante, poderíamos ter, assim como entre tchecos e portugueses do Período Barroco, uma religião compartilhada e outros vínculos que se expressariam na semelhança estilística – e este é apenas um exemplo entre muitos possíveis. Esses vínculos poderiam ser, por exemplo, uma mesma ordem social, uma mesma ética de conduta feminina que regulamenta o que e como uma mulher deve pintar, uma mesma estrutura narrativa. Ao mesmo tempo poderiam perfeitamente subsistir

diferenças lingüísticas poderosas ou identidades coletivas não apenas distintas como, talvez, opostas. No caso altoxinguano, por exemplo, temos um compartilhamento de elementos culturais, que inclui rituais comuns, semelhanças na organização política e uma grande afinidade em termos de cultura material (HECKENBERGER, 2001) - produto de um sistema tradicional de trocas -, ao mesmo tempo em que subsistem diferenças lingüísticas antigas e profundas, assim como uma grande clareza a respeito de quem é Kuikuro, Kamaiurá ou Yawalapiti.

Semelhanças na expressão gráfica não implicam em uma ampla semelhança em todos os aspectos da cultura, implicam em semelhanças nos aspectos da cultura relacionados à expressão gráfica. E digo "semelhança", pois não é necessário que esses aspectos sejam idênticos para produzirem expressões parecidas - assim como as práticas religiosas de tchecos e portugueses do Período Barroco não eram idênticas. Nos casos de semelhanças muito grandes na expressão gráfica, podemos supor uma maior afinidade entre os diferentes grupos de autores no que tange aos aspectos culturais ligados à prática de pintar nas paredes de pedra.

E quanto às diferenças? Que podem elas expressar? Em que implica encontrarmos expressões gráficas distintas que se sucedem numa mesma parede e região?

Pinturas ou gravuras distintas devem também implicar em diferentes repertórios a elas associados. Esses repertórios podem ser integrantes de culturas muito diferentes, podem corresponder a grupos humanos culturalmente bastante distintos. Mas essa é apenas uma possibilidade. Os diferentes repertórios que motivaram e organizaram conjuntos distintos de grafismos rupestres não implicam necessariamente em diferentes culturas. Diferentes conjuntos gráficos não são necessariamente produto de sociedades diferentes. Prous considera que

> mesmo que uma certa forma de unidade ou solidariedade possa ser postulada a partir de uma mesma temática (e de um mesmo modo de apresentá-la), isto não significa que temas ou formas de representação diversas não possam ser oriundos de uma mesma comunidade social. (idem, ibidem)

Pinturas diferentes podem expressar aspectos distintos da cultura de um mesmo povo, um mesmo grupo humano pode pintar ou gravar coisas distintas nas rochas, em função desses grafismos estarem articulados a dimensões distintas dentro de seu universo cultural e/ou em função de subdivisões internas ao grupo social, como grupos etários, gênero, papéis sociais específicos. Não se pode descartar *a priori* que um mesmo grupo humano realize, num mesmo suporte e por meio de técnicas semelhantes, obras conforme lógicas diferentes – no caso de materiais e técnicas

diferentes (cerâmica, cestaria, pintura corporal, tecido), há exemplos etnográficos em que se encontram formas de expressão visual distintas no interior de uma mesma comunidade. Se vemos numa mesma parede rochosa dois conjuntos de pinturas, eles podem perfeitamente ser expressão de uma forma tradicional de pintar um certo elenco de temas por parte das mulheres e expressão de outra forma tradicional de pintar um outro elenco de temas por parte dos homens da mesma comunidade. Do mesmo modo que pode ser ato típico dos homens solteiros pintarem um determinado personagem, enquanto os homens casados com filhos pintam outros temas.

Para explorar semelhanças e diferenças entre conjuntos gráficos rupestres é necessário que se agregue o maior número possível de elementos. Não basta a temática, assim como não basta o grau de naturalismo das figuras ou o uso das cores – como não basta o antiplástico da cerâmica, nem a presença de pontas de flecha na indústria lítica. E pequenas variações podem não ser mais do que isso: pequenas variações dentro de um escopo tradicional estável. Se combinamos temática, aspectos gráficos (como detalhamento, uso das cores, composição dos traços, formas de preenchimento, espessura dos traços), a organização espacial das figuras no interior dos sítios, as relações espaciais entre as figuras, as características físicas dos sítios e sua inserção na paisagem, aí teremos um elenco suficientemente amplo de variáveis para balizar o valor das variações. Variações em muitos ou em todos esses aspectos apontam no sentido de não haver convergência alguma entre dois conjuntos a não ser o fato de eventualmente ocuparem uma mesma região. Variações em poucos desses aspectos apontam para uma convergência acentuada e expressam um compartilhamento amplo de repertório entre seus autores, o que sugere afinidades culturais entre eles. As possibilidades muitas de variações entre os dois extremos devem ser cuidadosamente consideradas dentro dos contextos específicos, em busca da observação das indicações de continuidade, de mudança, de influências entre os conjuntos que se examinam. Ao se avaliar essas variações, os aspectos mencionados devem ser analisados não apenas no interior de cada conjunto cronológico, mas também nas relações que os conjuntos estabelecem entre si nos suportes, especialmente no que se refere à temática, à organização espacial no interior dos sítios e às associações diacrônicas entre figuras.

Para falar tanto de semelhanças quanto de diferenças entre formas de expressão gráfica é preciso ter em mente um aspecto importante: o registro arqueológico, uma vez que é re-integrado a um contexto sistêmico (SCHIFFER, 1972), ganha vida, significado, e passa a compor o universo da cultura material do contexto em que foi integrado. Pinturas rupestres que já ocupavam um paredão

e são observadas por homens que farão novas pinturas nessa mesma parede - ou em outras próximas - são elementos ativos. Com os grafismos rupestres acontece o que Beneš e Svelebil (1999) discutem a propósito da paisagem: uma vez composta por contextos pretéritos, influencia os novos contextos, influencia o novo uso que dela se fará. No caso das pinturas e gravuras rupestres essa é uma dimensão importante a ser considerada, pois a semelhança entre aqueles que tenham sido identificados como dois conjuntos estilísticos em relação diacrônica pode decorrer parcial ou inteiramente do fato dos autores do segundo conjunto terem observado os grafismos anteriores. As semelhanças e as diferenças, bem como as atitudes do conjunto estilístico mais recente em relação ao mais antigo, enfim, as relações que se observariam se dariam nesse caso apenas através das paredes[9]. Pode não haver afinidade cultural ou relação histórica direta entre os dois grupos de autores. A relação, na forma de imitação de temas ou de elementos estilísticos, de sobreposições, justaposições, retoques, repinturas e apagamentos por intensa sobreposição, pode ter-se dado através da observação de significantes, sem que houvesse, por parte dos autores mais recentes, qualquer acesso aos significados originais daqueles signos.

CRONO-ESTILÍSTICA PARA QUÊ?

Diante de conjuntos de sítios com pinturas sobrepostas, podemos estar lidando com um registro arqueológico que é um palimpsesto de recursivas e distintas ocupações. Havendo a possibilidade de distingui-las, essa distinção é tão necessária quanto a distinção do resultado de diferentes ocupações nas outras formas de registro arqueológico.

Pessis salienta que

> não existem (...) elementos que permitam partir do implícito que as pinturas foram feitas em um mesmo momento. (...) Prescindir de uma diferenciação cronológica leva a conclusões de utilidade muito limitada ao nível [*sic*] de pesquisa científica (PESSIS, 1992: 40).

Para segregar as pinturas cronologicamente são necessários a observação e o registro sistemático das sobreposições e de outros elementos que possam informar sobre cronologia, como

[9] Exemplos dessas relações podem ser encontrados em Isnardis (2004) e em Isnardis, Linke & Prous (2008).

pátinas, descamamentos e outras alterações do suporte. Se o trabalho se limitasse a isso, o resultado seria uma lista intratável de relações entre figuras. A construção só ganha consistência e praticidade analítica se aos elementos referidos se articular um agrupamento das figuras conforme a temática e características estilísticas.

Um primeira utilidade, portanto, de se construir conjuntos crono-estilísticos é tentar distinguir o que podem ser ocupações cronologicamente distintas dos painéis, o que evitaria que outras análises, da organização espacial ou das relações entre as figuras, em busca de uma estruturação lógica do painel ou do sítio, por exemplo, tomassem como um conjunto homogêneo o que não é uma só estrutura arqueológica, mas estruturas arqueológicas sobrepostas.

A análise crono-estilística pode se prestar também a permitir discussões sobre como os conjuntos estilísticos se inter-relacionam, no tempo e no espaço.

A elaboração de quadros estilísticos é, evidentemente, uma classificação, etapa componente dos trabalhos arqueológicos nas mais diferentes linhas. O que pretendo dela é que o resultado seja não um armário com gavetas rotuladas, onde os grafismos de uma região venham a se deitar para sempre, mas um esquema que permita que outras regiões sejam examinadas comparativamente, não para que as gavetas possam ficar mais recheadas, mas para que estejamos sempre refletindo sobre as semelhanças e diferenças, numa renovada tentativa de entender como a variabilidade pode se articular a hipóteses sobre territórios culturais, sobre mudanças e permanências e sobre influências culturais.

Análises crono-estilísticas dentro de uma mesma região têm permitido discutir mudanças e permanências dentro da expressão gráfica, através de exames mais cuidadosos das relações estabelecidas diacronicamente, além da simples identificação das sobreposições. Buscando elementos sobre como se dão associações entre temas de momentos diferentes, sobre intervenções em grafismos precedentes e sobre a distribuição de um conjunto em relação àqueles que o antecederam nas paredes, as pesquisas têm sido capazes de caracterizar atitudes típicas de determinados conjuntos estilísticos e, a partir dessas atitudes, incorporar outros elementos na caracterização dos conjuntos, ampliando a noção de estilo para atributos não só gráficos e temáticos, mas também comportamentais (ISNARDIS, 2004; RIBEIRO, 2006). Tem-se também conseguido reunir elementos que dão maior fluidez e sofisticação aos limites dos conjuntos, levando a um constante questionamento e à consciência cada vez mais clara de seu caráter instrumental e provisório (PROUS, 1999; ISNARDIS, 2004; RIBEIRO, 2006; LINKE, 2008). As análises

crono-estilísticas têm também apontado para influências de diferentes ordens entre os conjuntos, como a incorporação de novos elementos por influência de grafismos precedentes, transformações de ênfase temática com continuidade de atributos gráficos ou o exercício de variantes estilísticas sutis sobre um repertório básico de temas e atributos gráficos (ISNARDIS, 2004; ISNARDIS, LINKE & PROUS, 2008).

Na medida em que se pode ter uma maior riqueza de aspectos que se percebe variarem em articulação com aspectos que se percebe serem duradouros no decorrer da sucessão de estilos num sítio ou, principalmente, numa região, tem-se mais elementos para investigar os possíveis significados da variabilidade no interior dos repertórios gráficos tomados por objeto.

Tomando a noção de que os grafismos correspondem ou se relacionam estreitamente com repertórios culturais, pode-se explorar a possibilidade das diferenças entre conjuntos gráficos corresponderem a momentos em que diferentes populações ocuparam os suportes rochosos, legando-nos um registro arqueológico com informações de diacronia compatíveis com esse fato. Pode-se também explorar a possibilidade da diversidade entre conjuntos não ser cronologicamente distinguível em nível regional, levando a considerar uma ocupação contemporânea dos dois conjuntos gráficos, o que poderia significar dois grupos humanos – autores de cada um deles – coabitando uma região ou a realização dos dois conjuntos sendo implementada por indivíduos ou grupos internos a uma mesma comunidade.

A partir daí, à medida que se analisam elementos mais diversificados para cada um dos conjuntos, é possível investir no estudo das relações que esses estabelecem uns com os outros nos suportes, dentro de cada sítio, e na região analisada como um todo. Com tal corpo de análises, pode-se avançar na discussão de continuidade, mudança, influências, transformações. As unidades classificatórias usadas passam, desse modo, de classes herméticas a conjuntos que se conectam uns aos outros, estabelecendo uma cadeia de interações nos suportes e na região em análise. Talvez desta forma o estudo dos registros gráficos ultrapasse a taxonomia, aproximando-se de discussões que hoje se fazem a respeito de outras dimensões do registro arqueológico, como, por exemplo, a indústria cerâmica, cujas fases e tradições são vistas não como mera expressão de uma sucessão de populações ou modas, mas como uma variabilidade que pode expressar dinâmicas sociais internas a uma mesma sociedade, interações entre sociedades (que não a simples sucessão por invasão e supressão das expressões culturais anteriores), mudanças culturais dentro de um escopo geral de

continuidade [veja, a propósito de novas perspectivas sobre as classificações das indústrias cerâmicas e o novo uso dessas classificações, Machado (2005) e Schaan (2005)].

Questionar a respeito do significado da variabilidade dos conjuntos gráficos rupestres é algo que precisa ser feito de forma mais sistemática, ampliando as discussões a respeito, em lugar de somente perceber a variabilidade e propor-lhe classificações.

Os conjuntos estilísticos nesta pesquisa estão sendo construídos através de seis grupos de elementos. Em primeiro lugar vêm os atributos gráficos, que incluem dimensões, formas de preenchimento, grau de detalhamento anatômico, composição dos traços, gestos de execução, proporções, demarcação dos volumes dos corpos, cores – esse grupo de atributos permite comparar figuras dentro de um mesmo painel, figuras em diferentes painéis e figuras em diferentes sítios. Em segundo lugar vem a temática, ou seja, o elenco de temas grafados – aqui podem ser feitas comparações intra-sítio e inter-sítio. A seguir vêm as características da tinta, como cor e textura – aqui se fazem comparações sobretudo intra-painel, freqüentemente comparações intra-sítio e, mais raramente, inter-sítios. Junto a estes vêm outros elementos técnicos, como espessura do traço, indicações de uso de pincel, de dedo ou de pigmento seco – estes elementos permitem sem grandes dificuldades comparações até a escala inter-sítios. Acompanhando as observações da tinta e da técnica, vêm a observação dos graus de pátina e de outras alterações do suporte, como descamação, exudação e precipitação de minerais, que dificilmente supera a escala do painel. As relações de sobreposição entre as figuras são o elemento que complementa o delineamento de conjuntos, dando algumas das indicações mais diretas de cronologia relativa.

Nenhuma dessas categorias é em si suficiente para a definição de conjuntos e todos esses elementos são considerados na formulação de qualquer conjunto. A organização espacial também é considerada, embora ela não esteja entre os critérios sempre observados, em geral sendo percebida secundariamente. As relações de sobreposição tendem a se desdobrar numa outra categoria um tanto mais complexa que é a colocação da figura em relação às figuras precedentes; em alguns casos observa-se uma atitude típica de um conjunto em relação àquilo que já estava pintado na parede, atitude essa que passa a integrar os elementos de reconhecimento – é este em geral o caso: um reconhecimento do conjunto, definido a partir das outras categorias. Ainda uma última categoria complementa as análises, embora também seja geralmente empregada como elemento mais de reconhecimento que de definição dos conjuntos: os suportes ocupados no interior dos sítios. Com um suficiente acúmulo de casos analisados, esta categoria, agregada à organização

espacial pode conduzir ao reconhecimento de padrões de estruturação do espaço gráfico no interior dos sítios.

As relações recorrentes desses diferentes aspectos permitem o delineamento de conjuntos no interior de cada sítio, para que, em seguida se construam, comparando-se os diferentes sítios, conjuntos regionais.

Os conjuntos estilísticos que são aqui propostos e aqueles que são aqui utilizados a partir da definição que lhes deram outros autores são encarados como instrumentos analíticos, como construções mentais dos pesquisadores para lidar com a diversidade que se apresenta. Nenhum desses conjuntos pretende corresponder às categorias de seus autores, como bem coloca Prous (1999). Como ferramentas de análise que são, estão sendo encaradas como construções provisórias, sempre testadas e modificadas, para serem empregadas na tentativa de entender suas lógicas estruturantes, as escolhas de seus autores – quanto ao que pintar, como pintar e onde pintar – e suas relações com grafismos de regiões vizinhas, assim como as mudanças nessas três dimensões ao longo dos momentos de ocupação dos suportes nos sítios e na região em questão.

PINTURAS EM CONTEXTO. PINTURAS RUPESTRES E OCUPAÇÕES RECENTES: DOIS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

O possível distanciamento dos grafismos rupestres da base material de sobrevivência, da economia, traz uma maior dificuldade para analisar os sítios como um sistema, pois dificulta a aplicação dos modelos de interpretação da funcionalidade dos sítios, de seu papel dentro de sistemas, uma vez que esses modelos têm por meio e objetivo os sistemas sócio-econômicos, em especial os sistemas de assentamento e uso do espaço numa perspectiva de estratégias de sobrevivência. Por outro lado, os modelos e as análises que se concentram em outros aspectos, que não os econômicos, são baseados na informação etnográfica, portanto, há uma hermenêutica possível, para lidar com os lugares, sistemas de lugares, artefatos e sistemas de artefatos (STEWART, KEITH & SCOTTIE, 2004; ZEDEÑO, 1997; FLOOD, 2004)

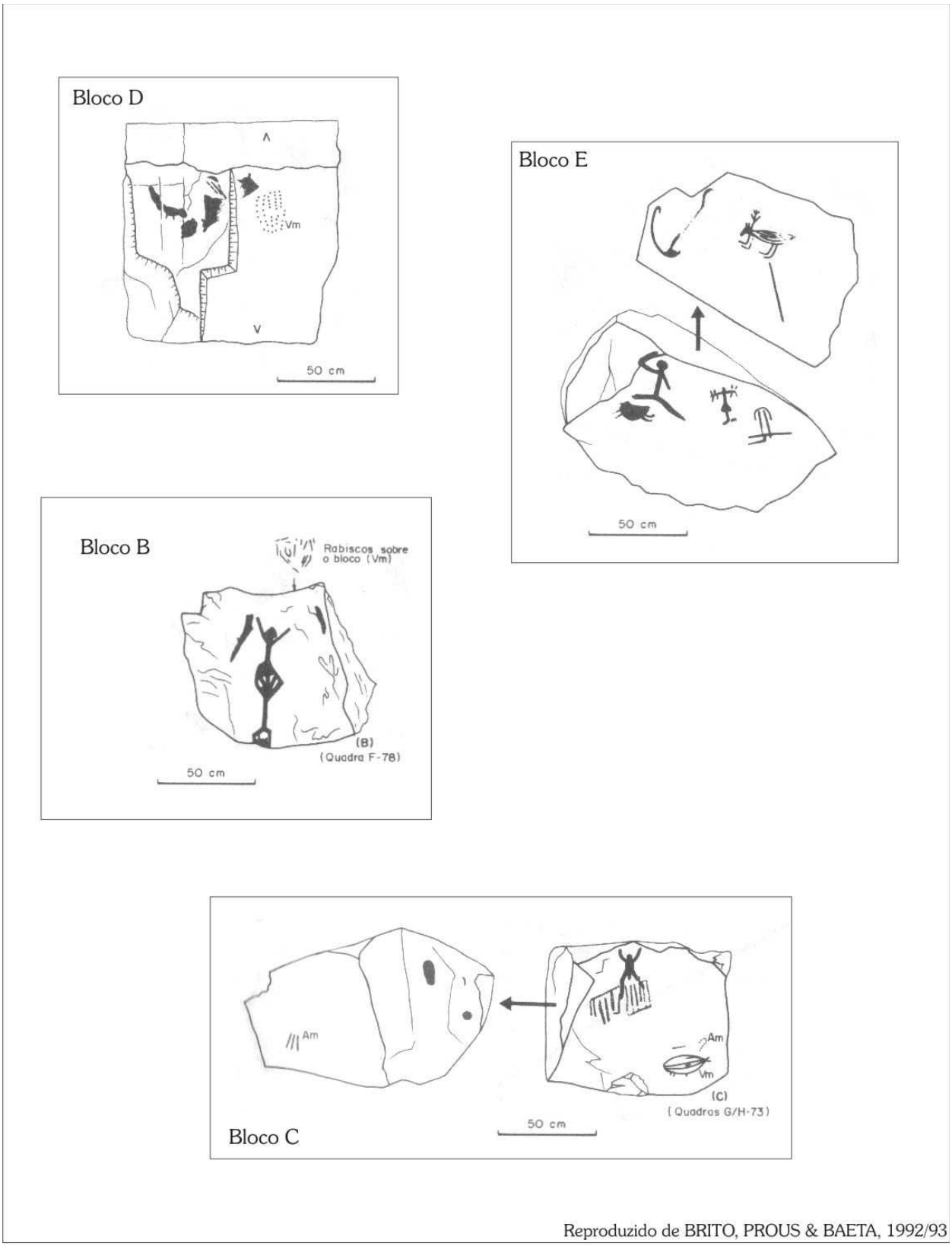
Os estudos que não contam com tais referências empreendem análises que Chippindale e Nash (2004) chamam de *formais* (*formal methods*, em oposição aos *informed methods*, aqueles etnográfica ou historicamente "informados"), enfrentando desafios nada desprezíveis. Relacionar as

pinturas ao restante do registro arqueológico é clamor geral. Como procurei discutir num outro momento (ISNARDIS, 2004), o desejo ou a percepção da necessidade de articulação dos grafismos rupestres a contextos que envolvam outras categorias de vestígios não deve conduzir ao estabelecimento de conexões onde elas não sejam efetivamente sustentáveis. Para o caso das pinturas rupestres da região de Diamantina, o segundo objeto central desta pesquisa, estão disponíveis alguns elementos que merecem ser explorados cuidadosamente.

Conforme já dito, as pinturas rupestres da região apresentam diversidade e informações coerentes de sobreposições que nos fazem crer numa sucessão diacrônica de estilos dentro do espectro do que se define como Tradição Planalto. Também em relações diacrônicas que nos parecem coerentes em diversos sítios, temos outros conjuntos temáticos e estilísticos que relacionamos a outras unidades estilísticas, como o Complexo Montalvânia, a Tradição Agreste e a Tradição Nordeste. No capítulo quarto deste texto a problemática referente à definição e reconhecimento dessas unidades estilísticas será discutida. Vou utilizá-las aqui, antes de discuti-las devidamente, para levantar hipóteses a respeito de suas relações com os horizontes de ocupação da região, o que abre perspectivas analíticas para esta pesquisa que devem ficar claras desde já.

No Grande Abrigo de Santana do Riacho, uma combinação admirável de ocorrências permitiu que se estabelecessem datas absolutas mínimas e máximas para alguns grafismos realizados sobre blocos caídos e sobre o paredão do abrigo.

As figuras dos blocos datados estão reproduzidas na Prancha 10 (na página seguinte), com as designações dadas aos blocos pelos autores (PROUS & BAETA, 1992/93). As figuras do bloco C correspondem àquilo que, no contexto do sítio e da região, seriam figuras atribuíveis, em termos de temática e características estilísticas, à Tradição Planalto. Para esse bloco, a data obtida foi de 4.340 BP, data do nível estratigráfico sobre o qual o bloco, já pintado, caiu; portanto, data mínima para as pinturas do bloco. A face do bloco C que ficou exposta após sua queda recebeu grafismos nada característicos, que foram recobertos por uma camada sedimentar datada de 3.990 BP. Um segundo bloco, D, caiu sobre uma fogueira da mesma data; as pinturas nele realizadas, um cervídeo, geométricos e vestígios de outras figuras, são anteriores à queda, como testemunham restos das figuras ainda visíveis no paredão – ou seja, a linha dos 4.000 BP é uma data mínima. Na cicatriz que o bloco D deixou, portanto uma superfície que não foi exposta antes de 4000 BP, foram



Prancha 10 - Blocos com pinturas rupestres datadas de Santana do Riacho

realizadas figuras também atribuíveis à Tradição Planalto, correspondentes, inclusive, àquele que é um dos conjuntos identificados como mais recentes do sítio (op. cit: 244)[10]. Ou seja, desde algum momento antes (não sabemos quanto) de 4.350 BP até 3.990 BP, a Tradição Planalto esteve seguramente em prática na Serra do Cipó, no Grande Abrigo de Santana do Riacho.

Os blocos B (quadra F 78) e E (quadra D 77) apresentam pinturas às quais se pode atribuir uma data máxima de 2.000 anos, pois foram realizadas num bloco caído sobre um nível com essa data. As pinturas ocupam as faces dos blocos que se desprenderam da parede (op. cit.: 241). Numa das faces de E há um cervídeo Planalto, semelhante àqueles que ocupam mais tardiamente os suportes em Santana; na outra face, os grafismos não se assemelham às figuras Planalto, aproximando-se das figuras do Complexo Montalvânia. O bloco B apresenta grafismos antropomorfos "relativamente naturalistas no contexto de Santana" (op. cit.: 241), mas de atribuição difícil. Isso significaria uma colocação das manifestações tardias Planalto e das manifestações Montalvânia, no sítio, nos últimos dois milênios.

A área de pesquisa em Diamantina dista não mais de 150 km da Serra do Cipó, com a qual compartilha a presença da Tradição Planalto, com alguns estilos que se aproximam daqueles que se pode ver em Santana do Riacho e outros que se distanciam deles. Também a presença do Complexo Montalvânia é partilhada por esses dois trechos do Planalto Meridional do Espinhaço. Contudo, as datas de Santana do Riacho não podem ser simplesmente projetadas para Diamantina, uma discussão é necessária.

É perfeitamente possível que a Tradição Planalto tenha se manifestado primeiro numa das áreas para só depois expandir-se até a outra, sem que tenhamos qualquer elemento para sequer formular uma hipótese a respeito de qual das duas áreas guardaria as pinturas mais antigas. Não temos, igualmente, como refutar uma estrita contemporaneidade do desenvolvimento das manifestações da Tradição Planalto nas duas áreas. Dada a distância, é perfeitamente razoável imaginar que as duas regiões e o espaço que as separa fossem ocupadas por agrupamentos humanos

[10] Esse conjunto, de um amarelo intenso empregado na composição de figuras chapadas, pode ser observado no abrigo próximo à localidade de lapinha (município de Santana do Riacho), onde também está entre os grafismos Planalto mais recentes.

muito próximos culturalmente ou que mantivessem entre si relações com uma expressiva freqüência[11].

Mesmo para Santana do Riacho, a data de 4.340 BP é uma data mínima, o que quer dizer que a tradição poderia vir se desenvolvendo já havia algum tempo. As figuras pintadas no bloco C, não são suficientemente típicas de um estilo Planalto que possa ser identificado como mais antigo ou mais recente no contexto do sítio. A cronologia relativa estabelecida para o sítio é, a propósito, pouco desenvolvida; conforme os autores, houve dificuldades insolutas de sistematizar seqüências crono-estilísticas (op. cit.: 245). Mas o cervídeo do bloco E parece corresponder, em termos de estilo, a outros zoomorfos de Santana sobre os quais há informações de cronologia relativa, que os colocam como tardios. Assim, temos uma provável extensão da Tradição Planalto desde 4.350 BP até 2.000 BP, com possíveis margens de ampliação das datas para ambas as extremidades da faixa. Em algum momento a partir de 2.000 BP, pinturas associáveis ao Complexo Montalvânia começam a ser praticadas no sítio.

Como a distância entre as duas regiões não é muito grande, é pelo menos razoável supor que, se fenômenos semelhantes têm lugar em ambas, o desenvolvimento desses fenômenos não se tenha dado com lapsos de tempo muito dilatados. Parece pouco provável, por uma questão de bom senso e não mais, que grafismos semelhantes tenham se feito presentes em Diamantina e só 2.000 ou 3.000 anos depois tenham surgido nas paredes rochosas da Serra do Cipó, ou vice-versa. Uma questão pode nos ajudar aqui. Nas duas regiões a tradição tem desenvolvimentos de diferentes estilos ao longo do tempo, mesmo que em Santana esses estilos não estejam organizados cronologicamente de forma clara. O conjunto que em Diamantina tem sido designado por nós como *Quinto Momento* encontra uma correspondência clara com um conjunto de Santana do Riacho, que também ali parece ser tardio. Este pode ser um elemento a favor da idéia de que a tradição viveu desenvolvimentos paralelos, em alguma medida simultâneos, nas duas regiões, de modo que em seu final veja-se uma expressão gráfica bastante semelhante em ambas. Esse conjunto gráfico pode ser uma variação que surgiu numa porção da Serra e depois foi transmitida à outra ou a demonstração de que, ao menos nesse momento tardio, nos dois trechos da Serra em questão aqui, uma forma de

---

[11] Para que se tenha uma idéia do que um território desse tamanho, cerca de 200 km de extensão, representaria no contexto etnográfico, essa é, por exemplo, a extensão do eixo do que Fausto (2001: 65) identifica como sendo, nos meados do séculos XX os territórios (ou "silvitórios") dos Parakanã e dos Asurini do Tocantins. A atual TI Munduruku tem uma extensão aproximada, certamente menor que o território tradicional dessa etnia, de mais de 150 km (ISA. Mapa das Terras Indígenas. 2007)

expressão muitíssimo parecida era realizada pelas pessoas que viviam ao longo de todo esse território.

Há menos de dois mil anos figuras do Complexo Montalvânia eram realizadas em Santana do Riacho. Nesse mesmo abrigo, assim como em sítios vizinhos[12], há grafismos bastante típicos da Tradição Agreste, bem como figuras atribuídas à Tradição Nordeste. Relações entre Agreste, Montalvânia e Nordeste não foram estabelecidas em Santana ou em qualquer outro sítio da Serra do Cipó e do Planalto de Lagoa Santa. Todas as três unidades, porém, são posteriores às figuras Planalto (PROUS, 1992/93: 385; PROUS, BAETA & RUBIOLLI, 2003, PROUS, 1992; PROUS & JUNQUEIRA, 1995).

Em Diamantina, os grafismos do Complexo Montalvânia sucedem os grafismos Planalto, assim como também o fazem as figuras da Tradição Agreste, não havendo qualquer informação segura, por enquanto, a respeito de uma relação cronológica entre as pinturas Agreste e as Montalvânia, nem nenhuma informação sobre relação cronológica da Tradição Nordeste com qualquer outra unidade estilística. Com as mesmas ponderações feitas a propósito da Tradição Planalto, podemos estender a data de 2000 anos referente ao Complexo Montalvânia para Diamantina. A Serra do Cipó e Diamantina devem ter recebido os grafismos Montalvânia, Agreste e Nordeste que hoje em seus sítios encontramos, nos últimos dois milênios ou menos. Existe, portanto, uma possibilidade concreta de que alguns dos grafismos pós-Planalto correspondam ao horizonte das ocupações tardias, cujo sistema de assentamento é também objeto desta tese.

De forma geral, portanto, esta pesquisa se constrói na investigação de dois horizontes cronológicos, em busca de caracterizar seus sistemas de ocupação e construção da paisagem. O primeiro, que se pode estender pelo Holoceno médio e médio-recente, corresponde àquele no qual as pinturas Planalto ocuparam os abrigos da Serra. O segundo, que corresponde aos dois últimos milênios ou aos 1700 anos antes da ocupação colonial, representado pelos materiais de superfície dos abrigos, pelos níveis superiores da Lapa do Caboclo e, possivelmente, por alguns ou todos os conjuntos gráficos posteriores à Tradição Planalto.

[12] Sítios cujos grafismos foram parcial ou integralmente reproduzidos pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira, até os anos 1970, e pelo Setor de Arqueologia da UFMG (PROUS, BAETA & RUBIOLLI, 2003).

CAPÍTULO SEGUNDO

MUITO MAIS QUE UM CENÁRIO: os elementos naturais da paisagem na região de Diamantina

DIAMANTINA, DIAMANTES, SERRAS

No século XVIII, num pequenino afluente de terceira ordem do Rio Jequitinhonha, o córrego do Tejuco, descobriu-se o diamante. Bastaram alguns anos para que a Coroa Portuguesa transformasse o entorno do que hoje é Diamantina numa unidade administrativa especial, sob seu controle direto. Ali, a exploração do diamante era direito exclusivo da Monarquia Portuguesa, que estabeleceu um sistema de concessão desse privilégio. Demarcou-se o Distrito Diamantino, palco de uma sofisticada rede de bandos e contrabandos, ordem rígida e ordem burlada, autoridades coloniais, comerciantes e escravos de África, altares dourados e mãos calejadas da bateia. Desenvolveu-se naquelas serras um capítulo precioso de nossa história colonial, cujo fascínio continua a atrair amadores e historiadores de Minas e de outras terras.

A área de pesquisa deste projeto se insere dentro dos limites que no século XVIII se traçaram para o Distrito, embora se interesse pelas sociedades humanas que o antecederam. A região aqui pesquisada distribui-se no entorno da cidade de Diamantina, transpondo as atuais fronteiras de seu município e avançando pelos municípios do Serro, Datas e Gouveia. Tal região se enquadra no que Saadi (1995) denomina *Planalto Meridional do Espinhaço*, que se estende, de Sul para Norte, desde a Serra do Cipó até a área deprimida que passa por Couto de Magalhães, logo a Norte de Diamantina.

As terras que correspondiam ao antigo Distrito Diamantino guardam certa unidade paisagística, marcada pelas feições espetaculares da Serra do Espinhaço, com seus afloramentos monumentais de quartzito, seus incontáveis córregos e cachoeiras, seus campos floridos e suas rochas entremeadas de espécies exuberantes. Dessas terras vertem águas que seguem rumo ao Jequitinhonha, ao São Francisco e ao Doce, três bacias que têm no Espinhaço seu divisor e um aqüífero precioso.

GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA DA REGIÃO DE PESQUISA

A Serra do Espinhaço tem sua origem no Proterozóico, onde grandes depósitos de areia foram depositados num grande *rift* abortado, para a seguir serem comprimidos, metamorfizados e empurrados para oeste. Segundo Abreu (1995), o rifteamento teve lugar no Paleoproterozóico, quando a ampla deposição de sedimentos se deu. No Mesoproterozóico, a bacia foi fechada, com esforços compressivos a partir de leste. Ainda no Mesoproterozóico, a região viveu um período de estabilidade tectônica, para, em seguida, no Neoproterozóico, viver um novo evento de distenção, quando o vizinho cráton do São Francisco subside. Ainda no Neoproterozóico, um novo grande movimento de placas empurra o Espinhaço de oeste para leste, fazendo-o cavalgar sobre os grupos Bambuí e Macaúbas – definindo assim a morfologia geral atual de frentes de empurrão, com camadas mergulhadas de oeste para leste Assim geraram-se as rochas meta-sedimentares que hoje dominam toda a cadeia do Espinhaço. No centro da Serra, dentro dos limites da área desta pesquisa, encontra-se a depressão de Gouveia, onde as rochas do embasamento Arqueano, granito-gnáissicas, se elevam, formando uma Janela Estrutural (VALADÃO & SAADI, 1992), com desenvolvimento de terrenos mais ricos quimicamente que aqueles que são produto da erosão dos quartzitos.

Segundo Fogaça (1997), a área de pesquisa é ocupada, majoritariamente, por terras e serras do Supergrupo Espinhaço, estando também presentes formações do Supergrupo Paraúna e do Complexo de Gouveia. O supergrupo Paraúna, francamente minoritário na área de pesquisa, é formado de rochas meta-vulcânicas, com presença de expressivos pacotes de xistos, quartzitos micáceos e metaconglomerados.

Os grandes depósitos sedimentares metaformifazos geraram formações geológicas diversas, resultado dos diferentes ambientes deposicionais e das diferentes composições de estratos litológicos envolvidos, sob ação dos diferentes momentos de movimentos tectônicos (DUSSIN & DUSSIN, 1995). Assim, têm-se oito formações geológicas dentro do Supergrupo Espinhaço, sendo três, dentre as superiores, as mais expressivas na área aqui em questão: a Formação São João da Chapada, a Formação Sopa-Brumadinho e a Formação Galho do Miguel. Nas três formações, o quartzito é a rocha amplamente dominante. Na Formação Sopa Brumadinho se encontra o conglomerado diamantífero, que

moveu a ocupação colonial da região e foi central em sua economia até o século XX, não tendo ainda perdido toda sua importância. A Formação Galho do Miguel apresenta os quartzitos mais intensamente metaformizados, os mais recristalizados, com alta pureza em sílica. Dessa formação são os mais monumentais afloramentos rochosos e as paredes e blocos de granulometria mais fina.

Segundo Saadi (1995), o Planalto Meridional do Espinhaço é um conjunto de terras elevadas, com altimetrias com freqüência superiores a 1000 m, onde a esculturação do relevo é fortemente marcada por cisalhamentos e fraturas. Nessa esculturação um papel de destaque é representado pela água, que esculpe vales encaixados e cânions, com numerosas cachoeiras que saltam por sobre os degraus das camadas quartzíticas. Na região de Diamantina, assim como em outras áreas do Planalto Meridional, há a formação de superfícies de aplainamento, com a distinção de morros residuais, descritos como *inselbergs* ou *monadnocks*, conforme as diferentes interpretações do processo (SAADI, 1995).

Os processos de formação em camadas dos quartzitos – que exibem feições exuberantes na região, com dobras espetaculares e estratigrafias cruzadas complexas -, a tectônica envolvida e os processos erosivos dos pacotes quartzíticos geraram afloramentos rochosos muito freqüentes, entremeados de áreas planas e vales de morfologia variada. Os afloramentos são intensamente recortados, com as fraturas e cisalhamentos já referidos, o que disponibiliza uma enorme quantidade de abrigos naturais. Esses abrigos são em sua grande maioria pequenos, mas há abrigos amplos, em especial abrigos extensos. As frentes de empurrão produzidas no Neoproterozóico são responsáveis por um sem número de paredes inclinadas, que oferecem abaixo de si áreas abrigadas, de dimensões diversas. Grandes fraturas e desmoronamentos liberaram blocos que também oferecem abrigos, geralmente pequenos, e grandes paredes fendidas. Os imensos afloramentos inclinados para Oeste fornecem os abrigos mais longos, no sopé de suas grandes paredes. Abrigos de dimensões significativas também podem ser encontrados em áreas de fraturas em meio aos acamamentos dos maciços.

Os quartzitos, em especial os da Formação Galho do Miguel, que responde pela maior parte da área pesquisada, em função de seu metamorfismo intenso, apresentam-se aptos ao lascamento, podendo ser encontrados em variedades de granulometria bastante

fina e em blocos ou paredes muito homogêneas. Não é nada difícil obter quartzitos de boa resposta para o lascamento, o que se pode ver por algumas das peças arqueológicas por nós recuperadas, onde lascamentos de acentuada delicadeza foram produzidos. O quartzo, com a extrema abundância de sílica na região, pode ser encontrado em filões em meio ao quartzito – o que se pode observar na parede da própria Lapa do Caboclo – ou em meio aos numerosos depósitos de areia. Ainda hoje a extração de cristais é elemento importante da economia regional, tanto para usos industriais, quanto para fins decorativos – emprego da rocha que tem crescido muito nos últimos anos. Até recentemente o quartzo era extraído em grande abundância, podendo ser facilmente encontrado com elevado grau de pureza e cristalização muito regular. Grandes cristais hialinos de dezenas de quilos são ocorrência comum na experiência de todos os garimpeiros de cristal da região. Vendo-se a abundância de cristais muito hialinos em tempos históricos, pode-se ter clareza da ampla disponibilidade encontrada pelas populações humanas na pré-história. As coleções reunidas nas coletas de superfície, escavações e sondagens testemunham a disponibilidade do quartzo de aparência vítrea. Nas muitas centenas de peças recolhidas na pequena intervenção no Garimpo do Turco ou nos três metros quadrados escavados na Lapa do Boi são pouco numerosas as peças que não se podem descrever como hialinas.

Intrusões de rochas metabásicas desenham linhas em meio aos quartzitos Galho do Miguel, São João da Chapada e Sopa-Brumadinho. Esses diques de metabásicas são responsáveis pela ocorrência de feições fitofisionômicas de porte arbóreo, oferecendo-lhes solos mais ricos, conforme se desenvolve a diante.

Vista do trecho que vai do Pico do Galheiro de Cima até a Serra da Tromba D'Anta

Maciço quartzítico da Formação Galho do Miguel, onde se localiza a Lapa de Moisés

Grande maciço em que se encontra a Lapa do Boi

Pequeno vale encaixado, diante da Lapa do Voador

Vista dos morros residusais da Serra do Pasmar

Prancha 11 - Feições da Serra do Espinhaço na região de Diamantina

PLANTAS ENTRE PEDRAS, BICHOS ENTRE AS PLANTAS

A vegetação do Distrito Diamantino é de uma exuberância renomada. Algumas de suas espécies de flores campestres, que não murcham ao morrerem, chamadas *sempre-vivas*, hoje circulam pelo Brasil, para servirem à decoração das casas e escritórios da cidade, mesmo destino de alguns de seus liquens. Tais vegetais e liquens são coletados nos campos pelos moradores, de forma estritamente artesanal, numa atividade de vital importância para a sobrevivência de diversas comunidades fora das áreas urbanas da região. Para além do interesse decorativo, a flora da região é de grande interesse para a Botânica e a Ecologia, em função das espécies endêmicas do Espinhaço e dos fenômenos adaptativos que as espécies desenvolveram para colonizarem solos extremamente arenosos, litólitos e a própria rocha nua (RIBEIRO & WALTER, 1998). Ao visitante, a flora oferece uma surpreendente beleza, em meio a condições aparentemente desfavoráveis, com inúmeras flores surgindo nos amplos campos de gramíneas, por entre as rochas e mesmo encima delas.

A região em que se insere a área de pesquisa é inteiramente dominada pelo Bioma Cerrado. Diversas feições fitofisionômicas desse bioma se manifestam ali, com dominância das feições herbáceas, herbáceo-arbustivas e arbustivas: o campo rupestre (talvez a mais típica dentre as feições, associada aos afloramentos rochosos), o campo limpo, o cerrado *stricto sensu*, o campo sujo (RIBEIRO & WALTER, 1998). É uma combinação da litologia, dos solos e da disponibilidade hídrica que determina qual dentre as variantes de Cerrado se desenvolve em cada ponto, havendo inclusive trechos em que formações florestais do cerrado, nos termos de Ribeiro e Walter, se desenvolvem, como o cerradão, em geral correspondentes aos diques de rochas metabásicas. O resultado geral é um mosaico de formações vegetais (LINKE et al., 2006), sendo possível encontrar, num raio de poucos quilômetros, muitas ou mesmo todas as feições do Cerrado da região, com o campo rupestre e o campo limpo como as peças mais freqüentes do mosaico (veja Prancha 12, na página seguinte).

Vegetação típica de campo rupestre, entorno do pequeno abrigo Lapa da Ciranda

Amplo campo próximo à Serra do Galheiro

Em primeiro plano o campo, ao fundo, junto ao afloramento, o campo rupestre (diante do sítio Lapa das Varas)

Área de cerrado stricto sensu, no vale do córrego da Capivara

Prancha 12 - Aspectos fitofisionômicos na região de Diamantina

Há uma produção científica expressiva sobre o Cerrado, que aponta para uma grande variedade de vegetais e possibilidades alimentares (ALMEIDA et al., 1998; BARBOSA, 2002; SANO & ALMEIDA, 1998), em suas diferentes feições, embora essa produção não tenha como foco principal as feições de campo rupestre e campo limpo. Uma produção recente sobre usos tradicionais das espécies do Cerrado vem-se desenvolvendo bastante (PIUZANA et al., 2006). Essa diversidade de recursos do Cerrado seria obtida em Diamantina sem grandes dificuldades, sobretudo nas áreas com maior desenvolvimento das variantes arbustivas e arbóreo-arbustivas do Bioma. Uma avaliação precipitada poderia enxergar uma aridez e pobreza regional, mas essa impressão parece ser equivocada, em função da própria diversidade das formações. Outro elemento que deve ser destacado é a presença de campos alagadiços, com desenvolvimento de espécies peculiares, que podem oferecer recursos outros.

Parece ter havido, a partir da memória oral e de alguns relatos escritos, uma abundância faunística de herbívoros de maior porte, como cervídeos, antas, capivaras e porcos do mato, além de animais de menor porte, como roedores (mocós, rabudos), marsupiais e animais da ordem dos *Xenarthra*[1] (tatus e tamanduás). A toponímia tradicional é fortemente marcada pelos nomes dos animais. A escassez de avistamentos de animais atualmente parece ser resultado de um grande impacto da caça sobre essas populações de mamíferos. Já no século XVIII, os efeitos da devastação eram percebidos e criticados, como se pode ver no precioso relato de José Vieira Couto (FURTADO, 1994). As aves, como em outras regiões em que o Bioma Cerrado domina, são abundantes e diversificadas, mesmo ainda hoje, incluindo muitos pássaros e espécies terrícolas como perdizes e codornas. Embora a caça seja ainda hoje praticada em pequena escala pelas populações rurais, as presas parecem ser mais freqüentemente os roedores de hábitos rupestres, como o mocó (*Kerodon rupestris*). Há relatos, pouco freqüentes, de avistamento de herbívoros de maior porte (como os veados campeiros) e de grandes predadores, como o lobo-guará (*Chrisocyon brachiurus*) e a suçuarana (*Felis concolor*) Não posso, a partir do conhecimento de que disponho atualmente, nem mesmo de forma aproximada, avaliar qual era a real oferta de caça para populações pré-históricas. É possível, contudo, supor que a variedade de feições de cerrado presentes dispusesse às espécies herbívoras uma expressiva

[1] O nome *Xenarthra* substituiu a antiga designação *Edentata*.

diversidade de possibilidades alimentares. As gramíneas, dispostas em áreas por vezes quilométricas de capins nativos, talvez pudessem sustentar animais pastores em quantidade expressiva – como os cervídeos – e animais predadores de pequenos animais do campo, como as emas, seriemas e outras aves de porte expressivo.

Pensando em estratégias para obtenção de alimentos, os animais teriam à sua disposição vegetação de porte e estrutura variada, em bolsões distribuídos a pouca distância, o mesmo valendo para as populações humanas em atividade de coleta ou de caça desses animais.

ESBOÇANDO O QUADRO E DELIMITANDO OBJETOS: os horizontes de ocupação pré-histórica na região de Diamantina

Três horizontes de ocupação humana podem ser propostos para a Pré-História da região que no período colonial denominou-se Distrito Diamantino e que é aqui objeto de análise. O primeiro horizonte foi evidenciado por escavações e sondagens em dois abrigos da região e delineou-se a partir de três datações radiocarbônicas de 10560, 10380 e 10210 anos antes do presente[1]. Um segundo horizonte, sem datas absolutas diretas, corresponderia ao período de produção ao menos dos estilos antigos dos grafismos da tradição Planalto e se baseia nas datações obtidas para pinturas dessa tradição na Serra do Cipó (BAETA & PROUS, 1992/93). O terceiro horizonte corresponde àquele se define pelos materiais de superfície de diversos abrigos e por materiais e estruturas provenientes de escavações, incluindo farto material lítico, estruturas funerárias e vestígios de horticultura, para os quais duas datas radiocarbônicas foram até o momento obtidas (uma de 680 e outra de 1220 BP)[2] – vide o quadro de datações no Anexo 1.

A seguir, caracterizo brevemente os dois horizontes que puderam ser distinguidos a partir das escavações e materiais de superfícies – o da transição Pleistoceno/Holoceno e o das ocupações pré-históricas recentes -, para os quais se têm datações absolutas. Com essa caracterização breve, apresento os argumentos para a opção em tomar como objeto central desta tese o horizonte das ocupações pré-históricas dos dois últimos milênios.

O HORIZONTE DE OCUPAÇÃO HUMANA NA TRANSIÇÃO ENTRE O PLEISTOCENO E O HOLOCENO

A Lapa do Caboclo e a Lapa do Peixe Gordo, a despeito de seus pacotes sedimentares modestos, nos permitem incluir a região de Diamantina entre aquelas com

[1] Na Lapa do Caboclo: 10560 +/- 40 BP (BETA 199503) e 10380 +/- 60 BP (BETA 233764). Na Lapa do Peixe Gordo: 10210+/- 60 BP (BETA 233762), em *Coventional Radiocarbon Age*.
[2] Obtidas na Lapa do Caboclo as seguintes datações: 680 +/- 50 BP (BETA 199504) e 1220 +/- 40 BP (BETA 199502).

vestígios de ocupações humanas daquele que é o mais remoto horizonte cronológico no qual os indícios incontestes de presença humana se multiplicam pelo nosso continente. Os primeiros colonizadores dos arredores de Diamantina ali caminharam na transição entre o Pleistoceno e o Holoceno.

Nesse período, diversos sítios arqueológicos no Brasil Central (Norte de Minas, Centro e Sul de Goiás, Centro do Tocantins, Sudoeste da Bahia) parecem compartilhar de um conjunto de atributos tecnológicos em suas indústrias líticas, semelhança que levou diversos autores a empregarem o termo Tradição Itaparica (proposto inicialmente por Calderón, na Bahia, o termo definia coleções datadas na verdade de um período mais recente [CALDERÓN, 1967]).

Segundo as produções acadêmicas dos últimos anos, nesse período a população biológica que ocupava o continente americano – notadamente a América do Sul, que dispõe de uma coleção mais expressiva de esqueletos do período – era substancialmente diferente, em termos de morfologia craniana, das populações indígenas conhecidas historicamente, aproximando-se do tipo físico que Walter Neves denominada australo-melanésio (NEVES & PILÓ, 2007). O mesmo Neves, diante da profunda diferença morfológica entre os americanos pioneiros e as populações de menos de 7000 anos antes do presente, formulou a hipótese de que teria havido duas grandes levas colonizadoras da América, ambas originárias da Ásia (NEVES & PILÓ, op. cit.). A primeira teria penetrado no continente há mais de 12.000 anos e teria se dispersado amplamente, de modo que esqueletos de Minas Gerais, São Paulo, Colômbia e outros pontos no continente apresentam morfologia semelhante. A segunda leva migratória, formada por indivíduos mongolizados, teria iniciado seu caminho pela América a dentro há cerca de 7000 ou 8000 anos, posto que os esqueletos datados de menos de 7000 anos apresentam uma morfologia distinta dos pioneiros e próxima aos indígenas atuais. Assim, a partir dos dados hoje disponíveis, podemos tomar como muito provável que as primeiras pessoas que caminharam pelas vertentes da Serra do Espinhaço eram indivíduos morfologicamente afins ao tipo australo-melanésio caracterizado por Neves.

Os vestígios recuperados em Diamantina atribuíveis ao período correspondem majoritariamente a material lítico lascado e estruturas de combustão contendo vegetais carbonizados. As datações foram obtidas, todas as três, em fogueiras claramente reconhecíveis, sendo, portanto, bastante confiáveis, sem risco de serem produto de queimas acidentais fora de contexto antrópico.

Na Lapa do Caboclo as datações de 10.560 e 10.380 BP encontram-se na Camada 2, arenosa clara e muito pobre em matéria orgânica. Tal camada se fez reconhecível em três áreas escavadas no sítio: na escavação principal (no centro-sul da lapa), na quadra R-11 (no sudeste da lapa) e na quadra J-7 (no centro-leste do abrigo) – vide Prancha 13. Na Lapa do Peixe Gordo, a datação de 10.210 BP encontra-se na Camada 3, no único metro quadrado escavado, cujo sedimento também é de matriz arenosa, porém com uma presença mediana de matéria orgânica.

Prancha 13 - Croquis de planta baixa da Lapa do Caboclo

As indústrias líticas das camadas da transição Pleistoceno/Holoceno em Diamantina

Na Lapa do Caboclo e na Lapa do Peixe Gordo, o material lítico das camadas de onde provêm as datações antigas é dominado pelo quartzito, que aparece em ambos os sítios com expressiva diversidade de cores e textura. Em geral, são quartzitos muito homogêneos, que respondem bem ao lascamento. As peças indicam um trabalho de lascamento refinado. Vê-se uma forte presença de lascas de retoque de plaquetas, caracterizadas pelo perfil curvo na porção distal, com a extremidade distal da face externa exibindo a superfície natural plana da plaqueta. Vêem-se também lascas de retoque cujo suporte não é de identificação evidente, além de lascas de façonagem, tanto de plaqueta quanto de possíveis outros suportes, e mesmo lascas de adelgaçamento, com perfil curvo e porção proximal delgada, atestando a produção de artefatos refinados.

Dentre as lascas de façonagem e retoque de plaqueta, pode-se observar certa recorrência de lábios pronunciados e bulbos difusos, sugerindo fortemente o emprego de percutores macios – madeira ou osso (veja para referência o trabalho, de base experimental, de Rodet & Alonso (2004).

O quartzo foi matéria-prima secundária em ambos os abrigos, mas sua presença não é inexpressiva. Na Lapa do Peixe gordo foram recuperadas lascas de retoque, pouco numerosas e algumas pequenas lascas que podem corresponder à debitagem de pequenos cristais.

No Caboclo, o quartzo também foi trabalhado e o foi, inclusive, para a produção de artefatos bifaciais delgados. Observam-se lascas de ângulo rasante, perfil curvo, cornija preparada, talões delgados (mesmo puntiformes e lineares) que atestam um trabalho de preparação de artefatos delgados. Alguns talões apresentam, inclusive, negativos de retoque em sua superfície, demonstrando retoques bifaciais. Além de refugo, uma peça bifacial foi recuperada na escavação, na porção inferior da Camada 2: uma ponta de projétil de quartzo com pedúnculo e aletas. A peça apresenta sinais de fratura em duas de suas extremidades, que não parecem decorrer do processo de lascamento. A presença dos refugos aponta para o fato de que a Lapa foi espaço de produção, ao mesmo das fases finais, de artefatos retocados finos e de peças bifaciais – não localizamos, contudo, possíveis percutores. Veja Prancha 14, na página seguinte.

Camada 2 da Lapa do Caboclo, datada de mais de 10.000 BP.

Lascas da Camada 2 da Lapa do Caboclo, com os atributos característicos de lascas de retoque de plaquetas.

Lasca de perfil curvo da Camada 2

Ponta de projétil em quartzo proveniente da Camada 2 da Lapa do Caboclo

Prancha 14 - Elementos das ocupações da transição Pleistoceno/Holoceno.

As estruturas dos níveis antigos

As estruturas de combustão observadas na Lapa do Peixe Gordo e do Caboclo não apresentam grandes dimensões. Seus diâmetros não excedem, em nenhum caso, os 50 cm de diâmetro e a profundidade de suas fossas é estreita, com carvões não muito abundantes e de dimensões reduzidas, sem blocos rochosos associados. As dimensões dessas estruturas e a escassez de fauna associada permitem descartar a possibilidade de grandes fogueiras alimentares. Sua morfologia é afinada com aquelas que na bibliografia arqueológica brasileira são freqüentemente observadas em abrigos (PROUS, 1991; PROUS, 1992/3; SCHMITZ et al., 2004). Assim como na referida bibliografia, interpreto essas fogueiras como estruturas de combustão provavelmente destinadas a acampamento de curta duração (pernoite), sem que outras possibilidades, contudo, possam ser peremptoriamente descartadas.

Na Lapa do Caboclo, alguns aspectos referentes às fogueiras merecem destaque. Há nítidas concentrações de material lítico, predominantemente lascas de retoque, nas bordas das estruturas de combustão da Camada 2 – não em seu interior -, contrastando com uma densidade muito mais baixa em pontos afastados dessas. As estruturas parecem ter servido como lixeira, locais para onde os refugos de lascamento foram varridos – constituindo-se como *refugo secundário*, nos termos de Schiffer (1991). Na quadra N-5, havia uma sobreposição de estruturas de combustão, separadas por camada fina de sedimento *in situ*; em ambas, o lítico concentrava-se nas bordas.

Antigüidade *X* pouca profundidade: possibilidades para a radical descontinuidade

O pacote estratigráfico na área escavada da Lapa do Peixe Gordo supera timidamente vinte centímetros. Nesses vinte centímetros, diversas lentes podem ser observadas, com cerca de 3 centímetros cada uma, em média. Com uma data tão recuada e um pacote tão pouco profundo, podemos pensar numa deposição muito lenta e as diferentes lentes corresponderiam a momentos diversos de mudanças na composição dos sedimentos ao longo dos dez mil anos de ocupação. Há possibilidades razoáveis de serem obtidas datas intermediárias na finas lentes acima da camada 3.

Na Lapa do Caboclo, porém, a situação é bem distinta. Distinguimos claramente quatro camadas: uma camada superficial (Zero) sem datações; uma camada rica em matéria orgânica (onde se depositaram os sepultamentos e estruturas de depósitos de vegetais) com as datas de 680 e 1.220 BP; a camada arenosa de cor clara, sem matéria orgânica com as datas de 10.560 e 10.380 BP; uma camada inferior correspondente à

rocha base em decomposição (o chamado *regolito* ou *saprólito*), arqueologicamente estéril. As amostras de carvão que proveram as datações estão situadas nas duas fogueiras sobrepostas a que me referi acima, de modo que a data de 10.380 situa-se nos cinco centímetros superiores da Camada 2 e a data de 10.560 situa-se nos cinco centímetros inferiores. Assim, podemos afirmar que o conjunto da Camada 2 é atribuível ao horizonte de ocupações muito antigas.

Entre a Camada 2, de 10.000 BP, e a Camada 1, cuja data mais recuada é 1.220 BP, temos mais de 8.500 anos de descontinuidade. Não há lentes ou outras evidências de mudanças no sedimento ao longo da Camada 2, nem entre essa e a Camada 1. O que pode explicar, então, essa disjunção tão radical. Uma primeira hipótese seria ter havido na lapa uma deposição continuada de sedimentos ao longo dos 10.000 anos de ocupação, mas ter havido um processo erosivo responsável pela remoção das camadas do Holoceno médio. A seguir, o processo de deposição teria sido retomado e o novo sedimento recebeu os vestígios das ocupações pré-históricas tardias. Não há, porém, nenhuma evidência na morfologia da lapa e em seus sedimentos dessa fase erosiva. É bem verdade que uma análise micro-morfológica seria necessária para avaliar adequadamente essa possibilidade.

Outra hipótese, entretanto, fornece uma explicação mais econômica e arqueologicamente coerente para esse longo hiato de ocupações da lapa. Não é preciso que tenha havido um processo erosivo que tenha removido sedimentos. A lapa pode ter vivido um processo continuado de sedimentação, com depósitos homogêneos, e ter sido antrópica a formação da descontinuidade: o uso mais intenso e perturbador do solo por parte dos ocupantes do horizonte recente teria interferido numa espessura significativa do pacote, estendendo sua influência até logo acima da profundidade contendo vestígios de 10.000 BP. Assim, a Camada 1, fortemente antropizada pelos ocupantes pré-históricos recentes do sítio pode conter em si inclusos vestígios de ocupações intermediárias, tornados discretos em meio aos abundantes e vistosos vestígios recentes.

Síntese preliminar e hipóteses sobre o uso dos abrigos no horizonte de ocupações antigas

Como apenas em dois sítios foram evidenciados vestígios desse período, disponho de poucos elementos para construir uma análise que os relacione e envolva outras dimensões do registro arqueológico. Contudo, algumas considerações iniciais, que devem ser verificadas por pesquisas posteriores, podem ser colocadas aqui.

Na tabela abaixo, estão reunidos alguns atributos de destaque das camadas de ocupação humana antiga das lapas do Caboclo e do Peixe Gordo.

ATRIBUTO / SÍTIO		Caboclo	Peixe Gordo
sedimento	textura	arenoso	arenoso
	presença de matéria orgânica	muito baixa	mediana a baixa
material lítico	lascas de retoque/ façonagem em quartzo	pouco numerosas	pouco numerosas
	lascas de retoque/ façonagem em quartzito	numerosas	numerosas
	artefatos em quartzo	pouco numerosos	muito pouco numerosos
	artefatos em quartzito	ausentes	ausentes
estruturas	dimensões de fogueiras	pequenas	pequenas
	densidade	mediana	(sem avaliação)

Tabela 1- Comparação entre os níveis com ocupação antiga nas lapas do Caboclo e do Peixe Gordo

Nos dois abrigos, parte expressiva das matérias-primas lascadas parece ser alóctone. Sobretudo na Lapa do Caboclo, mas também em menor escala, na Lapa do Peixe Gordo, destacam-se elementos associados às etapas finais de produção de artefatos retocados – plano-convexos e outros – em quartzito. Ao menos na Lapa do Caboclo, o quartzo foi também trabalhado de modo refinado, como atestam as lascas de retoque e os artefatos encontrados, em especial a ponta de projétil. Assim, tais abrigos parecem se configurar como espaços de produção de artefatos retocados, mas somente das etapas finais dessa produção. Não parecem, contudo, ser lugar de uso e descarte desses artefatos, como indicam sua quase total ausência – no caso do quartzito – ou sua escassez – no caso do quartzo. Considerando-se as dimensões modestas das estruturas de combustão, em ambos os sítios, pode-se trabalhar com a hipótese desses locais terem servido de abrigo para acampamentos breves. Em especial na Lapa do Caboclo, o baixo grau de antropização aparente do sedimento, sua pobreza em matéria orgânica, depõe também em favor de um uso pouco intenso da área abrigada.

O sítio arqueológico do Garimpo do Turco, situado a céu aberto (vide Mapa 1), apresenta um nível arqueológico (único) a cerca de 60 cm de profundidade a partir do solo atual, sugerindo uma antigüidade acentuada. O sítio oferece um conjunto de

lascamento de quartzo que inclui desde núcleos até lascas de adelgaçamento e uma ponta de projétil fraturada, passando por lascas de debitagem, façonagem e retoque. Embora, a partir de uma observação preliminar, a indústria pareça compatível com o nível antigo da Lapa do Caboclo, não obtivemos nenhuma data para o Garimpo, o que impede de conectá-lo com o mínimo de segurança a qualquer outro sítio, ao menos enquanto não forem empreendidas análises tecnológicas pormenorizadas.

Deste modo, fica evidente certa restrição das possibilidades analíticas das ocupações mais antigas com os materiais agora disponíveis. A região, entretanto, apresenta um potencial interessante para a investigação de um período da pré-história brasileira que, sobretudo no Brasil Central, é rico de análises, oferecendo referências várias para a discussão do papel dos abrigos, da tecnológica lítica e dos padrões de subsistência.

O HORIZONTE DAS OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS RECENTES: A ELEIÇÃO DE UM OBJETO

Diferentemente das ocupações humanas muito antigas, que só se podem tomar como presentes em dois sítios da região de Diamantina, ocupações pré-históricas recentes têm uma presença de destaque em diversos sítios. Datações absolutas só foram obtidas na Lapa do Caboclo, mas outros abrigos foram objeto de sondagem e revelaram pacotes sedimentares, nenhum deles muito grandes, mas expressivos. As lapas do Moisés, do Boi e a Lapa Pintada de Datas possuem pacotes sedimentares superiores aos 40 centímetros de profundidade; a Lapa da Chica, do Peixe Gordo, da Bandalheira e do caminho da Serra apresentam ao menos 20 centímetros de profundidade (na Bandalheira e na Chica as escavações foram interrompidas a essa profundidade, sem evidências de rocha base ou regolito). Em todos esses abrigos, e em outros, cuja espessura razoável de sedimentos pode ser vislumbrada por processos naturais de erosão, podem ser encontrados materiais em evidência sobre os pisos sedimentares dos abrigos, em áreas que atualmente estão recebendo sedimentos; materiais que, portanto, devem corresponder a ocupações recentes, caso contrário, estariam já soterrados. Entre esses conjuntos de superfície, diversos artefatos retocados puderam ser recuperados, evidenciando diversidade entre os conjuntos artefatuais dos sítios e, ao mesmo tempo,

padrões morfológicos e tecnológicos, inicialmente reconhecíveis, recorrendo em sítios distintos.

Na Lapa do Caboclo, não menos que quatro estruturas funerárias, incluindo ao menos dois indivíduos – um adulto e uma criança - foram evidenciadas, envolvendo um padrão de tratamento e deposição ainda não descrito na bibliografia brasileira. Além dos sepultamentos, estruturas enterradas contendo vegetais diversos foram evidenciadas na mesma camada. As datações recentes provêm de uma das estruturas funerárias – 680 +/- 50 BP – e da base de uma das estruturas de vegetais enterrados – 1220 +/- 40 BP.

As ocupações recentes forneceram evidências de horticultura (vegetais cultivados) e, ao mesmo tempo, uma séria escassez de vestígios cerâmicos, presentes na região apenas como escassos fragmentos, inteiramente ausentes no sítio com sepultamentos e vestígios de cultígenos vegetais. Assim, esse contexto oferece também uma situação pouco freqüente na pré-história brasileira e bastante provocativa: a combinação de horticultura e escassez de vestígios cerâmicos.

Com sítios articuláveis analiticamente, contendo distintos materiais e estruturas, somados a referências para datações absolutas e relativas, o horizonte cronológico, correspondente às ocupações pré-históricas do Holoceno superior, emerge como um conjunto capaz de ser tratado como tal, como *conjunto*. Podem ser desenvolvidas conexões entre as coleções de material lítico por meio de análises tecnológicas e por meio da análise da distribuição, seleção e uso das matérias-primas. É também possível discutir relações entre distintos sítios marcados por diferentes conteúdos em seus registros arqueológicos muito além das coleções líticas. Assim, articulando semelhanças e diferenças, posso colocar em exercício os conceitos de cadeia operatória e de organização tecnológica, para os materiais líticos, e construir uma compreensão das ocupações recentes que considere os distintos sítios como compondo um sistema de percepção e construção da paisagem.

É baseado nessas possibilidades analíticas que esta pesquisa elege as articulações entre os sítios com vestígios de ocupação pré-histórica do Holoceno superior como objeto de análise. Os materiais atribuíveis às ocupações mais antigas da região oferecem possibilidades concretas de análise, ainda que careçam de bases mais sólidas, que poderão ser obtidas com o prosseguimento das pesquisas nos sítios da Serra. Neste momento, porém, o horizonte mais antigo ficará com a breve síntese desenvolvida acima, aguardando outros trabalhos, outros recursos. O passado mais remoto aguardará um futuro – esperemos pouco distante – para voltar ao contexto

sistêmico, na condição de objeto de reflexão dos vivos. O charme da antigüidade remota e a amplitude e qualidade da produção bibliográfica sobre as ocupações da transição Pleistoceno/Holoceno e do Holoceno inferior são aqui postos de lado para cederem lugar a um registro arqueológico que oferece trilhas, no momento, mais divertidas, mais ricas de possibilidade. Os capítulos seguintes – capítulos quarto, quinto, sexto e sétimo – empreendem essa caminhada.

TINTAS NAS PEDRAS: os grafismos rupestres da região de Diamantina

"*Seu tronco* [da grande árvore Acayaca] *estava todo coberto de incisões e figuras hieroglíficas, traçadas com uma tinta vermelha, corrosiva, indelével, extraída do urucu.*
Só os indígenas sabiam prepará-la. O que elas significavam, ninguém nunca soube decifrar; é certo, porém, que tinham uma significação; recordavam algum acontecimento passado, ou simbolizavam alguma idéia religiosa.
Desses sinais ainda encontramos muitos nas lajes das nossas serras, expostos ao tempo e às chuvas, que os não têm podido apagar."
Joaquim Felício dos Santos, em *Acayaca*, 1862.

Como Joaquim Felício, em meados do século XIX, já sinalizava em seu romance, a região de Diamantina guarda um acervo vasto de grafismos rupestres. Conforme dito anteriormente, as prospecções evidenciaram sítios com uma facilidade notável, somando 75 os abrigos com grafismos rupestres registrados ao longo da pesquisa. Muitos desses sítios têm um número pequeno de figuras (menos de 50)[1], mas em alguns as figuras são contadas na casa das centenas. No conjunto do corpo de figuras da região não é somente a quantidade que deve ser avaliada como indicadora de riqueza, mas a diversidade. Diamantina apresenta uma expressiva variabilidade, que pode ser sistematicamente explorada, de pinturas atribuíveis ao que se define na bibliografia como Tradição Planalto, bem como conjuntos cuja temática e atributos estilísticos se distanciam das linhas definidoras dessa tradição e se aproximam de outras unidades estilísticas, como a Tradição Agreste, o Complexo Montalvânia e a Tradição Nordeste, cuja dispersão geográfica tem se mostrado admirável, a partir dos resultados apontados pelas pesquisas nos últimos anos em Minas Gerais e em outros estados do Brasil Central e Nordeste.

Os levantamentos sistemáticos intensivos de grafismos, com cobertura fotográfica ampla e cópia em escala real ("calque") foram realizados em 8 (oito) sítios na faixa Pasmar/Batatal[2] e num dos sítios das cabeceiras do córrego Capivara – a Lapinha das Emas. As primeiras reproduções em três desses oito sítios foram feitas ainda em 2004, no âmbito do projeto *Diamantina Rupestre*. Nas demais áreas foram realizados levantamentos fotográficos e croquis esquemáticos, priorizando registrar a diversidade temática e estilística e as informações de sobreposição. Estes registros

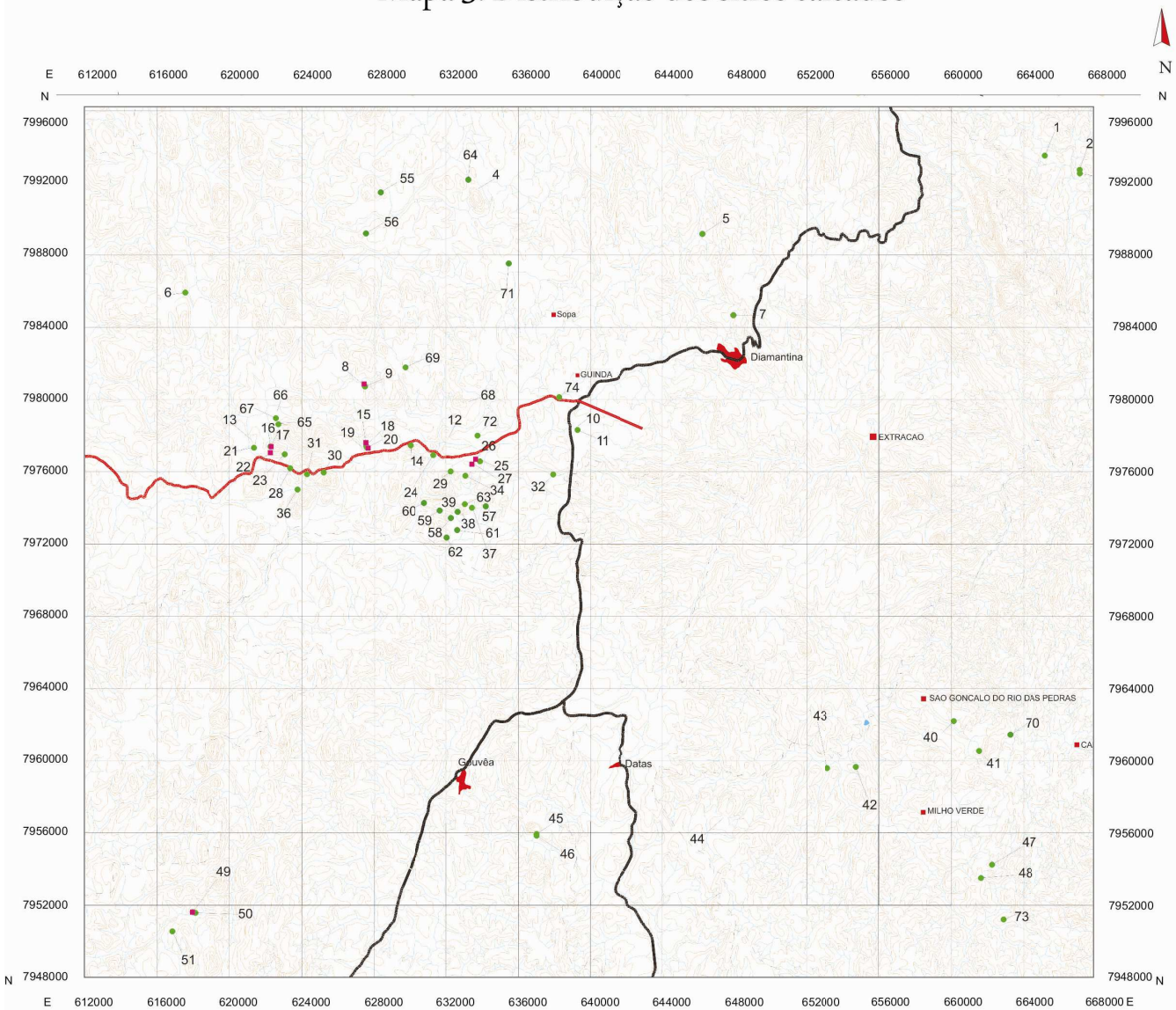
[1] A maioria dos sítios tem menos de 30 figuras. Um total de figuras próximo a 50 seria um valor acima da média regional.
[2] Foram calcados painéis nas lapas do Boi, Boi Leste, Moisés, Moisés Leste, Galheiro Norte, Voador Sul e Norte.

menos intensivos foram efetuados na ocasião das prospecções e da etapa de campo de descrição dos atributos do sítio e seu entorno, conforme a metodologia da pesquisa de mestrado de Vanessa Linke. Observações complementares foram realizadas por ocasião das sondagens e escavações na lapa Pintada de Datas, do Caboclo, do Boi, de Moisés, Caminho da Serra I e da Turma. Deste modo alguns sítios foram observados recursivas vezes, nos permitindo acrescentar dados e confirmar informações a cerca dos atributos dos conjuntos gráficos e das linhas crono-estilísticas que estavam em processo de construção.

A seleção de oito sítios se deu a partir de uma combinação de viabilidade prática com os objetivos definidos para o projeto: a construção de um quadro crono-estilístico e o estudo das relações diacrônicas entre figuras. Nessa perspectiva, privilegiamos os sítios que podiam fornecer a maior quantidade e diversidade de figuras associadas a informações de sobreposição. As limitações de recursos, tanto para campo quanto para laboratório, nos levaram a abdicar de cópias integrais dos sítios e nos concentrarmos nos painéis mais ricos de informação – cópia total do sítio foi feita apenas na Lapinha das Emas e na Lapa de Moisés Leste, em função de seu tamanho reduzido. Um outro elemento foi considerado na seleção dos sítios: sua distribuição geográfica. Embora haja uma forte concentração dos sítios escolhidos no eixo central da área de pesquisa, em função dos demais critérios, foram incluídos sítios em pontos diversos desse eixo e também fora dele (na bacia do córrego Capivara).

A reprodução em escala real gerou arquivos fotográficos digitais, a partir do quais as figuras foram compostas como imagens vetoriais – participaram do processo de vetorização Vanessa Linke, Luiza Campera e Danilo Palhares. Todos os grafismos foram organizados em camadas conforme a seqüência cronológica dos painéis. Assim, como vem sendo empregado nas pesquisas do Setor de Arqueologia em outras regiões (RIBEIRO & ISNARDIS, 1996/7; RIBEIRO & PANACHUK, 1996/97), as análises dos painéis puderam ser feitas respeitando sua cronologia própria e as sobreposições entre figuras ganham realce. A reprodução a partir do calque permite um grau de detalhe refinado tanto sobre as informações de sobreposição quanto dos aspectos da composição gráfica (por meio do reconhecimento dos traços das pinturas), conforme procurei discutir noutro momento (ISNARDIS, 2004). No caso de Diamantina, a análise da diacronia dos painéis e a análise dos traços com que se compuseram as figuras apresentaram resultados valiosos, além da construção da crono-estilística regional, conforme será discutido mais a frente. Todas as reproduções de figuras aqui apresentadas (com a única exceção de algumas das pinturas apresentadas na Prancha 21) são resultantes desse trabalho de reprodução em escala real.

Mapa 3: Distribuição dos sítios calcados



Fonte:
IBGE - Cartas topográficas
Folhas Diamantina, Rio Vermelho,
Presidente Kubitschek e Serro em escala
1:100 000

LEGENDA

- sítios arqueológicos sem nenhum tipo de intervenção
- localidade
- sítios calcados
- Curva de Nível
- Drenagem
- Rodovia de terra
- Limite dos municípios

1 Salto dos Veados
2 Salto dos Veados II
3 Salto dos Veados III
4 Chica
5 Sentinela
6 Defunto
7 Caminho dos Escravos
8 Galheiro Abrigo Norte
9 Galheiro Abrigo Sul
10 Casa de Pedra
11 Casa de Pedra Abrigo
12 Turma
13 Caboclo
14 Escada
15 Voador Abrigo Norte
16 Boi
17 Boi Leste
18 Voador Abrigo Central
19 Ciranda
20 Voador Abrigo Sul
21 Pé de Moleque
22 Pedra do Boi
23 Casa de Adobe
24 Onça
25 Mirante do Pasmar
26 Moisés Leste
27 Moisés
28 Vargem
29 João Rosa
30 Fileira
31 Varas
32 Veadinhos
33 Peixe Lascado
34 Peixe Gordo
35 Janela
36 Varas II
37 Pasmar
38 Caminho da Serra I
39 Caminho da Serra II
40 Várzea
41 Aprazível
42 Santa Cruz
43 Santa Cruz II
44 Pintada de Datas
45 Santo Antônio
46 Santo Antônio Ocorrência
47 Carijó
48 Peixinho
49 Emas
50 Capivara
51 Sempre-Vivas
55 Pequena
56 Peixes
57 Mano
58 Floristas do Campo
59 Sossego
60 Poço
61 Engano
62 Bonita
63 Tabuleirinho
64 Capim
65 Doida
66 Bandalheira
67 Bico do Urubu
68 Gruta da Lasca
69 Vai Toicinho
70 Caminho
71 Jirau
72 Tromba d'anta
73 Ex- sítio
74 Garimpo do Turco

Elaborado por Vanessa Linke, em janeiro de 2009, sobre base de Wagner Marin

Esta tese se valeu em importante medida da pesquisa de mestrado de Vanessa Linke (2008), que empreendeu uma análise de diversos fatores da paisagem natural e dos signos pintados nas rochas, por meio de uma sistemática observação de campo, em busca de padrões de escolha de sítio e suporte para cada um dos conjuntos estilísticos que o conjunto das pesquisas na região delineou. Linke considerou: a bacia hidrográfica em que se encontrava o sítio; a distância da drenagem mais próxima; a posição dessa drenagem em relação ao abrigo; a presença nessa drenagem de nascentes e de cachoeiras; a vegetação predominante no entorno; quando havia campo[3], a extensão deste (*amplo*: maior que 100 x 100 metros; *restrito*: entre 100 x 100 e 30 x30 metros; *confinado*: menos de 30 x 30 metros); o compartimento geológico; a posição topográfica na vertente e no afloramento; atributos físicos do piso do abrigo (regularidade e composição); dimensões do abrigo; a implantação do abrigo em afloramento ou sob bloco desabado; presença de ressaltos e patamares; a orientação do abrigo (sua exposição); sua visibilidade a partir do entorno; sua visibilidade para o entorno; o acesso à área abrigada; os suportes utilizados para pintura (dimensão, distribuição, qualidade) (LINKE, 2008: 29-32). Emergiu das análises de Linke um padrão de escolha claramente dominante e substancialmente compartilhado pelos diferentes conjuntos estilísticos. Os resultados obtidos no mestrado de Linke são utilizados aqui em mais de um momento, inclusive na apresentação dos conjuntos estilísticos, pois este foi um dos resultados mais substantivos das análises empreendidas pela autora: a incorporação da forma de construir a paisagem à definição dos conjuntos estilísticos.

A ANÁLISE DAS PINTURAS RUPESTRES DE DIAMANTINA E AS UNIDADES CLASSIFICATÓRIAS

Os grafismos registrados pela equipe do Setor de Arqueologia e pela equipe do projeto *Diamantina Rupestre* foram contrapostos às unidades classificatórias definidas em outras áreas de Minas Gerais e do Nordeste, como categorias que podiam auxiliar no trato com a grande variabilidade das figuras. Como dito anteriormente, há outras unidades estilísticas, definidas a partir de outra regiões de Minas Gerais e do Nordeste, que têm semelhantes nos suportes rochosos de Diamantina: Tradição Agreste, Nordeste e Complexo Montalvânia. Mas não são poucos os casos de atribuição duvidosa. Alguns dos conjuntos de Diamantina estão pondo em cheque os limites entre unidades estilísticas que em outras regiões do estado se distinguem com muita nitidez.

[3] Combinação de vegetação de campo limpo associada a extensas áreas planas.

As análises nos têm conduzido a reconhecer temas que seriam atribuíveis a unidades estilísticas diferentes, compostos aparentemente nas mesmas tintas e em mesma situação de cronologia relativa nos painéis. Seria necessário ampliarmos o *corpus* de análise para dispormos de uma amostra mais ampla das variações estilísticas e temáticas da região, a fim de tratar esses casos com maior clareza. Contudo, com as informações hoje disponíveis, a partir das pesquisas em Diamantina e arredores, é possível delinear diversos conjuntos e questionar seus limites.

Com o uso de categorias classificatórias definidas anteriormente pela bibliografia e com unidades menores que aqui proponho, pretendo, mais do que produzir uma lista de atribuições, analisar as formas de interação entre os conjuntos gráficos e construir uma proposta de classificação que agregue a maior riqueza de elementos possível.

A TRADIÇÃO PLANALTO EM DIAMANTINA

A Tradição Planalto foi definida a partir dos sítios de pinturas rupestres do Planalto Cárstico de Lagoa Santa, daí seu nome. Seus elementos definidores são os grafismos zoomorfos, sobretudo cervídeos e peixes, de composição monocrômica, acompanhados de outros zoomorfos (sobretudo representações de quadrúpedes, geralmente menores que os cervídeos) e de antropomorfos muito esquematizados (PROUS, LANNA & PAULA, 1980; PROUS, 1992; PROUS & JUNQUEIRA, 1995) – veja Prancha 15. Entre os traços marcantes da Tradição está a prática de realizar intensas sobreposições nos painéis, o que dá a alguns deles uma aparência caótica, com muitas associações homotemáticas diacrônicas - especialmente entre cervídeos (PROUS & JUNQUEIRA, 1995). Os grafismos zoomorfos de Lagoa Santa - e também da Serra do Cipó, sua vizinha - apresentam tratamentos gráficos um tanto variados, ora com preenchimento completo do corpo (figuras chapadas), ora com preenchimento em linhas ou pontos (PROUS & BAETA, 1992/93). Também variam o tamanho das figuras e a atenção aos detalhes anatômicos, sendo muito freqüentes as representações de cascos e galhadas (estas em geral de forma pouco naturalista - PROUS & BAETA, op. cit.). Além dos zoomorfos e antropomorfos esquemáticos, são abundantes as figuras geométricas em geral bem simples e sempre monocrômicas, sobretudo bastonetes e pontos, que chegam a dominar numericamente alguns sítios.

Figuras zoomorfas em Santana Riacho

Figuras zoomorfas na Serra do Cabral

Figuras zoomorfas de
Cerca Grande - Lagoa Santa

Figuras zoomorfas de
Santana do Riacho

Figuras Zoomorfas em Grão-Mogol

Prancha 15 - Tradição Planalto em diversas regiões de Minas Gerais

Na região de Diamantina os mesmos elementos diagnósticos da Tradição Planalto são encontrados, porém com variações estilísticas notáveis e uma certa variação temática.

São raros em Diamantina os bastonetes e pontos, e não encontramos em Diamantina alguns dos geométricos marcantes do Centro de Minas Gerais, como as figuras circulares preenchidas de pontos.

Os antropomorfos típicos da tradição – aqueles de corpo filiforme, desprovidos de detalhes anatômicos, do tipo 'X' – são muito pouco freqüentes, embora não ausentes. Há, contudo, algumas cenas de caça, a exemplo do Carste de Lagoa Santa.

Os quadrúpedes dominam largamente a temática e dentre eles as representações de cervídeos são as figuras majoritárias – veja Pranchas 16 e 17, nas páginas seguintes. Outros quadrúpedes são visíveis, muitos deles sem identificação razoável possível, mas figuras sugestivas de tatus são recorrentes, com o dorso curvilíneo e a cauda estendida horizontalmente.

Os peixes estão presentes em quase todos os sítios por nós conhecidos, embora raramente sejam muito numerosos.

A diversidade estilística de grafismos em Diamantina atribuíveis a essa tradição levou-nos a empreender a construção de uma distinção de estilos em cronologia relativa. Essa empreitada mostrou-se produtiva e encontramos recorrentes informações coerentes, que nos permitem traçar as linhas de uma crono-estilística interna à Tradição Planalto, que apresento a seguir.

Lapa de Moisés Leste (Diamantina)

Lapa do Boi Leste (Diamantina)

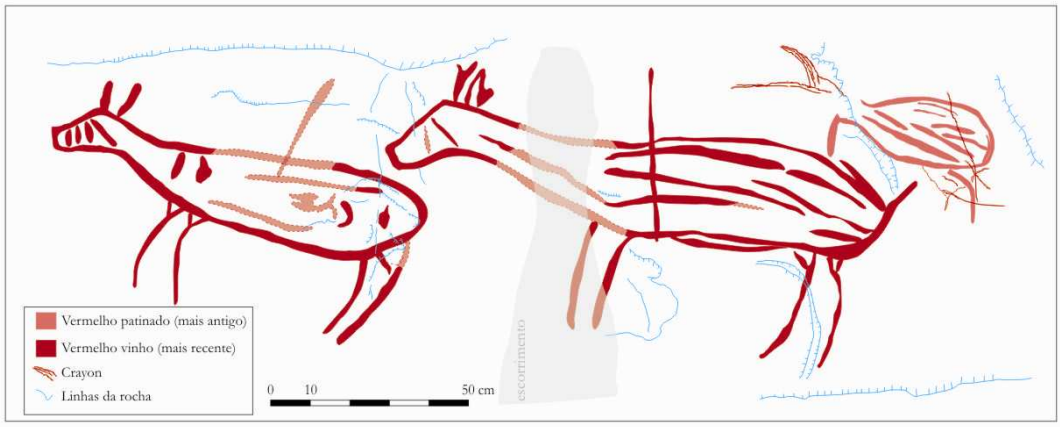
Lapa do Caboclo (Diamantina)

Lapa da Turma (Diamantina)

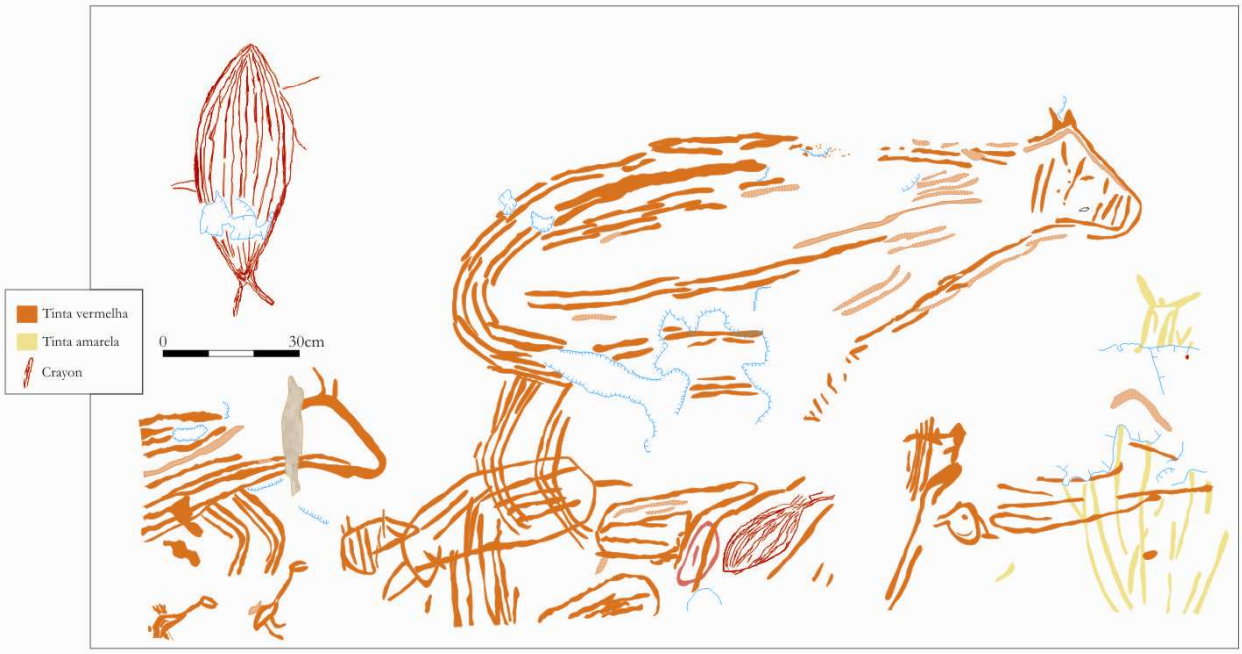
Lapa da Janela (Gouveia)

Lapa do Morro de Santo Antônio (Gouveia)

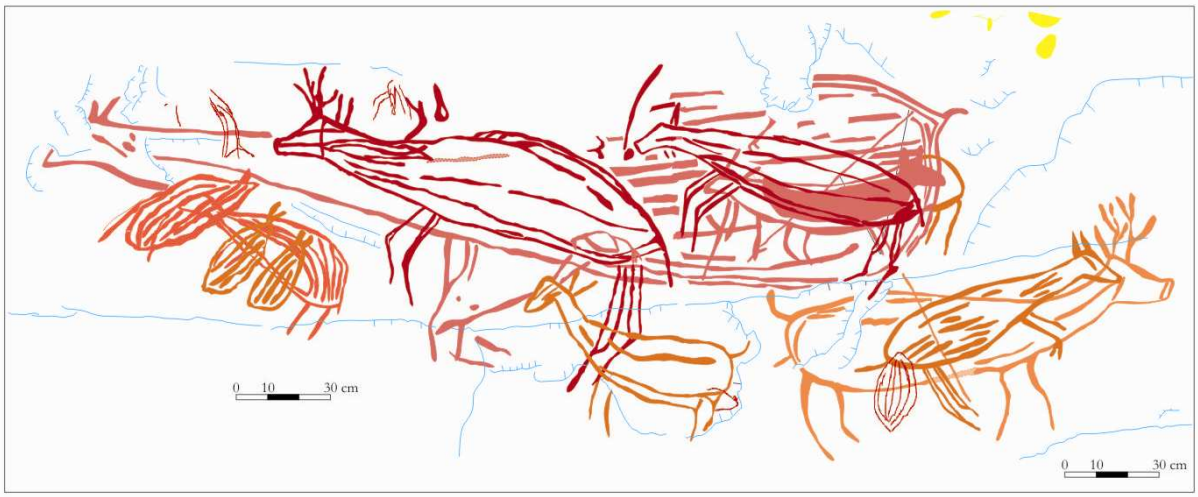
Prancha 16 - Pinturas da Tradição Planalto na região de Diamantina



Painel I da Lapa do Galheiro, Diamantina (Minas Gerais)



Painel I do Abrigo Leste da Lapa do Boi, Diamantina (Minas Gerais)



Painel II da Lapa do Galheiro, Diamantina (Minas Gerais)

Vetorização dos calques: Vanessa Linke

Prancha 17 - Trechos de painéis de pinturas rupestres de Diamantina

Os conjuntos Planalto

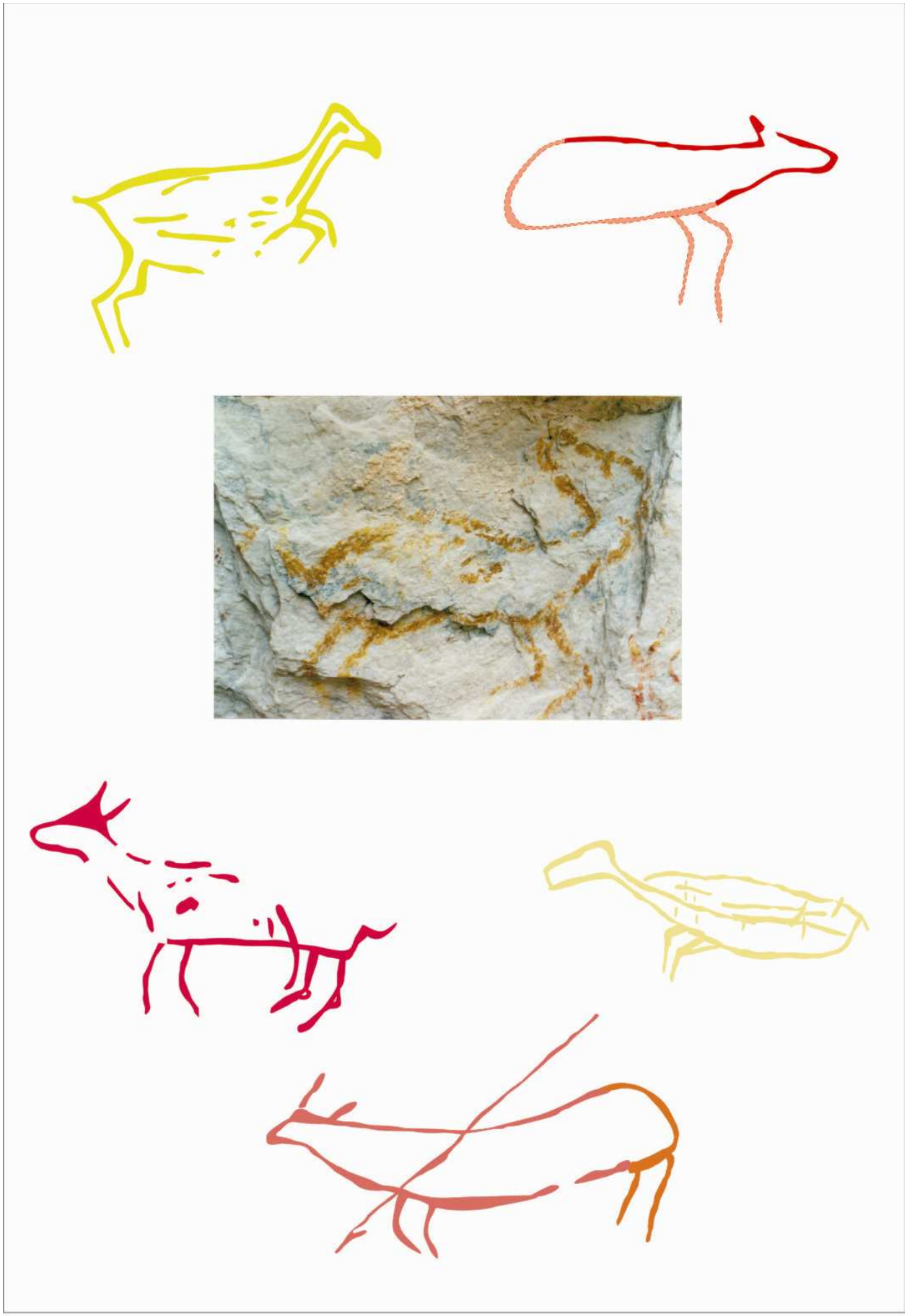
As primeiras figuras Planalto a ocuparem os paredões da região de Diamantina são representações predominantemente de cervídeos, marcadas por uma certa economia de traços: tem-se o contorno e poucas linhas de preenchimento; os animais têm volumes corporais bem marcados e detalhes anatômicos recebem atenção, notadamente as coxas nas pernas traseiras, embora toda a figura se resolva com poucas linhas. Os temas limitam-se a representações de cervídeos e de peixes, monocrômicos, com uma freqüência expressiva de figuras em amarelo – neste conjunto o amarelo é empregado com mais assiduidade do que em qualquer dos outros conjuntos (veja Prancha 18, na página seguinte).

O primeiro conjunto inaugura uma parcela importante dos sítios e foi ele o primeiro a adotar o padrão de escolha identificado por Linke (2008:143-160): sítios de fácil acesso, próximos a cursos d'água, implantados no terço inferior dos afloramentos rochosos e próximos a áreas aplainadas de campos. Outros atributos expressivos do padrão são os pisos regulares e a visibilidade dos abrigos a partir das áreas de entorno. O padrão não corresponde à totalidade dos abrigos pintados, mas é muito expressivo, girando em torno dos 60 a 70% dos casos para cada uma das variáveis analisadas.

Do total de 30 sítios analisados pela autora, 18 foram inaugurados pelo Primeiro Conjunto da Tradição Planalto. Não havendo figura alguma, em sítio algum até hoje conhecido na região, que anteceda as figuras do Primeiro Conjunto Planalto, esse é o inventor das paisagens pintadas daquelas serras. Foi pela ação de seus autores que as paredes perderam sua nudez e conheceram o pudor. Foi a primeira vez, pelo que nos foi legado, que as paredes tornaram-se suporte de significantes pintados.

O primeiro conjunto, segundo Linke, privilegia os painéis de maior visibilidade dentro dos sítios e/ou aqueles a partir dos quais se tem maior visibilidade do entorno. Contudo, a atividade gráfica dos autores do primeiro momento não é frenética, não pretende exaurir os espaços disponíveis. As figuras ocupam muitas vezes mais de um painel em cada sítio, mas não os locupletam de grafismos, muitas áreas são deixadas vazias.

As paredes dos abrigos da Serra ficaram humanamente coloridas desde então, mas a densidade gráfica da região estava ainda muito distante da que hoje pode ser vista.



Prancha 18 - Primeiro Conjunto da Tradição Planalto

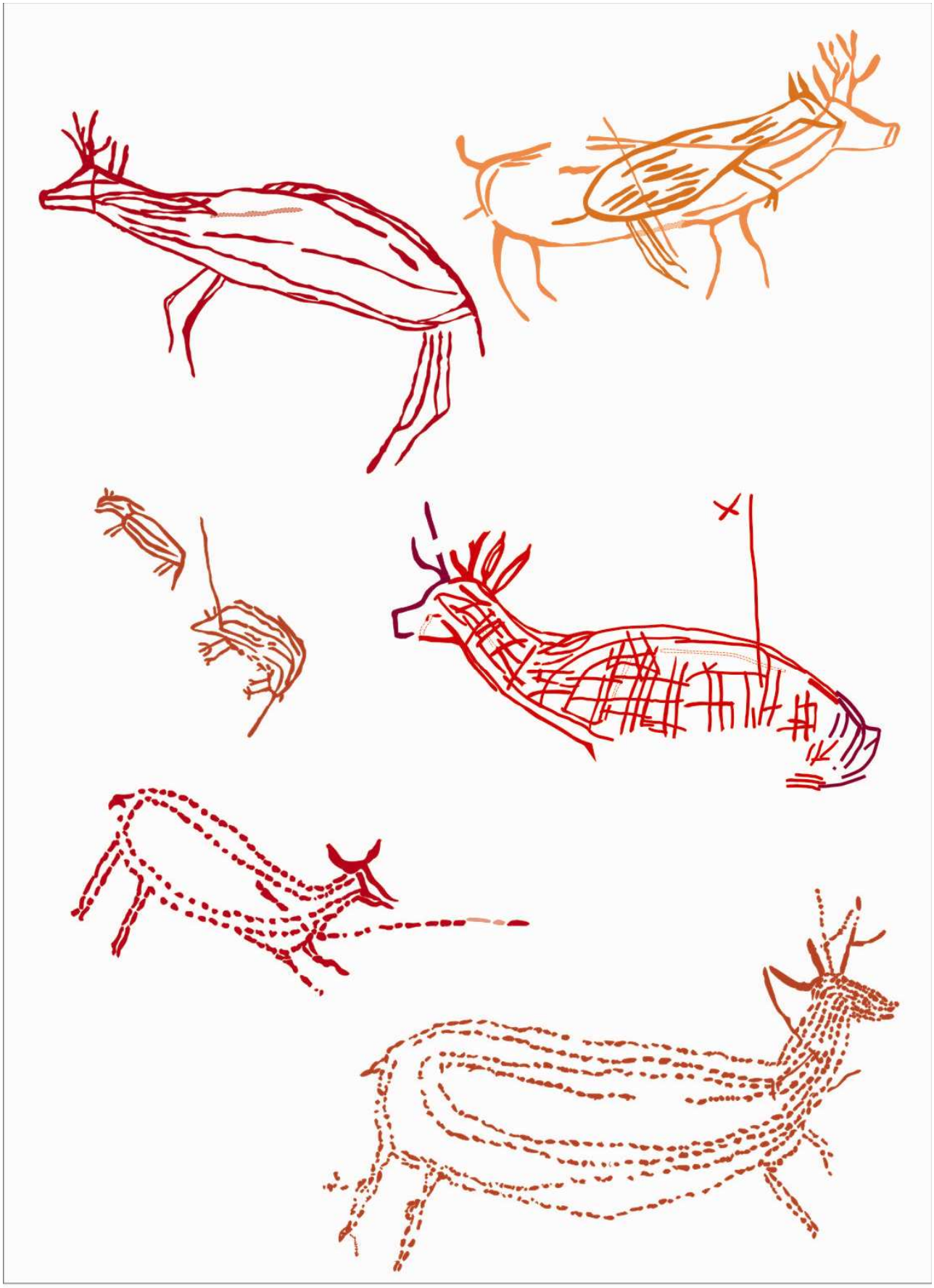
O segundo conjunto, segundo a ocupar os suportes, freqüentemente em sobreposição ao conjunto descrito acima, corresponde a grandes figuras zoomorfas naturalistas (que por vezes ultrapassam 1 metro de comprimento) e pequenas representações zoomorfas (entre 15 e 20 cm), cuja unidade vê-se com clareza em razão da coerência entre os pigmentos e entre as relações de sobreposição com outras figuras. Os cervídeos são os mais numerosos, mas outros zoomorfos são também assíduos, como representações que se assemelham a aves, peixes, tatus (os mais freqüentes entre os "não-cervídeos"), possíveis antas e outros quadrúpedes. Os detalhes anatômicos recebem muita atenção, sobretudo as orelhas, galhadas, caudas, coxas – os cascos raramente são indicados nos cervídeos, mas os dedos são representados com certa freqüência quando se trata de outros animais. São muito recorrentes traços transversais ao dorso das figuras, sugerindo um dardo, sugestão reforçada pela presença, em alguns sítios, de uma figura antropomorfa esquemática na extremidade oposta do suposto dardo. O preenchimento quase sempre envolve diversas linhas, que podem ser sub-paralelas, transversais, divergentes, com tamanhos e desenvolvimentos diversos – em certas figuras, pode-se perceber um ritmo entre traços paralelos (veja Prancha 19, na página seguinte).

O segundo conjunto re-ocupa os painéis pintados pelo conjunto anterior com grande freqüência. O segundo conjunto, porém, pinta pela primeira vez em vários outros abrigos, ainda com paredes nuas. Segundo Linke (2008:161), dezesseis dos 18 sítios pintados pelo primeiro conjunto, foram re-pintados pelo segundo, e este inaugurou suportes em oito outros abrigos.

Com a presença do segundo conjunto, a região tomou um aspecto bem semelhante ao quadro atual, pois poucos foram os sítios pintados pelos conjuntos posteriores que tenham sido inaugurados pelos autores do segundo conjunto.

A prioridade pelos suportes visíveis se mantém entre a segunda leva de pinturas Planalto, mas o modo se portar no sítio se modifica. Os painéis passam a ser ocupados de modo intenso, com muitas figuras. São muitos os casos de sobreposição entre figuras do próprio segundo momento. São seus autores que introduzem a prática das sobreposições recorrentes, prática que continuaria com os conjuntos seguintes.

A paisagem construída, então, já é outra. É prolífera, é densa de figuras e painéis (conforme sugere a amostra por nós recoberta com prospecções). Defini-se, por meio das figuras do segundo conjunto, uma rede de locais recobertos de signos pintados, rede esta que, conforme se discutirá mais à frente, fixaria uma série de espaços na paisagem como lugares de grafar e ver.



Prancha 19 - Zoomorfos do Segundo Conjunto da Tradição Planalto (figuras da Lapa do Galheiro, da Lapa de Moisés e da Lapinha das Emas)

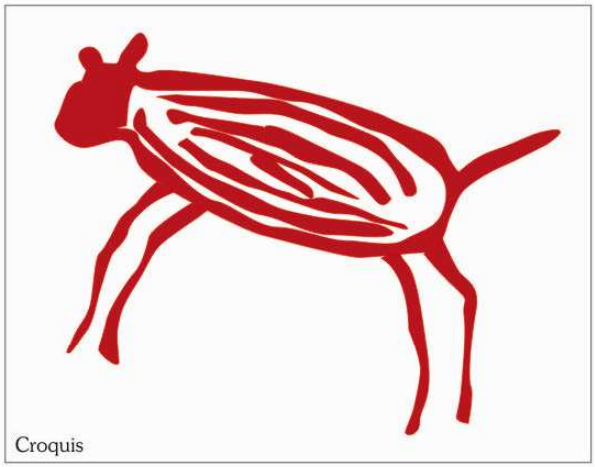
O terceiro conjunto, seguramente posterior aos já apresentados, se compõe de figuras de pequeno tamanho (não excedem os 50 cm, estando em geral abaixo deles) e grande regularidade de traços. Contorno e preenchimento se distinguem com clareza, sendo o segundo feito sempre por linhas paralelas, mais raramente por pontos alinhados. O naturalismo é muito menor do que nos conjuntos anteriores, com membros lineares em geral retilíneos, com indicações simplificadas das orelhas e cascos. Nesse conjunto são diversas as figuras zoomorfas de identificação difícil e as aves estão completamente ausentes. São muitos os casos de sobreposição entre este conjunto e os dois primeiros, entrando suas figuras na composição dos painéis intensamente reocupados (veja Prancha 20, nas páginas seguintes), embora os locais ocupados preferencialmente por este conjunto se diferenciem dos grandes e mais visíveis suportes dos sítios, que constituem os mais valorizados pelo primeiro e segundo conjuntos da tradição.

As pinturas que integram o terceiro conjunto guardam uma distinção em relação a suas predecessoras não apenas pelas peculiaridades estilísticas. Elas promovem também um certo desvio em relação ao padrão de escolha de seus antecessores, conforme identificado por Linke (2008:164). Dos 30 sítios englobados pela autora, 17 contêm figuras do terceiro conjunto, sendo 14 compartilhados com os conjuntos anteriores e 3 sítios até então não pintados – e não pintados depois desde então. Conforme demonstra Linke, esse desvio é não apenas de lugar, mas de um certo relaxamento do critérios de seleção de lugares. Os sítios inaugurados pelos terceiros escapam do padrão e correspondem a abrigos de acesso mais difícil, sem pisos regulares ou com pisos mais restritos, fora do terço inferior da vertente e com maior distância da água. Assim, no compito geral, a participação dos sítios dentro do padrão ocupados pelas figuras do terceiro conjunto decresce sensivelmente em relação a seus predecessores (LINKE, 2008: 166).

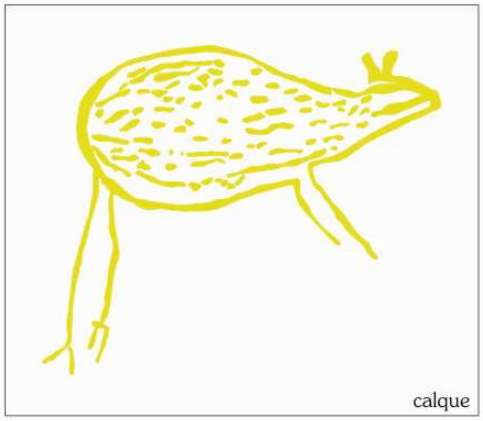
Observa-se, portanto, uma maior distinção entre este conjunto e os demais que atribuímos à Tradição Planalto, que se manifesta nos atributos das figuras, no seu comportamento dentro dos sítios e no seu comportamento no conjunto da região.

Lapa do Pasmar

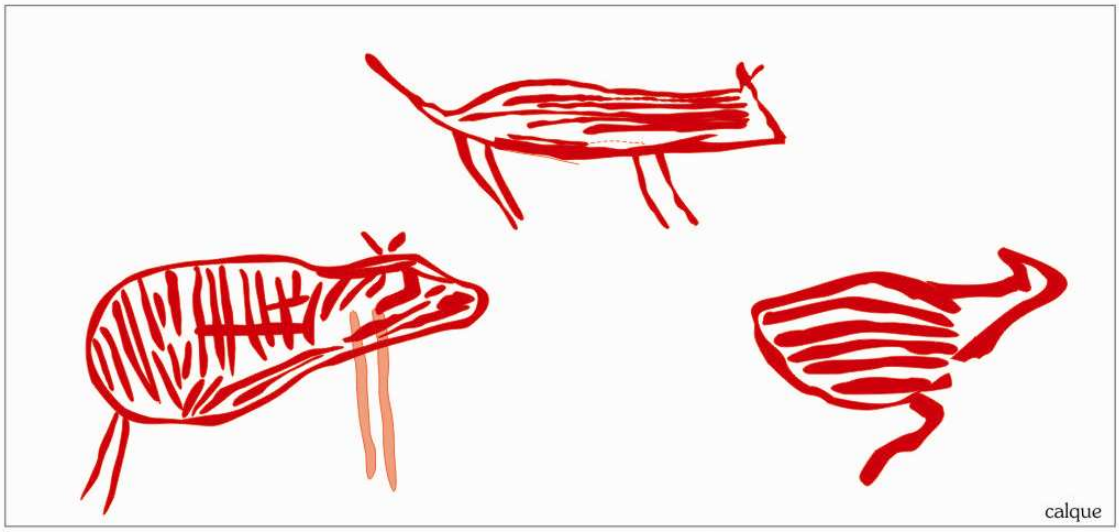
Lapa da Escada



Lapa do João Rosa



Lapinha das Emas



Lapa do Voador - Abrigo Norte

Fotos, vetorização de calques, montagem da prancha: Vanessa Linke

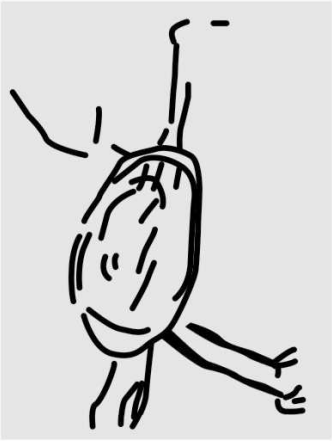
Prancha 20 - Terceiro Conjunto da Tradição Planalto na região de Diamantina.

O quarto conjunto que distinguimos assemelha-se muito ao segundo, porém intervem de forma mais discreta nos sítios, estando presente em poucos deles, apenas naqueles intensamente ocupados – o identificamos em apenas cinco dos 75 sítios conhecidos. Distingue-se pelo uso do pigmento preto, em representações naturalistas de animais. Além do pigmento distinto, as figuras deste conjunto se distinguem por estarem sempre sobrepondo-se ao primeiro, ao segundo e ao terceiro conjuntos. A temática inclui, além dos cervídeos, as aves e, com pouca freqüência, outros quadrúpedes (veja Prancha 21, na página seguinte). A baixa freqüência restringe em muito as possibilidades de observá-lo regionalmente, embora seja bem nítido nos painéis que ocupa. O sítio mais rico em suas figuras é a Lapa do Caboclo.

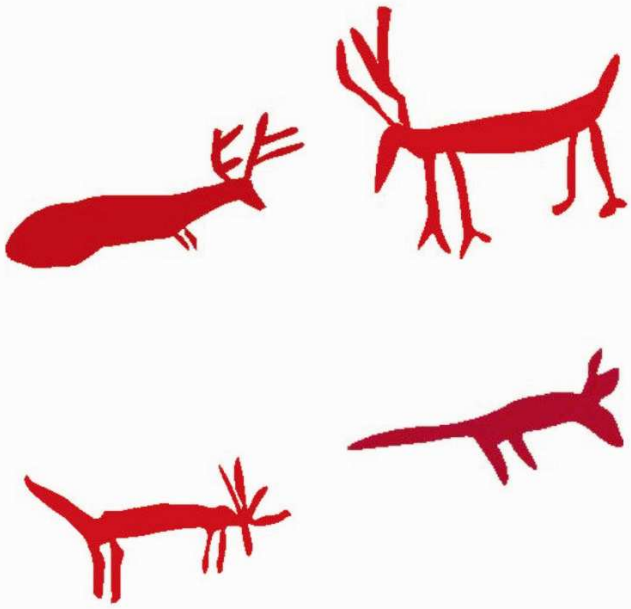
O quinto e último conjunto que temos delineado é caracterizado por pequenos cervídeos em vermelho (de até 30 cm de comprimento), de corpos inteiramente preenchidos de tinta (figuras 'chapadas' ou 'em silhueta'). Parecem evitar sobreposições com outros grafismos, buscando áreas marginais no suporte. Aqui o naturalismo é ainda menor, com corpos muito simples e apêndices (orelhas, chifres, cauda) muitas vezes exagerados. A maioria das figuras parece ser representações de cervídeos, mas há outros temas. O conjunto é claramente posterior aos três primeiros momentos Planalto, mas não conhecemos ainda casos de relação com o chamado quarto conjunto (veja Prancha 21, na página seguinte).

Na seleção de suportes, o quinto conjunto tem um comportamento peculiar. Embora haja casos de sobreposição – que nos possibilitaram relacioná-lo aos outro conjuntos -, seus grafismos priorizam áreas dos painéis não ocupadas ainda ou suportes ainda inexplorados.

Temos, assim, todo um percurso de inovações estilísticas, com uma permanência temática notável. A prática de sobrepor-se, como se vê, é comum a quase todos os conjuntos, enquanto há características de composição gráfica peculiares a alguns deles, conforme se verá a seguir.



Figuras atribuíveis ao quarto conjunto da Tradição Planalto



Fotos, vetorização de calques, montagem da prancha: Vanessa Linke

Prancha 21 - Figuras do Quinto Conjunto da Tradição Planalto

De contorno a preenchimento, de pescoço a asa: a construção gráfica das figuras

As figuras zoomorfas da Tradição Planalto em Lagoa Santa e na Serra do Cipó, mesmo aquelas de traço mais sofisticado e naturalista, quando não completamente chapadas, são compostas por um traço de contorno, que delimita o corpo - ou a cabeça e o corpo - e outros traços e/ou pontos que compõem o preenchimento [veja Prancha 22, na página seguinte]. Entre as figuras dos conjuntos estilísticos mais antigos de Diamantina a lógica de composição é outra. Todas as figuras têm contornos lineares e preenchimentos lineares - com raríssimas e exuberantes exceções em que as figuras são compostas inteiramente por pontos -, mas não há um traço de contorno e outros de preenchimento.

É freqüente encontrar um traço que, no ventre do cervídeo, delineia o contorno do animal e, no dorso, é uma das linhas de preenchimento. Também se encontram traços cuja primeira metade serve de preenchimento do corpo de um quadrúpede e cuja outra metade delineia suas pernas. Outras vezes vê-se um traço que serviria para delinear a maior parte do corpo do animal desde a cabeça, passando pelas ancas e seguindo até o ventre; porém, em volta desse traço, outros são colocados, engrossando o pescoço ou ampliando a curvatura das ancas. É possível encontrar, ainda, animais que não têm nenhum traço que, sozinho, complete todo seu dorso ou seu ventre, que só são conformados por traços mais curtos justapostos. Vêem-se aves em que o mesmo traço define o contorno superior da cabeça, desce pelo pescoço e, em lugar de seguir desenhando o seu dorso, se desvia e vai traçar-lhe a asa; outro traço retoma a linha do corpo, sob a asa, e segue para formar os quadris.

Assim, não há uma concepção que oponha preenchimento e contorno; as figuras não são concebidas como constituídas de um contorno, que lhes dá a forma, e de traços outros que preencheriam o espaço por ele delimitado, dando-lhe colorido ou “textura”. A representação do animal vai sendo construída com traços fluidos, que se vão complementando aos poucos, justapondo-se, envolvendo-se parcialmente, conectando-se, e a figura só é delineada ao final (veja Pranchas 23 e 24, nas páginas seguintes).

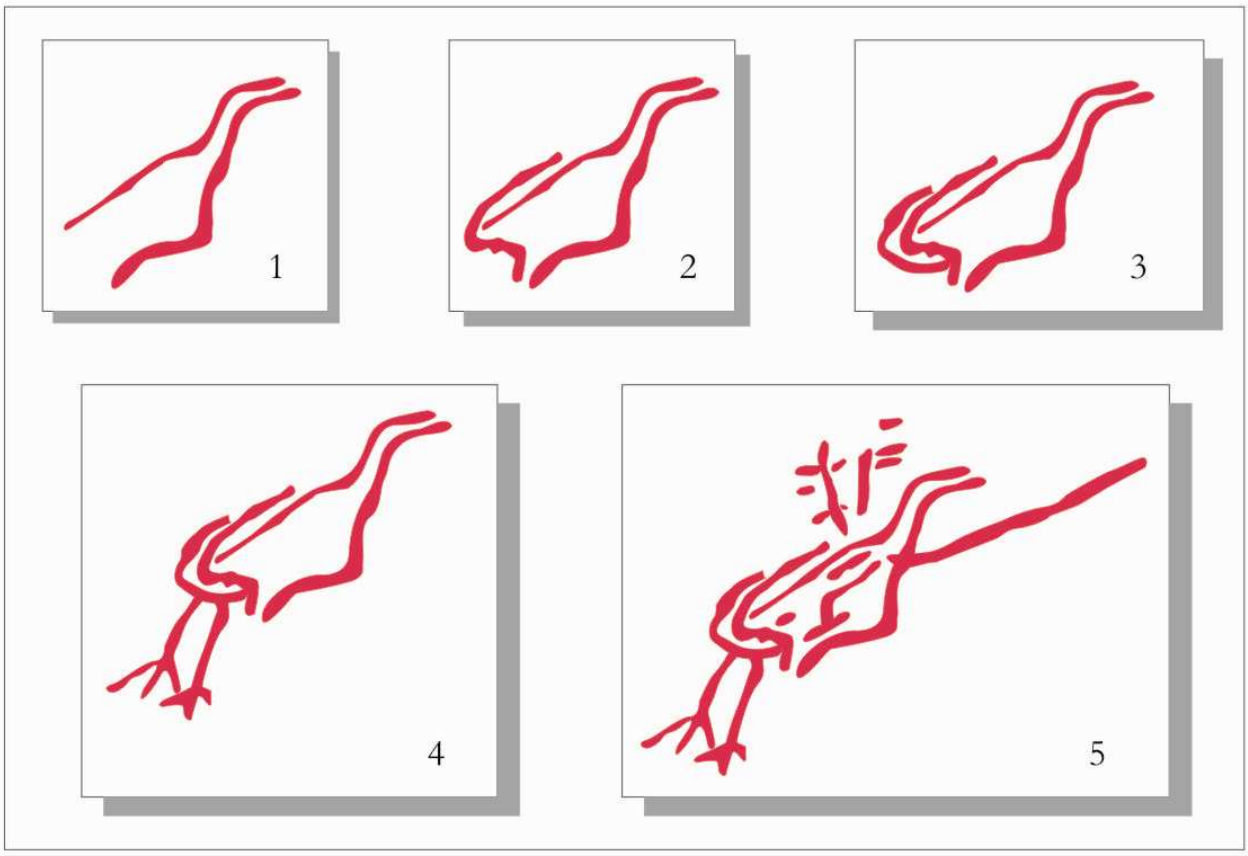
Trecho do Painel VIII do Grande Abrigo de Santana do Riacho (reproduzido de BRITO, BAETA & PROUS, 1996/97: 193)

Cervídeo com galhada e cervídeo recente em cor amarela

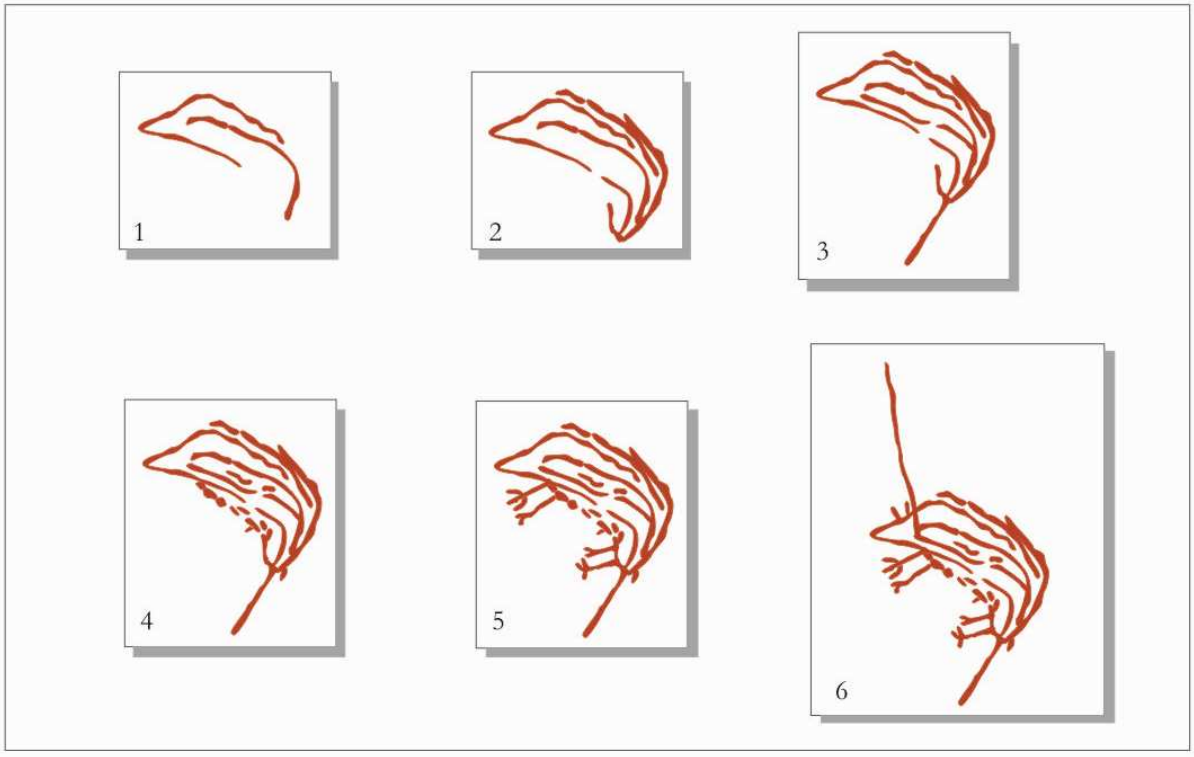
Grandes cervídeos naturalistas

Figuras semelhantes a tatus

Prancha 22 - Zoomorfos do Grande Abrigo de Santana do Riacho: contorno e preenchimento claramente distintos



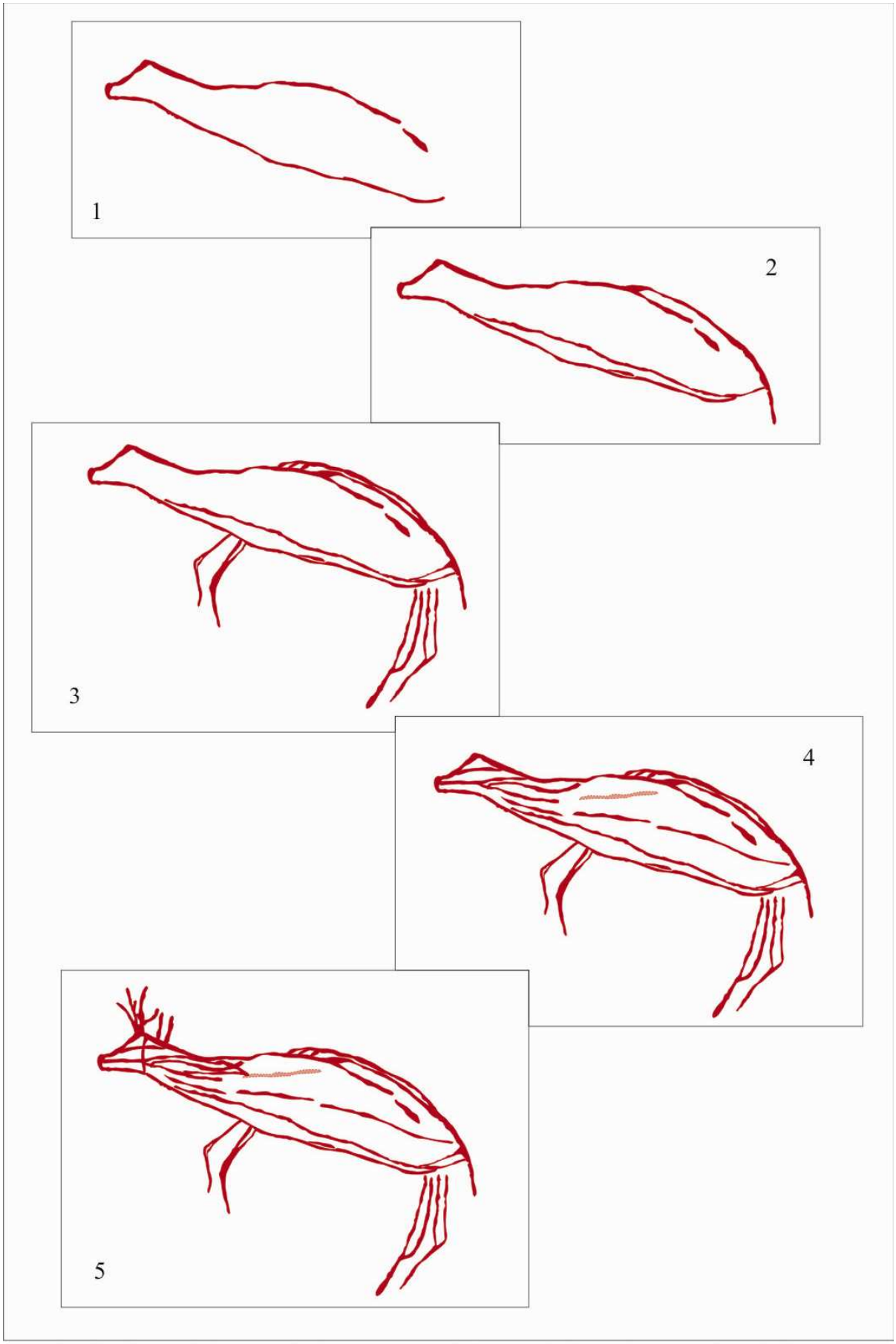
Representação de ave da Lapinha das Emas (Gouveia, Minas Gerais) - Reconstituição hipotética do processo de construção gráfica da figura



Vetorização dos calques: Vanessa Linke

Pequena representação de quadrúpede da Lapinha das Emas (Gouveia, Minas Gerais) - Reconstituição hipotética do processo de construção gráfica da figura.

Prancha 23 - A construção das figuras



Prancha 24 - Reconstituição provável das etapas de elaboração da figura de um cervídeo do Segundo Conjunto Planalto, da Lapa do Galheiro (Abrigo Norte).

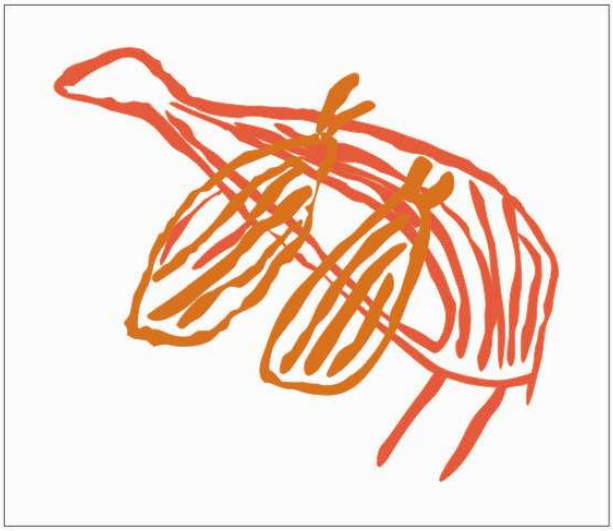
Deste modo, se comparamos os grandes e pequenos zoomorfos mais naturalistas da Serra do Cipó e de Diamantina, correspondentes aos momentos mais antigos de pintura, vemos que os temas são os mesmos e que há um compartilhamento de traços estilísticos - no caso, o uso de linhas para compor cervídeos anatomicamente detalhados. Essas linhas são, contudo, usadas de modo muito diverso. *O que fazer* é compartilhado entre as duas regiões, mas *como fazer* é peculiar a cada uma delas. O que proponho é que a composição gráfica e, portanto, a concepção gráfica são características integrantes dos estilos regionais. Assim, distinguiremos um dos grandes cervídeos naturalistas da Lapa do Galheiro (Diamantina) de um dos grandes cervídeos de Santana do Riacho (Serra do Cipó) não apenas pelo resultado final, que se consubstancia no detalhamento das orelhas, no alargamento da parte superior dos membros, na ausência de cascos e no formato da cabeça, mas também no fazer gráfico - na concepção e na elaboração gráfica do tema -, típico e distinto em cada uma das duas áreas.

A composição diacrônica de figuras e painéis

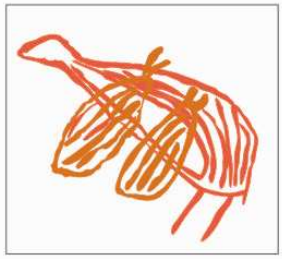
A re-ocupação de painéis já pintados é uma marca da Tradição Planalto em quase todas as regiões em que ela foi identificada. Assim é no Carste de Lagoa Santa (PROUS & JUNQUEIRA, 1995), na Serra do Cipó (PROUS, BAETA & BRITO, 1993), na Serra do Cabral (SEDA, 1995), na região de Grão Mogol (GUIMARAES et al., 2005), na Serra do Caraça (SIQUEIRA, MOTA & PROUS, 1989). A região de Diamantina não é exceção. Contudo, se nas outras regiões a re-ocupação se faz com sobreposições intensas e aparentemente assistemáticas, dando uma impressão caótica, que dificulta uma distinção clara de cada figura, em Diamantina esse caos é apenas aparente. Por detrás da desordem há um jogo sofisticado de interações.

É mérito de Vanessa Linke a observação primeira daquilo que para nós veio a se definir como um traço marcante da Tradição Planalto na região: os autores utilizaram traços de figuras anteriores para compor novos temas. Além de reaproveitamento de elementos, há um intrincado jogo de justaposições e encaixes. Podemos perceber toda uma trama de interações de novos grafismos com grafismos precedentes, que envolvem tipos diversos de atitudes.

O aproveitamento de elementos gráficos se faz de modos distintos. Ora as pernas de um quadrúpede são integradas como preenchimento em um grupo de peixes que o sucede, ora a figura antiga é ampliada, com a adição de ancas mais largas, ora um cervídeo pintado aproveita como suas as pernas de outra figura precedente (veja Prancha 25, na página seguinte).

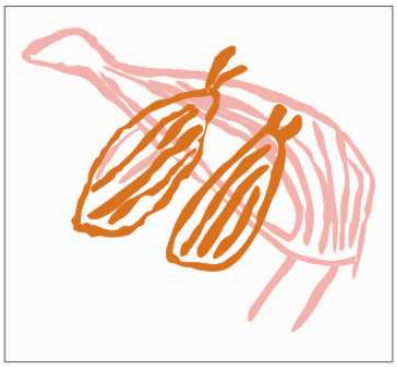


1º momento



2º momento

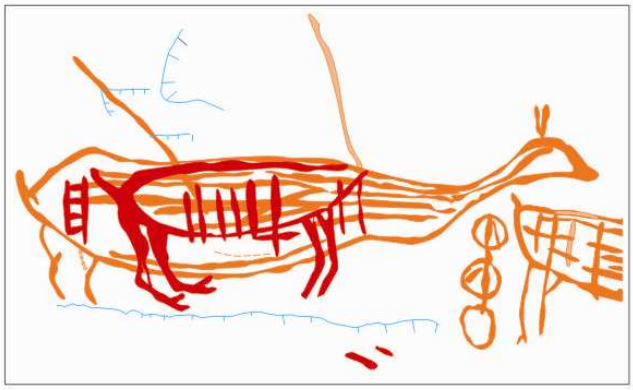
Aproveitamento de traços anteriores (pernas do quadrúpede) para integrar novas figuras (preenchimento do peixe) - Lapa do Galheiro, Diamantina



Composição supercontrastada

Exemplo de interação diacrônica com incorporação de elementos gráficos precedentes, na Lapa do Galheiro

Caso em que a figura mais recente (vermelho mais escuro) se sobrepõe, aproveitando as linhas horizontais do preenchimento da figura mais antiga para compor, agregando linhas verticais, um preenchimento em grade. A intervenção também se fez na porção do corpo da figura antiga onde não há sobreposição entre os corpos. Linhas verticais e horizontais foram aplicadas, fazendo com que toda a figura antiga ganhasse um preenchimento em grade.



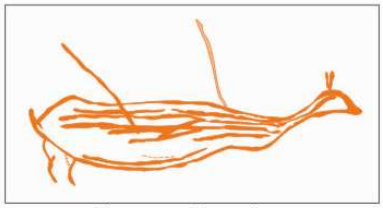
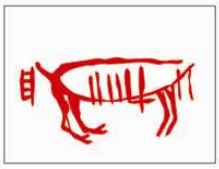
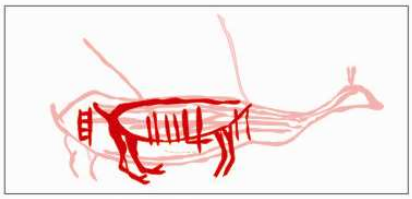


figura mais antiga



intervenções recentes



resultado final supercontrastado

Interação diacrônica com intervenção sobre a figura mais antiga, na Lapa do Voador

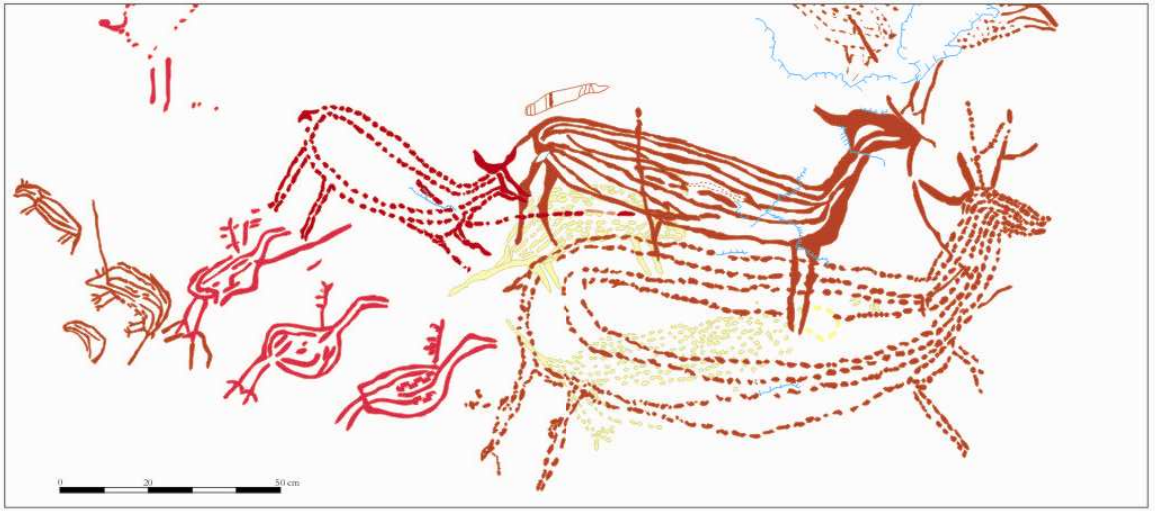
Vetorização dos calques: Vanessa Linke

Prancha 25 - Relações diacrônicas entre figuras

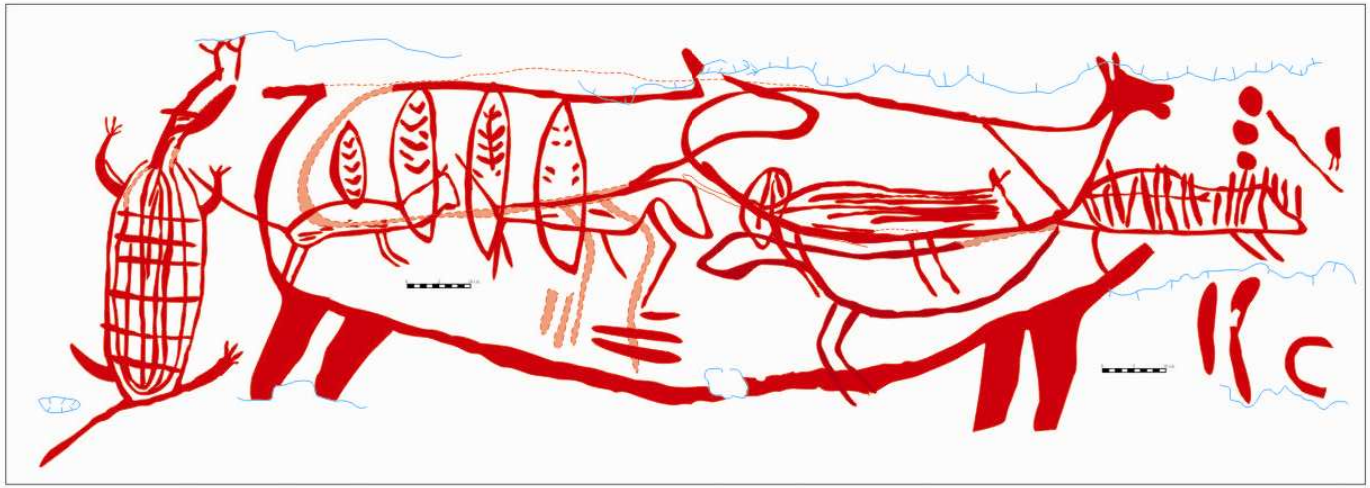
Assim, parece não haver uma rigidez na concepção das figuras. Novos autores que chegam à parede não se vêem obrigados a pintar integralmente novas figuras; não pensam que, para participarem da composição dos painéis, devam incluir figuras íntegras, nítidas ou independentes. Novas participações no conjunto pictural podem ser tão somente complementos do que já se vê na parede ou uma possibilidade nova de ler os traços que ali já se encontram disponíveis.

Outra forma que as interações diacrônicas assumem é a inserção - uma nova figura se encaixa dentro de outra - e o emolduramento - uma nova figura é composta enquadrando outras que já ocupavam a parede. Na Lapa do Voador, no município de Diamantina, numa porção do painel principal, não menos de 13 figuras foram pintadas formando um conjunto ao longo do tempo, envolvendo temas e estilos distintos, encaixando-se dorso com dorso, dorso com ventre, extremidades com dorso e terminando por um grande quadrúpede que envolve a todos. A adição de novas figuras justapondo-se às demais, de modo a se encaixarem é prática recorrente em diversos sítios (veja Prancha 26, na página seguinte).

Em todos esses casos de modos de interação, o que se vê é um compartilhamento intenso de significantes. Quer os autores dos diferentes estilos compartilhassem ou não os mesmos significados das figuras, estas são evidentemente reconhecidas e apropriadas pelos sucessivos autores. Eles não estão simplesmente agregando novas figuras para concorrerem com as precedentes, buscando estar presente por oposição ou por mera aderência ao painel. Eles estão efetivamente reconhecendo os grafismos precedentes, compondo novos grafismos *sobre* e *através* deles. Ainda que os significados anteriores atribuídos às pinturas por seus autores originais fossem diferentes, os novos autores (que se sucedem compondo temas semelhantes, mas em estilos diversos) estão incorporando tais pinturas ao seu "*texto*" – usando aqui a metáfora da textualidade, à moda da Antropologia Hermenêutica (GEERTZ, 1978) -, *texto* novo, que, ao mesmo tempo em que se distingue do anterior pelas novas figuras compostas e pelos novos elementos estilísticos empregados, inclui, absorve o texto anterior, realizando-se *com* e *através* dele.



Painel principal da Lapinha das Emas (Gouveia) - O grande galheiro de pontos se encaixa no ventre e nas ancas dos zoomorfos amarelos, que lhe são anteriores. Todos os cervídeos vermelhos se tocam e se conectam por dardos ou outras linhas.



Painel principal da Lapa do Voador (Diamantina) - Os ventres e dorsos dos zoomorfos ao centro se encaixam e uma grande figura - (que tem apenas linhas para delinear o ventre e as pernas) os envolve a todos, utilizando como seu o dorso das outras figuras.

Vetorização dos calques: Vanessa Linke

Prancha 26 - Encaixes e justaposições entre as figuras na composição dos painéis

Planalto: continuidade, inovação, variabilidade

A unidade cultural denominada Tradição Planalto parece conter em si uma coerência temática e uma certa *gramática*, que mantêm adequado o uso de tal unidade como recurso analítico e que justifica o emprego da expressão tradição arqueológica, tal como a define Prous (1999), com uma profundidade cronológica e uma distribuição espacial significativas. O caso de Diamantina e arredores, entretanto, sinaliza que, para além da coerência temática, podem haver divergências estilísticas substantivas numa mesma região. Também indica peculiaridades regionais, compartilhadas por diferentes estilos - como no caso dos jogos de interação descritos, que envolvem figuras dos diversos conjuntos internos à Tradição Planalto. Há que se estender a análise mais detalhada sobre as sobreposições a outras regiões, como o Carste de Lagoa Santa, a Serra do Cabral e a Serra do Cipó, pois elas também podem-se revelar menos caóticas e mais sistemáticas, a exemplo de Diamantina. Em se verificando que esse jogo sofisticado não se estende a outras áreas, essa seria uma variação diamantinense sobre uma prática planalto generalizada. Também a postura diante dessa prática para cada um dos conjuntos estilísticos diamantinenses pode ser explorada em maior detalhe, à medida que nossas análises prosseguirem, para que possamos caracterizá-los mais ricamente.

A inclusão dos aspectos de construção gráfica das figuras à caracterização dos estilos é uma dimensão analítica que considero como tendo grande potencial. Procurei discutir a questão em outras oportunidades a propósito da Tradição São Francisco do Norte de Minas Gerais, e pretendo explorá-la em maior profundidade numa publicação que estamos preparando para a região, sob a coordenação do Prof. André Prous. Creio que tal perspectiva pode ser útil para encontrarmos os padrões quando as figuras apresentam uma grande diversidade de formas finais (como no caso da Tradição São Francisco), caso em que as formas de composição poderiam revelar semelhanças; ou quando as figuras apresentam uma aparente homogeneidade (como no caso da Tradição Planalto), na qual os padrões de composição podem realçar as diferenças e auxiliar na análise da variabilidade.

AS PINTURAS DE DIAMANTINA PARA ALÉM DAS CARACTERÍSTICAS PLANALTO: OUTROS TEMAS, OUTROS ESTILOS

A diversidade dos grafismos de Diamantina, Gouveia, Serro, Datas e Monjolos se estende para além das linhas definidoras da Tradição Planalto, envolvendo elencos de temas e elementos estilísticos bastante diversos.

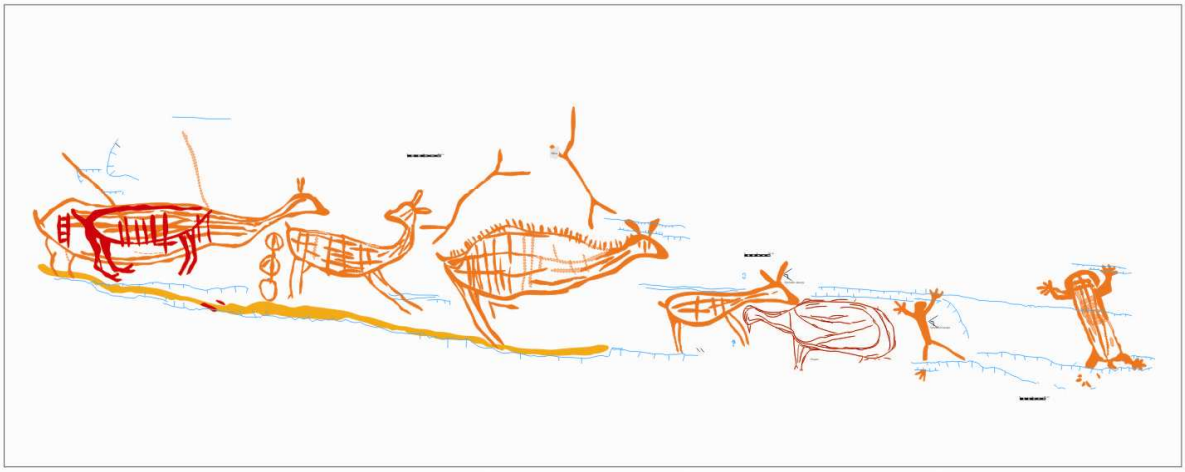
Pinturas da Tradição Agreste

Nas lapas do Caboclo, do Voador Sul, do Boi, do Boi Leste, da Vargem e do Aprazível podem ser vistos grandes figuras antropomorfas, de braços e pernas postos em simetria, isolados ou em pequenos conjuntos de figuras semelhantes, que, com tal temática e atributos gráficos podem ser atribuídos à Tradição Agreste definida no Nordeste do Brasil (PESSIS, 2003; MARTIN, 1997). Os grafismos atribuíveis à tradição são pouco freqüentes e pouco numerosos em cada sítio, o que seria um comportamento semelhante ao adotado pelos autores de pinturas dessa tradição no Vale do Peruaçu e na região de Montalvânia (ISNARDIS, 2004; RIBEIRO & ISNARDIS, 1996/97; RIBEIRO, 1996).

As figuras da Tradição Agreste, quando se relacionam com a Tradição Planalto em sobreposições, lhe são sempre posteriores. Entre os grafismos atribuíveis à Agreste, pode-se observar certa variação de estilos ao se compor os antropomorfos (veja Prancha 27, na página seguinte), que por vezes são formados inteiramente de linhas como na Lapa do Boi e do Voador Sul – se assemelhando a antropomorfos da região de Grão Mogol e da Serra do Cabral -, outras vezes são inteiramente chapados – como no Voador Sul, no Caboclo, na Vargem - e então se assemelham a figuras da Serra do Cipó, do Peruaçu e do Nordeste, embora em relação às duas últimas regiões sejam mais pobres em detalhes anatômicos.

O conjunto de figuras atribuíveis à Tradição Agreste, contudo, coloca outra questão: em alguns sítios não é possível distinguir, em termos de estilo e da identificação das tintas, as figuras Agreste de outras que poderiam ser tratadas como figuras da Tradição Planalto. No Abrigo Sul da Lapa do Voador (veja Prancha 27, na página seguinte), antropomorfos com atributos que corresponderiam aos descritos por Martin (1997) e Guidon (1991) se distribuem pelo suporte vertical bem próximos a cervídeos, que têm atributos gráficos semelhantes àqueles do Segundo Conjunto da Tradição Planalto. São também visíveis em Diamantina casos em que há semelhanças de estilo, de forma de composição gráfica entre grandes antropomorfos e os cervídeos. Considerando essas pontos, ainda assim, é possível distinguir os dois conjuntos, que, em geral apresentam-se com relações cronológicas relativas coerentes – Planalto mais antigo do que Agreste.

Figuras antropomorfas atribuíveis à Tradição Agreste



Painel da Lapa do Voador - Abrigo Sul. Figuras da atribuíveis à Tradição Planalto (ao centro e à esquerda) e à Tradição Agreste (à dierita).Tradição Agreste, pintadas com, aparentemente, o mesmo pigmento.

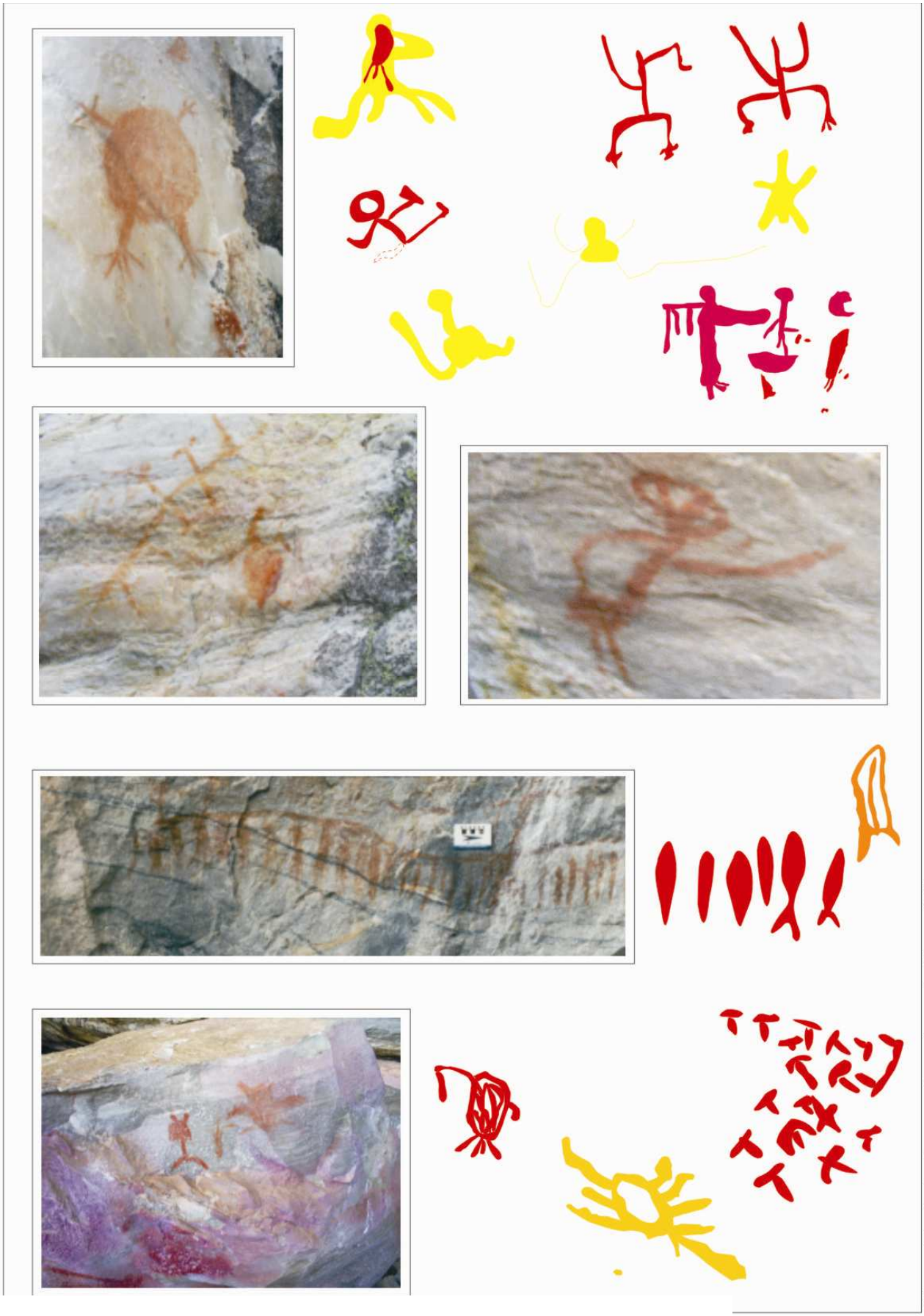
Prancha 27 - Manifestações da Tradição Agreste em Diamantina

O compartilhamento de atributos gráficos entre figuras Agreste e figuras Planalto pode ser decorrente de um compartilhamento de referências culturais entre seus autores; os dois conjuntos de figuras, que poderiam ser apartados pela temática, poderiam ser formas de expressão gráfica de uma mesma comunidade de pessoas. Poder-se-ia tratar também de uma absorção de influências, do repertório Agreste dentro do repertório Planalto, passando os pintores a integrar figuras antropomorfas a seu conjunto temático. Há também a possibilidade de uma fusão na região, de formas de expressão gráfica que, em outras regiões, geralmente são dissociadas, o que implicaria na união de elementos culturais (que estariam encontrando expressão nas pinturas) que em outras regiões se encontrariam apartados.

Uma exploração mais intensiva e mais extensiva da região de Diamantina e de outras regiões freqüentadas por figuras atribuíveis aos dois conjuntos (como Grão Mogol, A Serra do Cipó e a Serra do Cabral) poderá nos munir de mais elementos para a avaliação dessas possibilidades.

Pinturas do Complexo Montalvânia

As manifestações gráficas atribuíveis ao Complexo Montalvânia na área de pesquisa são numericamente bem mais expressivas que as da Tradição Agreste, mas, no conjunto gráfico total dos sítios, são também razoavelmente discretas. Os grafismos que estamos atribuindo a essa unidade estilística incluem antropomorfos com sugestão de dinamismo, biomorfos, bio-antropomorfos esquemáticos, zoomorfos altamente estilizados, assim como alguns grafismos geométricos. Figuram nos suportes rochosos de Diamantina alguns dos temas mais típicos do Complexo Montalvânia, conforme definido no Norte de Minas (SILVA, 2003; RIBEIRO, 1996), como a “esquadrilha”, mas outros temas ainda mais freqüentes nas porções mais setentrionais do estado, como os propulsores e as figuras que se assemelham a pegadas humanas (os assim chamados “pés”) estão ausentes – veja Prancha 28, nas páginas seguintes. Um elemento notável nos grafismos que em Diamantina estamos atribuindo ao Complexo Montalvânia, elemento que reforça essa atribuição, é de ordem comportamental: dentro dos sítios, as pinturas Montalvânia assumem a postura típica de seu comportamento no Norte de Minas em relação aos suportes, ocupando nichos, partes baixas, relevos negativos do paredão; também em relação aos grafismos anteriores, a postura é aquela descrita como típica em outras regiões (RIBEIRO & PANACHUK, 1996/97), com o evitamento de sobreposições e uma ocupação periférica ou dos espaços deixados vazios pelos pintores mais antigos.



Fotos, vetorização de calques, montagem da prancha: Vanessa Linke

Prancha 28 - Grafismos atribuíveis ao Complexo Montalvânia na região de Diamantina

Em termos de cronologia relativa, foi possível identificar relações entre figuras do Complexo Montalvânia e figuras Planalto, estando as primeiras sempre sobre as segundas. Não foi possível estabelecer, contudo, relações entre os grafismos do Complexo Montalvânia e figuras da Tradição Agreste. Assim, os grafismos Montalvânia e os grafismos Agreste se colocam, sem relação entre si, como os conjuntos gráficos mais recentes da região.

Em abrigos como a Lapa do Boi, do Boi Leste e a Lapa do Pasmar, há figuras Montalvânia típicas e, a seu lado, figuras compostas com tinta de mesmo aspecto, em condições coerentes de cronologia relativa e com características de estilo gráfico semelhantes, que correspondem a figurações de zoomorfos. Há zoomorfos atribuíveis, em função desses elementos, ao Complexo Montalvânia. Em alguns casos a associação pode ser feita, em função da proximidade e de uma forte identidade de tintas. Nesses casos, é possível dizer que o Complexo Montalvânia esteja fazendo em Diamantina algo semelhante a seu comportamento no Vale do Peruaçu, onde incorpora temas sanfranciscanos, que os antecederam nas paredes (ISNARDIS, 2004). Aqui os autores do Complexo Montalvânia poderiam estar incorporando temas Planalto que já ocupavam as paredes dos abrigos.

A nitidez do Complexo Montalvânia na região ganhou um argumento poderoso com as prospecções em Rodeador (município de Monjolos). As superfícies calcárias da Lapa da Bonina guardam o suporte sub-horizontal e polido caracterizado como típico das gravuras do Complexo Montalvânia no Norte de Minas (SILVA, 2003; RIBEIRO, 1996; RIBEIRO & ISNARDIS, 1996/97). E lá estavam elas, as formas volteadas das gravuras do Complexo Montalvânia Mas as gravuras não se restringiam ao suporte baixo. Elas ocupavam a parede vertical do abrigo, onde se faziam visíveis em temas típicos do Complexo Montalvânia - antropomorfos de membros volteados e figuras ovais com apêndices angulados. Mas também estavam na mesma parede vertical cervídeos semelhantes aos do quinto conjunto planalto, com corpo chapado e galhadas agigantadas, porém compostos em gravura. A Lapa da Bonina aponta também para uma aproximação temática entre Planalto e Complexo Montalvânia. OS levantamentos em Rodeador são iniciais e a região pede levantamentos sistemáticos dos grafismos e prospecções.

Pinturas da Tradição Nordeste

Na Lapa da Turma, há dois pares de grafismos antropomorfos que representam atos sexuais. A partir desse sítio, levantamos a hipótese de haver grafismos atribuíveis à Tradição Nordeste na região de Diamantina. Um dos casais da Lapa da Turma, tem atributos gráficos que o aproxima muito das expressões norte-mineiras da tradição; o segundo casal apresenta aspecto um tanto distinto, com maiores dimensões, sobretudo da figura masculina, que tem seu corpo preenchido por

linhas; contudo a tinta utilizada para compor ambos os casais é idêntica, em termos de cor, textura e grau de alteração.

Após um levantamento fotográfico sistemático do sítio João Rosa e da prospecção e registro da Lapa da Janela, novas figuras antropomorfas com representações da genitália e corpo alongado foram identificadas – vide Figura 4.1. O antropomorfo masculino do João Rosa também tem dimensões um tanto grandes para antropomorfos Nordeste e seu corpo é composto de linhas, mas a forma geral e a posição dos membros é semelhante ao antropomorfo maior da Lapa da Turma. Já a figura antropomorfa aparentemente feminina da Lapa da Janela tem aspecto bastante semelhante a figuras do carste de Lagoa Santa (como as do Abrigo Rei do Mato, atribuídas à fácies Ballet da Tradição Nordeste [PROUS & JUNQUEIRA, 1995]).

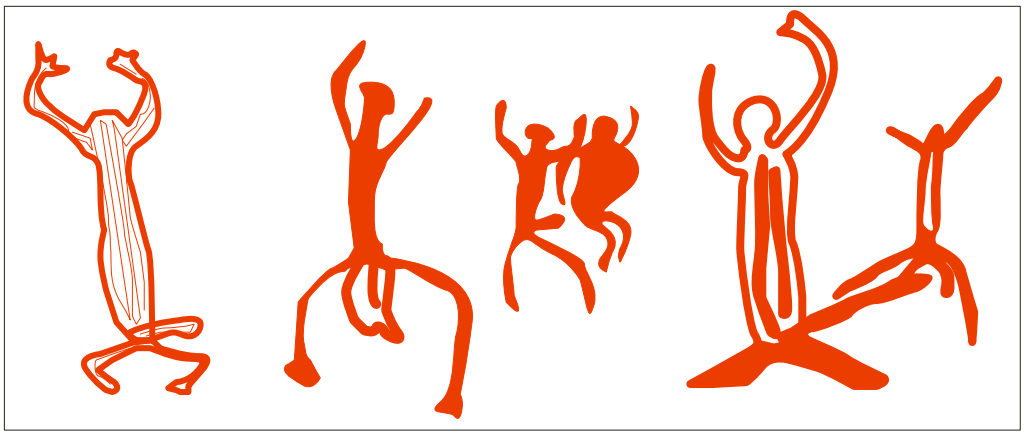


Figura 4.1- Grafismos da Tradição Nordeste na região de Diamantina

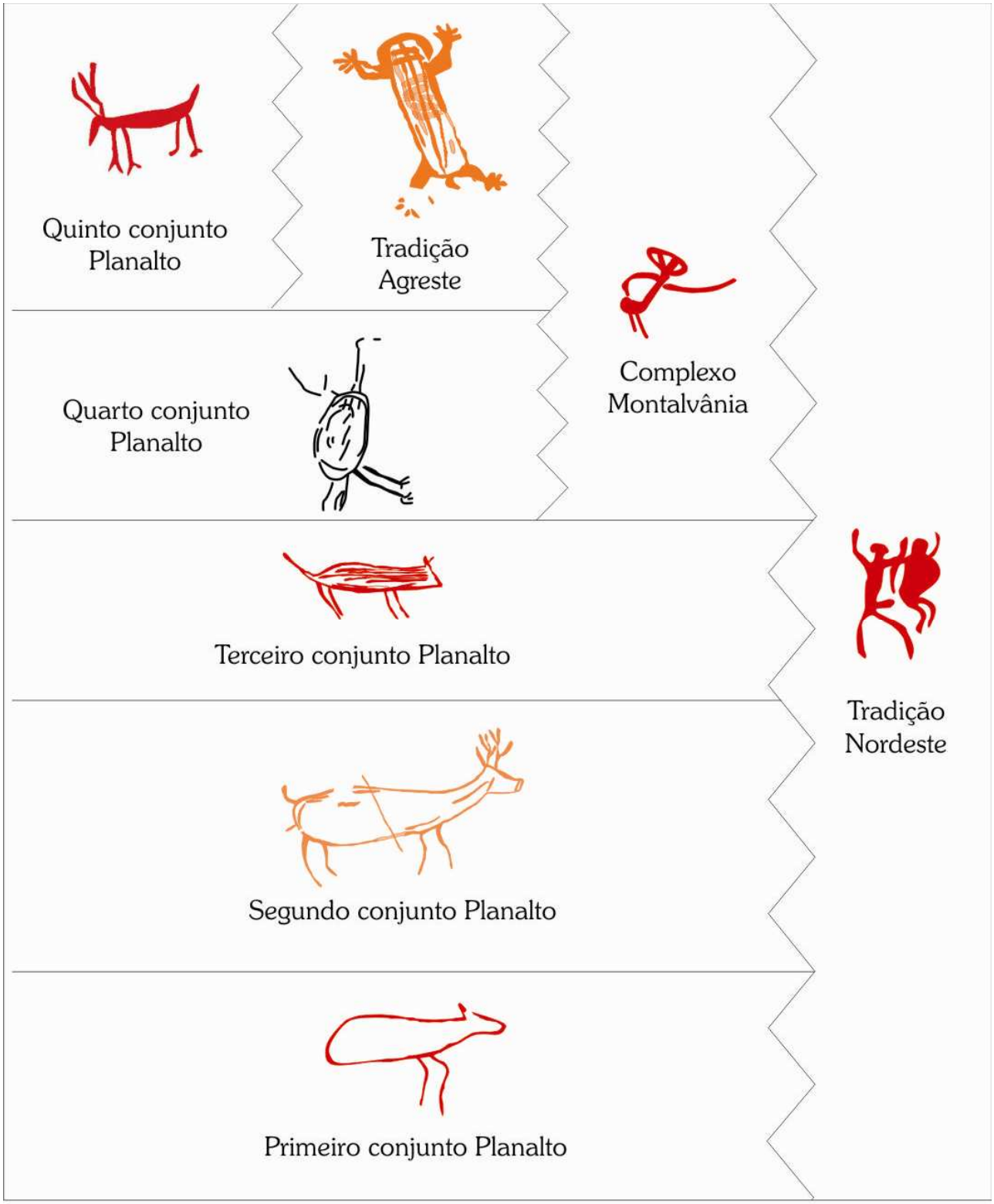
Ao todo o conjunto é muito pouco numeroso, mas é marcado por uma forte distinção temática e estilística em relação aos demais conjuntos, diferindo deles também pelos pigmentos utilizados. Também no que se refere aos sítios escolhidos para receber as figuras desse conjunto, nota-se uma peculiaridade: todos os abrigos são voltados para Leste ou Nordeste, uma orientação pouco freqüente entre abrigos da região, em função da inclinação das camadas quartzíticas do Espinhaço. Assim, embora em número reduzido, as figuras semelhantes à Tradição Nordeste parecem constituir um conjunto bastante distinto.

É sabido que manifestações da Tradição Nordeste atingem porções bem mais meridionais do estado (como o carste de Lagoa Santa e a Serra do Cipó), onde são posteriores à Tradição Planalto. Em Diamantina, uma das figuras que poderiam ser expressões da Tradição Nordeste mantém relação de cronologia relativa, dispondo-se sobre um cervídeo atribuível à Tradição Planalto, este, contudo, é o único caso de sobreposição e não dá segurança para estabelecer com clareza a colocação das figuras Nordeste no quadro cronológico regional.

Um quadro crono-estilístico para a área de pesquisa está delineado com as limitações já apresentadas. Veja na página seguinte a Prancha 28, em que esse quadro é apresentado. As linhas contínuas no quadro representam relações cronológicas claras (o que está acima de uma linha é posterior ao que está abaixo dela), enquanto as linhas em ziguezague representam relações de cronologia relativa não estabelecidas ainda. As figuras são meramente ilustrativas de cada uma das unidades estilísticas e de cada um dos conjuntos da Tradição Planalto.

Uma cronologia relativa é aquela que até o momento pode ser estabelecida de modo controlado, ou seja, posso construí-la consciente de sua limitações e dos problemas que enfrento ao implementá-la. Mas para Diamantina uma possibilidade de cronologias absolutas existe e deixa algumas portas entreabertas.

Conforme discutido no capítulo primeiro, há datas absolutas para pinturas obtidas na Serra do Cipó que podem, com o devido cuidado e as ressalvas já feitas, ser projetadas para a região de Diamantina. Essa projeção nos faz considerar a possibilidade das unidades estilísticas posteriores aos conjuntos Planalto, ou seja, a Tradição Agreste e o Complexo Montalvânia, corresponderem aos últimos 2000 anos. Portanto, corresponderem a um período que se pode sobrepor àquele das ocupações pré-históricas recentes da região. Esta questão será retomada no capítulo sétimo.



Prancha 29 - Quadro crono-estilístico dos grafismos rupestres da região de Diamantina

PAISAGENS CONSTRUÍDAS COM PINTURAS RUPESTRES

Pinturas rupestres são vestígios arqueológicos assaz peculiares. São vestígios que são intencionalmente postos onde estão – condição compartilhada por franca minoria dos vestígios arqueológicos. Uma vez postos, ficam lá, mesmo que tudo em volta se altere. No dizer de Christopher Chippindale e George Nash, a insegurança da inserção das pinturas e gravuras rupestres no tempo "*is compensated for by security in place*" (CHIPPINDALE & NASH, 2004:7). Os autores chamam atenção para a estabilidade radical dos grafismos rupestres, se comparada a outros elementos do registro arqueológico e usam exemplos de como os grafismos permaneceram estáveis em paisagens que muito se modificaram ao seu redor. Daí, demonstram a possibilidade dos próprios sítios de pintura e gravura fornecerem dicas sobre a paisagem pretérita, assim como demonstram os equívocos interpretativos decorrentes de observarmos hoje sítios que fizeram sentido em outras paisagens – como, por exemplo, os sítios de gravura de Valcamonica (na Itália setentrional), hoje em áreas de florestas, mas que foram compostos num período em que a paisagem era dominada por rochas nuas. Embora não tenhamos estudos sistemáticos de como se apresentavam as paisagens do Espinhaço meridional no período pré-colonial, há um consenso informal entre geógrafos e botânicos de que o Bioma Cerrado está ali, com toda a sua exuberância, já se vão alguns milênios. O mosaico vegetacional que hoje a Serra nos apresenta [vide Capítulo Segundo], pode ter sim sofrido com a ação de desmatamento, sobretudo para a obtenção de lenha e madeira para construção e mobiliário (SANTOS, 1976; FURTADO, 1994), uma vez que o desmate para a agricultura parece ser inexpressivo (ao menos fora da Janela Estrutural de Gouveia), o que deve ter resultado numa redução das áreas com formações vegetacionais mais densas e de maior porte. Posto que os condicionantes para o desenvolvimento da vegetação são estáveis e foram pouco modificados pela ação antrópica, especialmente nas áreas afastadas de núcleos urbanos, a vegetação tende a apresentar hoje as feições que apresentava antes da invasão colonial. Os sítios pintados, que hoje pontilham a Serra de zoomorfos e outras figuras, devem ter sido compostos numa paisagem muito semelhante à atual, na costura entre campos rupestres, campos limpos, cerrado *stricto sensu*, capões de mata (cerradão). É razoável supor uma visibilidade dos afloramentos semelhante à presente e é, pois, razoável, tomar a Serra de hoje para refletir sobre a Serra de ontem, quando as tintas vermelhas e amarelas foram povoando as paredes rochosas. De todo modo, a falta de dados efetivos sobre as transformações não nos deixa muitas alternativas, a não ser trabalhar com os atributos da paisagem atual para abordar possíveis relações entre os

elementos naturais da paisagem e as construções culturais que sobre eles foram feitas por meio das figuras rupestres.

Uma das mais ricas conclusões da pesquisa de Linke é a percepção de que a continuidade no padrão preferencial de escolha de sítio não se restringe ao conjunto de estilos que consideramos como pertencentes à Tradição Planalto, mas transcende essa grande unidade e permanece sólido quando os temas e estilos mudam profundamente, com a introdução dos grafismos, que aqui associamos à Tradição Agreste e ao Complexo Montalvânia. Linke aponta que esse compartilhamento de sítios - a manutenção do padrão de escolha, quando mudam temática e estilo - pode indicar um compartilhamento de significados atribuídos aos elementos da paisagem (LINKE, 2008: 177). Haveria, assim, um ponto de comunhão concreto entre os sistemas simbólicos que geraram expressões gráficas bastante distintas: o reconhecimento do local merecedor de pinturas e a motivação para neles pintar. Essa comunhão pode se relacionar, como a própria autora aponta, a um compartilhamento de outros elementos culturais da percepção da paisagem, como podem sinalizar uma proximidade histórica entre grupos suficientemente distintos do ponto de vista cultural para gerarem expressões gráficas significativamente diferentes.

É notável perceber que, ao contrário do que propus a respeito do Vale do Peruaçu (ISNARDIS, 2004), as paisagens construídas pelos diferentes conjuntos estilísticos que ocuparam as paredes das serras diamantinenses são semelhantes. Há uma tendência à convergência, sem sinais expressivos de ruptura. Há conjuntos que fazem opções peculiares, como é o caso dos grafismos atribuíveis à Tradição Nordeste, que só pintaram em sítios voltados para o Leste (uma orientação francamente minoritária na Serra, em função de características estruturais). Mas mesmo esse conjunto só colocou seus grafismos em sítios já grafados. A imensa maioria dos sítios que conhecemos na região de Diamantina foi inaugurada pelo Primeiro ou pelo Segundo Conjunto Planalto; os estilos tardios, Planalto ou não, apenas re-ocuparam locais já grafados. A paisagem construída graficamente é uma paisagem Planalto, mesmo quando as figuras que chegam à parede compartilham poucos atributos com os zoomorfos Planalto.

A região é um caso veemente de continuidade, em contraste com outras áreas de Minas Gerais, onde conjuntos gráficos diferentes distribuem-se de formas nitidamente distintas – como no caso dos momentos iniciais da Tradição São Francisco em comparação com o Complexo Montalvânia, com a Tradição Nordeste e a unidade estilística Piolho de Urubu, no Vale do Peruaçu (ISNARDIS, 2004); também é o caso na região de Montes Claros (BUENO, 2008), onde vê-se uma combinação específica de temas e estilos se limitando a um pequeno número de sítios, enquanto outras temáticas elegem outros locais para grafar.

Quando agregamos essa continuidade ‘transestilística’ às continuidades já discutidas entre os conjuntos da Tradição Planalto, Diamantina se configura como uma área em que a paisagem construída pelas expressões gráficas é especialmente estável. Mesmo entre unidades estilísticas diferentes há uma convergência da estruturação da paisagem. Há novos agregados às paredes e muito pouca mudança estrutural. Olhando para o âmbito apenas dos grafismos que atribuímos à Tradição Planalto, vemos uma intensa coerência na temática, na organização espacial, na lógica de construção dos painéis e também na lógica de construção da paisagem – elementos, portanto, para pensar num substancial compartilhamento de repertório cultural entre os autores dos diversos estilos Planalto.

CAPÍTULO QUINTO

PRÉ-HISTÓRIA, AINDA QUE TARDIA: elementos para a construção de um contexto pré-histórico recente

Este capítulo pretende apresentar os elementos - e as vias possíveis de articulação entre eles – para a construção como objeto de análise do horizonte das ocupações pré-históricas do Holoceno superior.

Esse horizonte cronológico é marcado em diversas regiões pesquisadas no Brasil central e oriental pela emergência das tradições ceramistas e a Arqueologia brasileira tem privilegiado os sítios cerâmicos – numerosos e com material abundante - para as intervenções arqueológicas e para a construção das análises. Nas investigações arqueológicas brasileiras, tendem a desaparecer, como objeto, os caçadores-coletores recentes, assim como têm pouco espaço discussões sobre padrões de mobilidade que não se restrinjam à oposição entre horticultores sedentários e caçadores-coletores de grande mobilidade[1]. Associada à introdução da tecnologia cerâmica, em algumas das regiões estudadas, vêem-se evidências de horticultura. Contudo, nem sempre os sinais de vegetais cultivados são claros. Ainda assim, mesmo com pouca clareza de sinais em algumas áreas de pesquisa, firmou-se na Arqueologia brasileira uma forte associação entre o domínio da tecnologia cerâmica e a prática de horticultura. Muitos são os fatores que sustentaram essa associação, boa parte deles, inclusive, é de origem teórica e nem sempre se baseiam no registro arqueológico propriamente[2]. Grande parte dos arqueólogos crê, explícita ou implicitamente, numa afinidade entre cerâmica e cultivo de vegetais como decorrente de um suposto sedentarismo associado à horticultura, que criaria as condições e/ou demandas para o domínio da tecnologia oleira e o uso de artefatos cerâmicos, cuja transportabilidade se crê restrita. Na base de parte dessas idéias estão os registros de populações indígenas sulamericanas atuais ou historicamente conhecidas, nos quais se vê uma associação recorrente entre os dois domínios técnicos – o das argilas cozidas e o das plantas cultivadas

[1] A exceção notável é o contexto dos sambaquis litorâneos, reconhecidos na bibliografia como caçadores-coletores sedentários.
[2] Esse seria inclusive um caso interessante para discutir as orientações teóricas implícitas dos arqueólogos brasileiros, mas essa é questão para outro momento.

– e onde se vêem também, em muitos casos, cerâmicas assemelhadas às pré-coloniais, entre eles vasilhames grandes, numerosos e pouco transportáveis.

Ao se olhar para os sítios pré-históricos diamantinenses atribuíveis aos últimos mil anos anteriores à chegada dos garimpeiros coloniais, uma pergunta será feita rapidamente: onde está a cerâmica? Vêem-se mais vestígios de vegetais cultivados do que de vasilhas cerâmicas. Outros são os vestígios abundantes da pré-história recente, outro é o domínio tecnológico que em Diamantina se oferece mais freqüentemente à análise: a transformação do quartzo e do quartzito em artefatos lascados. E aí o contexto diamantinense provoca outro dos *pré-conceitos* da Arqueologia brasileira tradicional: uma suposta dissociação entre os horticultores indígenas recentes e o emprego de artefatos líticos sofisticados.

Neste capítulo, serão apresentados os sítios atribuíveis às populações pré-históricas recentes e os elementos de que disponho para arranjá-los numa cronologia regional, agregados aos elementos apresentados no capítulo quarto. Serão discutidos aqui alguns atributos desses sítios e as possibilidades de articulação analítica entre eles, que serão desenvolvidas nos capítulos posteriores – capítulos sexto e, sobretudo, sétimo.

Antes, porém, de empreender qualquer análise referente às ocupações pré-históricas recentes, é preciso olhar de frente uma questão da maior relevância no contexto regional: o uso contemporâneo dos abrigos rochosos. No caso de Diamantina, esse uso tem para a arqueologia pré-histórica implicações muito concretas e um tanto peculiares. Ao se tomar as ocupações pré-históricas dos últimos milênios como objeto essas implicações devem examinadas com cuidado.

OCUPAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DOS ABRIGOS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ANÁLISE DA PRÉ-HISTÓRIA REGIONAL: OS CAÇADORES-COLETORES MODERNOS

Como dito anteriormente, a Serra do Espinhaço, especialmente seu Planalto Meridional, é pródiga em fornecer abrigos rochosos naturais, em função de sua feição intensamente modelada por cisalhamentos e fraturas. Sem exagero, *milhares* de abrigos, de tamanhos e morfologias diversas, podem ser encontrados na área objeto desta pesquisa. São muito freqüentes os abrigos que guardam vestígios da presença humana pré-colonial,

conforme nossas prospecções demonstraram. Contudo, os abrigos não serviram apenas aos ocupantes indígenas. Na maioria dos abrigos que identificamos como sítios pré-históricos vêem-se sinais nada discretos de ocupações contemporâneas.

Na região, a população rural tem fontes complementares de subsistência que a mantêm estreitamente conectada aos produtos naturais oferecidos pela Serra. Além do garimpo de diamante e de ouro, que persiste desde os tempos da América Portuguesa, também o cristal de quartzo é hoje objeto de exploração numa escala manual, artesanal diríamos. A coleta de vegetais nativos tornou-se, nas últimas décadas, uma atividade de grande importância, à qual famílias inteiras se dedicam nos períodos de maior oferta de plantas coletáveis – inclusive os garimpeiros, que trocam sazonalmente a incerteza do garimpo pela renda segura, ainda que modesta, da coleta de produtos do campo. O que se coleta são, majoritariamente, as flores de gramíneas chamadas *sempre-vivas* (seu nome vem do fato de não murcharem ou perderem o viço quando secam, quando morrem), que existem na região em notável diversidade, além de outros vegetais, como o *capim dourado* e o *quiabo-da-serra*, e algumas variedades de liquens. O consumidor é, basicamente, o mercado de artesanato e decoração. Quando estão no campo, os coletores e garimpeiros recorrem aos abrigos rochosos como local de descanso, de acampamento, de armazenamento e de processamento inicial desses diferentes produtos.

Figura 5.1 – Maços de flores depositados na Lapa do Mano.

O garimpo de cristal serve a dois mercados distintos: ao de decoração e produtos ‘esotéricos’ e ao da indústria eletrônica e de comunicação. No primeiro caso, os cristais são recolhidos e vendidos inteiros - em alguns casos chegam inteiros ao consumidor final, em outros são objeto de lapidações e aproveitamento em joalheria.

No caso dos usos industriais, os compradores não se interessam por cristais com impurezas, tais como fissuras ou acúmulos internos de outros minerais (ferro, manganês). Também superfícies corticais são recusadas pelos compradores, pois, no processamento para seu uso industrial, os cristais são fundidos e transformados em cilindros de pura sílica e o córtex tende a atrapalhar o processo de solidificação dos cilindros (pois tende a agregar a sílica em seu formato cristalino). Para os compradores da indústria, não há nenhuma necessidade de se manter os cristais inteiros, nem importa que eles estejam fragmentados. Os garimpeiros bem sabem o que, no momento da venda, será aceito ou recusado pelos compradores. Assim, os cristais que serão vendidos à indústria são lascados, de modo a retirar os elementos indesejados e reduzi-los a peças que contêm a sílica mais pura, que interessa aos compradores. Esse lascamento contemporâneo de cristal coloca um problema muito concreto à análise das indústrias pré-históricas dos abrigos: os garimpeiros, freqüentemente, usam os abrigos como locais de lascamento de seus cristais, pois assim voltam do trabalho de garimpo levando apenas o que terá valor de venda, já descartando próximo aos locais de extração o que não lhes interessa.

As formações rochosas diamantinenses estão vivas como *abrigos*. São numerosos os locais em que se encontram fogões feitos de blocos de quartzito, pequenas paredes erguidas com blocos empilhados, latas e garrafas, camas de palha, jiraus (até aí não há grande diferença em relação a outras regiões com afloramentos rochosos pelo Brasil adentro), além de (aí a peculiaridade da região se faz presente) acúmulos de milhares de caules de gramíneas (os resíduos de coleta das flores), maços de milhares de flores e numerosos fragmentos de cristal de quartzo com nítidos estigmas de lascamento voluntário. Os vestígios arqueológicos pré-históricos convivem muito freqüentemente com essa gama de vestígios contemporâneos. Em muitas regiões podem-se encontrar nos abrigos naturais vestígios de caçadores atuais, excursionistas, ermitões ou fugitivos. Em Diamantina, contudo, esse uso atual das lapas é freqüente e não se trata simplesmente de um uso marginal ou periférico na vida das comunidades contemporâneas: ali os abrigos rochosos

estão intensa e estreitamente conectados a todo um sistema de uso e significação dos elementos naturais da paisagem que tem lugar central na vida das comunidades rurais contemporâneas.

Tomar como objeto de análise as ocupações pré-históricas tardias da região implicou em dirigir a atenção a esses usos modernos dos abrigos, buscar compreendê-los e reunir elementos que permitissem distingui-los das ocupações pré-históricas. Assim, foi necessário construir uma visão etnográfica, mesmo que superficial, da atual relação das comunidades rurais com esses elementos da paisagem natural. Para isso pude me valer de elementos distintos.

Em primeiro lugar, a equipe do Setor de Arqueologia realizou uma etapa de campo específica para a caracterização e compreensão do lascamento dos garimpeiros, realizando entrevistas e observações empíricas de suas técnicas de lascamento. Além disso, fizemos também coletas sistemáticas de seus produtos, para procedermos em laboratório a análises tecnológicas. Os resultados desse trabalho foram apresentados na última reunião da SAB (com co-autoria de Ângelo Pessoa e Andrei Isnardis, a comunicação infelizmente não foi incluída no caderno de resumos e na programação do evento) e foram incorporados parcialmente no artigo "*Les technologies litiques des populations préhistoriques du Brésil central et septentrional*", com co-autoria de A. Prous e A. Isnardis (PROUS & ISNARDIS, *no prelo*).

Ângelo Pessoa e Loredana Ribeiro vêm conduzindo um projeto de pesquisa, financiado pela FAPEMIG, que tem como objeto as técnicas de mineração manual contemporânea em comparação com aquelas do período colonial (RIBEIRO & PESSOA, 2008). Nessa pesquisa, os autores têm conduzindo observações e entrevistas sobre as atividades dos garimpeiros de São João da Chapada, Sopa e Guinda. A participação de Ângelo Pessoa nas pesquisas sobre a pré-história regional tem colaborado também nesse sentido, fornecendo elementos para a melhor compreensão das atividades dos garimpeiros e coletores, tanto em sua dimensão mais estritamente tecnológica, quanto em sua dimensão antropológica mais ampla.

Em todas as oportunidades de contato com os moradores da região, ao longo de nossas estadias, todos nós que integramos as equipes de campo buscamos informações sobre as práticas de coleta de vegetais e de garimpo, reunindo, ainda que de maneira

informal, uma ampla gama de relatos. A etapa de campo voltada especificamente para o estudo do lascamento dos garimpeiros foi o momento que forneceu as bases mais consistentes de informação. Naquela ocasião, a equipe formada por André Prous, Ângelo Pessoa, Vanessa Linke e Andrei Isnardis visitou um grande garimpo desativado de quartzo próximo a São João da Chapada, no qual há grandes acúmulos de fragmentos de cristal resultantes das distintas etapas de seu processamento – um verdadeiro 'sambaqui' de quartzo ou, conforme Adriano Carvalho e Ângelo Pessoa, um 'sambaquartzo'. Ali fizemos coletas amostrais sistemáticas. A equipe entrevistou diferentes personagens do sistema de exploração do cristal – garimpeiros, lascadores e comerciantes –, nas localidades de São João da Chapada e Cuiabá (esta no município de Gouveia). Nessas vilas foi observado e documentado fotograficamente o processo de lascamento, tendo sido os produtos também recolhidos para análise posterior.

O lascamento moderno do quartzo

O método de lascamento dos garimpeiros se faz, basicamente, em duas etapas. Numa primeira etapa, chamada *quebra*, os cristais são fraturados em blocos, para permitir sua abordagem com maior precisão – e para vencer os ângulos pouco favoráveis, sobretudo nos cristais grandes[3]. Os blocos produzidos são então lascados para a retirada do córtex e das impurezas. Na primeira etapa são utilizadas marretas ou martelos de ferro grandes – podem ter meio, um ou dois quilos; ouvimos relatos de uma marreta de cinco quilos ter sido empregada num cristal muito grande. Na segunda etapa são empregados martelos pequeninos, de poucas gramas, de cabo longo e com duas pontas, uma achatada e outra pontiaguda.

Conforme dito acima, o lascamento do quartzo empreendido pelos garimpeiros e seus associados tem por objetivo a descorticagem e a remoção de impurezas no interior dos cristais. Sendo somente esse o objetivo, não há qualquer preocupação com o formato que terá o produto – a porção descorticada e pura do cristal, que é chamada pelos garimpeiros de *lasca*. Trata-se de um lascamento profundamente oportunista, em termos da organização dos gestos. Não há uma preocupação em criar arestas que poderão guiar as próximas lascas

[3] Vale dizer que, quando se diz cristais grandes no contexto da região, se está falando de cristais realmente grandes, que podem pesar dezenas de quilos.

e não há uma preocupação em otimizar o desenvolvimento dessas. O lascamento dos garimpeiros não parece envolver uma previsão sistemática de gestos, o que, certamente, advém do fato deles não se preocuparem com a forma final que será produzida.

É muito freqüente que ângulos iguais a 90º – ou mesmo um pouco maiores - sejam abordados, o que exige um golpe intenso e que, freqüentemente, gera lascas mal formadas. É técnica comum dar diversos golpes repetidos num mesmo ponto – o que é necessário, sobretudo, quando o ângulo de ataque é desfavorável e a lasca não se forma com facilidade -, produzindo talões esmagados e fraturados.

Os garimpeiros exploram com freqüência os planos de clivagem dos cristais, percutindo junto a eles, tanto para facilitar as fraturas, quanto para, partindo-os, remover as impurezas que muitas vezes os acompanham. A atitude em relação às clivagens dos cristais é, assim, oposta à dos lascadores pré-históricos, que, interessados em controlar a forma de seus produtos de lascamento, evitam as sondagens e fazem esforço para não provocá-las.

O batedor utilizado – sua densidade e agudez - e a intensidade com que os golpes são dados produzem muitos talões esmagados ou pontos de impacto muito marcados. Os bulbos possuem uma feição típica: são nítidos e amplos; por vezes toda a face interna é tomada pelo cone de percussão.

	indústrias do Holoceno superior	**indústria dos garimpeiros**
pontos de impacto	bem marcados	bem marcados ou fraturados
parte proximal	inteira	numerosas esquilhas e fissuras
talons	lisos e finos	muito espessos
angle de chasse	obtuso	direto ou agudo
bulbes	bem marcados, limitados	bem marcados, invasivos
ondes	irregulares e acidentadas	discretas, freqüentemente única
cortex	freqüente sobre lascas e núcleos	somente em lascas de descorticagem
facetas formadas por planos de clivagem	ausentes	muito freqüentes
cassons	pequenos e pouco freqüentes	grandes e numerosos

Tabela 5.1 - Comparação entre lascamento pré-histórico e o lascamento moderno do quartzo.

Imenso acúmulo de refugos de lascamento moderno do quartzo, num grande garimpo, hoje abandonado - o "sambaquartzo"

Perfil de uma pequena drenagem exibindo a espessura do acúmulo de refugos de cristal lascado

Garimpeiros de cristal de Cuiabá (no município de Gouveia), que nos receberam e nos permitiram registrar sua técnica. Ao fundo a pilha de "lascas" à espera do comprador.

Acúmulos de refugo de lascamento dos garimpeiros no sítio arqueológico pré-histórico da Lapa da Vargem (assinalados com as setas)

Prancha 30 - Os garimpeiros e o quartzo lascado

▲ Primeira fase do lascamento dos cristas: a "quebra", feita com martelo pesado

▲
◄ O lascamento dos blocos resultantes da "quebra. Observem-se os pequenos martelos de cabo longo com duas pontas distintas
▼

► Os pequenos blocos de cristal no ponto como serão vendidos - as "lascas" dos garimpeiros -, descorticados e sem intrusões de outros minerais.

Prancha 31 - O lascamento moderno do quartzo pelos garimpeiros

Embora haja produtos típicos desse lascamento moderno, como os ângulos muito abruptos, com pontos de impacto muito nítidos e bulbos pronunciados ou talões fraturados, parte do refugo gerado pelos garimpeiros tem atributos compatíveis com um lascamento mais delicado. Ao longo do processo, ainda que sem intenção alguma, são geradas lascas com talões íntegros, bulbos mais restritos e pontos de impacto não esmagados, sobretudo quando a superfície abordada apresenta ângulos mais agudos e arestas casualmente favoráveis, gerando lascas regulares e bem desenvolvidas que podem ser facilmente produzidas por golpes menos vigorosos do martelo. Do mesmo modo, alguns núcleos resultantes – as *lascas* dos garimpeiros – têm feições razoavelmente regulares, obra do acaso, da oferta de ângulos que foi casualmente se oferecendo à descorticagem. Pudemos, inclusive, reunir algumas peças que, deslocadas de seu contexto, seriam tomadas não somente como núcleos pré-históricos mas mesmo como artefatos retocados de modo irregular – o ponto tranqüilizador aqui é que esse produtos são aqueles que os garimpeiros levam consigo para vender.

Na superfície e na imediata superfície de muitos abrigos esses produtos do lascamento moderno estão misturados ao produto do lascamento das últimas populações pré-históricas. É seguramente o caso da Lapa do Boi e da Lapa do Caboclo e, potencialmente, pode ser o caso de qualquer dos sítios analisados que tenha quartzo lascado em superfície.

Olhando diretamente para o registro arqueológico dos sítios, é possível distinguir produtos típicos do lascamento dos garimpeiros, com poucas possibilidades de terem sido produzidos por lascadores pré-históricos, interessados em gumes de quartzo. É esse o caso das peças de ponto de impacto exagerado, ângulo excessivamente abrupto e bulbo; também é o caso das peças com múltiplos pontos de impacto próximos e ângulo desfavorável ao lascamento.

Do mesmo modo, é possível estar certo de peças que não são resultado do lascamento de garimpeiros. É o caso das lascas sem córtex, de um modo geral, e de lascas com talões muito finos e ângulos muito acentuados, bem como lascas com lábio pronunciado e/ou cornija preparada. Artefatos com retoques regulares também podem ser excluídos do universo do lascamento moderno. Qualquer peça de quartzo não cortical e

desprovido de impurezas – outros minerais inclusos – tem grande probabilidade de não ser produto dos garimpeiros, pois sua organização tecnológica tem como atributo típico retirar dos abrigos as peças sem córtex.

Contudo, há peças que não podem, por si só, ser atribuídas com segurança a qualquer dos dois contextos, a pré-história recente ou o lascamento moderno. O reconhecimento de qualquer peça passará necessariamente por uma avaliação do contexto em que se encontra. A análise do material lítico pré-histórico superficial de qualquer dos sítios da região está, muito provavelmente, englobando lascas dos garimpeiros. O exame de cada caso, de cada sítio, pode concluir, por meio dos produtos típicos, se há uma presença grande ou pequena de refugos de lascamento moderno. Essa é a medida possível no contexto diamantinense: perceber se a presença dos garimpeiros é grande ou não. A partir daí é preciso avaliar, conforme um exame preliminar indicar, se vale à pena tomar para a análise o material lítico de superfície do sítio. No caso da Lapa da Vargem, a alta freqüência de refugo de lascamento dos garimpeiros nos levou a excluir o sítio da amostra de material recente. Na Lapa do Boi, identificamos alguns vestígios típicos do lascamento contemporâneo, mas o conjunto artefatual seguramente atribuível a lascadores pré-históricos era suficientemente abundante – majoritário quantitativamente – para justificar elegê-la como sítio a ser analisado.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS ÀS OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS RECENTES

No decorrer da pesquisa, 13 entre os 76 sítios identificados na região foram objeto de intervenções arqueológicas. Combinamos tradagens, sondagens, escavações e coletas de superfície de duas modalidades distintas[4], de modo a compor coleções capazes de permitir uma análise intra e inter-sítios, empregando as noções de cadeia operatória e de organização tecnológica, bem como algumas das formulações da chamada Arqueologia da

[4] As duas modalidades são a *coleta de varredura*, feita através de caminhamento com observação de toda a superfície do sítio e coleta com plotagem das peças localizadas; e a *coleta integral por áreas amostrais*, que define áreas circunscritas no sítio e coleta todas as peças lascadas em seu interior, mapeando-as individualmente.

Paisagem. O quadro abaixo apresenta a listagem dos sítios e as respectivas intervenções realizadas.

intervenção / nome do sítio	Sondagem	Tradagens	Escavação (área total)	Coleta de superfície	Ano da interv
Caboclo			13 m^2		2004/07
Boi		malha estreita diante	3 m^2	varredura	2005/06
Bandalheira	1 m^2 *			áreas amostrais (7)	2008
Ciranda				áreas amostrais (4)	2008
Turma	1 m^2 + 1/4 m^2				2006
Gruta da Lasca				áreas amostrais (3)	2008
Peixe Gordo	1 m^2			áreas amostrais (2)	2005
Moisés	2 m^2	malha estreita diante		varredura	2005
Casa de Pedra Norte				áreas amostrais (3)	2008
Caminho da Serra	2 x 1/4 m^2			varredura	2006
Chica	1/2 m^2 *	malha larga no campo		áreas amostrais (3)	2008
Pintada de Datas	1 m^2			varredura	2006
Garimpo do Turco		malha estreita	aprox. 5 m^2		2006

(* - interrompidas antes de atingirem a rocha base)

Tabela 5.2 - Intervenções realizadas nos sítios

A Lapa do Caboclo teve 13 m^2 escavados, o maior conjunto de intervenções de sub-superfície da região. Nessa lapa encontra-se o mais diverso conjunto de estruturas e artefatos atribuíveis com segurança aos últimos 1.500 anos de ocupação.

A Lapa do Boi foi objeto de uma coleta sistemática de superfície por varredura, com plotagem de todos os vestígios encontrados. A área diante do abrigo foi objeto de tradagens com malha de 10 metros. Além disso, três metros quadrados foram escavados. Dois contíguos e um terceiro no corredor formado pela parede e um conjunto de grandes blocos no centro da área abrigada.

As intervenções na Lapa da Bandalheira corresponderam a uma sondagem de 1 m^2 na área de maior superfície sedimentar abrigada e a sete áreas de coleta integral (ou seja, nas quais todas as peças com indícios de lascamento foram recolhidas), variando entre 1 e 3 m^2 cada uma dessas áreas.

Na Lapa da Ciranda, em seus dois abrigos, foram realizadas coletas em quatro áreas delimitadas, com 1 a 2 m^2 cada uma, nas quais também se recolheram todos os elementos aparentemente lascados.

A Lapa da Turma foi sondada em dois pontos: na seção mais interna e elevada da área abrigada, onde escavamos uma superfície de 1m^2, e no centro do compartimento principal do piso (um quarto de metro quadrado).

Na Gruta da Lasca definimos três áreas de coleta, com variação expressiva na superfície de cada uma, em função da variação da densidade de vestígios.

A Lapa do Peixe Gordo foi objeto de coletas sistemáticas integrais em duas áreas de cerca de 2 m^2 cada uma, além de uma sondagem de 1 m^2, da qual proveio uma datação de 10.210 +/- 60 BP.

Na Lapa de Moisés foram conduzidas duas sondagens de 1 m^2, uma malha estreita de sondagens no campo diante do abrigo e uma coleta sistemática de varredura na rampa de acesso à área abrigada e no campo diante do abrigo.

A Casa de Pedra Norte, apesar de seu pequeno tamanho, foi objeto de três áreas de coleta integral, de cerca de 1 m^2 cada uma.

A Lapa do Caminho da Serra 1 recebeu duas sondagens de ¼ m^2 cada uma. Além disso, foi objeto de coleta por varredura com plotagem.

Na Lapa da Chica realizamos coletas integrais em três áreas, além de uma sondagem de ½ m^2. Tradagens com malha de 40 metros (entre as linhas e entre os furos nas linhas) foram distribuídas por todo o amplo campo plano regular diante do abrigo, como parte da amostragem de áreas a céu aberto.

A Lapa Pintada de Datas foi alvo de uma sondagem de 1 m^2 e de coleta de superfície por varredura.

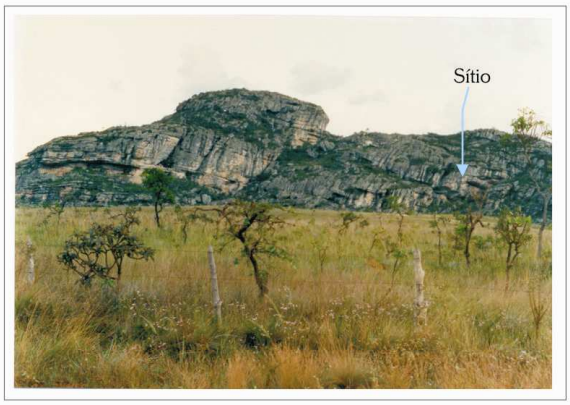
O sítio batizado como Garimpo do Turco é até agora o único sítio arqueológico da região que está a céu aberto sem qualquer abrigo no entorno imediato. O material arqueológico se encontra num único nível entre 60 e 80 cm abaixo da superfície atual. Posto em evidência pela implantação no local de um garimpo de diamantes, o sítio foi severamente impactado. Nele realizamos uma intervenção em caráter de resgate, no barranco deixado em evidência pelos garimpeiros, e uma malha de tradagens de intervalos de 10 metros. Uma área de 2 m^2 foi também escavada. Situado num topo plano de morro,

acima da cota dos 1.300 metros de altitude, o sítio seguramente não se relaciona com ocupações recentes, uma vez que sobre o nível arqueológico restam não menos de 60 cm de sedimento bem estruturado, num ponto que parece não estar recebendo nenhuma deposição recente de material sedimentar. Com alta densidade de material, o nível arqueológico parece ter sobrevivido apenas em sua periferia, a maior parte do sítio foi destruída pelo garimpo. O Garimpo do Turco, portanto, fica excluído do conjunto que será aqui analisado.

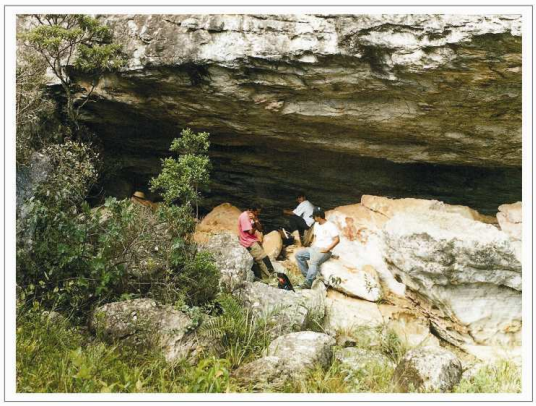
Conforme apresentado no Capítulo Primeiro, as intervenções nos sítios enumeradas acima foram produto de sucessivas escolhas e readequação da estratégia amostral em função dos resultados a cada etapa de campo. No conjunto dos trabalhos, fomos capazes de cobrir uma diversidade expressiva de sítios com materiais possivelmente associados ao horizonte de ocupação recente, incluindo sítios com morfologias distintas e também distintas inserções na paisagem.

Morfologias dos sítios e sua implantação na paisagem

A partir das coletas e sondagens nos sítios do Boi, do Caminho da Serra, Peixe Gordo, Moisés, Lapa da Turma e Lapa Pintada de Datas, tornaram-se evidentes recorrências que envolviam os quatro primeiros sítios. Em todos esses figuravam nas coleções produzidas pelas coletas sistemáticas artefatos retocados em quartzito e em quartzo com certa diversidade interna a cada sítio, mas com semelhanças entre sítios distintos. Entre esses artefatos destacavam-se plano-convexos sobre plaquetas de quartzito com múltiplos gumes, retocados em quartzo sobre lasca com gumes semi-circulares, retocados com gumes retos, curtos e semi-abruptos sobre distintos suportes em quartzo e plaquetas de quartzito com retoques formando um ou dois gumes retilíneos ou denticulados. As freqüências de cada um desses grupos de artefatos nos quatro sítios – Boi, Caminho da Serra, Moisés e Peixe Gordo – era variável, mas em todos eles o material passava desde a área efetivamente abrigada de chuva até as áreas planas entremeadas de blocos diante dos abrigos. Todos esses quatro sítios têm pisos predominantemente planos e sedimentares e estão inseridos na borda de áreas de campos amplos, facilmente acessíveis a partir deles. Passo a referir-me, de agora em diante, a esses sítios – e seus semelhantes – como *sítios de borda de campo* (veja Prancha 32, na página seguinte).



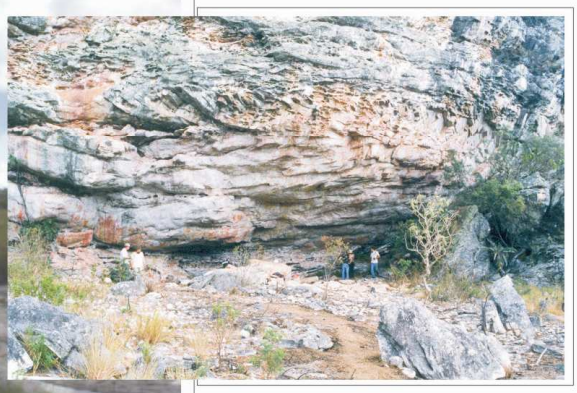
Lapa de Moisés



Lapa do Peixe Gordo

Lapa Caminho da Serra I

Lapa da Chica



Lapa do Boi

Prancha 32 - Sítios localizados nas bordas dos campos

Além das categorias recorrentes de artefatos, outro elemento da variabilidade artefatual parecia ser compartilhado pelos quatro sítios: os artefatos retocados mais sofisticados – aqueles que envolviam façonagem e retoque e também indícios de sucessivas reformas – eram compostos em variedades de quartzito muito homogêneas e finas não disponíveis nos sítios; enquanto os artefatos mais simples, sem indício de curadoria, eram compostos na(s) variedade(s) de quartzito disponível(is) no próprio sítio.

As afinidades morfológicas e geográficas congruentes com a variabilidade artefatual foram colocadas como hipótese de trabalho. E esses sítios de borda de campo corresponderiam a uma categoria específica de sítios, dentro da organização tecnológica do horizonte de ocupação pré-histórica recente, o local para onde se conduziriam, se usariam e descartariam os artefatos retocados sofisticados de matéria-prima alóctone, e local onde se produziriam, utilizariam e descartariam os artefatos mais simples, produzidos nas matérias-primas locais.

Com a formulação dessa hipótese, voltamo-nos, no intuito de testá-la, para outros sítios, localizados pelas etapas de prospecção de 2006, 2007 e 2008. Assim, realizamos em 2008 coletas de superfície e sondagens em sítios com morfologias e implantações distintas e em sítios com morfologias e implantações semelhantes aos sítios de borda de campo.

Com a conclusão dos levantamentos de campo, disponho para a análise de coleções de superfície e de sub-superfície provenientes de 8 sítios cuja morfologia e implantação poderiam corresponder aos sítios de borda de campo: Boi, Bandalheira, Peixe Gordo, Moisés, Casa de Pedra Norte, Caminho da Serra, Chica e Pintada de Datas.

Quatro outros sítios com morfologias diferentes e com implantações na paisagem distintas forneceram o restante das coleções: Lapa da Ciranda, Lapa da Turma, Lapa do Caboclo e Gruta da Lasca.

A Lapa da Ciranda é um conjunto de dois pequenos abrigos cujo piso é predominantemente rochoso e escalonado, localizado num recanto resguardado no vale estrito de um pequeno córrego formador do Rio Batatal. O campo associado ao sítio é confinado, conforme a definição de Linke (2008).

A Gruta da Lasca é uma grande diáclase correspondente a uma zona de fratura e falhamento do afloramento na qual houve grandes desmoronamentos, provocados muito provavelmente pela infiltração das águas pluviais, que deram origem a uma cavidade

natural profunda e com grandes pilhas de blocos diante de si. O piso é formado majoritariamente por esses desmoronamentos, com uma porção sedimentar plana ao fundo. Há um imenso campo à frente da gruta, mas o sítio só é acessível a partir dele com a escalada de um desmoronamento de grandes dimensões, que recobre o terço inferior do afloramento no qual se desenvolve a gruta.

A Lapa da Turma é um abrigo de teto plano, com piso em patamares delimitados por rocha e preenchidos de sedimento. Pouco iluminado, o abrigo é de acesso fácil, mas dissociado de campos amplos à frente do abrigo. É o sítio mais pobre em material arqueológico dentre todos os que foram objeto de intervenção.

A Lapa do Caboclo é o sítio de maior superfície sedimentar até agora encontrado na região. Ainda que esse piso seja segmentado em patamares mormente separados por pequenas diferenças de declividade, cada patamar é consideravelmente amplo e a porção efetivamente abrigada de chuva é ampla e muitíssimo protegida. Não há campo diante da lapa, que é acessível, a partir do córrego Pé-de-Moleque por meio de uma longa superfície rochosa em patamares. O sítio dispõe-se num anfiteatro, provocado por desabamentos, recuado em relação à linha externa do afloramento e para se chegar à área abrigada é necessário atravessar um trecho coberto de vegetação arbórea-arbustiva bem desenvolvida, que oculta a área abrigada.

Envolver esses quatro sítios na análise contribui de dois modos distintos. Primeiramente, eles podem funcionar como grupo de controle. Se pretendo verificar uma hipotética relação entre, de um lado, atributos morfológicos e implantação na paisagem e, de outro, variabilidade artefatual, a caracterização de conjuntos artefatuais de sítios com morfologias e implantações outras pode derrubar ou reforçar a hipótese, caso haja ou não semelhanças com os artefatos dos sítios de borda de campo. A outra contribuição é a possibilidade de identificar, uma vez que não haja semelhanças expressivas nos conjuntos artefatuais, outros elementos da organização tecnológica, ou seja, outros sítios cujos atributos morfológicos, implantação na paisagem e eventual disponibilidade de matérias-primas lhes tenham destinado outras funções no modo de uso da paisagem da serra.

Estabelecendo conexões: a atribuição cronológica dos sítios com materiais de superfície

Quais são concretamente as possibilidades de se estabelecer conexões entre os conjuntos artefatuais dos diferentes sítios que estão aqui sob análise?

Uma primeira e evidente possibilidade é obter datações absolutas para seus níveis de ocupação. Até o momento datações absolutas foram obtidas para apenas dois sítios, as lapas do Caboclo e do Peixe Gordo. Na primeira definiram-se com clareza dois períodos de ocupação; já na segunda, a data se refere ao horizonte mais antigo hoje amplamente reconhecido no Brasil e provém da base da estratigrafia desse abrigo. Portanto, as datas absolutas permitem incluir num mesmo contexto as ocupações antigas de ambos os sítios e não ocupações recentes como aqui se pretende.

A outra possibilidade é estabelecer uma cronologia provável, relativa, a partir do contexto deposicional do material dos sítios. Isso é possível nos abrigos em que os vestígios líticos de superfície encontram-se sobre pisos sedimentares com espessura evidente que venham recebendo aporte de sedimentos. Em tais circunstâncias, vestígios de ocupações antigas estariam em sub-superfície e, assim, aqueles que hoje ainda não estão soterrados, desde que não haja evidências de processos erosivos, seriam atribuíveis a ocupações de pouca profundidade cronológica.

A outra possibilidade, estando ausentes as condições apresentadas no parágrafo anterior, seria a de identificar afinidades tecnológicas entre os materiais com contextos mais seguros e aqueles depositados em superfícies rochosas ou sedimentares e erodidas. Encontrando-se uma afinidade tecnológica expressiva, temos indício de que os diferentes sítios podem pertencer a um mesmo horizonte ocupacional, cuja tecnologia lítica se veria caracterizada nos diferentes abrigos e respectivos contextos deposicionais. A afinidade tecnológica, contudo, é indício e não demonstração inequívoca. Outras possibilidades poderiam conectar os conjuntos tecnologicamente afins. Uma dessas alternativas é uma manutenção de atributos tecnológicos em uma grande profundidade cronológica. Peças tecnologicamente afins podem ter sido produzidas ao longo de diversos milhares de anos. Afinidade tecnológica não implica necessariamente em contemporaneidade. Não são escassos os exemplos, na própria pré-história brasileira, de continuidades tecnológicas de grande amplitude cronológica (DIAS 2003 e 2007; BUENO, 2007). Contudo, congregar

conjuntos artefatuais cronologicamente distintos, mas produtos de uma mesma tecnologia, seria reconhecer uma manutenção de padrões tecnológicos e, efetivamente, seria pôr em evidência uma única organização tecnológica, ainda que essa fosse cronologicamente extensa. Portanto, obter essa conexão seria um resultado bastante significativo, que estabeleceria as bases para que futuramente novas datações pudessem esclarecer a natureza da afinidade: continuidade ou contemporaneidade.

Se, por outro lado, as análises tecnológicas não apontarem afinidades claras, outras possibilidades interpretativas se colocam. Os conjuntos artefatuais podem ser de fato de períodos distintos e resultarem de organizações tecnológicas distintas. Mas é também possível que uma baixa afinidade entre os conjuntos dos sítios corresponda não a organizações tecnológicas diferentes, mas sim decorrer do fato de que sítios distintos, componentes de um mesmo sistema, desempenhavam funções muito distintas. Por exemplo, um sítio poderia conter grandes núcleos e artefatos produzidos sobre grandes lascas, enquanto outro poderia conter instrumentos sobre plaquetas, mas estarem ambos associados a um mesmo sistema de ocupação da região, na medida em que um sítio poderia oferecer blocos e ter sido local de debitagem de grandes lascas, enquanto o outro poderia oferecer plaquetas e ser local de retoque e uso dessas plaquetas. O compartilhamento de alguns elementos discretos entre eles poderia revelar uma conexão pouco evidente à primeira vista e permitir perceber sua integração num mesmo sistema de ocupação da paisagem. Contudo, sem que qualquer conexão seja estabelecida, a possibilidade das diferenças decorrerem de uma diferença de função não seria passível de demonstração.

Não se pode deixar de lado outra possibilidade explicativa da diferença. Ao se falar de uma mesma organização tecnológica arqueologicamente reconhecível e ao se falar de organizações diferentes, subjaz a idéia de que organizações tecnológicas diferentes estariam vinculadas a populações diferentes. Por que não pensar na possibilidade de uma mesma população ser detentora de diferentes organizações tecnológicas, que corresponderiam a diferentes grupos sociais internos a ela, como grupos de gênero ou idade? É perfeitamente razoável supor uma população que se valha dos quartzitos e quartzos para compor instrumentos na qual os homens, envolvidos com determinadas tarefas, produzam certos artefatos, por métodos característicos, enquanto as mulheres, envolvidas em outras tarefas, produzam outros artefatos, cuja economia é profundamente distinta, em termos de obtenção

das matérias-primas, seleção de núcleos e suportes, métodos de debitagem e retoque, gestão e descarte dos artefatos utilizados, assim como da distribuição na paisagem de todos esses elementos – enfim, outra organização tecnológica.

A seguir examino os casos concretos dos sítios da área de pesquisa sem datações absolutas, considerando a possibilidade de estabelecer cronologias relativas que os relacionem.

Na Lapa do Boi, no Caminho da Serra, na Lapa de Moisés, na Lapa Pintada de Datas e na Lapa da Chica, o material arqueológico de superfície encontra-se depositado sobre pisos sedimentares que atualmente estão recebendo novos sedimentos. Sobretudo na Lapa do Boi e na Lapa de Moisés há um aporte bastante nítido se examinamos a topografia desses abrigos. Em ambos, cones de dejeção de sedimentos estão ativos em ambos os lados da área abrigada e a espessura do pacote sedimentar que contem vestígios arqueológicos é profunda o suficiente (50 centímetros) para descartar uma antigüidade acentuada. Na Lapa Pintada de Datas o pacote sedimentar é também suficientemente profundo (40 cm), embora o aporte atual de sedimentos pareça se fazer, em função da morfologia do abrigo, mais pelas frestas da parede e pela cornija da área abriga do que por cones laterais. No Caminho da Serra, fica nítido ao se observar o abrigo o aporte que esse recebe a partir do leste (responsável inclusive pelo soterramento de pinturas na parte inferior do paredão), embora o pacote observado nas sondagens limite-se a 30 cm. Na Lapa da Chica o aporte de sedimentos parece também modesto atualmente, embora uma espessura sedimentar de, no mínimo, 30 cm seja visível em veios de erosão pluvial no fundo da área abrigada. Em nenhum dos cinco sítios tratados aqui há uma ação erosiva expressiva, reconhecível hoje, que possa ter trazido à superfície das áreas de coleta materiais enterrados em níveis profundos[5]. Deste modo, levando em conta as dinâmicas específicas, considero razoável supor uma antigüidade reduzida para as peças que hoje se distribuem nas superfícies sedimentares desses sítios, havendo uma maior segurança nos casos das lapas de Moisés e do Boi, em função da maior espessura de seus pacotes sedimentares.

---

[5] A única exceção é o material da área de coleta 1 da Lapa da Chica, que será tratado em detalhe no capítulo sexto

Foto: Wagner Marin

Sondagem (1m2) na Lapa do Peixe Gordo (janeiro de 2005)

Área com concentração de material lítico de superfície na porção não abrigada da Lapa do Peixe Gordo. Assinalada com a seta vê-se a plaqueta mais intensamente retocada referida no Capítulo 5.

Perfil estratigráfico da sondagem da Lapa do Peixe Gordo. Note-se a alta freqüência de pequenas lentes. Na base da estratigrafia foi obtida a data de 10210 +/- 60 BP.

Aspecto da Sondagem 2 da Lapa de Moisés. Note-se, abaixo e à esquerda, os grânulos de cor amarelada que sinalizam a chegada ao horizonte C, arqueologicamente estéril.

Trabalhos de escavação da lapa de Moisés (Sondagem 2). Arqueologicamente pobre, a área revelou uma freqüência relativa expressiva de quartzo com lascamento bipolar.

Prancha 33 - Escavações nas lapas de Moisés e do Peixe Gordo

Na Lapa do Peixe Gordo, assim como naquelas tratadas no parágrafo anterior, há um pacote sedimentar reconhecível e um presente aporte de sedimentos para as áreas onde ocorre o material de superfície coletado. Além desse fato, tem-se ali uma datação para o nível inferior escavado, separado da superfície por diversas lentes sedimentares.

Na Lapa da Bandalheira, na Lapa da Ciranda e na Gruta da Lasca há questões sérias em relação à inserção cronológica das coleções de superfície. Nesses sítios, uma parte expressiva do material lascado que foi objeto de coleta – ou mesmo a sua totalidade – não somente se trata de material de superfície, mas de material de superfície de áreas onde não há deposição sedimentar.

Lapa da Bandalheira

Na Bandalheira, o material está depositado sobre pisos de naturezas distintas.

Na porção oeste do abrigo há um pacote sedimentar no qual o material se deposita sobre a superfície atual, o que nos permitiria postular a princípio que tal material seja recente, uma vez que não houve deposição sedimentar que o recobrisse.

Há também nesse setor oeste material lítico em pingueiras no piso sedimentar, ou seja, trata-se de peças que devem corresponder a toda a espessura sedimentar erodida pelo gotejamento – que tem de 5 a 10 cm de espessura.

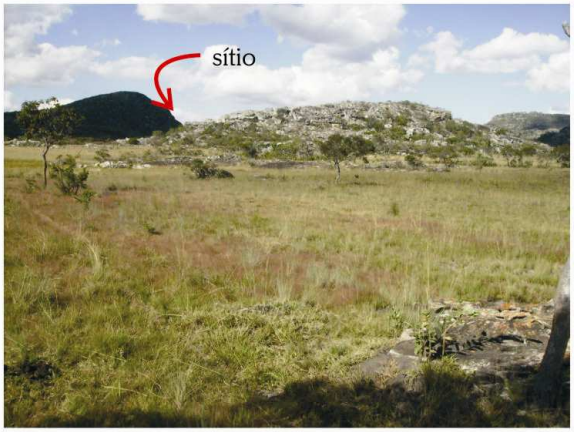
Na maior parte da área abrigada, contudo, o piso, sobre o qual se depositam os vestígios, é rochoso. Sua morfologia combina alguns patamares planos com pequenas rampas e degraus, entre os quais se distribuem alguns blocos desabados decimétricos e métricos. O piso rochoso não somente domina o abrigo como se estende para fora da área abrigada. Esse piso tem seu fim no campo restrito[6], onde dominam a areia e o capim nativo, que separa a lapa de uma área de cerrado vizinha. Nas bordas do piso rochoso, sobre a areia, há concentrações de material lascado. Na porção meridional dessa faixa marginal ao piso, o material (ou ao menos uma parcela dele) parece ter vindo por escorregamento, descendo o piso rochoso inclinado e se depositando em suas margens. É possível que nessa faixa haja também peças que tenham sido lascadas ali mesmo, à exemplo do que acontece em outros abrigos (como o Boi, o Caminho da Serra, o Peixe Gordo). Como há nessa faixa

[6] Adota-se aqui a nomenclatura estabelecida por Linke (2007) para a extensão das áreas de campo: “restrito”: até 100 x 100 metros; “médio”: entre 100 x 100 e 1 km^2; “amplo”: mais de 1 km^2.

marginal ao piso rochoso um processo de deposição sedimentar, podemos considerar que materiais muito antigos lascados ali teriam sido já soterrados pelo aporte de sedimentos, mesmo que ele seja pouco volumoso – o que nos levaria a deduzir que as peças que hoje são visíveis sobre o piso sedimentar às margens do piso rochoso estariam relacionadas a ocupações pré-históricas tardias. Contudo, as peças que chegaram a essas margens por deslizamento podem tanto ser peças recentes quanto peças antigas que, após progressivamente deslizarem pelo abrigo, foram ali tardiamente depositadas. Assim, não é possível assumirmos, *a priori*, que o material que se deposita sobre essa faixa sedimentar na borda externa do piso rochoso seja recente, podendo haver ali produtos de lascamentos de distintos períodos.

Em todo o abrigo há concentrações, por vezes grandes, de material lascado em patamares ou bacias sobre o piso rochoso, assim como em setores do piso delimitados por blocos. Esses patamares, bacias e conjuntos de grandes blocos parecem ter funcionado como 'armadilhas', capturando o material lascado e as plaquetas naturalmente desprendidas das paredes e do teto, enquanto nas porções inclinadas do piso, onde não há obstáculos, o material não se deteve. Também nessas concentrações é possível que haja materiais de períodos distintos misturados, uma vez que não há aporte sedimentar que os envolva. Inclusive, é muito provável que, a exemplo do que foi descrito ou cogitado em outras regiões (para o caso dos sítios da região do Lajeado, no Tocantins, vide BUENO, 2007), o material já lascado e disponível no abrigo tenha sido reaproveitado por ocupantes pré-históricos mais recentes.

Em síntese, as dúvidas sobre a real situação cronológica do material são amplas. Não é possível, a princípio, estabelecer se a totalidade da coleção é do período de ocupação mais recente, de presença marcante em outros abrigos, ou se é de qualquer outro momento dos dez mil anos já sabidos de ocupação humana na região, assim como não poder ser descartada a possibilidade, aliás assaz razoável, de que haja ali peças produzidas em momentos de ocupação distintos. Apenas para o material depositado sobre o piso sedimentar da porção ocidental do abrigo e para aquele proveniente da pingueira nessa mesma área é possível postular uma inserção cronológica no último milênio da ocupação pré-histórica regional (veja Prancha 33, na página seguinte).



Afloramento em que se insere a Lapa da Bandalheira. Vista da face oeste do afloramento com campo.

Sondagem de 1 m^2 no piso sedimentar oeste na Lapa da Bandalheira.

Piso inclinado do abrigo. Observe o material disseminado pelo piso inclinado.

Material acumulado junto a blocos em patamar do piso inclinado.

Área de Coleta 1 - área de pingueira no piso sedimentar oeste

Material na Área de Coleta 1 (as setas indicam artefatos retocados)

Prancha 34 - Lapa da Bandalheira e seu material de superfície

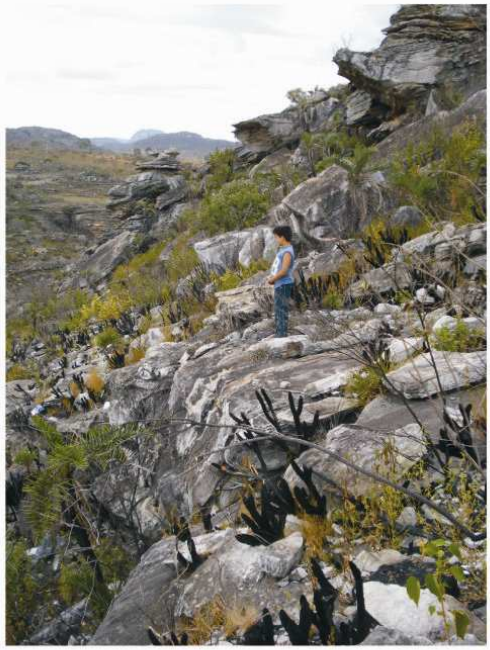
O estabelecimento de relações entre a maioria do material da Bandalheira com as coleções recentes de outros abrigos não é, portanto, tarefa fácil. Não há elementos seguros iniciais para se atribuir qualquer das peças presentes nessa Lapa a qualquer período de ocupação. A análise tecnológica do material da Lapa pode apontar para uma correspondência. Também uma eventual identificação de matérias-primas pode apontar (apenas *apontar*) nesse sentido. Essas possibilidades são discutidas no capítulo sétimo. Contudo, não passam de afinidades, pois, mesmo que haja os mesmos métodos de debitagem, de façonagem e de retoque, com refugos e artefatos coerentes, poder-se-ia tratar de uma manutenção de escolhas tecnológicas com grande profundidade cronológica, como tem sido apontado em outras regiões do Brasil (DIAS, 2004; DIAS, 2007). Por outro lado, caso haja diferenças marcantes, poderiam essas diferenças decorrer de distintas indústrias de diversos momentos de ocupação da região, assim como poderiam decorrer de diferentes usos e papéis dos sítios num único período de ocupação.

Lapa da Ciranda

O caso da Lapa da Ciranda assemelha-se grandemente ao caso da Lapa da Bandalheira no que se refere ao contexto de deposição do material lítico e às implicações da contextualização cronológica desse material. Também na Ciranda, tanto no Abrigo Norte quanto no Abrigo Sul, o material se deposita sobre um piso rochoso escalonado. O caso da Ciranda é, contudo, mais crítico, pois não há qualquer área com depósito expressivo de sedimentação que permita colocar ao menos parte da coleção no horizonte de ocupação recente – todas as peças coletadas estão sobre pisos rochosos, (ainda que entre elas se tenha acumulado algum escasso sedimento e vegetais rupestres[7]) e, na área do sítio com depósitos sedimentares expressivos não localizamos material lítico seguramente antrópico e não realizamos sondagens.

[7] Dentro das áreas de coleta, velosiáceas (*canelas-de-ema*) se desenvolveram em meio às peças, valendo-se de um diminuto solo arenoso. A fixação de vegetais sobre acúmulos sedimentares irrisórios é uma das características da flora da região, sendo não raras as vezes em que os próprios vegetais os agentes agregadores de sedimento. Raízes de alguns desses indivíduos envolveram parte do material arqueológico do sítio ao longo do piso sedimentar inclinado/escalonado, especialmente na *Área de Coleta 3*. Optamos por não remover os vegetais, a fim de não comprometer a estabilidade desse "micro-solo", deixando, certamente, um material arqueológico expressivo sob a guarda das canelas de ema.

Abrigo Norte da Lapa da Ciranda



Piso rochoso em patamares diante do Abrigo Norte da Lapa da Ciranda

Pequeno vale encaixado, onde se situa a Lapa da Ciranda

Abrigo Sul da Lapa da Ciranda. Plaquetas de quartzito de boa qualidade disponíveis no piso.

Prancha 35 - Aspectos da Lapa da Ciranda

Destarte, também na Lapa da Ciranda não há elementos que permitam situar cronologicamente com clareza o material lítico que foi objeto de coleta. O estabelecimento de relações com os demais sítios precisa, pois, de se dar em outras bases.

Gruta da Lasca

O caso da Gruta da Lasca (ou Gruta do Pé D'Anta) é bastante peculiar. O sítio corresponde a uma grande fenda aos pés do monumental afloramento regionalmente conhecido como Tromba D'Anta, nas cabeceiras do rio Pardo Pequeno (ou simplesmente Pardinho). Essa enorme fenda desenha uma gruta de cerca de 30 metros de largura em sua entrada, com desenvolvimento vertical de cerca de 20 metros e desenvolvimento horizontal de cerca de 30 a 40 metros. A entrada da gruta e toda a sua porção leste são, na verdade, uma grande pilha de blocos desabados, alguns de tamanho métrico, entremeados de blocos decimétricos e milhares de plaquetas centimétricas. Ao fundo, encontra-se uma área de piso sedimentar consideravelmente ampla e bastante plana, sobre a qual vêem-se claros sinais de passagem de águas pluviais. Um estreitamento, que impede a passagem humana, parece ser o ponto por onde é drenada a água.

O material lítico distribui-se em três condições básicas no sítio: sobre blocos planos na entrada da gruta; ao longo da grande pilha de desabamentos; e no fundo sedimentar da gruta. Assim, repetem-se neste sítio as questões levantadas para os sítios tratados acima.

Os grandes blocos, que à entrada da gruta oferecem superfícies horizontais, constituem-se numa plataforma de acesso à cavidade; ali não há depósitos sedimentares significativos, estando o material diretamente depositado sobre os blocos maiores, em especial sobre um dos blocos, onde foi definida a *Área de Coleta 1*.

Na grande pilha de blocos desabados, o material se distribui de modo que não é possível reunir elementos sequer para uma cronologia relativa, pois os desmoronamentos não parecem ter cessado.

Maciço da Gruta da Lasca. Ao fundo a Tromba D'Anta

Bloco de mais de 2 metros,
om grande negativo de lascamento

Instrumento em cunha, de mais 40 cm,
com retoque regulares na ponta delgada

Prancha 36 - A Gruta da Lasca

No fundo sedimentar, vê-se material lascado na superfície atual. Aplicam-se aqui as mesmas reflexões desenvolvidas anteriormente para o material disposto no sopé do piso rochoso da Lapa da Bandalheira: assumindo que o interior da gruta vem recebendo sedimentos, o material que sobre eles atualmente se encontra pode ser produto de lascamentos realizados ali nos últimos séculos, bem como pode ser produto de lascamentos mais antigos, que progressivamente deslizaram pela grande pilha de desmoronamentos até atingirem, tardiamente, o piso sedimentar do fundo da gruta. Dois pontos, entretanto, apontam a favor da hipótese de um lascamento tardio no interior sedimentar da gruta. O primeiro é o fato de que algumas das peças encontradas sobre o piso têm massa expressiva (recolhemos mais de 400 peças, que somaram um total de mais de 40 kg), o que torna menos provável que elas tenham viajado muito sobre a pilha, posto que a seu lado não se vê um grande acúmulo de peças menores. O segundo ponto é a profundidade no interior da gruta que parte do material atingiu: diversas peças lascadas estão a metros de distância da base do desabamento, parecendo altamente improvável que provenham da pilha; a única possibilidade para um eventual deslocamento seria um fluxo d'água intenso que o carreasse – os sinais de água na gruta, porém, sugerem um fluxo suave, com deposição apenas de areia e não de materiais com granulometria maior, depondo a favor de um fluxo de energia baixa ou moderada.

Portanto, assim como na Bandalheira, o conjunto do material do sítio tem cronologia duvidosa, sendo o material de seu interior mais profundo aquele com maiores possibilidades de se relacionar aos momentos de ocupação pré-colonial recente.

Com as características apresentadas acima, tem-se o seguinte cenário para construir uma análise do horizonte de ocupações pré-históricas recentes articulando os diversos sítios:

- na Lapa do Caboclo datações definem o nível superficial e a Camada 1 como representantes das ocupações de menos de 1.500 anos;

- nas lapas do Boi, do Peixe Gordo, de Moisés, da Chica[8] e na Lapa Pintada de Datas, os materiais de superfície e de imediata sub-superfície são tomados como seguramente recentes, embora sem datas absolutas;

- na Lapa da Turma não há um conjunto artefatual relevante;

- o sítio a céu aberto do Garimpo do Turco está excluído do horizonte recente;

- na Lapa da Ciranda, na Lapa da Bandalheira e na Gruta da Lasca não há referências cronológicas razoáveis para a maioria do material coletado por nossa equipe.

Com esse quadro, passo a caracterizar a metodologia empregada nas análises do material lítico e, na seqüência, os conjuntos líticos de cada um dos sítios aqui apresentados que podem integrar o conjunto das ocupações pré-coloniais mais recentes. Esse é o conteúdo do próximo capítulo.

[8] Amostras de carvão foram recolhidas na Lapa da Chica e enviadas para datação. Os resultados, porém, não chegaram a tempo de serem incorporados a esta tese.

CAPÍTULO SEXTO

PEDRAS POR ENTRE AS PEDRAS: as indústrias líticas recentes nos abrigos de Diamantina

O presente capítulo apresenta as indústrias líticas relacionadas ao horizonte das ocupações recentes. Em primeiro lugar, trata-se da metodologia específica de análise do material lítico. A seguir apresentam-se as coleções líticas dos sítios, realizando algumas interpretações a seu respeito.

Nas próximas seções deste capítulo caracterizam-se os materiais líticos de todos os sítios relacionáveis às ocupações pré-históricas recentes da região de pesquisa. Primeiramente, o material da Lapa do Boi é tratado mais extensamente, pois ele servirá de referência para a apresentação de outros sítios que lhe são semelhantes. Ao longo da apresentação das coleções dos demais sítios analisados, algumas interpretações iniciais a seu respeito são desenvolvidas. Não será tratada aqui a Lapa da Turma, pois as sondagens ali realizadas não produziram coleções de material lítico claramente antrópico. Após a apresentação por sítio, análises tecnológicas de grupos específicos de artefatos são desenvolvidas. As relações entre os sítios serão exploradas, através de suas indústrias líticas e de outros elementos de seu registro arqueológico, no Capítulo Sétimo.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS DE DIAMANTINA

As referências fundamentais da pesquisa, no que tange às indústrias líticas, são as análises tecnológicas – conforme o sentido que o termo recebe na tradição arqueológica francófona. A partir das bases teóricas de Leroi-Gourhan (1984), sobretudo a partir da noção de cadeia operatória e da noção de método de lascamento de Tixier (TIXIER et al., 1989), os conjuntos artefatuais recolhidos foram analisados buscando-se reconstituir a cadeia de gestos que os produziu a partir de estigmas de lascamento e atributos presentes nos artefatos e refugos.

A terminologia empregada na análise do material lítico tem por base as referências estabelecidas em Tixier, Inizan & Roche (1989) e em Prous (1986/90 e 2004). Estão em Tixier (op.cit.) as definições da base dos termos aqui empregados, tais como *método* de

lascamento, *debitagem*, *façonagem*, *retoque*, *núcleo*, *plano de percussão* e *talão*. As versões em língua portuguesa desses termos se baseiam em Prous (1986/90) e em Fogaça (2004), privilegiando a versão de Prous[1].

As categorias descritivas dos talões baseiam-se em Prous (1986/90) e já haviam sido aplicadas na análise de outras indústrias do Brasil Central que tive oportunidade de analisar. A caracterização dos retoques e dos gumes fundamenta-se em Tixier (TIXIER et al., 1989).

Nas análises de alguns dos artefatos que povoam este capítulo, empreguei a noção de características de performance, cunhada por Michael Schiffer e James Skibo. Oportunamente essa noção será apresentada, pois se constitui numa ferramenta útil para pensar atributos buscados e construídos em alguns artefatos e, conseqüentemente, para pensar as diferenças e semelhanças entre os conjuntos artefatuais dos sítios diamantinenses.

Diante da diversidade de materiais e sítios que são aqui objeto de análise, optei por combinar métodos diferentes de descrição desses materiais que permitissem uma caracterização de cada sítio e, ao mesmo tempo, uma comparação efetiva entre eles. Assim, alguns recursos analíticos foram empregados de forma padronizada, ao mesmo tempo em que observações qualitativas da totalidade dos conjuntos artefatuais de cada sítio foram feitas.

Os refugos de lascamento (e potencialmente lascas que, não retocadas, tenham sido utilizadas brutas de debitagem) foram descritos por meio de uma série de atributos. Essa descrição de atributos gerou um banco de dados organizados por cada indivíduo, capaz, pois, de permitir uma análise que combinasse duas, três ou mais variáveis. As variáveis analisadas foram as seguintes:

- as quatro primeiras variáveis correspondem a elementos de identificação das peças (*sítio*, *quadra*, *nível*, *número da amostra*);
- matéria-prima (definimos os valores *quartzo hialino*, *quartzo translúcido*, *quartzo leitoso*, diversas variedades de quartzito, conforme textura e cor; *sílex*; *rochas metabásicas*);
- integridade da peça (este é também a variável que permite distinguir as peças que não são lascas unipolares, como *cassons*, lascas bipolares e nucleiformes bipolares);

---

[1] Um par de termos que utilizo conforme Prous, diferentemente de Tixier e de Fogaça, é *face interna* (aquela que contem o bulbo e foi gerada no momento do lascamento) e *face externa* (aquela já visível no núcleo, que guarda os negativos de lascamentos anteriores e/ou o córtex), em lugar de *face inferior* e *face superior*, como usam Tixier e alunos.

- presença de córtex;
- forma do talão;
- presença de limpeza de cornija;
- perfil da lasca (reto, curvo ou curvo na porção distal);
- espessura do talão;
- espessura na porção mesial;
- dimensão máxima (eixo morfológico);
- dimensão transversal (perpendicular ao eixo morfológico definido acima);
- orientação do eixo morfológico em relação ao eixo tecnológico;
- número de negativos na face externa;
- orientação dos negativos da face externa em relação ao eixo tecnológico da lasca.

Os artefatos retocados foram descritos conforme uma ficha de atributos que considerava: o suporte e seus atributos tecnológicos; a morfologia dos retoques; a distribuição dos retoques pelo suporte; a repartição dos retoques uns em relação aos outros; a extensão dos retoques; o delineamento de cada gume (veja no Anexo 2 a ficha "Elementos para descrição de retoques").

A descrição dos artefatos retocados se fez de forma individualizada, orientada por essa ficha. Foram descritos, sem segregá-los por sítio, todos os artefatos retocados atribuíveis ao horizonte de ocupações recentes coletados até 2007, ou seja, provenientes de escavações e coletas de superfície dos sítios do Boi, do Caboclo, de Moisés, do Peixe Gordo, Lapa Pintada de Datas e Caminho da Serra I. A descrição individual levou ao reconhecimento de recorrências, de semelhanças acentuadas em termos de tecnologia e morfologia entre artefatos desses sítios diversos. A partir dessas semelhanças, foram criados grupos de artefatos com características comuns, que reuniam, na maioria das vezes, peças de sítios diferentes. Em 2008, os artefatos retocados provenientes da última etapa de campo (realizada em julho desse ano), ou seja, aqueles da Lapa da Ciranda, da Bandalheira, da Chica e da Gruta da Lasca, passaram pelo mesmo processo. Foram descritos individualmente e, a seguir, contrapostos aos grupos definidos a partir das coleções dos outros sítios. Isso resultou no enquadramento de alguns dos novos artefatos nos grupos já criados e na criação de novos grupos com peças tecnológica e morfologicamente afins entre si.

AS MATÉRIAS-PRIMAS

A identificação das variedades de matéria-prima recuperadas nos abrigos de Diamantina coloca dificuldades bastante expressivas, com implicações sérias para o desenvolvimento das análises. Ainda assim, é possível realizar-se interpretações sobre sua gestão.

Se nos restringimos à classificação mineralógica mais ampla, tomando as rochas como unidade de análise, teremos o quartzito, o quartzo (que não é propriamente uma rocha, e sim um mineral em estado puro), o sílex, a silimanita e algumas rochas metabásicas. Assim classificados, quartzo, quartzito e as rochas resistentes apresentam-se em formas bastante distintas, permitindo reconhecer usos típicos e entre si distintos.

O sílex é raro nos conjuntos artefatuais analisados, insuficiente para conclusões a respeito de sua economia. A silimanita é conhecida na região através de uma única peça. As rochas metabásicas são também raras no registro arqueológico.

A rocha que coloca dificuldades concretas é o abundante quartzito. Ele se apresenta nos sítios, como de resto em toda a região, em numerosas variedades, com diferenças de textura, coesão, homogeneidade, metamorfismo e dureza. Essas diferenças não derivam apenas de estarem os afloramentos, blocos e plaquetas em distintos estados de intemperização, mas sim do fato de terem constituições diferentes, combinando em sua composição distintos minerais, diferentes granulometrias, colorações e intensidades de metamorfização, determinados pelas condições de deposição dos grãos de areia que o formaram e pelo grau de metamorfismo que sofreram. Embora as formações do Supergrupo Espinhaço reconhecidas na região tenham condições de formação que lhes são típicas, bem conhecidas na bibliografia, essas condições são reconhecíveis na escala da análise geológica, mas muito mais diversas na diminuta escala que interessa ao aproveitamento humano das rochas – na qual o intemperismo atua também de forma muito importante. Com a diversidade de condições de composição, metamorfismo e intemperismo existente na região, temos diversos quartzitos, que responderam diferentemente ao lascamento, oferecendo gumes de acuidade e resistência diferentes, oferecendo graus distintos de controle e previsibilidade aos lascadores.

As variedades de quartzito não são de reconhecimento fácil. Em diversos locais, sítios arqueológicos ou não, é possível encontrar num mesmo afloramento variedades distintas. Assim, é recorrente encontrar em um mesmo bloco, plaqueta ou parede, que poderiam ter servido à obtenção de matérias-primas para o lascamento, mais de uma variedade de quartzito. Há mudanças freqüentes de cor, coesão e granulometria mesmo em pequenos blocos, conforme pudemos atestar em plaquetas e blocos que recolhemos para experimentações. Encontram-se, portanto, lascas ou artefatos que, quando inicialmente comparados, parecem corresponder a duas variedades claramente distintas; mas o mesmo conjunto de material oferece uma lasca ou plaqueta que combina em si as variedades que se tomaram por distintas inicialmente. Em amostras de blocos e plaquetas que recolhemos para experimentações, verificamos a coexistência de variedades extremamente diferentes, em termos de textura, cor e coesão no interior de uma mesma plaqueta ou de um mesmo bloco.

Não foi possível, portanto, estabelecer uma tabela de padrões de quartzito que servissem à identificação de todas as variedades de matéria-prima presentes em todos os sítios. Isso exigiria um lento trabalho sistemático de registro de todas as combinações de variedades presentes nos afloramentos, blocos e plaquetas da região estudada, para criar uma matriz classificatória que não tomasse por seguramente distintas variedades de quartzito que na verdade ocorrem justapostas e, portanto, podem provir de um mesmo bloco, de um mesmo local. A questão das variedades de quartzito e de sua economia, no contexto das ocupações pré-históricas tardias da região, foi tratada em outras bases, adaptadas às peculiaridades da diversidade regional e às possibilidades deste projeto.

Em lugar de construir uma classificação a partir das peças lascadas[2], procurei estabelecer um reconhecimento a partir das variedades de quartzito disponíveis em cada sítio analisado. Assim, ao passo em que se realizaram coletas e escavações, observei as variedades disponíveis as paredes do abrigo e no seu entorno imediato. Isso resultou num

---

[2] Na análise do material lítico da Lapa do Caboclo, que envolveu não apenas o material recente, mas todo o material lascado do sítio, empregamos uma classificação dos quartzitos a partir da aparência das peças, em função de sua textura e cor. Criamos nada menos do que 19 tipos distintos de quartzito. Embora essa descrição permita destacar os tipos mais freqüentes, ela é demasiado abundante e, assim, não muito funcional. Após a observação da ocorrência em conjunto, numa mesma peça, de cores e texturas distintas, essa classificação mostrou-se extremamente questionável, e sem bases que justificassem expandi-la para outros sítios.

registro não muito rigoroso, porém funcional, de quais as variedades vistas entre as peças lascadas se assemelhavam – e em que grau – àquelas encontradas naturalmente no abrigo, na condição de paredões, blocos ou plaquetas. Tal registro permitiu reconhecer, na maioria dos sítios, peças realizadas com as variedades locais e peças realizadas em variedades não encontradas no sítio, restando alguns casos duvidosos.

As coleções líticas que a seguir serão descritas, estão, portanto, no que se refere aos quartzitos, apresentadas como produzidas sobre variedades autóctones ou alóctones de quartzito, em relação ao abrigo em que foram encontradas.

O quartzo também não é homogêneo em toda a área. Porém, há em Diamantina e arredores uma grande quantidade de quartzo muito hialino e homogêneo, num grande contraste com, por exemplo, a indústria sobre quartzo de Santana do Riacho. Difícil de avaliar em tempos pré-históricos, a disponibilidade de quartzo era certamente muito grande, pois ainda hoje, após milênios de utilização para o lascamento e décadas de exploração pelo garimpo, quartzo transparente como água ainda se encontra sem grandes dificuldades na região e sua exploração comercial continua ativa. A imensa maioria das peças lascadas o foi sobre quartzos muito homogêneos. As dimensões dos cristais também são dignas de nota, conforme comentei a respeito das atividades dos garimpeiros. Cristais de dezenas de quilos são conseguidos ainda hoje e, certamente, grandes cristais deviam estar disponíveis na Pré-História. Nos níveis de ocupação pré-histórica recente, os sítios, porém, não guardam indícios de que cristais de grandes dimensões tenham sido explorados como núcleos; as indicações diretas de que disponho apontam para cristais com diâmetros que não atingiriam 10 centímetros, sendo que a maioria das peças corticais sugerem peças menores do que isso. A exploração comercial certamente explorou as fontes superficiais de quartzo e, com isso, deve ter destruído a maior parte dos locais de exploração intensa dessa matéria-prima no período pré-colonial. Um caso em que o registro arqueológico serve de elemento condicionante de novas interações com a paisagem. Dos sítios que pude analisar, apenas a Lapa do Caboclo e o Garimpo do Turco – este último, desconectado do horizonte de ocupações recentes – apresentam indícios da disponibilidade de cristais no próprio sítio.

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DO BOI

A Lapa do Boi desempenhou um papel especial nas análises do horizonte de ocupações recentes, pois foi a partir de seu rico material de superfície que se teve dimensão do que esse horizonte poderia oferecer como elementos articuláveis ao material da Lapa do Caboclo.

A amostragem da Lapa combinou, conforme dito anteriormente, três metros quadrados escavados (dois deles contíguos) e uma malha estreita de tradagens desde a borda da área abrigada até a plataforma sedimentar ampla diante do abrigo. Uma coleta de varredura foi realizada em toda a área diante do paredão do abrigo (até mais de 30 metros dele).

A Lapa do Boi é formada por um abrigo rochoso voltado para Oeste no sopé de um grande afloramento do quartzito da Formação Galho do Miguel (que apresenta grau de metamorfismo acentuado e é com freqüência encontrado na forma de grandes morros residuais, muitas vezes monumentais, como no caso daquele em que a lapa se encontra). Diante da Lapa desenvolve-se um campo amplo, onde serpenteia um pequeno córrego. Do campo se passa ao abrigo sem que haja qualquer obstáculo ou dificuldade, num aclive bem suave. Diante do abrigo abre-se um leque de deposição de sedimentos, que delimita uma área plana ligeiramente mais elevada que o campo, também coberta pelo capim nativo e por sempre-vivas. A área abrigada tem profundidade restrita (cerca de 4 a 5 metros), estendendo-se por não menos de 40 metros, ou seja, um abrigo acima da média das dimensões regionais – veja Prancha 37, na página seguinte. O quartzito do afloramento se desprende em plaquetas e dele desabaram inúmeros blocos. As plaquetas se distribuem por toda a área abrigada e toda a superfície plana diante da parede, até cerca de 20 metros desta, enquanto os blocos de dimensões medianas e grandes se concentram nas periferias da área plana diante do abrigo e no centro deste.

A Lapa do Boi - borda da área abrigada, área plana diante do abrigo e campo amplo (com vegetação ciliar do córrego)

Áreas de concentração de material lítico a céu aberto diante da Lapa do Boi (em azul, o limite aproximado da área abrigada)

Lapa do Caminho da Serra I - área abrigada e área a céu aberto diante do abrigo, por onde se distribuía o material lítico de superfície

Prancha 37 - A Lapa do Boi e a Lapa do Caminho da Serra I

As paredes da Lapa do Boi apresentam aquele que é, ao lado da Lapa Bonita, o mais numeroso conjunto de pinturas rupestres conhecido na região, que totaliza algumas centenas de grafismos (ainda não inteiramente contabilizados), incluindo figuras atribuíveis a, ao menos, três das unidades estilísticas definidas no Brasil central (Tradição Planalto, Agreste e Complexo Montalvânia).

A Lapa do Boi dispõe de depósitos sedimentares mais profundos que aqueles que a escavação de outros abrigos revelou. No Boi as camadas com vestígios arqueológicos atingem cinqüenta centímetros de profundidade a partir do piso atual. Porém, ainda nos primeiros quinze centímetros revela-se uma grande umidade dos depósitos e não foi possível distinguir senão três camadas estratigráficas: o nível superficial, constituído de areia e grande quantidade de esterco bovino, um segundo pacote – correspondendo a quase todo o depósito com material arqueológico – arenoso de cor escura e um terceiro pacote arenoso de cor branca arqueologicamente pobre. A escavação, diante da indistinção estratigráfica (devida à umidade?) se fez por níveis artificiais de 10 cm.

Embora, aparentemente, as flutuações de umidade tenham criado condições desfavoráveis para a conservação dos demais vestígios, o material lítico mostrou-se rico e abundante. Infelizmente, não foram identificadas estruturas de combustão e não disponho de datas para uma organização cronológica absoluta dos níveis escavados. O material de superfície coletado no sítio forneceu uma quantidade bastante significativa de artefatos retocados, alguns núcleos e percutores fraturados, que se distribuíam pela área diante do abrigo. Este é o material que será tomado inicialmente para discussão, ficando para um segundo momento a análise do material das escavações.

O material lítico de superfície da Lapa do Boi

O material lítico de superfície da Lapa do Boi é aqui examinado considerando-se os processos naturais e os processos culturais de formação do registro arqueológico daquele sítio, nos termos de Schiffer (1991). Entre os primeiros destaca-se a sedimentação do abrigo e entre os últimos, os aspectos de elaboração e descarte das ferramentas líticas. Tais processos são aqui discutidos num percurso que segue em direção à construção de uma interpretação para as ocupações pré-históricas finais do sítio.

O material lítico recolhido em abril de 2006 na superfície da Lapa do Boi, na área abrigada e a céu aberto diante do abrigo, apresenta atributos instigantes. Foi recolhido (e mapeado) um total de 42 instrumentos retocados e alguns núcleos em quartzo e em variedades de quartzito. Oitenta e quatro peças foram recolhidas, sendo quarenta e duas destas em quartzo e as demais em quartzito – os núcleos respondem por cerca de 6% deste número.

As análises do material de superfície, realizadas por mim e por Ângelo Pessoa, se fizeram através de uma classificação das matérias-primas em classes, distinguindo os quartzos dos quartzitos e, entre os últimos, fazendo uma subdivisão mais específica a partir das cores e granulometria. As lascas sem retoque foram descritas segundo atributos tecnológicos, visando uma identificação da etapa da(s) cadeia(s) operatória(s) a que poderiam corresponder. Os instrumentos retocados foram descritos conforme a ficha de descrição de artefatos apresentada anteriormente. Os núcleos foram descritos inicialmente conforme o número de negativos e extensão destes, assim como conforme o número de planos de percussão e relação entre eles. Para os instrumentos que incluem façonagem, a análise diacrítica dos negativos foi realizada, objetivando uma reconstituição mais detalhada do processo de fabricação e gestão (com eventuais modificações no volume) dos artefatos, atenta às questões que Fogaça (2004) e Bueno (2005, 2007) têm destacado, para um contexto cronológico bem distinto, sobre a importância da curadoria de artefatos plano-convexos na constituição de suas formas finais. Procurei analisar as coleções de Diamantina à luz das discussões que têm sido feitas para os instrumentos plano-convexos do Brasil Central, pois, mesmo que elas se refiram aos artefatos dos milênios iniciais da ocupação humana no continente, a semelhança que alguns artefatos de Diamantina guardam com as famosas “lesmas” do início do Holoceno nos permite considerar a seu respeito as mesmas questões quanto à tecnologia e funcionalidade desses artefatos, sem pretender com isso postular qualquer continuidade entre contextos tão distantes. A própria existência da semelhança será aqui objeto de reflexão.

Os artefatos em quartzo são mais numerosos no Boi do que em qualquer outro sítio em que interviemos na região de Diamantina. Os artefatos de quartzito, contudo, serão tratados primeiramente, para que, após as considerações a seu respeito, o material em

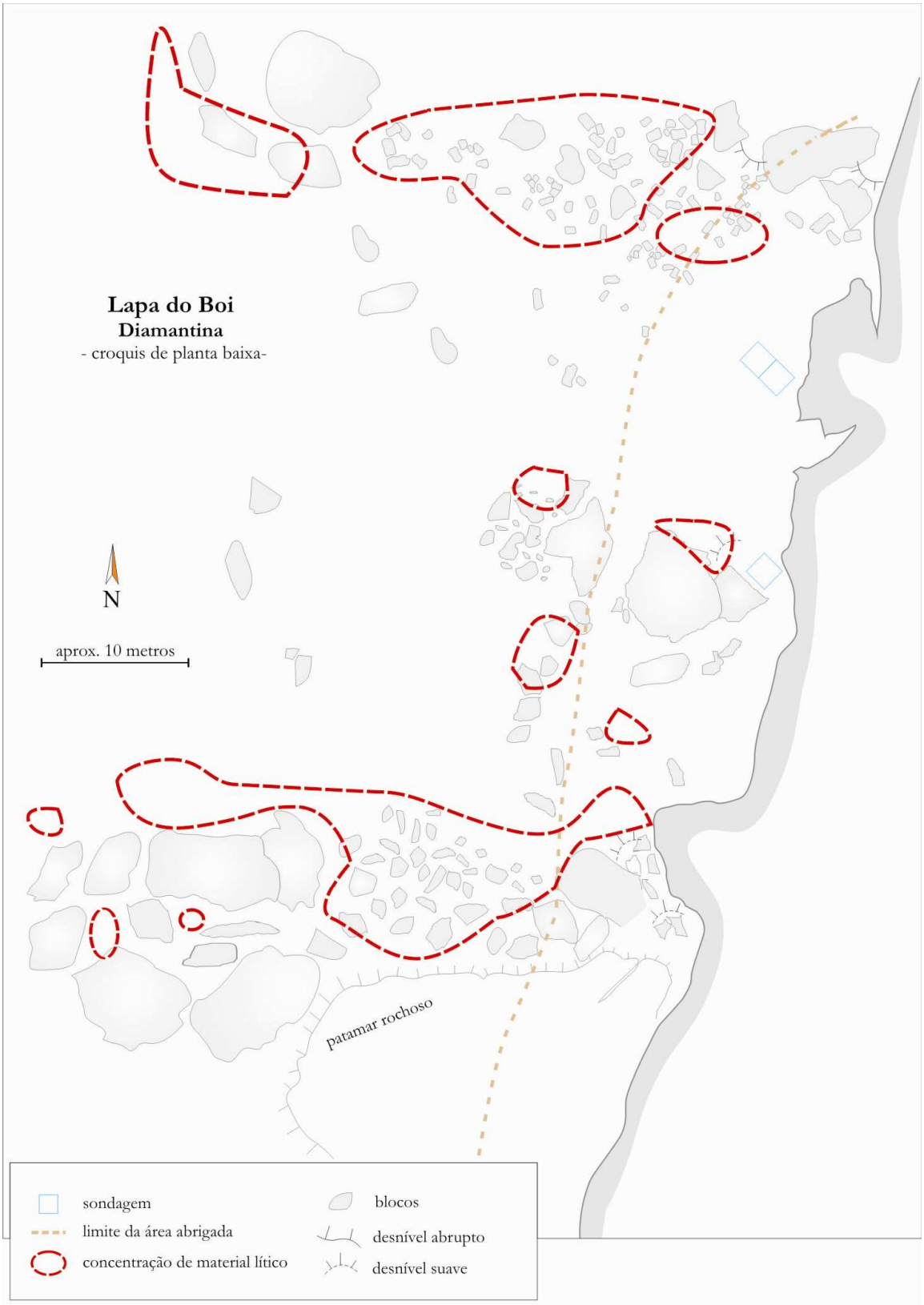
quartzo seja examinado, combinando as peças de superfície e dos níveis de imediata sub-superfície.

Os artefatos de superfície em quartzito podem ser a princípio classificados conforme duas variáveis: a matéria-prima (no caso, a variedade de quartzito em que foram produzidos) e sofisticação tecnológica da transformação sofrida de suporte a artefato. Pode-se atribuir dois valores a cada uma dessas variáveis.

Quanto à matéria-prima, têm-se peças produzidas no quartzito branco de granulometria fina ou média, que é semelhante àquele disponível no próprio afloramento rochoso da Lapa – nas paredes e em blocos e plaquetas caídos ao chão; e peças produzidas em variedades de quartzito outras, ainda que entre si diversas, distintas daquela disponível no abrigo.

Quanto ao grau de sofisticação, têm-se artefatos complexos e simples. Os primeiros seriam aqueles em que se operou uma mudança significativa no suporte para a transformação deste em artefato (seja através de façonagem ou de um número elevado de retoques em mais de um bordo), onde houve uma alteração de volume; e os simples, aqueles aos quais falta essa transformação, neles tendo sido feitos apenas retoques ou outras retiradas que delinearam o gume e não modificaram o volume do suporte. Os simples têm uma única seqüência de gestos de retoques, enquanto os complexos têm duas ou mais etapas de lascamento, que alteram seu volume e a seguir alteram os gumes.

O que se vê quanto à distribuição das peças? Conforme se pode observar no *croquis* do abrigo (vide Prancha 38, na página seguinte), as áreas de maior ocorrência de artefatos correspondem às margens do que se pode chamar de ‘entrada’ do abrigo, ou seja, a área onde se acumulam blocos nas bordas do aclive suave e desimpedido que conduz à área abrigada. Os blocos delimitam um trapézio, dentro do qual o trânsito de pessoas é livre de obstáculos; nas áreas de concentração de blocos, é preciso saltá-los, galgá-los e desviar deles e da vegetação rupestre que os envolve parcialmente. Grande parte desses blocos tem de 20 a 60 centímetros de altura, o que os faz se apresentarem como sugestivos ‘assentos’ ou ‘mesas’.



Prancha 38 - Lapa do Boi (Diamantina, MG). Croquis de planta baixa.

Os artefatos complexos que ali recuperamos têm como atributo recorrente o fato de apresentarem seus bordos com ângulo muito abrupto e seqüências de negativos que deixam claro um trabalho de reavivagem de gume. Há um intenso trabalho de retoques recursivos e progressivamente mais abruptos, que conduziu as peças à exaustão Esses instrumentos complexos foram todos produzidos sobre plaquetas de quartzito. As matérias-primas utilizadas são quartzitos de granulometria fina e cores variadas, em geral, com metamorfismo acentuado[3], que não correspondem ao quartzito do abrigo.

A outra classe de artefatos de quartzito, os simples, tem variada morfologia, diferentes ângulos nos gumes, que podem ser côncavos, retilíneos, denticulados ou convexos. O que permite agrupar os artefatos simples do ponto de vista analítico, além de sua simplicidade, é o fato de serem produzidos sobre plaquetas e lascas de um quartzito semelhante ao do próprio abrigo, cuja resposta ao lascamento parece ser bastante boa, uma vez que se apresenta homogêneo e compacto. Além disto, os instrumentos informais não apresentam, salvo uma única exceção, gumes que pareçam esgotados, nem recursivamente reavivados. Os núcleos que recolhemos no sítio também são da matéria-prima de aparência local e apresentam poucos negativos em suas faces; alguns se apresentam em dimensões reduzidas, em torno de 5 cm. Lascas compatíveis com esses negativos foram também encontradas, mas não em grande número.

Áreas de atividade ou áreas de deposição de refugo?

Seriam os artefatos complexos encontrados em superfície na Lapa do Boi refugos primários ou secundários, nos termos de Schiffer (1991)? Ou seja, seria possível dizer que os artefatos complexos indicam que as margens do 'trapézio' da Lapa do Boi são áreas de trabalho ou áreas de atividade específica (aquela(s) na(s) qual(is) os artefatos formais são empregados)? De quais elementos dispomos para construir respostas a estas perguntas?

A interpretação que proponho é que as periferias daquilo que chamei de 'trapézio' do sítio seriam áreas nas quais os artefatos de quartzito (tanto os complexos quanto os

[3] O que os torna compactos, homogêneos e, portanto, bastante adequados ao lascamento.

simples) teriam sido utilizados e descartados. No caso dos artefatos complexos, o descarte seria devido a seu esgotamento; no caso das lascas, pequenos núcleos e artefatos simples, o descarte seria devido a sua baixa relevância econômica – ou seja, devido ao baixo investimento realizado neles, tanto no que se refere à obtenção da matéria-prima, quanto no que se refere à sofisticação técnica. As peças líticas recuperadas em superfície seriam refugo primário, sua distribuição, tal como hoje a encontramos - pedras lascadas por entre as pedras naturalmente desabadas - seria resultante de processos culturais de formação, mais especificamente, do uso das áreas de blocos como local de trabalho(s). Portanto, trata-se de uma interpretação para a distribuição presente dos vestígios, considerando suas características específicas, e uma proposta de interpretação do sítio, para seu período de ocupação pré-histórica mais recente. O sítio consistiria num local de uso do instrumental lítico e não de sua fabricação, portanto, um sítio com características que sugeririam um acampamento, base ou temporário, nos termos de Binford (1983), e não uma oficina lítica ou local prioritariamente de extração de matéria-prima.

Antes de passar aos elementos específicos de demonstração da hipótese interpretativa principal apresentada acima, possibilidades interpretativas alternativas podem ser levantadas. É possível que as peças sejam refugo secundário. Sobre isso podemos aventar duas alternativas. Primeira: as peças poderiam ter sido jogadas fora a partir da área abrigada, onde teriam sido utilizadas. Segunda: é possível que os artefatos tenham sido ‘varridos’ do centro para a periferia do ‘trapézio’. Podemos ainda cogitar uma outra possibilidade, na qual os artefatos seriam refugo primário: as áreas periféricas com blocos não seriam os locais preferenciais de uso dos artefatos; as peças ter-se-iam distribuído por todo o trapézio e processos naturais de formação teriam interferido, de modo a só deixá-las visíveis nas margens. Examinemos, então, cada uma dessas três alternativas.

As peças se constituírem em refugo secundário por terem sido jogadas fora a partir da área abrigada, retiradas não só do abrigo como do acesso a ele, exigiria uma forte disposição, em função da distância, ou um espírito lúdico. As peças teriam que ter sido arremessadas a até trinta metros, o que provavelmente as levaria à fragmentação – embora somente experimentações, não realizadas, pudessem demonstrar isso com alguma segurança. Se tivesse ocorrido realmente arremessos para descarte das peças, parecem mais plausíveis arremessos mais curtos, que concentrariam as peças na proximidade mais

imediata da área abrigada, produzindo um padrão de distribuição distinto do observado. Outro ponto a ser considerado é o fato das peças, sobretudo os artefatos complexos, serem pouco contundentes e pouco cortantes, não se constituindo em riscos significativos para pedestres, o que tornaria pouco necessária sua remoção.

A última consideração acima cabe também para avaliar a segunda hipótese (que as peças tenham sido varridas para a periferia da área). Peças pouco cortantes não exigiriam uma remoção cuidadosa, não oferecendo riscos maiores do que as plaquetas que se desprendem naturalmente do paredão e se espalham por todo o sítio. Uma varrição talvez produzisse um maior acúmulo de peças e, este ponto é mais significativo, provavelmente não conduziria as peças 'varridas' tão ao Norte e ao Sul por entre os blocos. No entanto, não podemos eliminar a rigor a hipótese da dispersão presente do material lítico de superfície ser resultado, integral ou parcialmente, de uma 'varrição' das peças para a periferia da área utilizada quando das últimas ocupações pré-históricas do abrigo.

A terceira possibilidade nos leva a examinar processos naturais de formação do registro. A área de blocos localizada na porção sul do sítio parece efetivamente mais protegida do cone de dejeção que lança sobre o sítio sedimentos e plaquetas. Os próprios blocos caídos formam uma barreira para os sedimentos que vêm das partes altas do afloramento, entram no abrigo pela sua extremidade sul e espalham-se contribuindo para a formação do leque sedimentar anteriormente citado. Sobre os blocos do sul, a sedimentação é menos intensa, restringindo-se ao sedimento que cai pela cornija da área abrigada, àquele que é produto da erosão do patamar rochoso (veja croquis do sítio) e àquele de origem eólica. Assim, entre os blocos do sul, o volume de sedimentos é menor e isso pode ter contribuído para manter em evidência vestígios que teriam sido enterrados nas porções do sítio em que o sedimento chega hoje com mais abundância[4] - é importante considerar que o volume total de sedimento que entra hoje no abrigo não é muito grande e, portanto, quando aqui se fala *abundância*, este é um valor relativo ao próprio abrigo. Nos blocos ao norte, porém, não há uma barreira para o cone de dejeção que vêm da extremidade norte do abrigo, que espalha seu colúvio, tanto entre os blocos, quanto ao centro da área abrigada.

---

[4] Lembro que trato aqui do material de superfície, portanto, é plausível considerar a morfologia atual do abrigo, o que seria inadequado para níveis mais antigos, quando aspectos da morfologia poderiam ser bastante diferente.

Portanto, entre os blocos do norte não há porque pensar numa permanência de material em superfície decorrente de uma escassez de sedimentação. Não há uma maior deposição de sedimentos na área central do abrigo que justifique uma cobertura das peças dessa porção do sítio por oposição às periferias, uma vez que não há outro aporte importante de sedimento que não aquele que se faz pelos cones laterais de dejeção[5]. A igual presença de peças líticas lascadas entre os blocos de norte e os de sul faz pensar, por conseguinte, na pouca idade desse material, mais do que numa maior ou menor cobertura sedimentar, e pesa como elemento contrário à alternativa da concentração do material se dever a uma diferenciação na dinâmica de sedimentação.

As pedras por entre as pedras

Os artefatos complexos em quartzito apresentam-se, conforme dito, em fase final de sua vida útil. O conjunto de vestígios recolhidos em superfície apresenta um número modesto de lascas de façonagem e de retoque, encontrando-se algumas poucas peças com características compatíveis com lascas de reavivagem. Porém, estão praticamente ausentes peças em variedades alóctones de quartzito que não sejam artefatos complexos. Temos, então, o sítio, em uma ocupação mais recente, como um lugar para onde os instrumentos complexos eram conduzidos já prontos e onde eram descartados. Assim, há fortes indicações de que o sítio é o local de uso dos artefatos complexos e de seu abandono, uma vez esgotados seus gumes, aspecto recorrentemente observado.

Os blocos desabados a sul e a norte do sítio oferecem-se como locais de apoio, para se sentar ou se depositar materiais, embora essa percepção não possa ser encarada como óbvia e não deixe de conter uma certa dimensão etnocêntrica. Diferentes povos educam diferentemente seus corpos e, para além da anatomia básica da espécie, não devem surpreender usos diferentes de estruturas próximas ao chão e do próprio chão. Basta ver que a prática de estar de cócoras era amplamente utilizada no interior do Brasil e hoje qualquer conversa, por mais informal, exige que os interlocutores se sentem em cadeiras ou bancos para expor com calma suas idéias. Os ocupantes da lapa, em seu período pré-histórico tardio, poderiam não estar procurando pedras para se sentar, mas a bibliografia

[5] Não considerando aqui a deposição eólica de sedimentos, que, ao menos no momento, não tenho condições de avaliar.

arqueológica brasileira registra casos diversos de deposição de materiais junto a possíveis ‘bancos’, ‘sofás’ e ‘poltronas’ de pedra, ou seja de blocos grandes e medianos que poderiam servir bem como assento, casos esses suficientes para que se leve a possibilidade em conta. As peças lascadas encontradas em superfície dispõem-se evidentemente associadas à presença dos blocos e não há, ao menos a princípio, fatores naturais que possam ser responsabilizados por essa associação.

Os instrumentos simples e pequenos núcleos de quartzito, assim como as lascas simples de debitagem, todos produzidos em quartzito local, também se concentraram nas áreas de blocos. O caráter expedido das peças e a facilidade na obtenção da matéria-prima empregada para produzi-las sugere que esses são materiais que seriam facilmente descartados, portanto, torna-se perfeitamente viável que eles sejam descartados no próprio local de uso, para serem mais tarde recuperados ou para serem facilmente substituídos por outros tão logo a necessidade se faça novamente presente. As lascas de debitagem podem ter sido empregadas como instrumentos expedientes, uma vez que os núcleos recuperados compatíveis com elas, no que se refere à morfologia dos negativos que apresentam, foram alvo de poucas retiradas, não estão esgotados e foram produzidos no mesmo quartzito branco local. Assim, esses núcleos sugerem uma debitagem oportunística, para que se produzissem lascas de forma simples e rápida, para atender a possíveis demandas imediatas.

Entre os critérios indicados por Wilson (1994) para a identificação de refugo secundário, no caso de seu artigo, para materiais cerâmicos, estão o grau de fragmentação das peças, assim como a diversidade de materiais e a variabilidade artefatual reunida num determinado espaço. No caso da indústria lítica de superfície da Lapa do Boi esses critérios não são satisfeitos, havendo uma relativa homogeneidade dos vestígios e uma dispersão considerável. Quanto à fragmentação a aplicabilidade de uma proposição sobre materiais cerâmicos é muito restrita, mas se as peças complexas estão com seus gumes esgotados, nem elas nem as demais peças apresentam acentuado grau de fragmentação.

As semelhanças tecnológicas entre os grupos de artefatos sugerem que esses correspondam a peças úteis a um certo leque de funções – conforme será discutido mais a diante. Sua distribuição é equilibrada ao longo do sítio, apontando para um uso semelhante das superfícies nas bordas do ‘trapézio’ e junto aos blocos no centro do abrigo.

Combinando-se a semelhança das áreas entre blocos e a distribuição equilibrada das peças entre elas, parece mais provável serem elas as áreas de atividade e não áreas de depósito de refugo secundário.

Deste modo, a hipótese interpretativa segundo a qual as áreas de bloco seriam as áreas de realização das tarefas que envolviam o instrumental lítico encontrado na superfície e os vestígios corresponderiam a refugo primário parece dispor de um conjunto de elementos favoráveis expressivo. O exame de outras possibilidades feito acima não as descarta inteiramente, mas restringe as alternativas e procura colocar limites testáveis para elas.

O número de peças é restrito, o que indica que o abrigo teria sido usado por um número restrito de pessoas, com uma ocupação pouco intensa, e, caso tenha sido re-ocupado, essas re-ocupações teriam sido pouco numerosas ou temporalmente muito espaçadas, de modo a não acumular um grande número de peças antes da sedimentação do abrigo ser capaz de cobri-las. Sobretudo a propósito dessas questões, reflexões sobre abandono devem ser feitas.

Algumas considerações sobre abandono

Devemos levar em conta questões referentes ao abandono no momento de construir uma hipótese interpretativa para o material de superfície da Lapa do Boi, sobretudo a respeito de avaliações que consideram a quantidade de peças do sítio. A presença majoritária ali de instrumentos curados em fase final de sua vida útil, produzidos com quartzitos alóctones, e de peças de quartzito local ainda perfeitamente re-aproveitáveis pode decorrer de uma gestão no momento do abandono ou mesmo de uma gestão pós-abandono (*delayed curation*, conforme Tomka [1993]).

Artefatos complexos em bom estado podem ter sido levados no momento do abandono, uma vez que neles se fez um maior investimento, pois foram produzidos com matérias-primas oriundas de outros lugares e foram objeto de maior elaboração. As peças de quartzito local, cuja matéria-prima nada exigira para sua obtenção e que se produziram de forma rápida e simples, teriam sido abandonadas ainda em bom estado no sítio. A mesma lógica poderia ter regido uma eventual ação de *delayed curation*, produzindo,

conforme nos apresenta Tomka[6], uma ação seletiva de aproveitamento de peças abandonadas no sítio conforme critérios econômicos, sobretudo a facilidade ou dificuldade de obtenção de matéria-prima e o investimento na produção das peças.

Embora não se possa aqui demonstrar que tais condutas tenham efetivamente ocorrido, é indispensável manter em vista a questão, na medida em que ela pode interferir de forma significativa na composição do registro arqueológico. Considerando tais possibilidades, temos uma boa medida cautelar para futuras avaliações de intensidade de uso do sítio ou quaisquer outras inferências que tenham por base o número de peças encontradas.

O material das escavações na Lapa do Boi

A Lapa do Boi apresenta, nas áreas escavadas, uma freqüência elevada de pequenas lascas de quartzo, a maioria delas interpretável como lascas de retoque dadas a sua pequenez, seu perfil, as características de seus talões e a limpeza de cornijas. No figura abaixo vêem-se as dimensões das lascas separadas por classes. Note a alta freqüência de lascas inferiores a dois centímetros, que respondem por 77% das peças descritas.

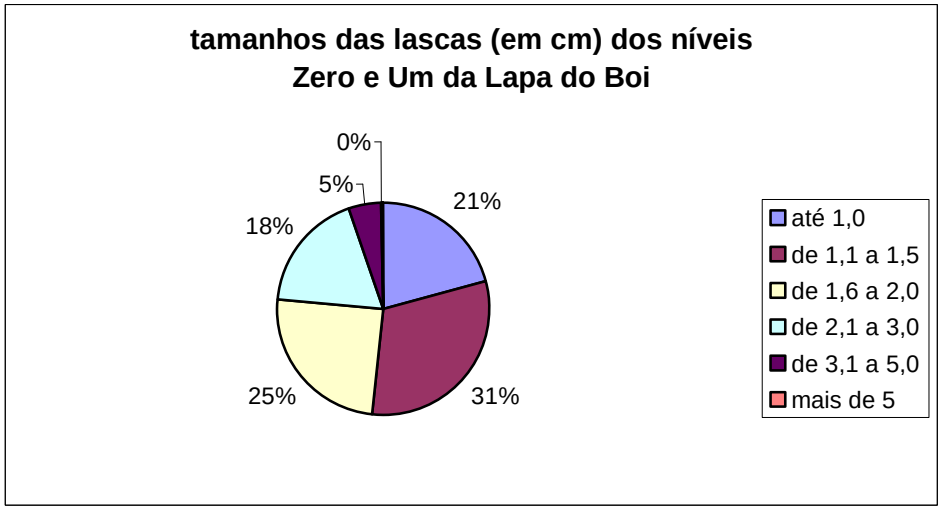


Figura 6.1 – Gráfico de tamanhos de lascas dos níveis superiores da Lapa do Boi, organizados em classes.

[6] Op. cit.

A dominância do quartzo como matéria-prima das lascas é contundente (quase 80% de todas as lascas), conforme mostra o gráfico a seguir.

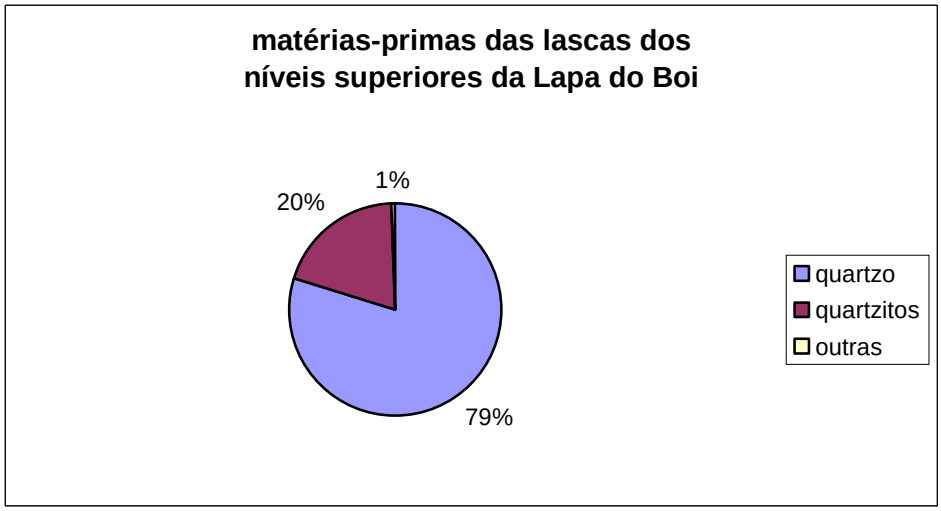


Figura 6.2 – Gráfico da distribuição das lascas dos níveis superiores da Lapa do Boi, conforme a matéria-prima (agrupadas as variedades de quartzito).

Percebe-se, assim, o forte caráter de espaço de lascamento de quartzo, especialmente de retoques. Um número muito expressivo de lascas de debitagem dessa matéria-prima também foi encontrado na lapa. Observam-se ainda lascas de adelgaçamento, com talões muito finos, limpeza da cornija, ângulo rasante e perfil curvo. Em alguns talões pode-se observar a presença de negativos de retoque, atestando a produção dos artefatos bifaciais, alguns dos quais encontrados no próprio sítio.

Entre os artefatos de quartzo provenientes das escavações e da coleta de superfície figuram artefatos sobre lascas com gumes semi-circulares formados por retoques muito regulares e delicados, que deram ângulos abruptos à parte ativa das peças. Também se vêem peças com gumes retos e curtos, semi-abruptos, produzidos por retoques minúsculos, sobre suportes diferentes (lasca e *casson*).

Quatro peças com retoques bifaciais em quartzo também estão presentes, todas oriundas da escavação na área central. Duas delas apresentam uma extensão de retoques em ambas as faces e uma volumetria que deixam aberta a possibilidade de se tratar de pré-formas de pontas de projétil, embora sejam ligeiramente espessas demais para esse fim. As outras duas peças bifaciais têm retoques mais extensos numa face e mais restritos em outra,

sem uma forma reconhecível a partir de referências bibliográficas brasileiras. Todas as quatro estão fraturadas, fraturas que podem decorrer do próprio processo de lascamento.

Assim, vê-se que, em oposição aos artefatos de quartzito, os artefatos retocados de quartzo parecem ter sim sido produzidos, ao menos em seus estágios finais, na Lapa do Boi, conforme sugerem alguns artefatos aparentemente inacabados e conforme testemunham com veemência as numerosas lascas de façonagem, adelgaçamento e, sobretudo, de retoque.

Reunindo os elementos

Considerando os materiais de superfície e os de escavação, temos no Boi um aproveitamento da variedade de quartzito local para produzir artefatos simples, que podem ser produzidos com grande expediência. Temos também o descarte de artefatos de quartzito mais sofisticados, todos sobre plaquetas, produzidos em variedades quartzíticas ausentes naturalmente do sítio. Temos, ainda, artefatos de quartzo bastante complexos (nos mesmos termos aplicados aos artefatos de quartzito) e outros que, embora não complexos, apresentam uma regularidade e um expressivo refinamento de técnicas de lascamento, sendo produzidos no próprio abrigo, alguns também descartados ali. Em quartzo temos também artefatos de gumes retos e curtos e artefatos de gumes côncavos, sobre suportes diversos e não padronizados, que podem ser responsáveis por parte dos refugos de lascamento encontrados. E, ainda no quartzo, uma debitagem expressiva unipolar e uma presença discreta de debitagem bipolar. Portanto, o sítio apresenta elementos conectados a sete cadeias operatórias, ou, ao menos, a seis, se consideramos a possibilidade de se combinar as técnicas de lascamento uni e bipolar num mesmo cristal ou bloco.

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DO CAMINHO DA SERRA

A Lapa do Caminho da Serra inclui dois abrigos, chamados I e II. No Caminho da Serra I distribui-se na superfície uma variada coleção lítica, cujo número de artefatos retocados só é suplantado pela Lapa da Bandalheira e pela Lapa do Boi. O conjunto artefatual é especialmente semelhante ao deste último, com a presença de artefatos de

quartzo de gume semi-circular, artefatos plano-convexos sobre plaquetas, artefatos de quartzo de gumes retos em quartzo, artefatos simples sobre plaquetas e artefato retocado com bico. Como no Boi, os artefatos plano-convexos são lascados sobre quartzitos ausentes naturalmente da lapa. Não se encontram no Caminho da Serra artefatos simples sobre plaquetas. Completam o conjunto lascas de debitagem em quartzito e em quartzo, em quantidade reduzida – apenas 21 peças, sendo duas peças *cassons* e as demais, lascas. Oito peças são produzidas sobre quartzito, as demais (13) sobre quartzo.

Encontram-se, portanto, representados elementos de duas ou três cadeias operatórias: a que envolve os plano-convexos sobre plaquetas; a de debitagem de quartzo; a das fabricação dos retoques de quartzo sobre lasca, que pode estar conectada à anterior.

Região da Lapa do Caminho da Serra, com seu imenso campo e afloramentos monumentais.

Superfície do abrigo com plaquetas e material lascado. Ao fundo o campo, ao qual se passa sem qualquer obstáculo.

Artefato retocado de quartzo sendo coletado em meio às plaquetas desabadas

Prnacha 39 - Lapa do Caminho da Serra

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DE MOISÉS

Foram escavados dois metros quadrados na Lapa de Moisés, muito pobres em material lítico. As sondagens foram realizadas na área abrigada, que se encontra elevada diversos metros em relação ao campo plano diante do afloramento. A conexão entre o campo e a área abrigada é feita por meio de uma rampa formada de blocos e colúvio, caminho da drenagem pluvial.

O material proveniente das sondagens será tratado primeiramente, para então se abordar o material de céu aberto – da rampa e do campo diante da lapa.

A área abrigada está a receber sedimentos atualmente, de modo que os níveis de imediata sub-superfície serão considerados aqui como provavelmente integrantes do horizonte de ocupações pré-históricas recentes – no caso o Nível 1, correspondente aos 10 cm superiores.

A sondagem 1 quase não proveu material lascado, tomada intensamente de plaquetas caídas e deslizadas a partir do cone de dejeção de oeste. A quase totalidade das peças descritas corresponde à Sondagem 2, situada na porção central do abrigo, próximo à parede do fundo.

O quartzito e o quartzo estão equilibradamente representados no sítio, conforme se pode ver no gráfico abaixo.

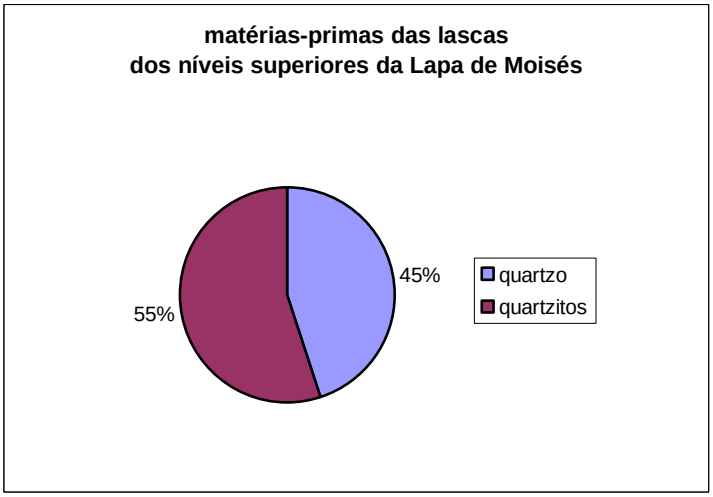


Figura 6.3 – Proporções das matérias-primas das lascas dos níveis recentes da Lapa de Moisés

O quartzo se apresenta na forma de lascas unipolares e de lascas e nucleiformes bipolares, além de *cassons*. Proporcionalmente este é o sítio que, ao lado da Lapa Pintada de Datas, apresenta a maior proporção de lascamento bipolar. As lascas unipolares de quartzo configuram-se como lascas de debitagem, não havendo elementos para identificar com segurança lascas de retoque ou façonagem.

O quartzito se apresenta na forma de lascas de debitagem, cassons e lascas de retoque – estas correspondem a 13% (9 indivíduos) do total de peças descritas (69). Nenhum núcleo foi encontrado nas escavações.

Muito distinto é o cenário fora da área abrigada, ao longo da rampa que lhe dá acesso e no campo nas bordas do afloramento, próximo ao acesso ao abrigo. Ali, diversos artefatos retocados em quartzito foram encontrados, por meio de coleta de superfície por varredura, além de núcleos e algumas lascas de debitagem. Entre os núcleos, cujas dimensões variam de 7 a 10 cm, estão três peças produzidas sobre um quartzito cinza claro, de boa qualidade, duas com um único plano de percussão e negativos que variam de 5 a 7 cm, e uma terceira, com múltiplos planos de percussão e negativos menores.

Entre os retocados se encontram três peças plano-convexas, guardando intensa semelhança com aquelas da Lapa do Boi e com os plano-convexos do horizonte de ocupação antiga do Brasil Central, com a diferença em relação a estes últimos de serem produzidos sobre plaquetas – assim como suas semelhantes da Lapa do Boi. Um desses plano-convexos é aquele mais finamente acabado de toda a região, com a mais equilibrada simetria bilateral entre seus pares, produzido com uma matéria-prima que não encontramos disponível na lapa. Também é notável nessa peça o fato dela não ter sofrido qualquer ação de reavivagem ou reforma, estando “nova”, com gumes vivos e longe de esgotamento. Uma outra das três peças também apresenta peculiaridades, pois, em lugar de gumes retos ou convexos nos seus bordos mais longos, possui gumes côncavos, tanto nos bordos longos, como nos bordos mais estreitos em ambas as suas extremidades – a identificação de sua matéria-prima é duvidosa. Uma plaqueta com gume denticulado formado por retoques curtos paralelos e uma plaqueta com gumes irregulares completam o elenco dos retocados em quartzito, ambas em quartzito semelhante àquele disponível no sítio.

Em quartzo, também provenientes do campo na borda do afloramento e da rampa de acesso ao abrigo, foram recuperados dois artefatos retocados, um com gume curto e reto, produzido sobre lasca, e um outro, produzido sobre *casson*, com gume côncavo.

De modo semelhante à Lapa do Boi, a Lapa de Moisés tem seus artefatos retocados concentrados fora da área abrigada, junto a blocos e junto a um lajeado longo que bordeja o afloramento do abrigo. No Moisés, as possibilidades de deposição secundária das peças são maiores, sobretudo para aquelas que se encontram entre os blocos da rampa de acesso. Ainda assim, alguns artefatos estão claramente no campo, fora da linha de escoamento da drenagem pluvial, em áreas sedimentadas. Há uma disjunção forte entre a área abrigada e a ocorrência dos artefatos retocados, bem maior do que em qualquer outro sítio. Caso os artefatos da área de blocos fossem artefatos abandonados no abrigo e carreados – alguns deles, vale dizer, estavam sobre os blocos -, creio que a possibilidade de encontrarmos algum artefato, ao menos um, no abrigo seriam grandes. A condição das peças e razoavelmente semelhante àquelas do Boi, que se esparramam pelo campo, sugerindo um descarte – e um possível uso - fora da área protegida pelo teto.

Podemos, em suma, reconhecer na Lapa de Moisés peças articuladas a quatro cadeias operatórias: a dos plano-convexos sobre plaquetas, a da debitagem de lascas medianas (representada pelos núcleos), a do lascamento bipolar do quartzo e a da debitagem unipolar do quartzo (as duas últimas, não necessariamente desvinculadas).

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DO PEIXE GORDO

Bem menor em termos de área abrigada que os sítios precedentes, a Lapa do Peixe Gordo também se implanta na borda de uma área de campo amplo, a partir da qual se tem acesso ao abrigo sem obstáculos ou dificuldades. A visibilidade da área abrigada é menor do que aquelas das lapas do Boi e de Moisés, assim como é bem menor o afloramento em cujo sopé se insere. O sítio também é composto de uma área abrigada e uma área de blocos métricos e decimétricos, com a peculiaridade desses blocos ali formarem como uma praça rodeada e algo protegida justaposta ao afloramento, que direciona o caminhante a duas passagens de acesso.

Procedemos ali a uma sondagem de superfície, no piso sedimentar abrigado, e a uma coleta integral em duas áreas fora dos limites abrigados. Conforme dito anteriormente, a sondagem gerou uma datação de 10.210+/- 60 BP e evidenciou várias lentes sedimentares distintas. Tomei para inclusão nas análises aqui apresentadas o material proveniente do pacote sedimentar imediatamente junto à superfície e o material das coletas de superfície.

Três artefatos em quartzito com retoques foram encontrados em superfície. Um deles é uma plaqueta pouco espessa (2 cm), de formato sub-retangular, e com retoques em três de seus quatro bordos, formando gumes que podem ser divididos em setores com ângulos e delineamentos diferenciados. A peça foi alvo de mais de uma série de retoques: uma primeira, um pouco mais longa e paralela, que poderia ser tratada como uma façonagem, e uma segunda série de retoques bem curtos. O segundo retocado em quartzito corresponde a uma plaqueta de menor espessura (1 cm), fragmentada e com retoques curtos que formam um gume abrupto e convexo. A terceira peça, também uma plaqueta, tem poucas retiradas, que formam um gume curto numa de suas extremidades, de ângulo semi-abrupto.

Agrupando o material de sondagem e coleta, integralmente descrito pelas fichas de descrição de lascas e *cassons*, temos a seguinte freqüência relativa de tipos de matéria-prima.

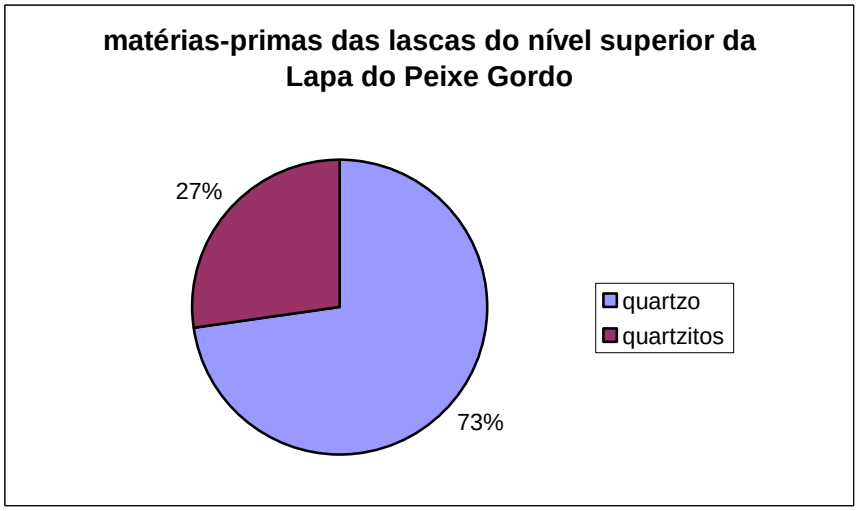


Figura 6.4 – Matérias-primas empregadas na Lapa do Peixe Gordo, em seu horizonte recente.

As peças de quartzo dominam, correspondendo a pequenas lascas e lascas medianas. Entre as lascas de quartzito, predominando lascas de debitagem e poucas lascas de retoque (3 em 22, ou seja, menos de 17%).

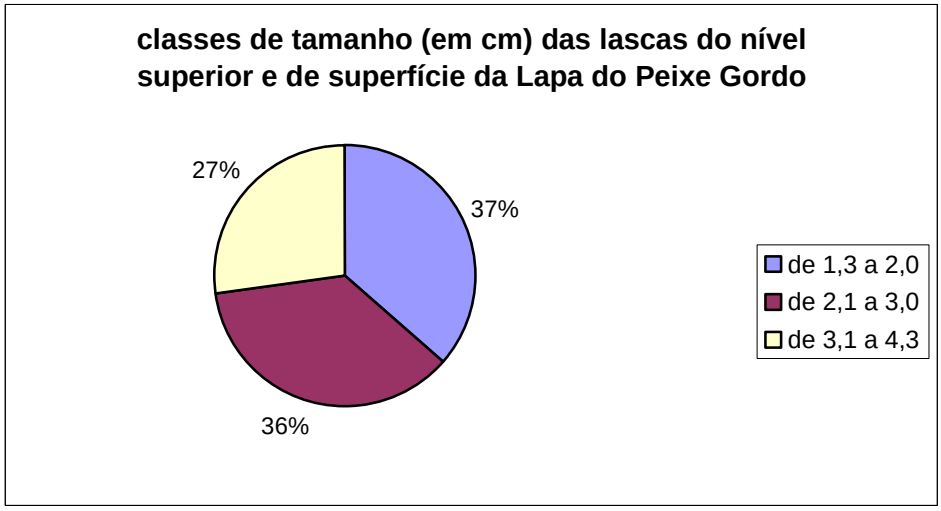


Figura 6.5 – Lascas da Lapa do Peixe Gordo agrupadas em classes de tamanho

O sítio mostra-se, assim, com pouco material associado ao horizonte recente, porém com retocados em plaqueta, um dos quais complexo. Temos elementos associados a quatro cadeias operatórias identificáveis: a plaqueta retocada complexa e maior, as demais plaquetas, a debitagem do quartzo e a debitagem do quartzito.

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DA CIRANDA

A Lapa da Ciranda corresponde a um afloramento rochoso de feição geral escalonada, que guarda dois abrigos voltados para Nordeste. O Abrigo Norte apresenta a maior parte do material lítico, que, conforme apresentado no capítulo anterior, distribui-se sobretudo fora da área abrigada, ao longo dos patamares rochosos. O Abrigo Sul, distante cerca de oitenta metros do outro, é formado por uma fenda alargada e horizontalizada, que cria um teto muito baixo, sob o qual há um piso sedimentar.

Os abrigos encaixam-se num afloramento que corresponde à vertente íngreme do pequenino vale de um curso d'água sazonal, que exibe uma pequena cachoeira logo a

montante do Abrigo Norte. Esse vale é, diante do sítio, coberto em seu fundo por um campo restrito e por campo rupestre em ambas as rochosas vertentes. O pequeno córrego dirige-se àquele que corre no vale estreito e encaixado onde se inserem os abrigos da Lapa do Voador, distantes dali cerca de 300 metros.

O material lítico pode ser encontrado em toda a vertente diante dos abrigos Sul e Norte, com uma concentração mais elevada junto a eles, especialmente junto ao Abrigo Norte. As variedades de quartzito que se vêem ali lascadas correspondem às variedades encontradas nesse trecho do pequeno vale, seja nas paredes do Abrigo Norte, nos blocos e plaquetas desabados a partir dele, no afloramento na vertente oposta e, sobretudo, no teto e nos blocos desabados do Abrigo Sul.

No Abrigo Sul, sob o teto da fenda, diversos blocos e grandes plaquetas desprendidos disponibilizam um quartzito fino, compacto e homogêneo, de cor creme assemelhada ao marfim, que aparece com freqüência em todo o sítio. Um quartzito que também se vê com freqüência é de cor branca e grão muito fino, muito compacto (silicificado), que se apresenta em plaquetas e lascas pelo sítio; dele não se vê ocorrência nas paredes dos abrigos, mas ele está disponível na vertente oposta, onde, inclusive, um bloco de dimensões métricas apresenta um grande negativo de lascamento.

A freqüência de artefatos retocados no sítio é reduzida. Eles correspondem a plaquetas com um gume reto, denticulado ou convexo, abrupto, construído com retoques curtos e paralelos. Também plaquetas com poucas retiradas formando gumes curtos semi-abruptos foi encontradas em reduzidíssimo número (duas peças). Destacam-se no material plaquetas muito delgadas (menos de 2 cm de espessura) com retoques abruptos muito curtos e regulares, formando gumes convexos. Apenas um artefato apresentando façonagem e retoque foi encontrado, no fundo arenoso do vale.

Lascas de debitagem também são encontradas no sítio, especialmente no Abrigo Sul. Núcleos estão presentes em ambos os abrigos, sendo maiores as dimensões daqueles do Abrigo Sul; no abrigo Norte, os núcleos são pequenos, exibindo poucas retiradas e são eles mesmos pouco freqüentes, havendo peças de interpretação duvidosa (com negativos que podem ser resultado de fraturas térmicas naturais). Um conjunto de peças merece destaque: um grande núcleo, não esgotado, exibindo quatro negativos de debitagem, que foi encontrado com uma de suas lascas logo a seu lado.

A coleta sistemática foi feita em quatro áreas, três no Abrigo Norte e uma no Abrigo Sul.

No Abrigo Norte, dentro das áreas de coleta sistemática, observam-se diversas peças cuja origem antrópica é duvidosa, pois apresentam estigmas de lascamento que podem ser perfeitamente resultante de ação térmica natural. Dentre as peças seguramente antrópicas vêem-se lascas de debitagem, plaquetas com retoques, lascas de façonagem e de retoque. Estas últimas concentram-se na área de Coleta 3, a grande maioria produzida sobre o quartzito branco fino.

As lascas sugerem uma exploração pouco expressiva de núcleos grandes, sobretudo na Área 3, e dão pistas para o reconhecimento do lascamento de plaquetas não muito espessas, em função de seu comprimento modesto (entre 2 e 3 cm).

Entre as lascas da Área 3, destaca-se a presença de lábios e de bulbos difusos, indicando o emprego de percutores macios[7]. Os ângulos entre talão e face interna de diversas lascas, assim como as recorrentes limpezas de cornija, sinalizam um trabalho delicado de lascamento, destinado a produzir artefatos retocados delgados. Algumas poucas lascas de adelgaçamento podem ser encontradas (menos de 5), marcadas pelo seu perfil curvo, talões finos e largura ampliada na porção meso-distal. Diversas são as lascas que sinalizam o retoque de plaquetas, exibindo negativos paralelos em sua face externa e o típico perfil curvo na porção distal (representam cerca de 15% da amostra descrita), onde por vezes se vê a superfície plana cortical da plaqueta.

O lascamento do quartzo no sítio se resume a um número restrito de lascas de debitagem e cassons, inferior a 5% do total de peças coletas. A Ciranda não foi, seguramente, espaço de obtenção e transformação significativa do quartzo.

Os artefatos retocados somam 7 peças, o que corresponde a apenas 6% das peças coletas no sítio. Sua totalidade apresenta feições muito simples, produzidas por pequenas seqüências de retoque, sem retiradas que modifiquem expressivamente o volume – não há façonagem nos artefatos recuperados.

Há, portanto, uma disjunção entre os refugos recuperados nas coletas e os artefatos encontrados no sítio. O que aponta para uma retirada dos artefatos mais sofisticadamente

---

[7] Para uma referência sobre estigmas de lascamento indicadores de percutores macios em indústrias brasileiras, vide Rodet & Alonso, 2004.

lascados, que teriam foram produzidos ali e conduzidos a outro local. Assim, o sítio se apresenta como um local de obtenção de matérias-primas quartzíticas de boa qualidade (ou seja, finas, compactas e homogêneas, capazes de responder bem ao lascamento, inclusive com percussão macia) e de fabricação de artefatos retocados simples e refinados nessas matérias-primas, mas como local de descarte apenas dos primeiros – mesmo assim em baixa freqüência.

A Ciranda contem, em síntese, elementos articulados à cadeia operatória de lascamento de plaquetas de quartzito e à produção de artefatos adelgaçados em quartzito (estas duas cadeias podem estar conectadas). Também uma debitagem de lascas de quartzito é clara no sítio. Uma última cadeia, relacionada à debitagem do quartzo deixou vestígios, porém muito modestos.

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DA BANDALHEIRA

A Lapa da Bandalheira apresenta o mais abundante conjunto de material lítico em superfície de toda a área de pesquisa. São milhares de peças, distribuídas, conforme se descreveu no capítulo anterior, por toda a área abrigada e fora dela, nos depósitos sedimentares restritos da lapa, ao longo de seu piso rochoso dominante e nas bordas deste piso, junto ao campo restrito diante do abrigo.

Definimos sete áreas de coleta, após realizarmos uma observação detalhada dos materiais ao longo do sítio. Elegemos tais áreas em função de apresentarem entre si uma diversidade visível – algumas com lascas de pequeno tamanho, outras com lascas de tamanho mais avantajado, algumas com núcleos, umas com lascas de retoque, outras com peças retocadas – e também com a intenção de produzir uma amostra equilibradamente distribuída pelo espaço do sítio. Assim, as áreas de coleta incluíram o piso abrigado de Oeste, diversos patamares rochosos intermediários, o piso no campo, na borda do patamar rochoso, e patamares rochosos baixos na borda leste do abrigo.

Em função das limitações de prazo e do grande número de peças coletas optei por tomar para análise nesta pesquisa quatro das sete áreas de coleta, que considerei, após um exame preliminar, expressivas da diversidade do material coletado. Destarte, das 799 peças

coletadas foram analisadas 607, das áreas de Coleta 1, 2, 4 e 6. Dessas, 60 lascas foram objeto de descrição por meio das fichas de atributos e não menos que 41 artefatos retocados foram analisados individualmente, conforme a ficha básica de descrição de artefatos[8].

Diferentemente de outros sítios dos arredores, como a Lapa do Boi e a Lapa do Boi Leste, os quartzitos disponíveis na Lapa da Bandalheira são de qualidade muito favorável ao trabalho de lascamento.

A lapa oferece mais de uma variedade de quartzito com atributos favoráveis ao lascamento por percussão direta. O quartzito silicificado de cor cinza com linhas negras abunda no sítio, respondendo por boa parte dos suportes pintados no teto do abrigo. Também outro quartzito, cuja cor varia de gelo a amarelo claro, está disponível na lapa, visível também nas paredes e em plaquetas pelo chão. Plaquetas e blocos de um quartzito cinza claro também se encontram com abundância, embora se trate de material de grão menos fino e menos coeso, parecendo não oferecer uma resposta tão boa ao lascamento. O sítio poderia representar, portanto, uma fonte de matéria-prima e foi de fato explorado como tal na pré-história.

Os retocados sobre plaquetas são visíveis na Lapa da Bandalheira, mas, em contraste com os outros sítios da região de Diamantina, são francamente minoritários, respondendo por 27% das peças coletadas e analisadas. A indústria de retocados da Lapa da Bandalheira é, eminentemente, uma indústria sobre lascas. As lascas eleitas como suporte têm, em sua maioria, mais de 5 cm de comprimento (eixo morfológico), com eixos morfológico e tecnológico paralelos ou oblíquos, bastante espessas (mais de 3 cm de espessura). Os retoques distribuem-se de forma variada, mas é possível identificar recorrências.

Dentre os artefatos retocados da Lapa da Bandalheira merecem destaque as lascas grandes com retoques múltiplos. Trata-se de lascas cujo comprimento varia entre 7 e 10 cm, com bulbos bastante proeminentes e talões, quando presentes, consideravelmente espessos. Sobre os talões há uma peculiaridade recorrente: os talões são removidos a partir de lascamentos a partir da face interna ou da face externa. Os retoques distribuem-se nessas

---

[8] Agradeço mais uma vez a Danilo Palhares e Juliana Luz, mestrandos do MAE-USP, que colaboraram como voluntários na descrição das lascas, e a Gustavo Neves, doutorando do MAE-USP e pesquisador do Setor de Arqueologia, que participou voluntária e valiosamente da análise dos artefatos retocados do sítio.

peças por vários trechos das bordas, em alguns casos há retoques em toda a periferia da lasca. Mas tais retoques não são regulares, nem têm uma orientação fixa em relação às faces da lasca. Os retoques compõem gumes curtos, com ângulos e delineamento variados, produzidos ora com retoques diretos, ora com retoques inversos, ou mesmo com retoques alternados. Em geral, a feição dos retoques é escamosa ou paralela. Numa mesma peça, encontram-se gumes retos e abruptos, gumes convexos e rasantes, gumes côncavos e abruptos, gumes convexos e semi-abruptos, distribuídos ao longo da periferia da lasca, em ambos os bordos laterais, na porção distal e mesmo na porção proximal (quando o talão foi removido). A peça a seguir é exemplar desse grupo de artefatos.

Lasca com múltiplos gumes

Esse arranjo de gumes diversos indica instrumentos multifuncionais, uma vez que há modos de preensão compatíveis com os diversos gumes construídos. Contudo, diferentemente dos plano-convexos para os quais a bibliografia brasileira supõe multifuncionalidade, não há nesses artefatos nenhum sinal de reforma ou curadoria. Todos eles são produzidos por seqüências simples de retoque, não envolvem façonagem, sendo a única transformação expressiva do volume a retirada do talão presente em alguns casos. Assim, a Lapa da Bandalheira nos apresenta uma nova modalidade de artefatos multifuncionais, cujas características de *performance* parecem envolver a multifuncionalidade e a expediência na produção, dispensando a possibilidade de reforma recursiva dos gumes, atributo marcante dos instrumentos multifuncionais antigos do Brasil Central (BUENO, 2007; FOGAÇA, 2004) e também presente nos plano-convexos sobre plaquetas das coleções diamantinenses recentes.

Algumas dessas lascas grandes retocadas apresentam uma peculiaridade que chamou nossa atenção: uma grande retirada sobre a face interna, na porção mesial ou meso-proximal. A lasca na figura acima também apresenta essa retirada ampla sobre a face interna. Não semelhante a nada descrito na bibliografia sobre material lítico do Brasil Central, tal retirada é semi-abrupta ou mesmo rasante e após ela não há novos retoques. Não se trata, portanto, de uma retirada de façonagem para a construção de uma peça bifacial, nem para a realização de outros retoques inversos. Observando a recorrência de tal retirada associada à presença, em outros artefatos, de gumes côncavos robustos, encontramos uma explicação para essa prática: parece ser um método de se obter um gume côncavo robusto e afiado (uma vez que é produzido por uma única retirada e não por retoque sucessivos), semi-abrupto.

Instrumentos simples sobre plaquetas foram também produzidos na Lapa da Bandalheira, tendo sido abandonados ali em número significativo, porém menor do que o das lascas retocadas. Algumas se assemelham àquelas presentes no Boi, no Caminho da Serra e em outros sítios, com um gume reto ou denticulado semi-abrupto, produzido por retoques curtos e regulares. Outras plaquetas foram aproveitadas de modo diferenciado.

Uma das formas de aproveitamento é o de plaquetas paralelepipedais com espessura próxima a cinco centímetros, com retoques sobre apenas um bordo, de feição escaliforme, produzindo um gume abrupto muito robusto. Em oposição a esse gume, há o dorso naturalmente abrupto da plaqueta, muito favorável à preensão.

Outra forma de aproveitamento das plaquetas se faz sobre plaquetas de volumes mais irregulares, produzindo-se tipos diversos de gumes (diversos em extensão, delineamento e ângulo). Uma dessas tem uma volumetria que lembra os artefatos plano-convexos de outros sítios e, à semelhança desses, apresenta dois gumes longo semi-paralelos e gumes em ambas as extremidades; embora a peça não seja inteiramente retocada, há retoques em parte de sua periferia, havendo inclusive retiradas penetrantes que alteraram seu volume (uma *façonagem*), sem retoques subseqüentes. A possibilidade de se tratar de uma pré-forma de plano-convexo parece pouco provável em função de uma irregularidade na forma da plaqueta, que ofereceria sérios problemas à sua regularização, embora não possa ser inteiramente descartada essa possibilidade. De fato, os gumes disponíveis, sejam eles naturais ou retocados, são bastante semelhantes àqueles dos plano-

convexos, tanto em termos de extensão, como de delineamento e angulação, assim como o volume.

Outras plaquetas de forma irregular foram lascadas de modo a produzir gumes semi-abruptos com retoques escamosos pouco regulares.

Um problema sério para a análise do conjunto artefatual da Lapa da Bandalheira é a condição de deposição de grande parte dele. Depositadas diretamente sobre o piso rochoso, muitas peças parecem ter sofrido com o pisoteio de pessoas e animais. Como os retoques nas peças são variados num mesmo suporte e, por vezes, bem irregulares, muitos casos colocam problemas na distinção entre o que é resultado de uma ação intencional de lascamento e o que é produto de lascamento acidental por pisoteio. Essa questão tafonômica colocou problemas bastante concretos, pois, colocando dúvidas sobre a natureza de parte do material, reduziu as possibilidades de identificar recorrências tecnológicas.

Em termos da distribuição espacial do material do sítio, as coletas permitiram perceber uma certa segmentação da variabilidade. A distribuição não é homogênea, havendo concentrações de categorias específicas dentre as áreas definidas para coleta.

A Área de Coleta 1, situada na porção de piso sedimentar no oeste do abrigo, contem lascas grandes de debitagem em quartzito (algumas se aproximam de 10 cm de comprimento) e lascas de debitagem medianas (5 a 7 cm), cujos negativos na face interna são predominantemente paralelos ao eixo tecnológico da lasca, indicando uma exploração dos núcleos a partir de um único plano de percussão. Ali se vêem também lascas de façonagem e plaquetas de quartzito, mesmo que pouco numerosas. Nessa área estão presentes algumas das lascas grandes com gumes múltiplos. Foram coletas aí 265 peças, o mais numeroso conjunto dentre as áreas. Lascas de debitagem de quartzo, francamente minoritárias em relação ao quartzito, e cassons dessa matéria-prima foram recolhidos na Área 1, setor em que o quartzo é mais representado no sítio (ainda assim o total de peças não ultrapassa 40, ou seja, 15% da coleção da Área de Coleta 1).

A Área de Coleta 2 é bem próxima à primeira, porém fora do piso sedimentar e um pouco mais baixa na topografia do abrigo, junto a blocos grandes, que parecem funcionar como área de captura de materiais em movimento. Ali há núcleos sobre blocos de quartzito (de 8 a 15 cm) e um grande núcleo sobre plaqueta, com uma série de quatro retiradas.

Lascas menores, entre 3 e 6 centímetros podem ser caracterizadas como lascas de debitagem. No total, 122 peças foram aí coletas.

Lascas de debitagem entre 5 e 7 cm figuram na Área de Coleta 4, assim como lascas grandes com múltiplos gumes. Plaquetas com gumes curtos de apenas duas ou três retiradas – as de formado irregular apresentadas acima – estão entre as 201 peças coletas na área. Não se vêem lascas que possam ser claramente identificadas como lascas de retoque entre essas peças. O quartzo aí presente é estritamente representado por *cassons* e peças possivelmente fraturadas naturalmente, se limitando a menos de duas dezenas. Não há núcleos na Área 4, mas ali está o único plano-convexo, sobre plaqueta, encontrado entre as 799 peças recolhidas.

As grandes lascas com gumes múltiplos também integram a amostra de apenas 19 peças coletas da Área de Coleta 6. Lascas de debitagem sem retoques também figuram nessa área, atingindo 16 cm de comprimento. Os gumes côncavos robustos podem ser encontrados aí, tanto sobre as lascas de gumes múltiplos, quanto sobre lascas com menor número e diversidade de retoques. Situada na extremidade leste da área abrigada, o piso é inteiramente rochoso e as peças dispõem-se numa pilha de fragmentos de quartzito. Aparentando material em posição primária, os vestígios ali parecem ter sofrido mais intensamente ações naturais de quebra dos bordos, resultante do desabamento de plaquetas do teto, que se mantiveram no local de queda. Embora haja peças retocadas, não há ali nenhuma lasca de retoque ou façonagem – vale lembrar que o acúmulo de elementos grandes pode tê-las destruído. Nenhum vestígio em quartzo foi encontrado na área.

Vê-se, pois, uma distribuição seletiva dos núcleos, presentes nas áreas de coleta 2 e 6 – respectivamente, no piso rochoso a Oeste e no piso rochosos a Leste do abrigo. As grandes lascas com retoque, por outro lado, distribuem-se por todas as áreas, vale dizer por quase todo o sítio. Embora as maiores lascas de debitagem estejam na Área de Coleta 6, lascas grandes ao comuns a todas, ainda que na Área 4 elas tendam a um tamanho mais reduzido.

Agrupando as áreas 1 e 2, vizinhas, os três setores de coleta podem ser considerados como independentes topograficamente, na medida em que não é possível uma movimentação de peças entre eles por deslizamento com condução por enxurrada. A drenagem das ares 1 e 2 é conduzida para a borda externa Oeste do abrigo (não atinge, pois

a Área 4) e a área 6 é drenada para mais a Leste (também escapando à Área 4). A distribuição dos núcleos indica a concentração da debitagem na área abrigada do sítio, próxima talvez à disposição natural dos blocos explorados. As atividades de retoque de plaquetas e lascas, bem como a menos freqüente façonagem das plaquetas, tiveram lugar, segundo as informações da coleta e da sondagem, na área de piso sedimentar no Oeste da área abrigada. A que se levar em conta as dificuldades de preservação e identificação de lascas pequenas nos pisos rochosos e na área externa, na borda do piso rochoso. Ainda com essas questões tafonômicas, se houvesse uma atividade de retoque substantiva nas áreas 4 e 6 ela teria sido testemunhada por vestígios, o que não é o caso.

A sondagem de 1 m^2 foi realizada no piso sedimentar da porção oeste do abrigo, próximo à Área de Coleta 1. Nos dois níveis superiores, de cinco centímetros de espessura cada um, evidenciou-se um material lítico expressivo. Dois artefatos retocados estavam ali presentes, sendo um deles uma plaqueta com retoques paralelos regulares, formando um gume semi-abrupto convexo. Outra corresponde também a uma plaqueta, porém com retoques descontínuos formando coches em dois bordos semi-paralelos. Sobressai nas amostras coletadas lascas de retoque em quartzito e pequenas lascas de quartzo (provavelmente de debitagem), além de *cassons* e pequenas plaquetas naturais do quartzito[9]. O setor do sítio em que a sondagem foi feita constitui-se, portanto, num espaço de retoque de artefatos de quartzito.

Diversas são, portanto, as cadeias operatórias identificadas a partir do material lítico da Lapa da Bandalheira. Minoritário, há o lascamento do quartzo, representado por *cassons* e lascas de debitagem, sem artefatos retocados. Em segundo lugar há uma obtenção de lascas grandes de quartzito, estando ali os núcleos e as lascas; destas algumas foram empregadas para a produção de artefatos com múltiplos gumes e outras, para retoques mais simples em uma única face, produzindo um só gume. Uma debitagem de lascas de menores dimensões também teve lugar na Bandalheira, podendo estar ou não associada à produção das lascas maiores; alguns artefatos sobre essas lascas medianas estão preservados no sítio, assim como núcleos compatíveis com sua produção - que podem ou não corresponder a um

[9] A inclusão tardia do material do sítio dentro do cronograma da pesquisa impôs limitações sérias a sua análise. Assim, o material oriundo da escavação foi objeto apenas de uma observação preliminar, não tendo havido ali análises detidas nem quantitativas.

estágio mais avançado de exploração de núcleos que primeiramente tenham servido à produção de lascas grandes[10]. Outra cadeia é o retoque de plaquetas naturalmente ofertadas na lapa. Dessas algumas foram retocadas em gumes regulares, outras receberam um tratamento ainda mais simples; as lascas correspondentes estão presentes no abrigo. Uma das plaquetas retocadas corresponde a um plano-convexo, com façonagem e retoque, mas sem indícios evidentes de reformas; lascas compatíveis com tal trabalho também existem no sítio.

A Lapa da Bandalheira representa, pois, espaço de obtenção de variedades refinadas de quartzito, exploradas para a produção de lascas-suporte e também no formato natural de plaquetas. Além de fonte de matéria-prima, o sítio foi espaço de retoque, de produção e artefatos retocados, tendo sido também espaço de seu provável uso, uma vez que muitos deles foram ali descartados – no total recuperamos não menos de 41 peças retocadas na lapa.

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA PINTADA DE DATAS

Embora com os atributos geográficos dos sítio de borda de campo, a Lapa Pintada de Datas difere-se profundamente desses em termos de variabilidade artefatual. A maioria das 133 peças coletadas por meio de varredura e na sondagem corresponde majoritariamente a lascas unipolares de quartzo (55%) e *cassons* de quartzo (26%). Lascas e nucleiformes bipolares têm no sítio sua maior representação relativa na região (juntos perfazem 10,5% das peças da coleção). O quartzo se apresenta, em muitas peças do sítio, em qualidade claramente inferior àquela dos demais sítios, com fissuras e impurezas, contrastante nitidamente com a vítrea apresentação do quartzo na maioria dos demais sítios analisados.

Além dos produtos do lascamento bipolar de quartzo e da debitagem do quartzo por técnica unipolar, a Lapa Pintada é pobre, com poucas lascas de quartzito (menos de 4% do total de peças), pouco diagnósticas, e apenas um artefato retocado sofisticado. Produzido

[10] Será necessário um estudo tecnológico futuro mais minucioso desses núcleos para tentar explorar a questão, que não teve lugar nesta pesquisa

sobre plaqueta o artefato tem afinidades tecnológicas com os plano-convexos sobre plaqueta dos outros sítios, diferindo dos demais por apresentar três gumes de igual comprimento, retos ou ligeiramente convexos; sem indícios de reforma, a peça tem seus três gumes com angulação semi-abrupta e retoques longos paralelos.

A dispersão do material é grande e também excede a área abrigada pela parede inclinada, embora não avance muitos metros pelo campo.

Portanto, há três cadeias operatórias claramente associadas ao sítio: o lascamento bipolar do quartzo, a debitagem unipolar do quartzo (podendo haver alguma associação entre as duas) e aquela envolvendo o plano-convexo em quartzito.

O MATERIAL LÍTICO RECENTE DA LAPA DO CABOCLO

A Lapa do Caboclo apresenta datações que permitem uma atribuição muito segura dos materiais líticos provenientes de suas camadas Zero e Um ao horizonte das ocupações pré-históricas tardias.

O quartzo foi lascado no Caboclo numa freqüência expressiva nos níveis recentes, numericamente bem superior ao quartzito. Há no sítio lascas de debitagem, muitos *cassons*, lascas de façonagem, retoque e adelgaçamento, assim como diversos artefatos retocados, uni e bifacialmente. O lascamento bipolar é quase inexistente. Os cristais foram explorados unipolarmente, tarefa certamente facilitada pela alta pureza que apresentavam. Etapas iniciais da exploração dos cristais podem ser identificadas no sítio, como atestam diversas lascas corticais. Uma caracterização de alguns dos métodos de debitagem do quartzo pelas populações pré-históricas tardias pôde ser desenvolvida no âmbito da pesquisa, embora não integre o corpo desta tese, pois aguarda ainda uma sistematização mais detalhada.

Diversos artefatos retocados em quartzo foram descartados na Lapa do Caboclo. Peças com gumes retos, curtos e semi-abruptos são recorrentes (três casos); há também recorrência de peças com trabalho bifacial fragmentadas que não sugerem produção de pontas de projétil. Os demais artefatos retocados em quartzo são singulares no sítio, assemelhando-se, porém, a instrumentos dos sítios de borda de campo (retocado em bico, lascas com gumes semi-circulares e retocado de gume côncavo).

O quartzo ocorre naturalmente no abrigo em diáclases no quartzito das paredes. Tal quartzo foi explorado pelos garimpeiros, que deixaram nítidas marcas de sua ação: detonação de parte da parede e escavações na porção baixa da área abrigada. Contudo, não há uma presença forte de lascamento dos garimpeiros em meio ao material pré-histórico. Os quartzos da paredes estavam provavelmente expostos antes da exploração moderna e e é possível que tenham servido ao lascamento pré-histórico. Assim, a Lapa do Caboclo é o caso mais provável dentre os analisados em que o próprio abrigo foi uma fonte de quartzo.

Lascas de quartzito ocorrem nos 13 metros quadrados escavados, embora sejam muito menos freqüentes que as de quartzo. Algumas correspondem a lascas de debitagem de cerca de 3 cm, enquanto outras correspondem a lascas de retoque de plaquetas.

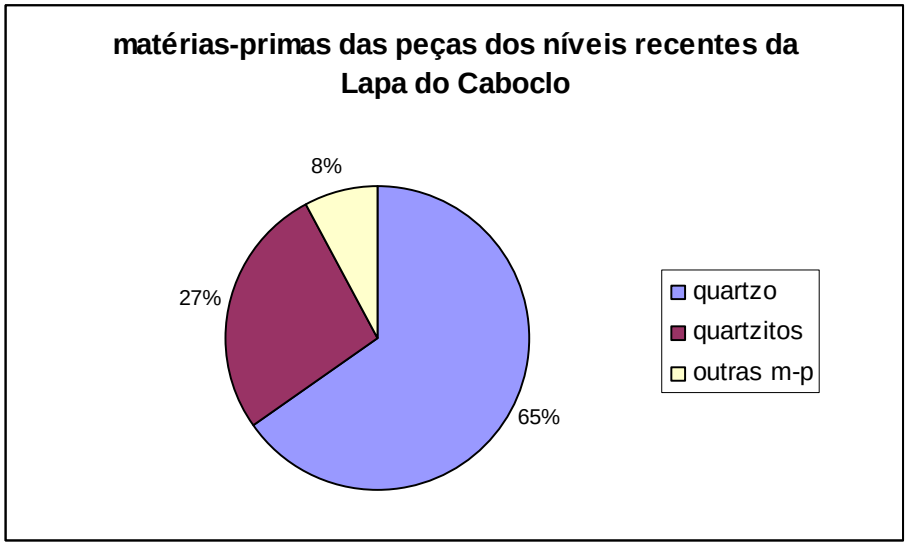


Figura 6.6 - Proporções das matérias-primas dos níveis superiores da Lapa do Caboclo

O gráfico a seguir apresenta as dimensões das peças descritas dos níveis recentes da Lapa do Caboclo (um total de 548 lascas e cassons), organizadas em classes.

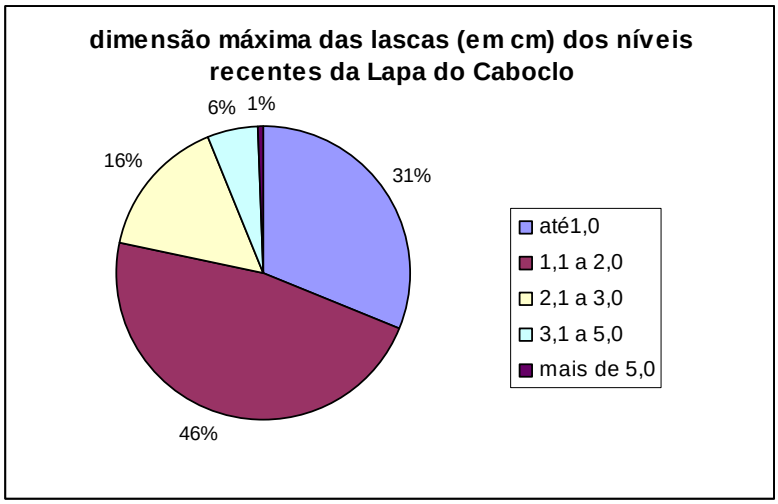


Figura 6.7 – Dimensões das peças dos níveis recentes da Lapa do Caboclo

Predominam amplamente as peças de pequenas dimensões, expressando a pouca importância da debitagem no sítio.

Em contraste com os abrigos de borda de campo, apenas quatro artefatos de quartzito foram obtidos no sítio. Três deles correspondem somente a plaquetas muito delgadas, com gumes convexos, formados por retoques muito curtos, paralelos e abruptos. O outro artefato retocado de quartzito corresponde a um artefato plano-convexo sobre plaqueta, com a peculiaridade de ter apresentado um defeito durante o momento da façonagem – que não impediu, porém, seu retoque.

Não tenho segurança a respeito da atribuição da proveniência das variedades de quartzito encontradas lascadas no abrigo. Há variedades certamente alóctones, embora parte do quartzito do abrigo possa ter sido também utilizado.

Em suma, na Lapa do Caboclo podemos identificar com clareza, na indústria recente, quatro cadeias operatórias: a da produção dos artefatos sobre lascas de quartzo (que possivelmente envolve o uso de lascas de quartzo brutas de debitagem), a dos artefatos sobre plaquetas muito delgadas de quartzito e a dos artefatos sobre plaquetas mais espessas de quartzito (que, diferente das anteriores, envolvia façonagem); e a da produção de artefatos muito delgados, bifaciais, de quartzo.

O MATERIAL LÍTICO DA LAPA DA CHICA

No sopé do Morro do Moçorongo, a Lapa da Chica tem o mais extenso desenvolvimento linear dos abrigos de Diamantina. Implantada na borda de um amplo campo, tem seu piso predominantemente sedimentar, regular e bastante plano, acessível a partir do campo sem qualquer obstáculo. Diante da área abrigada, alguns blocos métricos e decimétricos se distribuem. O sítio apresenta, portanto, os atributos típicos de implantação e morfologia dos abrigos de borda de campo. Um elemento, no entanto, distingue a Chica do grupo formado pelas lapas do Boi, de Moisés, do Caminho da Serra e do Peixe Gordo: as disponibilidade, no próprio abrigo, de quartzitos de ótima qualidade para o lascamento.

Apesar de extensa, a área abrigada é descontínua, havendo três compartimentos, um a Leste, um central e uma a Norte. No abrigo central se encontra a maior área sedimentar e ali se concentram os vestígios de superfície.

A coleta na Lapa da Chica foi realizada em três áreas e a sondagem realizada teve sua área definida em meio metro quadrado (1m x 0,5m), todas no abrigo central.

A Área de Coleta 1 se localiza no fundo e no Norte da área abrigada. Ali uma combinação de gotejamento e de drenagem pluvial expôs uma área de vários metros quadrados. A Área de Coleta 1 corresponde a dois desses metros quadrados e nela recolhemos 88 peças. Entre essas encontram-se lascas de retoque e de debitagem, nessa mesma rocha. Predomina nessa área o quartzito de cor branca e granulometria muito fina, compacto e homogêneo, disponível na parede do abrigo bem a o lado. Provêm daí três artefatos plano-convexos, dois sobre plaquetas e um sobre lasca (o único artefato plano-convexo sobre lasca de todos os sítios diamantinenses). Os plano-convexos sobre plaquetas assemelham-se grandemente àqueles dos sítios de borda de campo. Entre as lascas de retoque, há algumas com lábio pronunciado e cornija preparada, com ângulo entre talão e face interna bem rasante. As lascas de debitagem em quartzito têm dimensões em torno de 5 cm. Presentes ali há também plaquetas com poucas retiradas. Dois núcleos do quartzito branco da lapa também se encontram entre o material coletado, ambos com cerca de 10 cm de comprimento, não esgotados e com um único plano de percussão. Muitas peças, entre elas um dos plano-convexos, se apresentam patinadas, algumas muito patinadas com os estigmas de lascamento em vias de desaparecer.

O quartzo figura entre as peças da Área de Coleta 1, na forma de lascas de debitagem, inclusive de debitagem de seixos, o que é muito pouco freqüente na região de Diamantina. Não há instrumentos retocados nem lascas de retoque em quartzo dentre o material coletado na área.

A atribuição das peças coletadas às ocupações recentes não é segura, conforme discutido no capítulo anterior, mas a afinidade tecnológica com o material dos níveis recentes dos demais sítios é muito expressiva. Um pouco mais a frente a questão sera retomada.

A Área de Coleta 2 se situa fora da área abrigada, junto a seu limite, na entrada oeste do abrigo central da lapa. Seu material é efetivamente de superfície, sem sinais evidentes de erosão na área em que se deposita. Entre as 28 peças coletadas quase um terço tem origem duvidosamente, podendo ser lascamentos naturais. Foram encontrados dois núcleos de cerca de 12 cm, ambos não esgotados, com múltiplos planos de percussão. Lascas de debitagem de quartzito em torno de 3 cm de comprimento (incompatíveis com os núcleos, cujos negativos são maiores) e uma grande lasca, com retiradas abruptas em um dos bordos e retoques longos na extremidade distal, completam o conjunto. Predomina francamente no conjunto o quartzito branco fino da porção oeste do abrigo.

A terceira área que foi objeto de coleta corresponde a 1, 5 m^2 localizados à entrada leste do abrigo, fora da área abrigada, exposta, portanto, à ação da chuva, notável na pátina de diversas peças. Entre as 23 peças recolhidas se destacam lascas de debitagem de cerca de 5 cm, com muitos negativos paralelos e oblíquos na face externa, sugerindo a exploração do núcleo por um único plano de percussão. Duas plaquetas retocadas, uma com gume irregular e uma com gume denticulado figuram na amostra. Também uma lasca com múltiplos gumes retocados, semelhante àquelas da Lapa da Bandalheira, com cerca de 6 cm, foi ali recuperada. No que tange às variedades de matéria-prima, a área apresenta-se mais diversa, pois inclui lascas de debitagem de quartzo e quartzitos de cores cinza e vermelha, além da cor branca recorrente nas outras áreas e quartzito de tonalidade amarela. A porção do abrigo em que o quartzito cinza escuro e o vermelho se encontram disponíveis é na metade leste do paredão na área abrigada, sendo a Área de Coleta 3 aquela mais próxima a essa distribuição natural.

A sondagem de ½ m^2 no interior da área abrigada revelou-se de extraordinária riqueza, no que tange a materiais líticos, no contexto regional. A escavação foi conduzida combinando níveis naturais e níveis artificiais de 5 cm de espessura. Definiu-se um nível Zero, correspondente ao sedimento de superfície. Uma vez que evidenciou-se sedimento distinto, com freqüência de carvões e coloração escura, definiu-se o nível 1, que foi subdividido entre 1 superior e 1 inferior, cada qual com cinco centímetros de espessura. Nesses dois níveis (em apenas ½ m^2) 748 gramas de material lascado foram recolhidas, sendo que a maior parte das peças tem menos de meio grama e de 1,5 cm de comprimento e corresponde a lascas de retoque. Apenas no nível 1 inferior, considerando um peso médio das lascas (definido por amostragem) de 0,35g, ter-se-ia um total de mais de 1.300 peças, uma vez que a amostra reúne, retirada uma peça "grande" de cerca de 4 cm, 465 gramas.

Algumas lascas de retoque são seguramente de plaquetas, outras de suportes duvidosos. As lascas de quartzito são muito mais numerosas, mas lascas de retoque em quartzo também são observadas. Não foi possível proceder aos levantamentos quantitativos necessários, mas posso afirmar com segurança, a partir das estimativas e da observação qualitativa de uma amostra da coleção, que a Lapa da Chica era um ativo local de produção de artefatos retocados em quartzito, majoritariamente, e em quartzo. O imenso número de peças, proveniente de apenas meio metro quadrado, sugere uma atividade intensa de retoque, muitíssimo mais numerosa do que os negativos das peças retocadas encontradas ali. Aquele é, pois, um sítio em que se produziram artefatos retocados em mais intensidade do que se os abandonou.

O MATERIAL LÍTICO DA GRUTA DA LASCA

O sítio Gruta da Lasca configura-se como uma fonte de matéria-prima, como testemunham os diversos vestígios relacionados às etapas iniciais de exploração de rochas frágeis. O sítio combina núcleos e muitas lascas de debitagem, produzidos sobre as variedades de quartzito que a gruta oferece, cuja qualidade para o lascamento é muito boa, vista sua fineza, homogeneidade e coesão.

A coleta foi conduzida em três áreas. A primeira corresponde a um grande bloco plano à entrada da Gruta, sobre o qual grande quantidade de lascas se distribuía. Cobrimos com a coleta aproximadamente dois metros quadrados, o que corresponde a cerca de 70% da superfície do bloco. Coletamos ali 306 peças, mapeadas individualmente. A grande maioria corresponde a lascas de debitagem, cujas dimensões médias ultrapassam os sete centímetros – diversas atingem 10 cm de comprimento em seu eixo morfológico. A grande maioria das peças da área parece corresponder a uma única variedade de quartzito, cinza com manchas de tom escuro. Nessas lascas de debitagem predominam os negativos paralelos, apontando para uma exploração dos núcleos com um só plano de percussão. Não encontramos retocados nessa área, mas algumas lascas de retoque, correspondentes a menos de 10% do total, foram encontradas, concentradas numa das extremidades do bloco.

A Área de Coleta 2 situa-se no fundo da Gruta, onde encontramos núcleos, lascas de debitagem e grandes instrumentos retocados (realmente grandes, de mais de 30 cm, um em forma de picão, outro cuneiforme) - veja Prancha 40, na página seguinte. Nessa seção do sítio coletamos 86 peças, que somaram mais de 20 kg, do total de mais de 40 kg recolhidos no sítio. Grandes núcleos com retiradas a partir das periferias foram encontrados, junto a lascas, algumas bem grandes (mais de 30 cm), *cassons* e lascas pequenas de debitagem. Distinguem-se na Área 2, duas variedades dominantes de quartzito: a primeira, de cor branca, de grão médio a fino, representada por núcleos e grandes lascas; a segunda, de cor alaranjada, de grão fino e muito homogêneo, é representada por *cassons* e pequenas lascas, pelas maiores lascas encontradas e pelo grande artefato cuneiforme.

Interior da Gruta da Lasca. À esquerda, o piso sedimentar no fundo da gruta (Área de Coleta 2); à direita, a pilha de desmoronamentos.

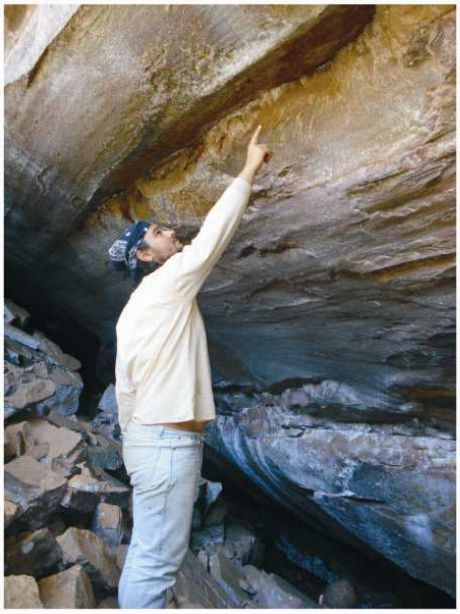
Grande lasca na Área de Coleta 2 (o quartzito é o do teto do fundo da cavidade)

Teto do fundo da cavidade, com estigmas de lascamento

Piso sedimentar e peças lascadas entre plaquetas e blocos naturalmente caídos. Área de Coleta 2.

Prancha 40 - Gruta da Lasca, área interna e vestígios.

A Área de Coleta 3 corresponde à face interna da grande pilha de desmoronamentos. Ali realizamos uma coleta esparsa sem mapeamento peça por peça, em função da evidente movimentação sofrida pelas peças ao longo da pilha. O conjunto, num total de 46 peças, reúne lascas grandes de debitagem e peças grandes, de cerca de 20 cm, com retoques abruptos e semi-abruptos em seus bordos. Diversas peças nessa área foram produzidas por lascamentos acidentais, como indicam seus bulbos exageradamente pronunciados e seus ângulos impossíveis de se obter por percussão manual. São diversos os grandes blocos métricos, ao longo do desabamento, que apresentam negativos de lascamento em seus bordos; tais negativos podem ser tanto produto de lascamento acidental, quanto de ação humana (veja Prancha 41, na página seguinte).



▲

◄ Teto escalonado com grandes negativos de lascamento

Pilha de blocos desmoronados (Área de Coleta 3). O material antrópico está em meio a várias quebras naturais, em área de desmoronamentos ainda ativos.

Prancha 41 - Gruta da Lasca. Área de grandes desmoronamentos e negativos de lascamento no teto.

O MATERIAL LÍTICO DA CASA DE PEDRA NORTE

A casa de Pedra Norte foi objeto de coleta pelo sistema de áreas amostrais, reunindo um total de 158 peças. Definimos ali duas áreas, uma de cerca de 2 m^2 e uma segunda, também de $2m^2$. O material não pode ser satisfatoriamente analisado, de modo que pouco tenho a dizer a seu respeito, sem informações quantitativas que possam apoiar a descrição, que se baseia nas anotações de campo. Ocorrem ali lascas de debitagem e *cassons* de quartzo, assim como lascas de quartzito.

O sítio é um pequeno abrigo na borda de um campo amplo, porém elevado alguns metros em relação a ele. Para se chegar à área abrigada, é preciso galgar uma pequena rampa de blocos e sedimentos, de cerca de 25 metros de extensão. O abrigo tem teto baixo e área abrigada muito restrita, sendo capaz de, em momentos de chuva, proteger apenas três indivíduos, não mais. Apesar de pequeno, sua implantação se aproxima dos abrigos de borda de campo. Foi justamente essa proximidade que o excluiu da lista de prioridades para análise, posto que os outros em que se fez coleta e sondagem no mesmo período ofereciam maior diversidade de implantação e morfologia, em relação aos sítios até então conhecidos.

A Área de Coleta 1 se situa junto à parede, em sua porção norte, onde há um pequeno, mas regular, piso sedimentar. Ali coletamos 91 peças.

A Área de Coleta 2, com 67 peças, continha um plano-convexo sobre plaqueta, única peça a ser efetivamente analisada do sítio. Tal área também se situa junto à parede, porém ao Sul, e inclui uma porção de piso plano e uma porção de piso escalonado.

OS GRUPOS DE ARTEFATOS

A análise individual dos artefatos retocados conduziu, conforme dito anteriormente, à formação de grupos contendo peças com atributos tecnológicos e morfológicos semelhantes. Esses grupos serão aqui apresentados englobando peças de diferentes sítios.

Grupo 1 – Artefatos simples sobre plaquetas espessas

Artefatos sobre plaquetas espessas brutas com um só gume retocado, reto e muito abrupto, com retoques escaliformes. A morfologia geral é retangular, com retoques sobre um dos lados longos do retângulo, ou trapezoidal, com retoques sobre a base do trapézio.

Figura 6.8 - Exemplos de artefatos do Grupo 1

Só se encontram indivíduos deste grupo na Lapa do Boi (4 peças) e na Lapa da Bandalheira (uma única peça). A porção da plaqueta oposta ao gume é muito favorável a uma preensão firme.

Grupo 2 – Artefatos robustos ou núcleos

Artefatos sobre plaquetas espessas com retiradas em mais de um bordo. Pesados, têm gumes abruptos ou semi-abruptos, retilíneos, produzidos por retoque invasivos e escamosos. A disposição das retiradas e sua extensão sugerem a possibilidade de que

podem ser núcleos, embora apresentem algumas retiradas pequenas que parecem preocupadas em regularizar o gume.

Grupo formado de apenas duas peças, que parecem construídas a partir dos quartzitos disponíveis em seus respectivos sítios, Lapa do Moisés e Lapa do Boi.

Grupo 3 – Plaquetas com retoques regulares

Artefatos sobre plaquetas de quartzito pouco espessas (até 2,5 cm) com retiradas regulares em um ou mais bordos, produzindo gumes semi-abruptos ou abruptos, majoritariamente retos, eventualmente denticulados. Os retoques são paralelos e ritmados, produzindo gumes bastante regulares. A preensão pode ser feita com facilidade no bordo oposto aos retoques, mesmo quando se têm dois bordos retocados.

Figura 6.9 - Plaquetas com retoques regulares (exemplos de peças de gumes denticulados)

As peças deste grupo provêm das lapas do Boi, de Moisés, do Peixe Gordo, da Chica, da Ciranda e da Bandalheira.

Grupo 4 – Plano-convexos sobre plaquetas

Artefatos sobre plaquetas de quartzito com façonagem e retoques formando uma peça de contorno geral quadrangular alongado ou elipsóide, com dois gumes longos sub-paralelos. Além dos gumes longos, ao menos uma das extremidades é também retocada.

Algumas peças têm toda a sua periferia retocada, enquanto em outras se mantém um bordo abrupto natural – dorso – em harmonia com a simetria da peça.

Os gumes retocados apresentam ângulos e delineamento distintos em porções distintas das peças; para todos esses gumes há possibilidades de preensão confortável que lhes são correspondentes. Esses atributos sugerem artefatos multifuncionais. O grupo é composto por vinte peças, provenientes de nove sítios (Boi, Moisés, Caminho da Serra, Caboclo, Datas, Casa de Pedra Norte, Bandalheira, Chica e Peixe Gordo).

Um pouco mais à frente, este grupo receberá será objeto de uma análise mais detalhada, num item específico deste capítulo.

Grupo 5 - Os artefatos sobre lascas de quartzo com gume semi-circular

Nas lapas do Caboclo, do Boi e, sobretudo, do Caminho da Serra vêem-se lascas de quartzo que foram objeto de retoque regulares, paralelos e curtos, formando gumes abruptos ou semi-abruptos de formato semi-circular. Os retoques se encontram majoritariamente na extremidade distal das lascas, mas há casos de construção do gume retocado num bordo lateral. Em todas as peças (com exceção de uma), a porção oposta ao gume é mais estreita do que o próprio. A largura é menor na extremidade oposta aos retoques – que corresponde ao talão ou a um bordo -, mas a espessura pode ser maior ou menor que a da área retocada.

Figura 6.10 - Artefatos do Grupo 5

Figura 6.11 – Detalhe dos retoques de artefato de gume semi-circular.

Grupo 6 – Artefatos em quartzo com bico

Peças em cristal de quartzo (duas sobre lascas e uma sobre casson (?)) com retoques curtos e abruptos delineando um bico. Na borda oposta ao bico, as peças apresentam uma superfície larga e fina, muito adequada à preensão e que dá ao artefato um contorno triangular. Cada peça provém de um sítio: Caboclo, Caminho da Serra e Boi.

Grupo 7 – Artefatos de gumes retos e curtos em quartzo

Peças em quartzo, sobre suportes diversos, com gumes retocados curtos, rasantes ou semi-abruptos. Todos os gumes têm menos de 2cm de extensão e são retos ou ligeiramente convexos. Os retoques são paralelos e muito curtos. Todas as peças, 12 no total, possuem uma área de preensão firme oposta ao gume retocado. Compõem o grupo peças do Caminho da Serra, do Moisés, do Boi, do Caboclo e do Peixe Gordo.

Foram utilizados como suportes tanto lascas, quanto cassons e fragmentos de cristal em forma bruta. Assim, vê-se a produção de um mesmo gume, provavelmente em busca de características de performance específicas, sem que haja preocupação com a forma do suporte, desde que este permita a composição do gume e a preensão.

Em algumas peças (4 delas), há mais de uma área retocada; nestes casos, as retiradas na segunda área dispõem-se em porções da peça que parecem estar relacionadas à preensão.

Uma das peças, provenientes da Lapa de Moisés, apresenta dupla pátina. Ao que parece, a peça apresentava retoques num gume reto e foi reaproveitada com a realização de novos retoques, inversos, no bordo oposto.

Figura 6.12 - Artefatos em quartzo de gume reto e curto

Grupo 8 – Artefatos denticulados em quartzo

Peças em quartzo, sobre suportes diversos, com gumes denticulados ou seqüência de gumes côncavos. O grupo é heterogêneo, pois inclui peças cuja seqüência de retoques côncavos delineia um leque (três casos), distribuem-se em dois bordos (1 caso) ou se distribuem em linha reta sobre um só bordo (1 caso).

Incluem-se no grupo peças da Lapa do Boi, de Moisés e do Caboclo. Algumas peças têm lascas como suporte, outras, *cassons*.

Grupo 9 – Plaquetas retocadas muito delgadas

O grupo é formado por quatro plaquetas de espessura inferior a 1 cm, com gumes semi-circulares e semi-abruptos. Os retoques são muito curtos e paralelos, bastante regulares. Três peças provêm da Lapa do Caboclo e a quarta, da Lapa da Ciranda.

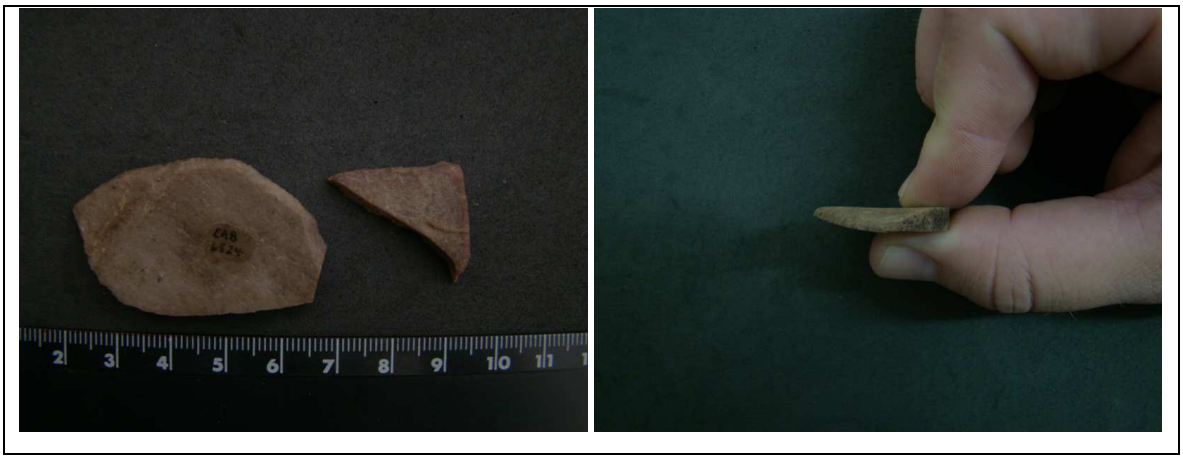


Figura 6.13 - Artefatos sobre plaquetas delgadas

Grupo 10 – Artefatos de gumes múltiplos sobre plaquetas

O grupo é constituído por plaquetas com retoques em mais de um gume, todos abruptos, com delineamento côncavo ou retilíneo. Sem simetria lateral, as peças apresentam espessura entre 2,5 e 3,5 cm.

Incluem-se peças do Boi, de Moisés, da Bandalheira e da Gruta da Lasca, num total de 7 peças.

Grupo 11 – Peças bifaciais em quartzo

Peças retocadas bifacialmente em quartzo, sobre lascas. De morfologias e atributos tecnológicos diferentes podem ser divididas em dois subgrupos. Um, formado de quatro peças em que os retoques produziram uma simetria entre as faces, assemelha-se a pré-formas de pontas de projétil, embora excessivamente espessas para tal; todos neste subgrupo estão fraturadas e pertencem à Lapa do Boi. O segundo subgrupo apresenta peças sem simetria entre as faces; um dos exemplares está íntegro e os dois outros são apenas fragmentos das bordas retocadas, provendo todas da Lapa do Caboclo.

Figura 6.14 - Artefatos bifaciais em quartzo

Grupo 12 – Artefatos com gume 'em chapéu'

Peças em quartzito sobre lasca com um gume lateral retocado em forma de 'chapéu' – uma pequena extensão do gume é reto, há então a formação de uma proeminência, de extensão semelhante, seguida de outra pequena extensão de gume reto. Os ângulos são abruptos e semi-abruptos e os retoques são alternantes, escamosos e curtos. As peças são exclusivas do Caminho da Serra.

Grupo 13 – Artefatos sobre lascas com múltiplos gumes

Típico da Lapa da Bandalheira, este grupo inclui peças desse sítio (9 casos) e da Lapa da Chica (um só caso). Trata-se de lascas grandes (mais de 7 cm) com retoques em diversos bordos, formando gumes de ângulos, delineamentos e extensões diferentes. Os retoques são também heterogêneos, podendo ser diretos ou inversos, escamosos ou paralelos, mas são majoritariamente curtos. Há preensões possíveis opostas às diversas áreas retocadas, que podem se distribuir sobre os bordos laterais, sobre a extremidade distal e também sobre a extremidade proximal, nos casos em que os talões foram removidos.

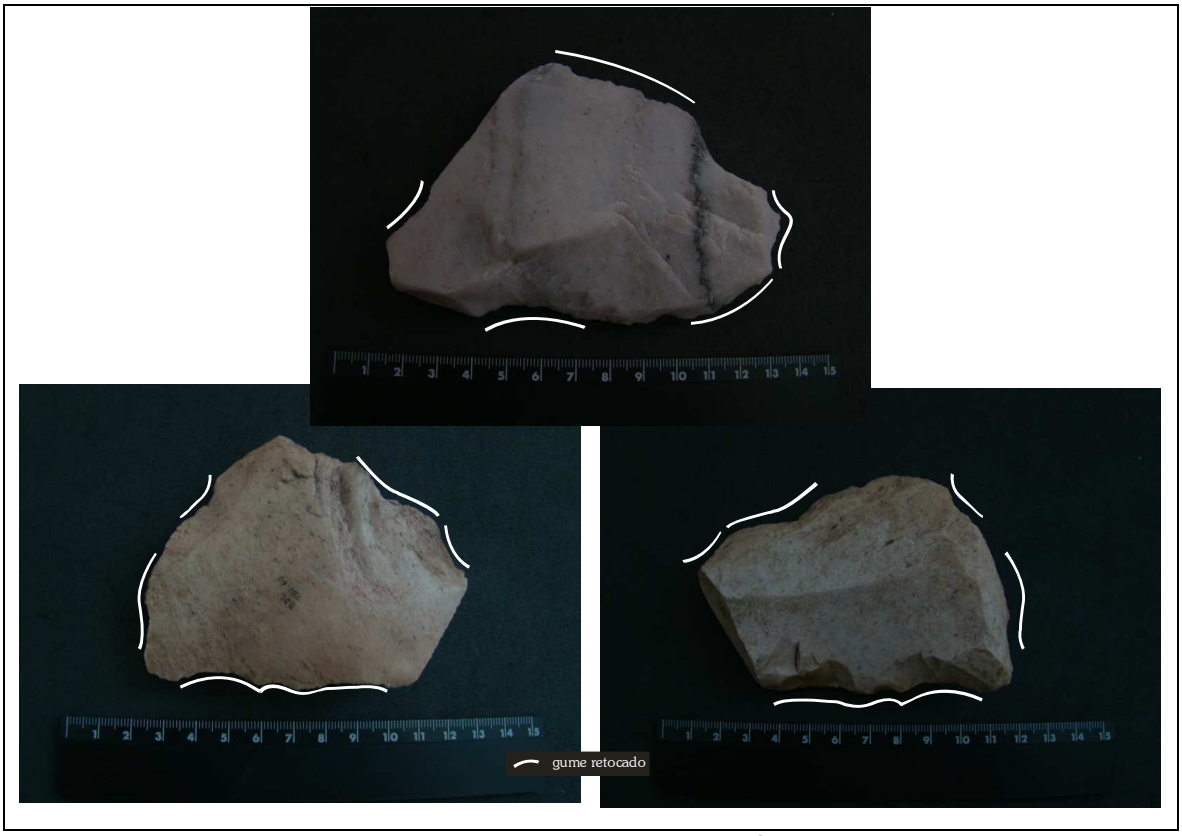
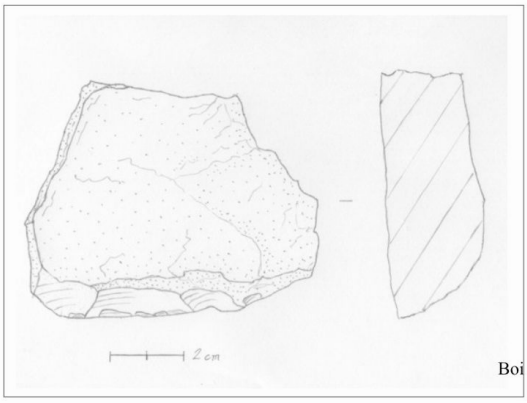
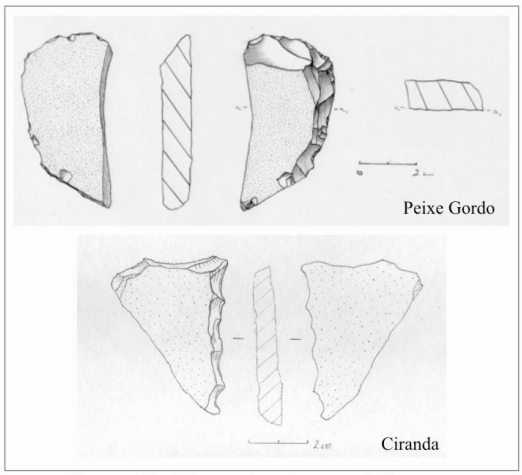


Figura 6.15 – Lascas com gumes múltiplos

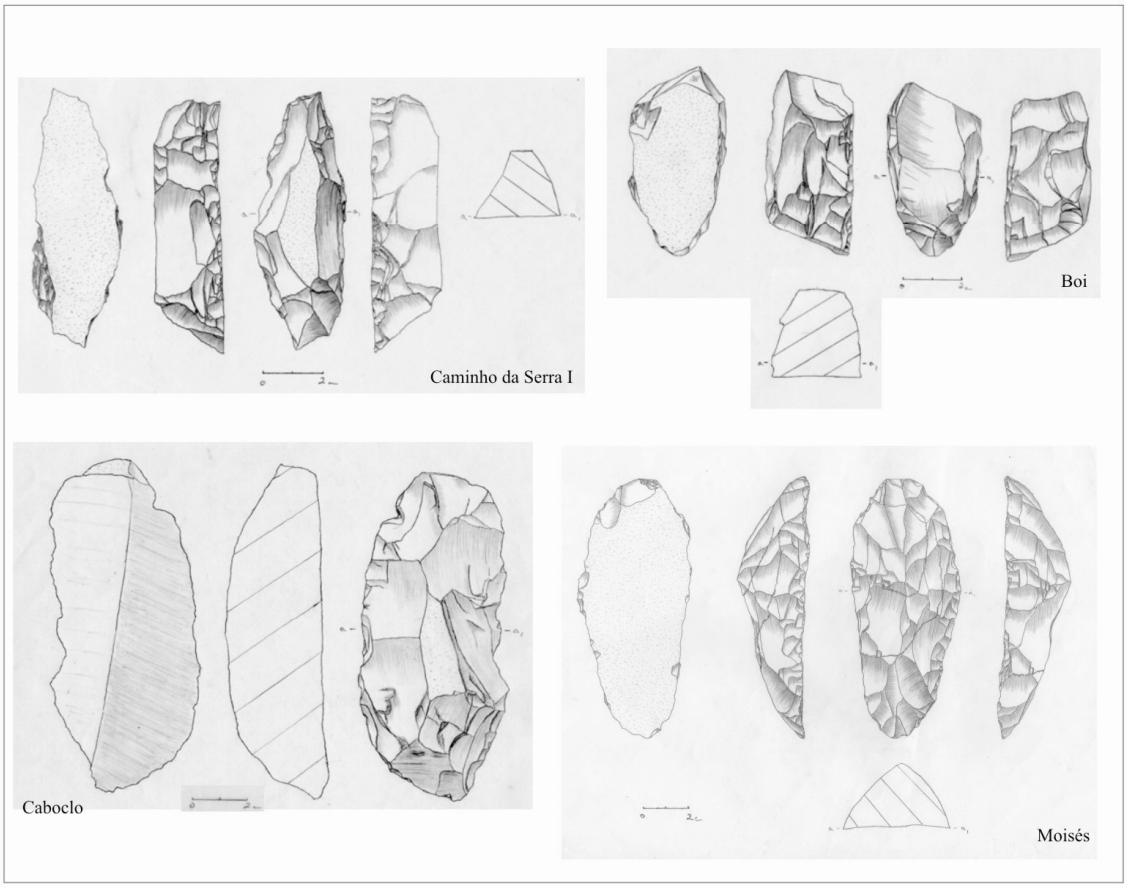
Nas páginas seguintes (Pranchas 42 a 44), apresentam-se desenhos interpretativos de exemplos dos grupos de artefatos retocados.



Grupo 1 - Artefatos simples sobre plaquetas espessas de quartzito

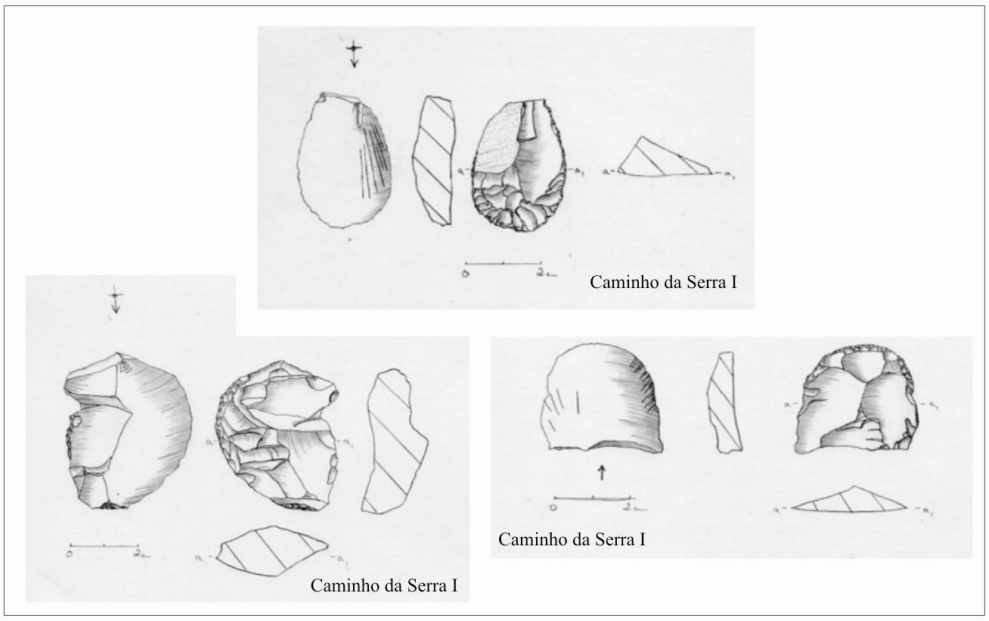


Grupo 3 - Plaquetas de quartzito com retoques regulares

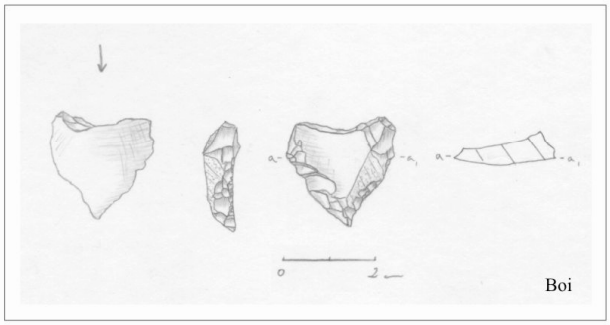


Grupo 4 - Plano-convexos sobre plaquetas de quartzitio

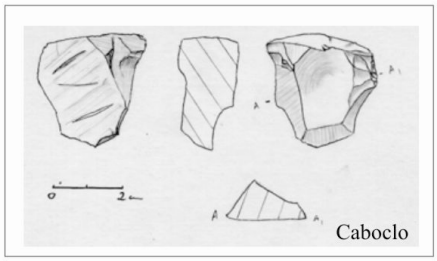
Prancha 42 - Artefatos retocados do horizonte de ocupação recente - Grupos 1 a 4



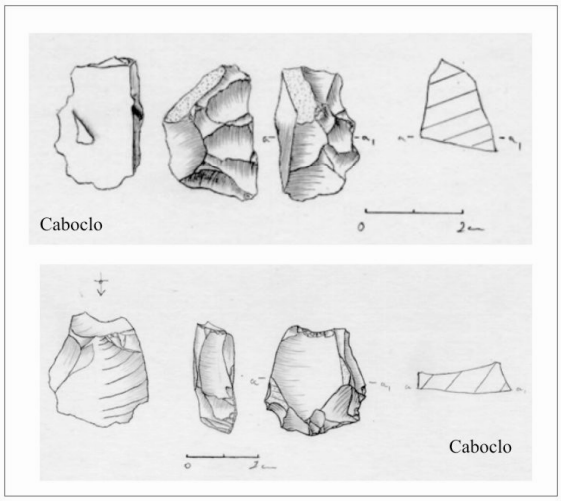
Grupo 5 - Artefatos sobre lascas de quartzo de gume semi-circular



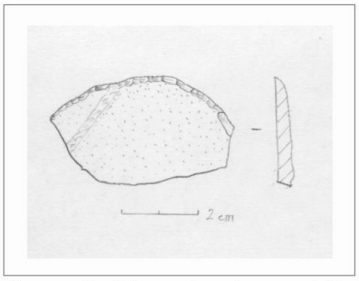
Grupo 6 - Artefatos em quartzo com bico



Grupo 7 - Artefatos de gumes retos e curtos em quartzo

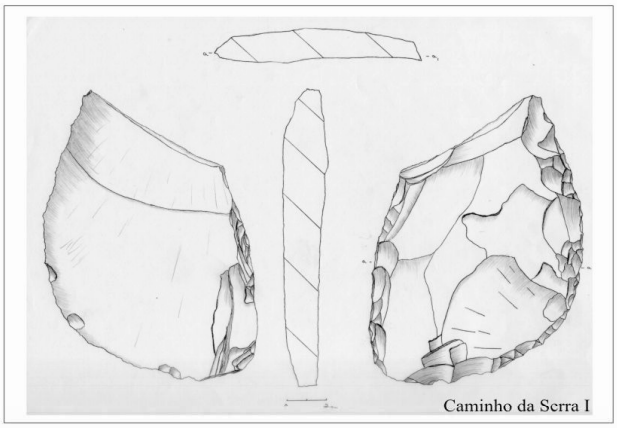


Grupo 8 - Artefatos denticulados em quartzo

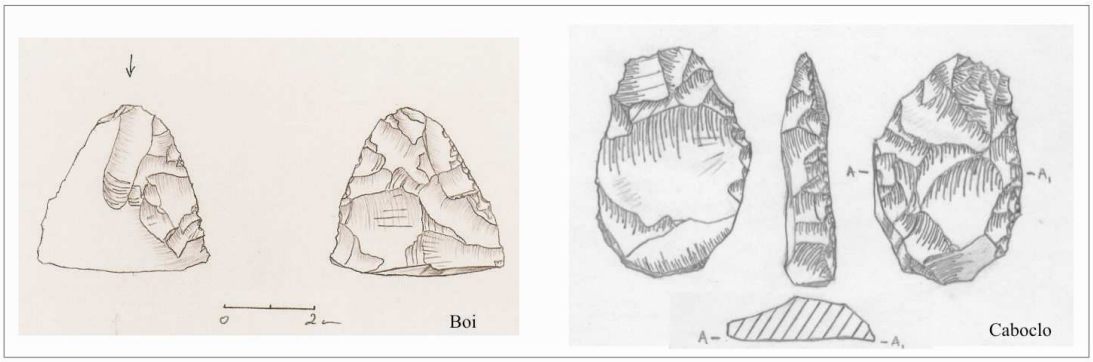


Grupo 9 - Plaquetas de quartzito retocadas muito delgadas

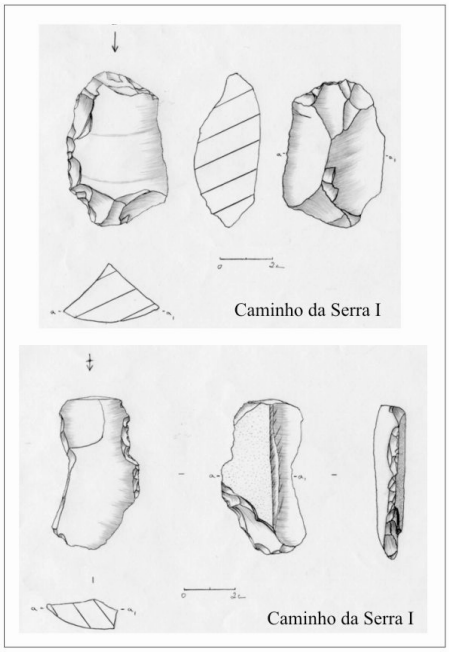
Prancha 43 - Artefatos retocados do horizonte de ocupação recente - Grupos 5 a 9



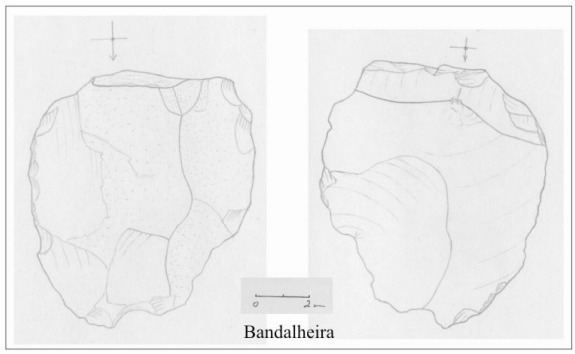
Grupo 10 - Artefatos de gumes múltiplos sobre plaquetas



Grupo 11 - Peças bifaciais em quartzo



Grupo 12 - Artefatos com gume "em chapéu"



Grupo 13 - Artefatos sobre lascas de quartzito com múltiplos gumes

Prancha 44 - Artefatos retocados do horizonte de ocupação recente - Grupos 10 a 13

OS ARTEFATOS PLANO-CONVEXOS SOBRE PLAQUETAS

Plano-convexos de Diamantina e suas semelhanças com as coleções da "Tradição Itaparica"

Os níveis de ocupação pré-histórica recente de alguns dos abrigos da região de Diamantina guardam em seus conjuntos artefatuais instrumentos que apresentam notável semelhança com os instrumentos plano-convexos típicos do horizonte de ocupação humana mais antiga do Brasil Central, aquele da transição Pleistoceno-Holoceno (FOGAÇA, 2001; BUENO, 2005; RODET, 2006), conhecidos na bibliografia como 'plano-convexos da Tradição Itaparica'.

Os aspectos compartilhados pelos artefatos plano-convexos recentes de Diamantina e aqueles típicos das ocupações centro-brasileiras mais antigas são diversos. O objetivo, aqui, é investigar a extensão e profundidade dessa semelhança.

Há semelhanças formais evidentes. Em primeiro lugar, as peças apresentam dois bordos longos semi-paralelos de orientação longitudinal. Nestes bordos os retoques se distribuem de modo a produzir um conjunto contínuo de pequenos gumes com delineamentos diferentes – uma porção retilínea, uma porção convexa, uma porção côncava – e também com variações de ângulos, de semi-abruptos a muito abruptos, raramente rasantes (com menos de 30º).

Há também a produção de gumes em uma ou nas duas extremidades da peça, gumes estes que também têm, de peça a peça, variações de delineamento e angulação, porém, pode-se ver regularidades: gumes levemente convexos e curtos, com ângulo semi-abrupto; gumes pontiagudos; gumes retos muito abruptos.

Essa diversidade de gumes e a possibilidade de preensão da peça de maneiras variadas, capazes de aproveitá-los todos, é o argumento chave para entendê-los com peças multifuncionais (FOGAÇA, 2004). Essa característica é compartilhada pelas peças recentes de Diamantina e as antigas do Brasil Central.

Semelhanças tecnológicas expressivas podem ser vistas entre os plano-convexos centro-brasileiros antigos e os diamantinenses recentes. Ambos os conjuntos são construídos por meio de retiradas de façonagem, que dão o volume ao suporte, para depois sofrerem retoques. Como no caso das indústrias antigas, em Diamantina pode-se encontrar grupos diferentes, conforme o volume resultante da façonagem: peças mais espessas, cuja

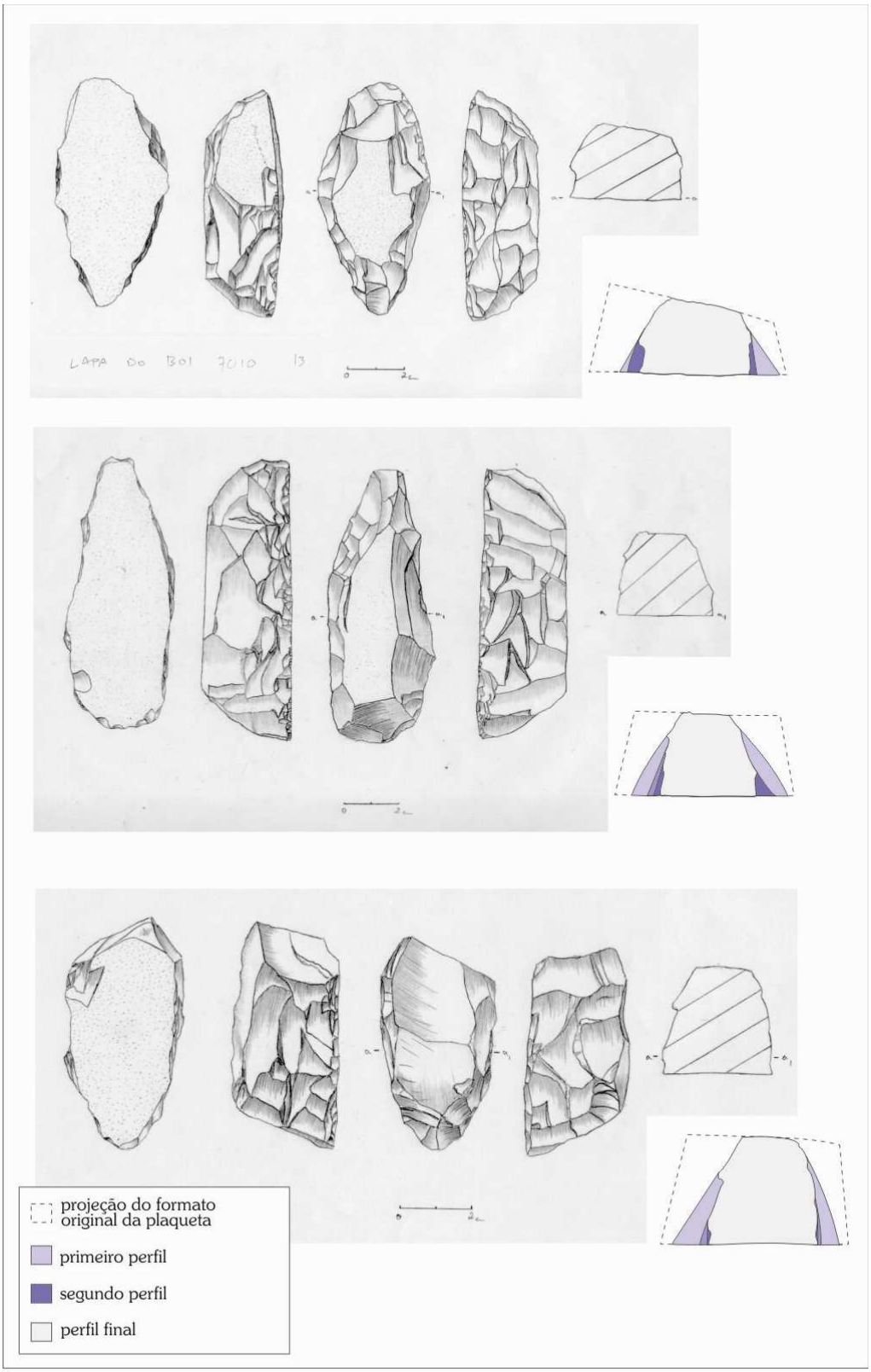
façonagem não envolve toda a superfície; peças delgadas cuja façonagem também não envolve toda a superfície; peças delgadas cuja façonagem altera inteiramente a superfície que será depois retocada.

Uma diferença acentuada se coloca decorrente do fato dos artefatos da região de Diamantina serem plaquetas e os do horizonte antigo serem sobre lascas: as peças de Diamantina têm, naturalmente, duas faces planas paralelas, que podem ser mantidas assim, ou pode ser feito uma alteração integral de uma delas na façonagem, dando a peça uma completa convexidade. Nos artefatos do horizonte de ocupação antiga, isso corresponde a uma definição e construção de suportes que influirá de forma importante na definição do volume, implica numa produção e seleção de lascas adequadas aos diferentes volumes que se pretende, conforme demonstra Fogaça (2004).

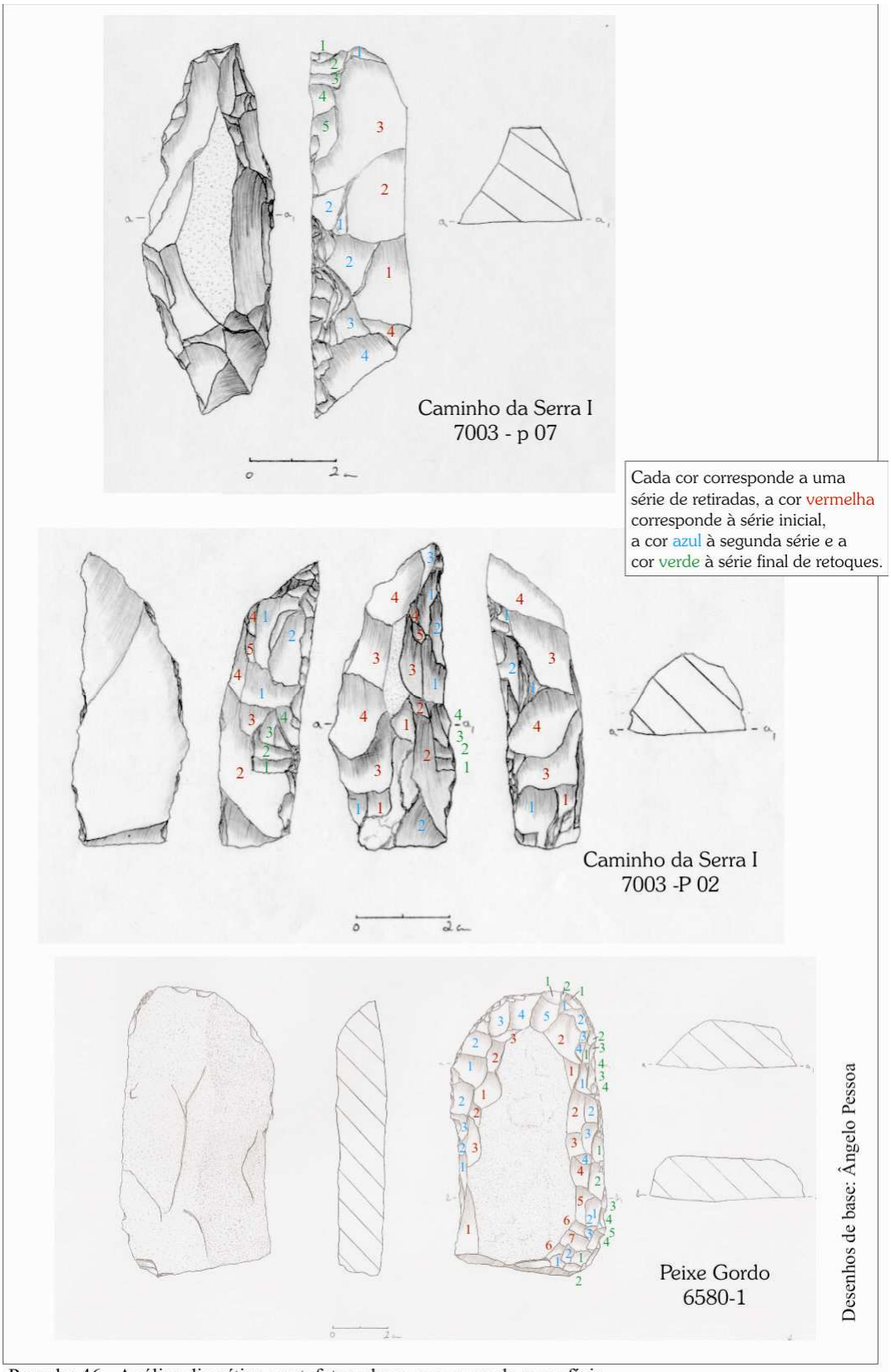
Outra semelhança existe no que diz respeito à gestão dos artefatos. Os plano-convexos centro-brasileiros antigos foram objeto de reformas, de novas ações de lascamento para a renovação de seus gumes. Seu formato final é, conforme percebeu Fogaça (2004), o resultado dessas recursivas intervenções e não um formato definido de uma só vez. O mesmo sucede em Diamantina, onde diversas peças, não todas, guardam sinais de reformas. A fratura de algumas delas pode, inclusive, estar relacionada com as tentativas de reforma (veja Prancha 45, na página seguinte).

Nos plano-convexos diamantinenses, é possível reconhecer uma seqüência muito recorrente de composição das peças. A façonagem é realizada com três ou quatro retiradas sobre cada lado da plaqueta, retiradas essas largas (em geral mais largas do que compridas), que comporão os bordos laterais do plano-convexo. Nos bordos menores, a seqüência de façonagem é mais variada, podendo ser formada por pequenas retiradas paralelas abruptas, longas e estreitas, ou por retiradas largas e mais rasantes, que conformam um bico achado, ou, ainda, por retiradas estreitas e abruptas que produzem uma ponta.

A Prancha 46, duas páginas a diante, apresenta o resultado de análises diacríticas de algumas peças, ilustrativas dessas seqüências. A peça sobre plaqueta mais delgada e larga tem uma constituição diferente, pois em lugar de três ou quatro retiradas, tem várias retiradas de façonagem mais estreitas. Sua sucessão é bem legível, o que permite reconstituir os gestos do lascador, que girou a peça em sua mão, em sentido horário, à medida que lascava.



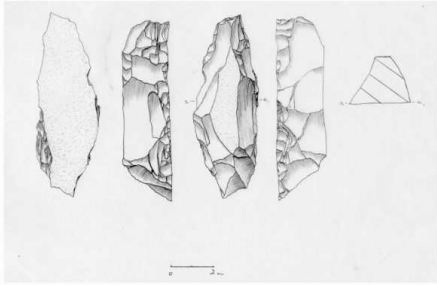
Prancha 45 - Mudanças de perfis resultantes de reformas dos plano-convexos.



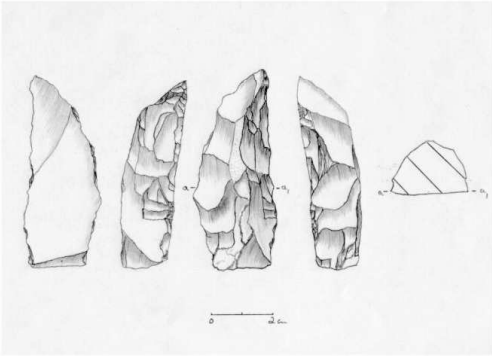
Prancha 46 - Análise diacrítica e artefatos plano-convexos de superfície

É possível agrupar os plano-convexos recentes de Diamantina, conforme sua espessura e a extensão da façonagem sobre a face retocada.

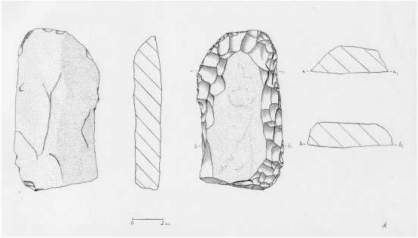
Um primeiro grupo é constituído pelos artefatos de plaquetas mais espessas, cuja façonagem não recobre toda a face. O segundo grupo é formado pelas peças em que a façonagem também não é extensa, mas cujos suportes são plaquetas mais delgadas, compondo ‘plano-convexos’ pouco convexos, melhor dizendo, com uma superfície plana bastante ampla na face retocada. O terceiro grupo é integrado pelas peças que tiveram uma façonagem extensa, invasiva, que removeu inteiramente, ou quase inteiramente uma das faces naturais da plaqueta. A prancha na página seguinte apresenta exemplos de cada um dos três grupos.



Plano-convexos sobre plaquetas espessas



Plano-convexos com façonagem invasiva



Plano-convexos sobre suportes delgados

Desenhos: Ângelo Pessoa

Prancha 47 - Grupos de plano-convexos conforme atributos morfo-tecnológicos

Comparando as cadeias operatórias dos plano-convexos antigos aos diamantinenses, temos diferenças substantivas nas etapas iniciais e uma ampla semelhança nas etapas intermediárias e finais (veja a figura a seguir).

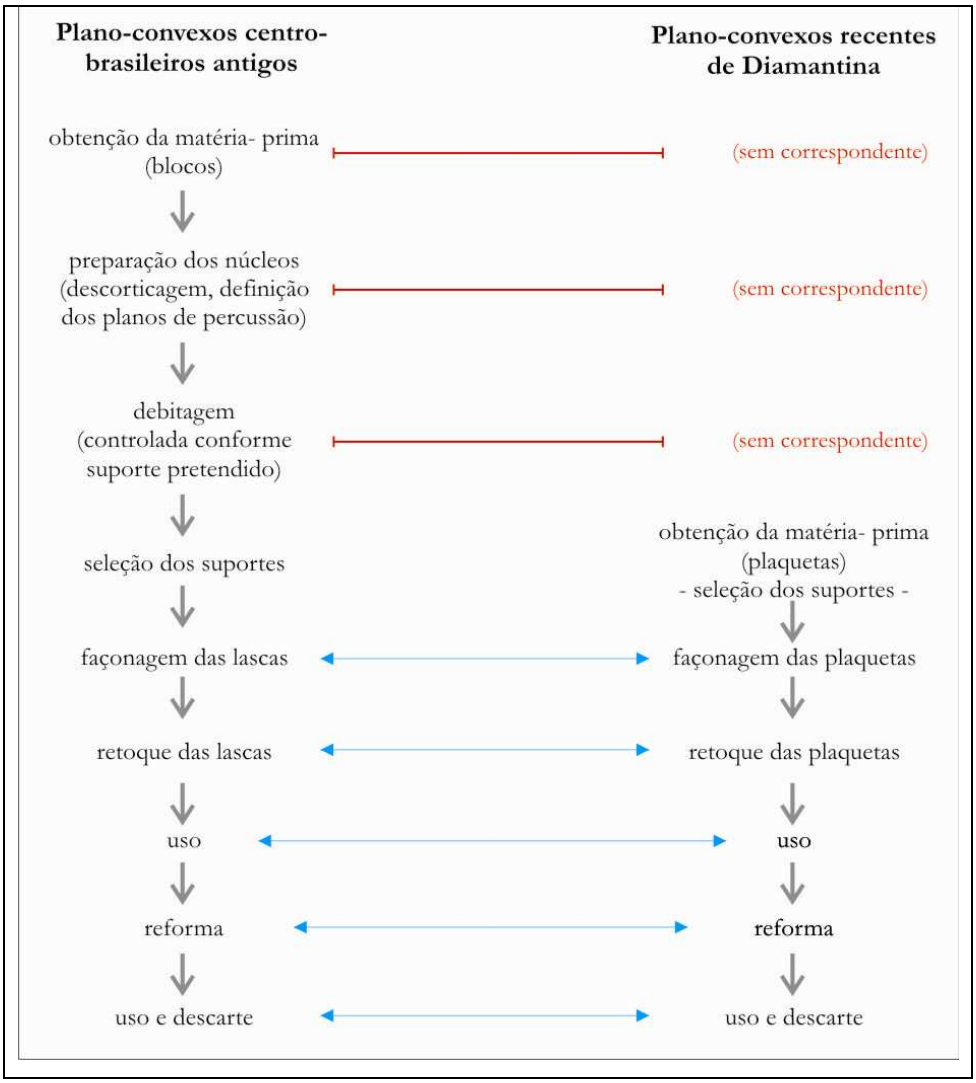


Figura 6.16 – comparação entre cadeias operatórias dos artefatos plano-convexos antigos (tipo Tradição Itaparica) e os artefatos plano-convexos recentes de Diamantina

Papéis das faces interna e externa e exigências quanto ao suporte

Nas indústrias recentes de Diamantina, o trato dado aos artefatos retocados, de um modo geral, se distingue daquele dos níveis antigos do Brasil Central no que diz respeito à percepção e importância dadas à morfologia das lascas. Nas indústrias antigas do Peruaçu (Norte de Minas), de Serranópolis (Goiás) e do Lajeado (centro do Tocantins) os suportes, além de serem escolhidos criteriosamente (privilegiando-se lascas de certas dimensões), são

tratados de forma sistemática, dando-se papéis específicos claros para a face interna e para a face externa das lascas ao se realizar a façonagem, o retoque e a reforma dos artefatos formais, considerando-se a posição do talão e de outros atributos da morfologia das lascas. Os retoques se fazem sempre sobre as faces externas, enquanto a face interna da lasca suporte servirá como a superfície plana oposta à face retocada. Os retoques e a façonagem por vezes cobrem toda a periferia da face, por vezes preservam o talão e a cornija. Nas indústrias antigas do Brasil Central, mesmo nos artefatos simples, os retoques tendem a ser sempre sobre a face externa, utilizando-se os bordos das lascas (e não o talão, por exemplo) para a construção do gume retocado.

Embora a indústria recente dos abrigos de Diamantina construa instrumentos plano-convexos, que guardam expressivas semelhanças morfológicas e tecnológicas com os artefatos centro-brasileiros do início do Holoceno, o trato com suportes para retocados em geral é menos rigoroso. Peças as mais diversas são eleitas como suporte para instrumentos retocados simples, incluindo lascas inteiras, fragmentos de lascas, *cassons* e plaquetas brutas. Não há qualquer preferência por qual face das lascas será retocada, havendo inclusive peças com porções de um mesmo gume retocadas sobre faces distintas. Entre os instrumentos com pequenos gumes retos de quartzo, por exemplo, vêem-se os retoques que produzem tais gumes ocuparem tanto bordos laterais de lascas, quanto a cornija da lasca, havendo também casos de retoques sobre porções distais de lascas ultrapassadas, assim como gumes retos construídos sobre bordas de cassons.

Considerando-se que, na quase totalidade dos casos, os artefatos complexos de quartzito são construídos sobre plaquetas, não é possível falar de semelhança ou dessemelhança quanto à destinação dada às faces interna e externa. As plaquetas em geral provêem superfícies planas que atenderiam à demanda da face plana dos plano-convexos[11]. Contudo, nestes artefatos, a façonagem e os retoques são unifaciais, havendo somente em poucos casos retiradas sobre a face deixada plana, que são sempre curtas e restritas, parecendo corresponder a uma regularização dessa superfície ou, talvez, a marcas macroscópicas de utilização.

---

[11] No único plano-convexo sobre lasca que conhecemos nesses contextos, o uso das faces foi o mesmo daquele dos artefatos do Holoceno inicial das outras regiões, ou seja, a façonagem e os retoques se produziram sobre a face externa.

Convergência ou continuidade?

Essa distinção na relação entre a construção dos gumes retocados e os elementos morfológicos dos suportes assinala uma diferença expressiva entre as indústrias da aurora holocênica e as indústrias diamantinenses, aqui objeto de análise – tão distantes cronologicamente. A observação da semelhança entre os artefatos de contextos tão distintos – que saltou aos olhos de todos os que, sistemática ou assistematicamente, conheceram a coleção – disparou desde o início um série de perguntas: seria essa semelhança uma tecnologia extremamente longeva, que atravessou todo o Holoceno? Seria essa semelhança produto de convergência? Se convergência for, de onde vem ela: da busca por gumes e possibilidades de preensão semelhantes – que remetem a funções semelhantes -, que conduziu, casualmente, a morfologias gerais semelhantes?

A formulação dessas perguntas conecta a indústria tardia do Espinhaço a debates que vem sendo construídos sobre as indústrias de plano-convexos antigas. Primeiramente, se há uma busca – pensando-se nos plano-convexos antigos – por ferramentas que combinem gumes de delineamento e ângulos distintos numa mesma peça que permite sempre uma preensão adequada para o emprego desses diferentes gumes (como propôs Fogaça [2004] e outros autores reiteraram, como Bueno [2007] e Mello [2007]), o modelo do plano-convexo centro-brasileiro é uma ótima solução. Assim, os lascadores da pré-história tardia das terras diamantinas, se estavam interessados em construir gumes diferentes sobre os quartzitos disponíveis, o modelo dos plano-convexos surge como alternativa razoável, algo a que se poderia chegar por meio de uma invenção nada extraordinária: os artífices teriam percebido (como outrora outros já haviam percebido) que era possível, em lugar de utilizar várias peças distintas, construir gumes de feições distintas numa mesma peça, que poderia ser movimentada nas mãos de modo a permitir o aproveitamento de, virtualmente, toda a extensão dos gumes construídos, que se distribuiriam por toda ou quase toda a sua periferia. A possibilidade de convergência é perfeitamente razoável.

Outra questão, que aproxima os artefatos diamantinenses e os artefatos antigos, é a possibilidade de sua forma final derivar de reconstruções recursivas. Também aí vale a possibilidade de convergência. Não é coincidência excessiva que o mesmo fenômeno se dê em contextos distintos uma vez que, sendo as mesmas as necessidade que levaram a uma

solução semelhante, tal solução vai conter atributos morfo-tecnológicos, de tal modo afins, que conduzirão às mesmas possibilidades de reaproveitamento e reformas. Uma peça com diversos gumes em toda ou quase toda a sua periferia e com múltiplas possibilidades de preensão permite que, esgotado um ou mais de um gume, esse(s) seja(m) reformado(s), o que conduzirá a uma progressiva redução do ângulo do bordo e uma igualmente progressiva transformação do volume.

ARTICULANDO INDÚSTRIAS, ESTRUTURAS E SÍTIOS: paisagem pré-histórica recente da região de Diamantina

ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS EVIDENTES RECENTES NA LAPA DO CABOCLO

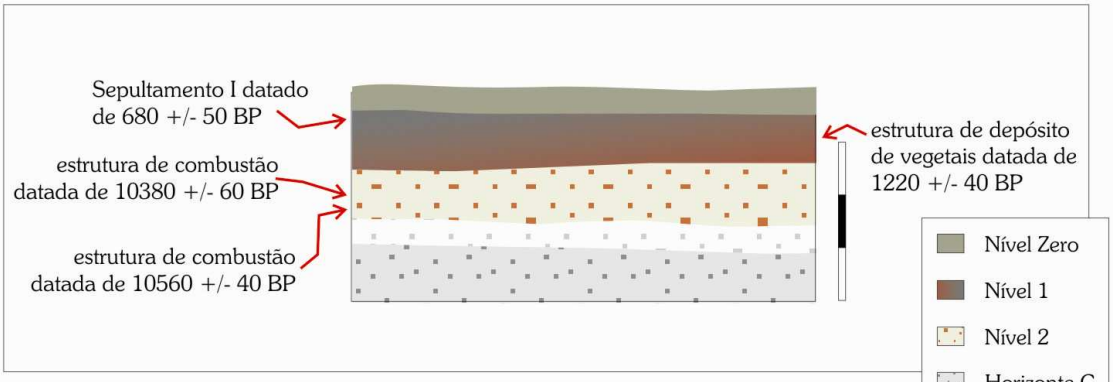
O sítio que forneceu datas para ocupações pré-históricas tardias e as estruturas mais ricas a elas correspondentes foi a Lapa do Caboclo. As escavações na porção meridional do abrigo permitiram pôr em evidência um padrão funerário bastante peculiar e conjuntos de vestígios que podem ser de fundamental importância na compreensão de modelos de subsistência.

Uma categoria de estruturas encontrada corresponde àquilo que estamos denominando *depósitos de material vegetal e faunístico*. Trata-se de concentrações de palhas, coquinhos (inteiros e partidos), fragmentos de espigas de milho, sementes e restos faunísticos de pequenas dimensões, que encontramos em número de cinco, em todas as áreas sondadas, exceto na extremidade SW do abrigo. Com diâmetro em torno de 50 a 60 cm e espessura inferior a 5 cm (uma das estruturas apresentava-se mais espessa, com quase 10 cm), os *depósitos* estão inseridos no pacote sedimentar do Nível 1. As palhas estão depositadas de forma parcialmente ordenada, como que forrando e cobrindo as estruturas, estando dobradas, em alguns casos. Por sobre as estruturas pode-se identificar uma quantidade expressiva de coquinhos e outros restos vegetais queimados, assim como cinzas. Embora a combustão não tenha ocorrido no local das estruturas, pois a maior parte dos materiais não está queimada, ao menos em dois casos (nas quadras M-5 e R-11) as cinzas e carvões foram jogados ainda quentes sobre a estrutura, pois as extremidades das palhas apresentam-se superficialmente queimadas, chamuscadas apenas (veja Prancha 45, na página 229). Numa das estruturas de depósito da quadra J, encontrou-se um fragmento de mandíbula de mamífero herbívoro (grandes molares e afastamento entre os incisivos e demais dentes - *Cervidae* ?) de cerca de 5 cm, o maior de todos os restos faunísticos presentes nos *depósitos*. Também na quadra J-7, nos *depósitos* encontrados no Norte e no

Sul da sondagem – sobretudo no primeiro -, foi encontrada uma significativa quantidade de fios de cabelo, de aparência humana[1], que ocorriam dentro das estruturas e também dispersos pelo seu entorno. Na quadra R-11, na extremidade SE da lapa, havia varetas apontadas no fundo da estrutura, que era aí mais espessa que em qualquer das outras áreas. Uma ocorrência é digna de nota. Entre o material vegetal disseminado junto a um dos depósitos de vegetais, na quadra N-6, foi encontrada uma flor seca de uma das espécies de sempre-vivas da região.

Com tais tipos de materiais, fragmentados e em pequena quantidade, estas estruturas não sugerem armazenamento; por outro lado, a deposição de cinzas sugere um cuidado preservacionista, que deporia contra a hipótese de um simples depósito de lixo; sua parca estruturação indica uma construção *in situ*. Considerando-se esses elementos, as evidências sugeririam uma estrutura de motivação ritualística?

[1] Amostras dos fios que apresentavam bulbos foram encaminhados ao Departamento de Genética da UFMG, mas as análises não foram ainda realizadas.



Perfil esquemático da estratigrafia da Lapa do Caboclo

Estrutura de depósito de vegetais e fauna da quadra M5

Início da evidenciação, com a cobertura de cinzas visível

Estágio mais avançado da escavação, com palhas e outros vegetais em evidência

Estrutura da quadra J-7, com mandíbula de herbívoro em evidência

Estrutura da quadra R-11, com varetas de madeira na base

Estruturas de depósito de vegetais e fauna

Prancha 48 - Perfil estratigráfico e estruturas da Lapa do Caboclo

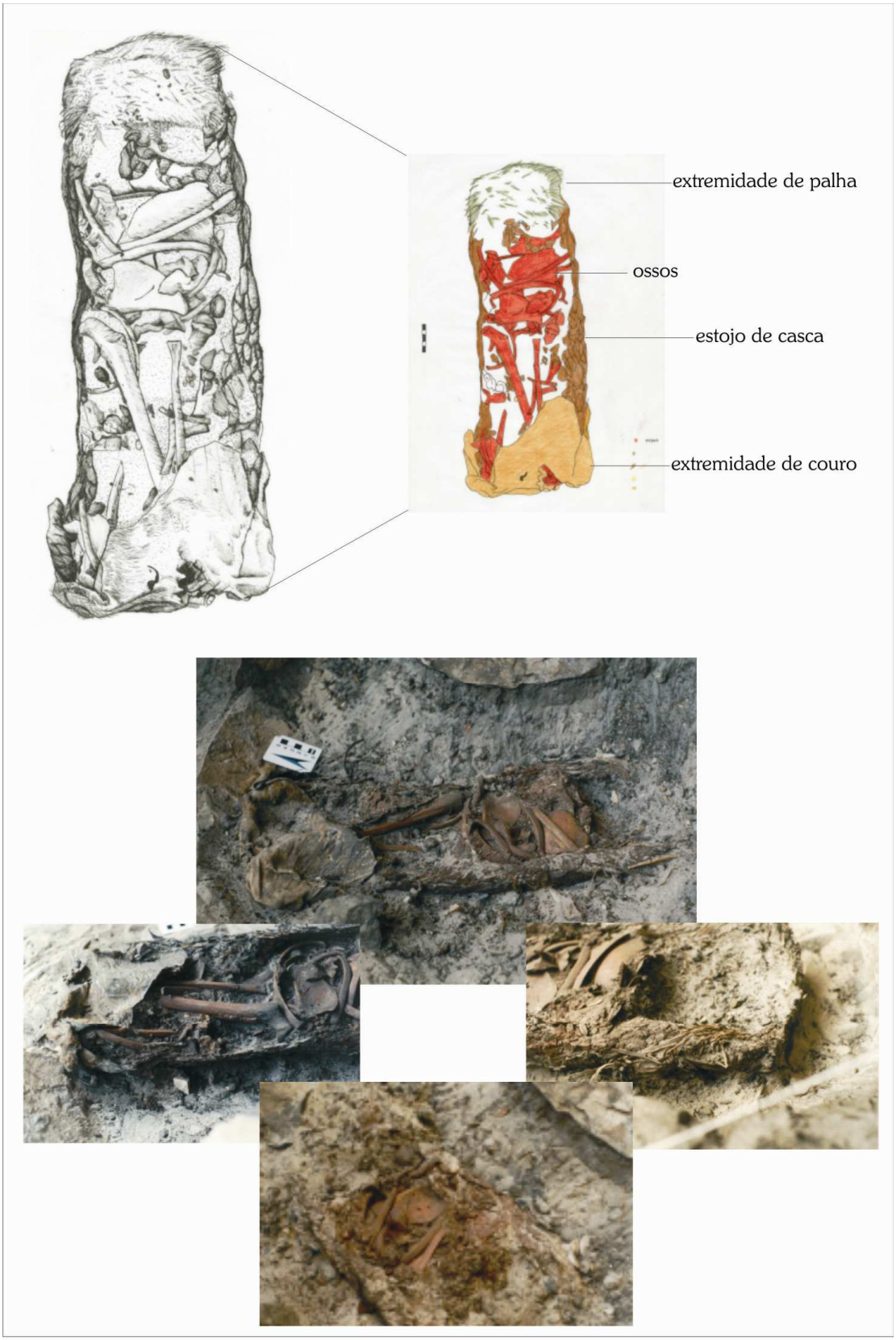
Sepultamentos da Lapa do Caboclo

As escavações na Lapa do Caboclo evidenciaram quatro estruturas funerárias, oriundas da segunda camada estratigráfica do abrigo (Nível 1).

Sepultamento I

O primeiro sepultamento a ser evidenciado, Sepultamento I, foi encontrado nas escavações da etapa de campo de julho de 2004. É constituído por um esqueleto de criança, cujos ossos se dispõem em posição não anatômica, dentro de um recipiente cilíndrico de paredes formadas por casca de árvore (ainda não identificada) e com extremidades cobertas por couro (extremidade Norte) e por palha (extremidade Sul). Não se identificaram acompanhamentos outros no Sepultamento 1, além do estojo de casca, da peça de couro, da palha e penugens disseminadas no interior da estrutura – veja Prancha 30, na página seguinte.

O crânio, fragmentado, dispunha-se na porção Sul da estrutura, porção esta bastante deformada por pressões que sobre ela se fizeram – provavelmente resultantes de pisoteio, dada a pouca profundidade do enterramento. Toda a estrutura apresentava sinais de deformação decorrentes de pressões exercidas sobre a casca, sendo a extremidade Sul o ponto em que essas pressões provocaram maior deformação do estojo e um rearranjo mais acentuado das peças ósseas. A porção central do estojo era preenchida por ossos médios, em especial costelas, escápula e vértebras. Uma vez retirada a porção superior do estojo de casca de árvore, na extremidade Norte se podia ver os ossos longos. Na porção meridional e, sobretudo, na porção centro-meridional da estrutura, os ossos apresentavam-se embaralhados, encaixados uns nos outros de uma forma que não seria possível caso eles tivessem sido depositados dentro do estojo quando este já se encontrasse depositado na fossa. Um acavalamento recorrente entre diversos ossos sugere fortemente que o estojo foi composto fora da fossa de sepultamento e depois transportado até ali. Pode-se, inclusive, afirmar que nesse transporte houve uma inclinação suave do estojo ou uma trepidação significativa, pois o encaixe dos ossos não poderia resultar de um simples abalo horizontal, nem tampouco de uma colocação do estojo em posição vertical – pois assim haveria um deslizamento de alguns pequenos ossos para a área dos ossos longos. Algumas das costelas parecem ter funcionado como barreiras para outros ossos menores, que teriam deslizado no interior do estojo e se embaralhado junto a elas.



Prancha 49 - Sepultamento I da Lapa do Caboclo

Os ossos do Sepultamento I apresentam forte coloração vermelha, resultante de depósito de pigmentos. A homogeneidade da pigmentação sugere não uma simples aspersão, mas um efetivo banho das peças ósseas antes de sua deposição no estojo.

As duas costelas retiradas ainda em campo apresentam estrias acentuadas e marcas de desgaste em suas bordas e faces, indicando um trabalho de limpeza realizado com instrumentos de corte/raspagem, o que precisa ser confirmado por meio de uma análise especializada, ainda não realizada.

A opção feita em campo para a escavação do Sepultamento I foi de manutenção de uma integridade parcial da estrutura. Depois de evidenciada a máxima superfície de casca de árvore, esta foi removida em sua porção superior, exibindo-se assim o conteúdo. Apresentando-se bastante resistente estruturalmente, o restante da casca não foi desmontado e os ossos foram deixados em seu interior, tendo sido o estojo removido inteiro. Ao longo do processo de evidenciação do conteúdo, enquanto não havíamos definitivamente decidido pela remoção da estrutura inteira, retiramos alguns ossos que se encontravam desprendidos dos demais, em especial duas costelas, que apresentavam as marcas referidas acima.

Sepultamento II

O Sepultamento II da Lapa do Caboclo, evidenciado pelos trabalhos de escavação de outubro de 2004, apresentava-se no mesmo nível estratigráfico e era organizado conforme o mesmo esquema geral do Sepultamento I, porém com pequenas diferenças. Os ossos também se encontravam em posição não anatômica, depositados dentro de um estojo de casca de árvore, com presença de couro. Neste sepultamento, contudo, o couro não cumpria o papel de tampa do cilindro de casca de árvore, pois se dispunha, ao menos na porção setentrional, sob a casca. Também na extremidade Norte, outro elemento de distinção em relação ao sepultamento I pode ser visto: um bloco de quartzito, de formato paralelepipedal com cerca de 20 cm de diâmetro, fechava a "boca" setentrional do cilindro, inserindo-se parcialmente dentro dele – veja Prancha 31, na página seguinte.

Os ossos longos foram dispostos no interior do estojo em cuidadosa simetria em relação ao eixo longitudinal da estrutura: ao centro os dois fêmures ligeiramente cruzados; ao lado e acima de cada um deles, um úmero; junto à casca, como que a estruturando, as duas tíbias. A disposição dos ossos dentro do estojo sugere, diferentemente do Sepultamento I, uma construção da estrutura *in situ*, pois não há acavalamento dos ossos e nenhum embaralhamento evidente.

É de se notar uma expressiva proximidade entre os ossos das mãos, que se encontravam ao Sul, e entre os ossos dos pés, que se encontravam ao Norte. É possível pela proximidade dos tarsos e metatarsos, assim como dos carpos e metacarpos, que os pés e as mãos tenham sido depositados ainda com seus tendões. Caso isso não tenha ocorrido, houve uma deposição interessada em manter próximos os ossos dessas partes do corpo.

As espécies das árvores que forneceram as cascas para os estojos são nitidamente diferentes para cada um dos dois sepultamentos. O Sepultamento I era constituído por uma casca com certa "xistosidade" - uma conformação em camadas, que se desprendiam ao toque repetido dos pincéis -, mas que se mostrou suficientemente resistente e com certa flexibilidade ao longo da escavação e do transporte da estrutura para laboratório. Já o estojo do Sepultamento II era formado por uma casca mais rígida, que resistia bem ao toque do pincel, mas que, à medida que foi sendo evidenciada, quebrou-se em placas de cerca de 10 a 15 cm, mostrando-se menos flexível.

Prancha 50 - Sepultamento II da Lapa do Caboclo (Diamantina)

A presença de pigmentos também pode ser notada no Sepultamento II, porém o pigmento utilizado é de um vermelho bem menos intenso do que aquele empregado no Sepultamento I e não se encontrava distribuído com a mesma homogeneidade do que naquele. Um outro modo de adornar os ossos, contudo, pode ser visto no Sepultamento II: penas de ave foram justapostas aos ossos, sendo visíveis na epífise de um dos fêmures e no alto do crânio. As penugens vistas em meio ao sedimento do Sepultamento I talvez sejam o correspondente das penas aderidas aos ossos no Sepultamento II.

É também em relação ao crânio que um atributo do Sepultamento II chama a atenção: ele se apresentava dividido em duas partes, uma correspondendo ao frontal, à face e à porção superior dos parietais; a segunda parte correspondia ao occipital e à porção inferior dos parietais. A parte superior estava voltada para cima (porção sagital visível) e a parte inferior estava voltada para baixo (emborcada), deixando à vista o orifício occipital. As duas partes parecem ter sido serradas, tal é a regularidade de suas bordas partidas.

Outra peculiaridade do Sepultamento II merece ser destacada, na medida em que revela elementos do processo de sepultamento. A espessura do pacote sedimentar disponível naquela porção do abrigo era menor do que a espessura do estojo contendo os ossos. Diante da impossibilidade de cobrir inteiramente o estojo, os indivíduos que procederam ao rito funerário adotaram duas medidas complementares: cavaram uma pequena e muito pouco profunda fossa na base rochosa do abrigo, que hoje se apresenta em processo de degradação e pode ser desfeita sem grande desprendimento de energia; mesmo assim a profundidade obtida não foi suficiente e o estojo permaneceu parcialmente exposto acima do nível de sedimento, sendo coberto por blocos de quartzito (o maior deles medindo cerca de 50 cm e os dois outros 40 e 30 cm).

Relações entre os Sepultamentos I e II

Além das semelhanças apresentadas, há outro elemento relevante de relação entre os dois sepultamentos, que permite outras hipóteses interpretativas: eles se dispõem um imediatamente ao lado do outro, com a mesma orientação cardial. Será que a opção pela colocação num ponto tão pouco profundo dos pacotes sedimentares do abrigo decorre da necessidade de estabelecer a proximidade entre os dois sepultamentos? Supondo uma antecedência do Sepultamento I, terá sido sua presença ali que levou os indivíduos a

insistirem em colocar o Sepultamento II num piso sedimentar que sequer era capaz de cobri-lo? Será que esta área do abrigo era aquela que deveria receber os mortos? Haveria uma relação social (de parentesco, por exemplo) entre os dois indivíduos sepultados e daí a grande proximidade e a mesma orientação?

Amostras para obtenção de DNA dos indivíduos dos sepultamentos I e II foram recolhidas pela equipe do Laboratório de Genética da UFMG, sob orientação do Prof. Sérgio Penna. Obteve-se sucesso (Penna, comunicação oral) na extração de DNA do indivíduo adulto. Exames preliminares identificaram o DNA mitocondrial do indivíduo com um dos haplótipos fundadores indígenas, não raro. Exames continuam em andamento e ainda não estão disponíveis resultados capazes de fomentar discussões no presente texto..

Sepultamentos III e IV

Outros dois sepultamentos (III e IV) foram evidenciados pelos trabalhos de escavação de janeiro de 2007, quando retomamos os trabalhos na Lapa do Caboclo, a pós realizarmos sondagens em outros abrigos, no decorrer de 2005 e 2006. As estruturas estão significativamente degradadas, com bioturbações intensas, mas parecem conter os mesmos elementos básicos dos sepultamentos I e II. Ambas as fossas e sua inserção estratigráfica foram evidenciadas com muita clareza. O Sepultamento III localiza-se na quadra L 4, logo a Norte do Sepultamento I, enquanto o Sepultamento IV se encontrava na quadra L 5, portanto, logo a Norte do Sepultamento II. Nas duas estruturas vê-se o mesmo padrão de uso de estojo de cascas de árvore para conter os ossos humanos em posição não anatômica, cobertos estes de pigmento vermelho. Ambos os sepultamentos foram alvo da ação destrutiva de cupins, que legaram não apenas as várias peças roídas, sobretudo as cascas de árvore, mas também consideráveis extensões de seus túneis, que criaram um concrecionamento entre peças do conteúdo dos estojos e elementos vegetais – veja Prancha 51, na página seguinte.

No Sepultamento III os cupins degradaram a casca de árvore intensamente, restando apenas fragmentos dessa, porém distribuídos de forma coerente com o formato da fossa. No Sepultamento IV, os cupins também afetaram seriamente a casca de árvore, porém esta se manteve com integridade suficiente para ter seu comprimento e largura reconhecíveis, estando praticamente inteira em sua base.

O que gera dificuldades interpretativas em relação às duas estruturas é a combinação das bioturbações ao número reduzido de ossos recuperados. Em nenhum dos dois sepultamentos encontramos mais do que quinze peças positivamente identificadas como restos humanos, dentre as quais um único osso longo (no sepultamento IV). Recuperamos vértebras, costelas, epífises soltas de ossos longos e fragmentos dos crânios e mandíbulas, que, nas duas estruturas, tinham dimensões compatíveis com crianças pequenas. Um úmero, o único osso longo referido, no Sepultamento IV estava com uma de suas extremidades serradas (com marcas claras de corte por meio de instrumento). Trata-se de estruturas funerárias que contêm apenas partes dos corpos dos indivíduos ou de um mesmo indivíduo? As bioturbações teriam sido responsáveis pela destruição dos demais ossos ou esses se encontram em outra estrutura ainda não localizada? Parece pouco provável que as bioturbações tivessem destruído por completo ossos resistentes como as tíbias e fêmures e preservado costelas e vértebras - número destes últimos, inclusive é muito pequeno. Mais provável parece que as estruturas sejam sepultamentos parciais, além de secundários. O Sepultamento II parecia conter o indivíduo completo, já o Sepultamento I pode estar incompleto - não o desmontamos, ele permanece quase inteiro na reserva técnica do MHN. Há, portanto, a possibilidade de que os sepultamentos III e IV sejam parte complementar do próprio Sepultamento I, o que poderá futuramente ser verificado por meio de tomografia da estrutura.

A respeito do Sepultamento IV uma última consideração precisa ser feita. Há uma grande quantidade de material vegetal misturada aos ossos, incluindo fragmentos de palha, pequenas espigas de milho, coquinhos, casca de jatobá e outras espécies. Pode se tratar de um outro bioturbador, possivelmente um roedor ou outro animal cavador de tocas, que teria se valido da casca de árvore do sepultamento como piso e paredes de sua moradia, para onde levou alimentos ou elementos para forrá-la. O movimento das peças e, em especial, uma fratura por flexão pós-deposicional numa das costelas sugere a ação de um animal de maior porte, não apenas dos cupins.

Escavação dos sepultamentos III e IV, num momento de sobreposição das fossas

Escavação dos sepultamentos III e IV, com as fossas individualizadas

Sepultamento III

Sepultamento IV, em dois momentos da escavação.

base da estrutura de casca de árvore, após a remoção do conteúdo

Prancha 51 - Sepultamentos III e IV da Lapa do Caboclo

No limite setentrional da quadra L 5, outra fossa, no mesmo contexto estratigráfico daquelas dos sepultamentos pode ser reconhecida e delimitada, tendo sido preservada da escavação. Pode se tratar de uma quinta estrutura funerária.

Assim, tem-se um padrão funerário recorrente e sem correspondente direto na bibliografia arqueológica. Na bibliografia etnográfica, há registros de sepultamentos com certo grau de semelhança, como no caso dos Bororo (ALBISETTI & VENTURELLI, 1962), que fazem sepultamentos secundários com pigmentação dos ossos e adesão de penas, porém o recipiente utilizado é construído em cestaria. Um levantamento mais cuidadoso deve ser feito, pois o padrão funerário é um elemento importante para investigar afinidades culturais com populações historicamente conhecidas.

A Lapa do Caboclo demonstrou-se espaço funerário efetivo para as populações responsáveis pelo nível arqueológico datado entre 640 e 1290 BP, na área correspondente à escavação principal. O sítio desempenhou papel ainda sem recorrência na região, exibindo, inclusive, condições de preservação excepcionais. Considerando sua morfologia peculiar, podemos aventar a possibilidade de haver um uso específico do abrigo em função de suas características físicas, que o distinguem dos demais abrigos com tanta nitidez quanto os próprios vestígios e estruturas.

CAÇA E COLETA E HORTICULTURA

Os sítios analisados nesta pesquisa não têm atributos coerentes com sítios de habitação. Além do espaço funerário da Lapa do Caboclo, temos abrigos que parecem ter funcionado como acampamentos temporários, dada a sua variabilidade artefatual e a baixa freqüência geral de peças, somadas à ausência de estruturas de combustão compatíveis com uma ocupação mais intensa.

Alguns vegetais recuperados nas escavações na Lapa do Caboclo atestam a prática da horticultura por populações pré-históricas tardias na região. Embora o conjunto do material vegetal da Lapa do Caboclo ainda aguarde uma análise especializada, capaz de

identificar com segurança as famílias e gêneros, aparentemente variados, presentes nas amostras, foram identificadas espigas de milho (*Zea mais*) e palhas desse mesmo vegetal. Amostras deste material foram coletadas pelo Dr. Fábio Freitas, que está conduzindo análises genéticas, com o objetivo de compará-las às linhagens conhecidas de variedades de milho indígenas contemporâneas e arqueológicas.

A presença de milho é atestado da presença de horticultura ao alcance daqueles que fizeram da Lapa do Caboclo espaço funerário. Diante de tal evidência, é lícito considerar o conjunto das ocupações como produtos de povos envolvidos com um modo de vida horticultor. Tal envolvimento pode se dar em diferentes níveis, desde um contato irregular de um grupo cuja economia se baseia em caça e coleta com vizinhos horticultores, até se tratar de uma população cuja economia está centrada na horticultura.

Outros sítios habitualmente associados a horticultores, em especial sítios a céu aberto com material cerâmico, que corresponderiam às aldeias, não são conhecidos na região. Essa ausência significaria que a horticultura é marginal na área?

Poucos são os casos na bibliografia arqueológica brasileira em que contextos de co-existência de comunidades de horticultores e de caçadores-coletores foram discutidos. Essa coexistência, se não em nível local, ao menos em nível regional, pode gerar um padrão de sítios que é produto de uma rede de relações que implicaria numa combinação sofisticada de estruturas. Os padrões de sítios de ocupação por horticultores são mais amplamente conhecidos e explorados arqueologicamente, mas os elementos que se têm hoje disponíveis em Diamantina se distanciam desses padrões. Também a respeito de ocupações de horticultores, creio que há uma certa simplificação dos sistemas de assentamento. Quanto à análises de contextos de caçadores-coletores, no Brasil esses têm sido objeto de investigações mais sistemáticas e consistentes, contudo majoritariamente referentes aos horizontes de ocupação mais antigos, da transição Pleistoceno/Holoceno e do Holoceno inicial (BUENO, 2005; FOGAÇA, 2001; DIAS, 2003; KIPNIS et al., 1998; SCHMITZ et al, 2004).

No conjunto da região, tem-se uma quase ausência de cerâmica indígena, com poucos fragmentos identificados, provenientes da Lapa de Moisés e da Lapa Pintada de Datas. Esses fragmentos apresentam-se sem decoração, todos com menos de cinco centímetros, com anti-plásticos minerais. Os fragmentos da Lapa Pintada de Datas têm cor de superfície clara, com núcleo bastante oxidado, mas não inteiramente. Os fragmentos da

Lapa de Moisés apresentam cor de superfície avermelhada e núcleo reduzido, assemelhando-se vagamente à cerâmica Aratu-Sapucaí. Não localizamos nenhum caso, nem obtivemos qualquer relato oral da ocorrência de sítios cerâmicos a céu aberto.

No limite leste da área de pesquisa, em São Gonçalo do Rio das Pedras registramos uma ocorrência de cerâmica Tupiguarani[2] – veja fotos dos fragmentos na Prancha 33, na página seguinte. O material foi evidenciado por um morador local que abria a fossa sanitária para sua nova casa. Entrevistas com os vizinhos não encontraram nenhum outro relato de cerâmica indígena no local, que foi literalmente esburacado por várias fossas, valas para encanamentos de água e alicerces para residências – a área está na zona de "expansão urbana" de São Gonçalo, com diversas novas moradias erguidas nos últimos quinze anos. Parece que se tratava de um sítio de dimensões muito reduzidas ou mesmo de uma ocorrência; com base no que foi possível ouvir e observar, certamente não havia ali uma aldeia Tupiguarani. O morador, descobridor dos cacos e de adornos de pedra polida, não nos autorizou sondagens em seu terreno. Os fragmentos de São Gonçalo são bem típicos de peças da Tradição Tupiguarani, com decoração geometrizada pintada em linhas e pontos pretos sobre fundo branco. De todo modo, sabemos agora da presença de ceramistas tupiguarani na região, num local bastante sugestivo: São Gonçalo está bem próximo do Serro (pertence a seu município), a poucos quilômetros da vertente oriental do Espinhaço, drenada pelos afluentes do Rio Doce e coberta de vegetação de mata. Teriam os ceramistas Tupiguarani chegado ali subindo os cursos d'água da bacia do Doce, limitando-se, quase inteiramente, às áreas de ocorrência de mata, ou seja, às áreas de maior profundidade de solo, mais propensas a suas atividades de horticultura? A ausência quase total de cerâmica tupiguarani no restante da área de pesquisa e a ausência do conhecimento de sítios cerâmicos entre a população dos altos da Serra em torno de Diamantina aponta nesse sentido. Ausência "quase total", pois fragmentos de uma vasilha com decoração plástica ungulada foram encontrados na Lapa da Bandalheira – e apenas ali. São Gonçalo poderia ser um local nos limites da área de implantação dos ceramistas dessa tradição. De todo

[2] A informação nos chegou através de Alex Mendes, da ONG Caminhos da Serra, no segundo semestre de 2006. Ângelo Pessoa e Adriano Carvalho registraram a informação em campo, primeiramente. A seguir, em fevereiro de 2007, fui a campo colher informações mais detalhadas e avaliar a área.

modo, ceramistas Tupiguarani são, agora, elementos a serem considerados para futuras pesquisas que expandam a área de investigação em relação a esta.

Prancha 52 - Fragmentos de cerâmica Tupiguarani encontrados em São Gonçalo do Rio das Pedras

Frente a essa presença Tupiguarani na região, os sepultamentos da Lapa do Caboclo ganham ainda mais expressão, uma vez que em nada se assemelham a qualquer dos sepultamentos Tupiguarani conhecidos na bibliografia. Se gentes tupiguarani estiveram por ali – e só poderiam ter estado por ali em períodos correspondentes ou muito próximos ao dos sepultamentos da Lapa do Caboclo – sua presença pode ter sido contemporânea ou seguiu muito de perto outras populações, aquelas que sepultaram alguns de seus mortos na Lapa do Caboclo.

A raridade de vestígios cerâmicos no interior da área de pesquisa representada, excetuando-se os potes pintados de São Gonçalo, pelo tímido acervo recuperado de menos de 10 fragmentos, poderia ser explicada de diversas maneiras: em primeiro lugar, pode-se pensar numa real ausência de ceramistas na área, possibilidade a princípio inconsistente com os escassos mas presentes cacos cerâmicos; em segundo lugar, podemos pensar numa ocupação por ceramistas que teria deixado raros vestígios em função de um uso dos sítios pesquisados que não envolvia os artefatos cerâmicos; em terceiro, podemos pensar numa ocupação por não ceramistas que mantiveram eventuais contatos com ceramistas; em quarto lugar, podemos considerar a quase ausência de cerâmica em função da escassez de matéria-prima, embora populações interessadas na produção de cerâmica tenham ocupado a área.

A última possibilidade pode ser descartada, pois, embora a princípio os quartzitos não sejam pródigos em depósitos argilosos, a geologia da Serra é bastante complexa e há de fato depósitos de argila, conforme pudemos verificar em campo, conforme consta da bibliografia (FOGAÇA, 1997) e como atesta a extração de caulim próxima à região da Bandeirinha[3], a poucos quilômetros dos sítios escavados.

Entre os ocupantes da região poderia ter havido comunidades que efetivamente produziam cerâmica, mas essa pode ter sido produzida em pequena escala nos altos da Serra. Pode haver aldeias ou outros sítios com grande quantidade de cerâmica em áreas ainda não prospectadas e as áreas por nós investigadas poderiam ter sido objeto de incursões de ceramistas em pequena escala, sem assentamentos semi-permanentes, incursões essas que não envolviam um transporte expressivo de peças de cerâmica. Talvez

[3] Esta extração parece acompanhar um veio de rochas metabásicas, veios que não são nada incomuns entremeando as formações quartzíticas (FOGAÇA, 1997).

a região pesquisada se tratasse de uma área periférica no território de ceramistas, onde eles realizariam expedições de caça ou de outras atividades específicas, pouco duradouras e que dispensariam o uso de artefatos cerâmicos. Isso seria consistente com a baixa freqüência, mas não total ausência, de cerâmica. E isto seria também coerente com os conjuntos artefatuais dos sítios em abrigo.

A outra possibilidade seria um sistema de vizinhança entre ceramistas e não-ceramistas, os primeiros ocupando áreas externas àquelas até agora investigadas e os segundos ocupando as áreas pesquisadas, no alto da Serra, onde dominam o campo rupestre e as variantes de porte mais modesto do cerrado. Os solos do alto do Espinhaço são arenosos, geralmente pobres em nutrientes, e isso poderia ter sido um desestímulo à fixação de horticultores, que poderiam se concentrar em regiões vizinhas, como na Janela Estrutural de Gouveia, onde as rochas do embasamento cristalino emergem, ou próximo ao Rio Manso (município de Couto de Magalhães de Minas), que, como Gouveia, desde o período colonial se constituiu numa área de abastecimento de gêneros agrícolas para o Distrito Diamantino (Meneses, 2000), devido a suas condições naturais mais favoráveis para atividades de plantio. Os caçadores-coletores poderiam, ao mesmo tempo em que os ceramistas se concentravam nessas áreas, habitar a altimetria elevada e o campo rupestre.

É preciso, contudo, colocar em perspectiva uma relação que sempre permeia esses raciocínios na arqueologia brasileira: a relação entre cerâmica e horticultura. Diamantina é um caso especialmente valioso para isso. O fato é que os arqueólogos brasileiros freqüentemente associam os dois fenômenos de modo imediato, uma associação que faz parte de nossos raciocínios básicos. E essa associação não é gratuita, pois são diversos os casos em que os vestígios cerâmicos estão recorrentemente ligados às ocupações de horticultores, em sistemas de assentamento assemelhados àqueles conhecidos historicamente. Temos em mente um modelo econômico, que tem também alguns elementos de organização social e política, que envolve uma vida sedentária, baseada em horticultura e caça ou pesca, conforme o contexto, com complemento de coleta de vegetais silvestres (SCHMITZ & BARBOSA, 1985; BUARQUE, 1996; PROUS, 1992) Nesse modelo a aldeia é a unidade política, bem como o local de moradia permanente, onde se passa o ano inteiro e a partir de onde se fazem incursões à mata (ou ao cerrado ou ao campo, conforme o contexto). Esse modelo encontra consistência em diversos registros históricos e

etnográficos (STADEN, 1974; FERNANDES, 1963; D'ABBEVILLE, 2002; SILVA, 1983). Porém esse não é o único modelo conhecido etnograficamente e não precisa ser o único modelo a se considerar para a construção de hipóteses interpretativas de conjuntos de sítios e vestígios. São diversos os exemplos etnográficos de sistemas um tanto diferentes. Há casos de populações de horticultores que não passam todo o ano em aldeias a zelar pelas roças. Outros casos envolvem mais do que uma sazonalidade entre duas moradias fixas. Casos etnográficos envolvem por vezes outros modelos sócio-econômicos, que combinam temporadas de ocupação da aldeia, quando se zela de forma mais sistemática pelas roças, com temporadas de trânsito permanente na mata, quando se vive da farinha produzida e da caça e da coleta do que é ofertado pela floresta.

Reunindo alguns exemplos, pode-se citar o caso dos Waiãpi, da região das Guianas. Segundo Gallois (1986), os membros dessa etnia de língua tupiguarani combinam uma temporada de reunião em aldeias, no tempo da chuva, com uma dispersão, no tempo da "seca", para residências familiares mais afastadas, a partir das quais se parte em excursões pelos arredores, em empreitadas que envolvem dois ou três dias até acampamentos de caça e de coleta de produtos específicos.

Outro exemplo seria o caso dos Parakanã, documentado por Carlos Fausto. Esses habitantes do interflúvio Tocantins-Xingu ocupavam as aldeias num período do ano, produzindo mandioca. Noutro período, toda a comunidade vivia na mata, dispersa em pequenos grupos familiares, praticando coleta e caça, aproveitando-se de parte da farinha produzida (FAUSTO, 2001). No caso dos Parakanã, portanto, o sistema efetivamente combina a horticultura e a caça-e-coleta. Certamente o caso dos Parakanã produziria um padrão de distribuição de vestígios interessante, com um abandono temporário, nas aldeias, dos implementos necessários unicamente à horticultura, bem como da tralha doméstica de maior volume, ao mesmo tempo que produziria, no período de vida na mata, um padrão arqueológico típico de caçadores-coletores.

Seria perfeitamente possível pensar, para a região de Diamantina, um modelo que combinasse caça e coleta com horticultura. A área que até o momento foi objeto de cobertura sistemática é menor do que o território dos grupos de caçadores-coletores registrados na etnografia (BINFORD, 1980). A superfície total que congrega as áreas prospectadas e a janela estrutural de Gouveia ou do Rio Manso também estaria dentro do

leque de alcance de uma só comunidade de caçadores-coletores. Se uma hipotética comunidade de "horticultores-coletores", ao modo dos Parakanã, tivesse uma mobilidade, no período de nomadismo, semelhante à de alguns caçadores-coletores, também poderia muito facilmente mover-se desde uma das áreas mais fácil e intensamente agricultáveis de Sul (Gouveia) ou de Norte (Rio Manso) até os campo rupestres das cabeceiras do Pardo Pequeno. Mesmo horticultores mais "ortodoxos", poderiam alcançar as áreas das cabeceiras do Pardo Pequeno, em incursões eventuais ou regulares, a partir das áreas da Janela Estrutural de Gouveia, que não dista mais de 25 km do eixo de prospecção Pasmar/Batatal.

Mas uma relação direta entre cerâmica e horticultura não pode ser tomada como existindo *a priori*. Qual a impossibilidade de um sistema baseado em horticultura sem o uso da cerâmica? Qual a impossibilidade da tecnologia cerâmica ser praticada por caçadores-coletores? Não há porque descartar sistemas assim. A possibilidade levantada acima, de horticultores vivendo nas áreas de solo mais rico e excursionando nos altos da Serra, serve para explicar a situação de ausência de sítios cerâmicos a céu aberto nos trechos prospectados e o desconhecimento da população a respeito de cerâmicas indígenas na área. Porém, se os horticultores não são ceramistas, seus sítios podem estar perfeitamente distribuídos pelas áreas no topo da Serra, se o solo for-lhes suficiente, e não terem visibilidade para a população regional. A esse respeito deve pesar também o fato da prática da agricultura contemporânea ser pouco intensa na área, mas de haver um garimpo intensivo e antigo em toda a região, que explorou tanto as minas de aluvião, quanto minas em pontos diversos das vertentes. Os garimpeiros relatam a localização de artefatos históricos e também de artefatos de pedra polida, observadores atentos que são dos produtos que seu trabalho faz emergir da terra; nenhum garimpeiro nos contou sobre o achamento de potes de barro quebrados, mesmo que sua curiosidade esteja sempre aguçada pelas histórias de potes enterrados com ouro e diamante.

Tomando os elementos concretos disponíveis, em lugar das conjecturas, o que se tem é um conjunto de sítios que envolve acampamentos temporários, fontes de matéria-prima para o lascamento e um espaço funerário, numa paisagem salpicada de pinturas. A cerâmica que ocorre ali é escassa e são ausentes as descobertas acidentais de cerâmica. Com tais elementos, tem-se um cenário que sugere um sistema de acampamentos para atividades de pouco duração, envolvendo, contudo, espaços carregados de valor simbólico.

A interpretação mais plausível, no presente contexto, parece ser a da formação de um território de caça e coleta de povos horticultores, que não formaram entre os pedras da serra estabelecimento fixos, podendo estar essas bases mais duradouras, mais densas e diversas em vestígios, fora dos topos do Espinhaço, em suas bordas ou em suas circunvizinhanças.

OS ARTEFATOS E OS SÍTIOS NA PAISAGEM: CONEXÕES

Ao se tomar o conjunto das coleções das ocupações recentes, ficam evidentes semelhanças bastante estreitas entre alguns, diferenças sugestivas entre outros, distanciamentos entre terceiros.

Reunindo a distribuição dos grupos de artefatos retocados pelos sítios analisados, têm-se o seguinte cenário:

sítio / oria	caracterização simplificada	boi	camin serra	moisés	peixe gordo	chica	datas	ciranda	gruta	bandal	caboclo	total
grupo 1	plaquetas gume robusto	4								2		6
grupo 2	pesados com mais de um gume	1		1								2
grupo 3	plaq gume reto/denticulado	4		1	1	2		2		4		14
grupo 4	plano-convexos sobre plaq	6	2	2	1	3	1			1	1	17
grupo 5	gume semi-circ quartzo	1	5									6
grupo 6	em bico de quartzo	1	1								1	3
grupo 7	gumes curto e retos de quartzo	2	4	2	1						3	12
grupo 8	denticulados em quartzo	4		1							1	6
grupo 9	plaq muito delgadas							2		2	3	7
grupo 10	plaq gumes múltiplos	2		2					1	5		10
grupo 11	bifaciais em quartzo	4									3	7
grupo 12	gume em chapéu		2									2
grupo 13	lascas grandes de gumes múltiplos					1				9		10
scas retocadas	diversas									12		12
outros	não enquadrados/ não sobre lascas					4		1	6	5		16
total		29	14	9	3	10	1	5	7	40	12	130

Tabela 7.1 – Grupos de artefatos distribuídos pelos sítios

No quadro, fica evidente a maior diversidade e quantidade de peças do Boi e da Bandalheira, ao mesmo tempo em que emergem a pobreza de artefatos retocados da Ciranda, da Lapa Pintada de Datas.

Um grupo de sítios se aproxima, compartilhando 4 grupos entre si: Boi, Caminho da Serra e Caboclo. Neste grupo se destacam os artefatos retocados em quartzo.

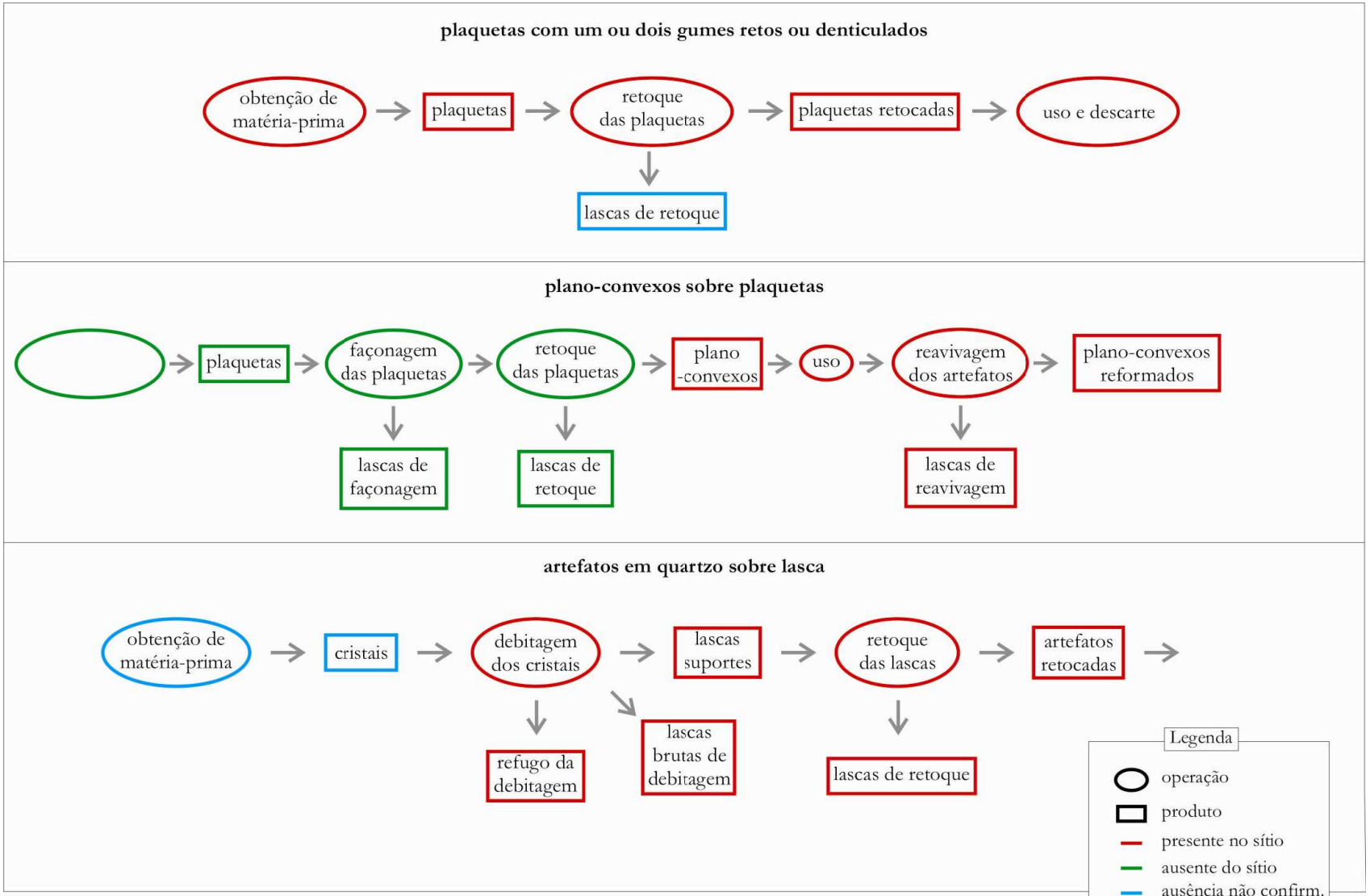
Dos cinco grupos presentes no Caminho da Serra, apenas um não se inclui no conjunto artefatual da Lapa do Boi, destacando a grande afinidade entre os dois sítios visível também em sua morfologia, inserção na paisagem e em suas proporções.

Acentuada afinidade se expressa também entre as lapas de Moisés e do Boi, que compartilham não menos de seis grupos de artefatos, predominando os grupos de quartzito. Além das peças retocadas vale lembrar que as semelhanças entre os dois sítios se estendem também aos núcleos. O Peixe Gordo, embora pobre em retocados, corresponde a peças presentes no Boi e no Moisés.

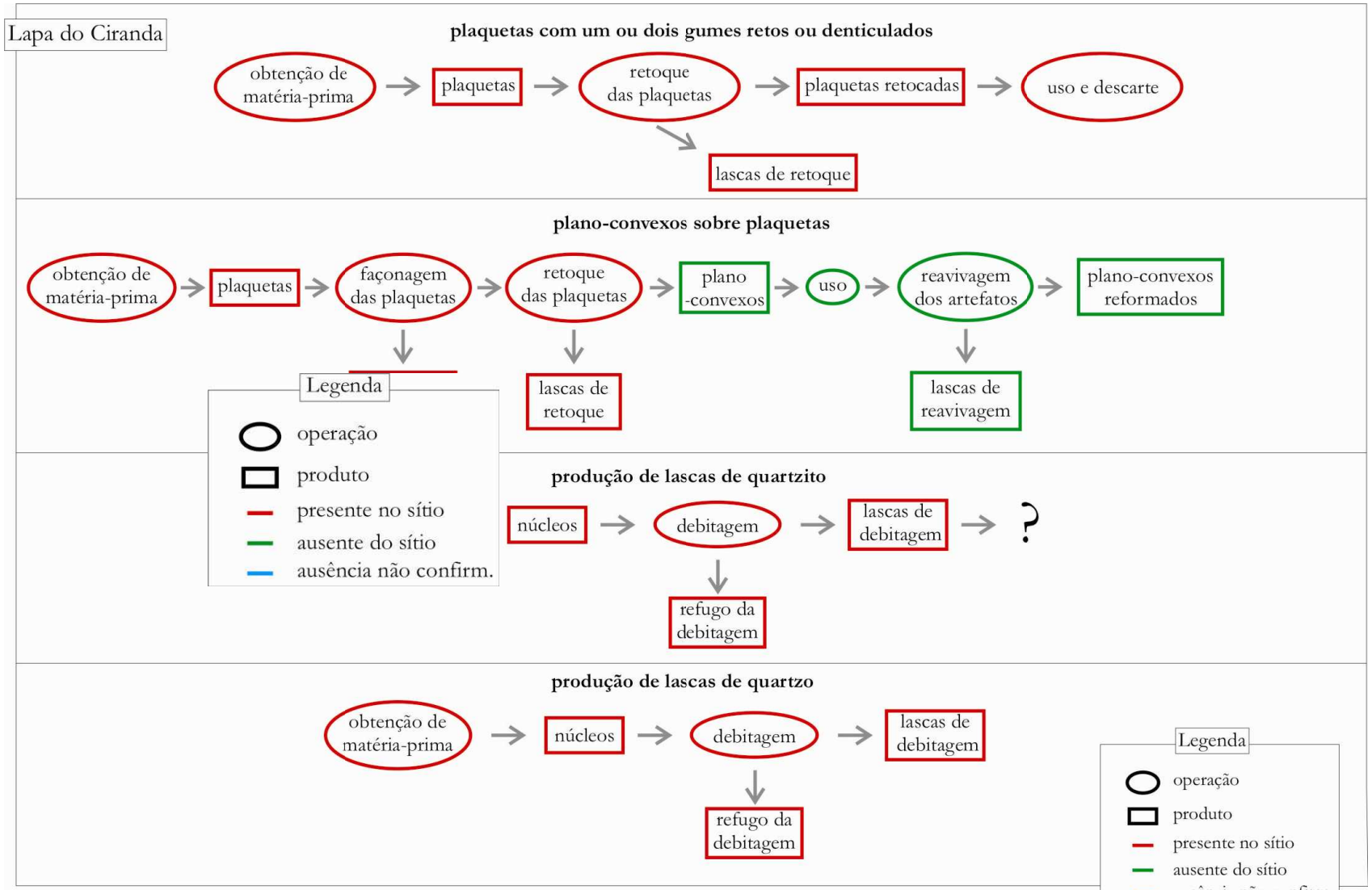
A Lapa da Chica se aproxima do Boi, Moisés, Caminho da Serra e Peixe Gordo, por compartilhar com eles os retocados sobre plaquetas, os plano-convexos e as plaquetas de gumes regulares, mas não compartilha nenhum outro grupo, não contendo nenhum descarte percebido de artefatos retocados em quartzo.

A Bandalheira também se aproxima do grupo do parágrafo anterior, compartilhando quatro grupos com o Boi e os mesmos dois que a Chica compartilha com os demais. Mas a ênfase do conjunto artefatual do sítio está sobre grupos bem divergentes dos demais, sobretudo com sua marcante indústria sobre lascas. Alguns outros grupos teriam sido criados, se a Lapa da Bandalheira tivesse composto o núcleo inicial de análise, pois é possível agrupar algumas de suas lascas retocadas em conjuntos com atributos tecnológicos específicos (veja o texto de descrição do material da lapa no capítulo sexto); como são grupos peculiares ao sítio, eu os mantive unidos aqui.

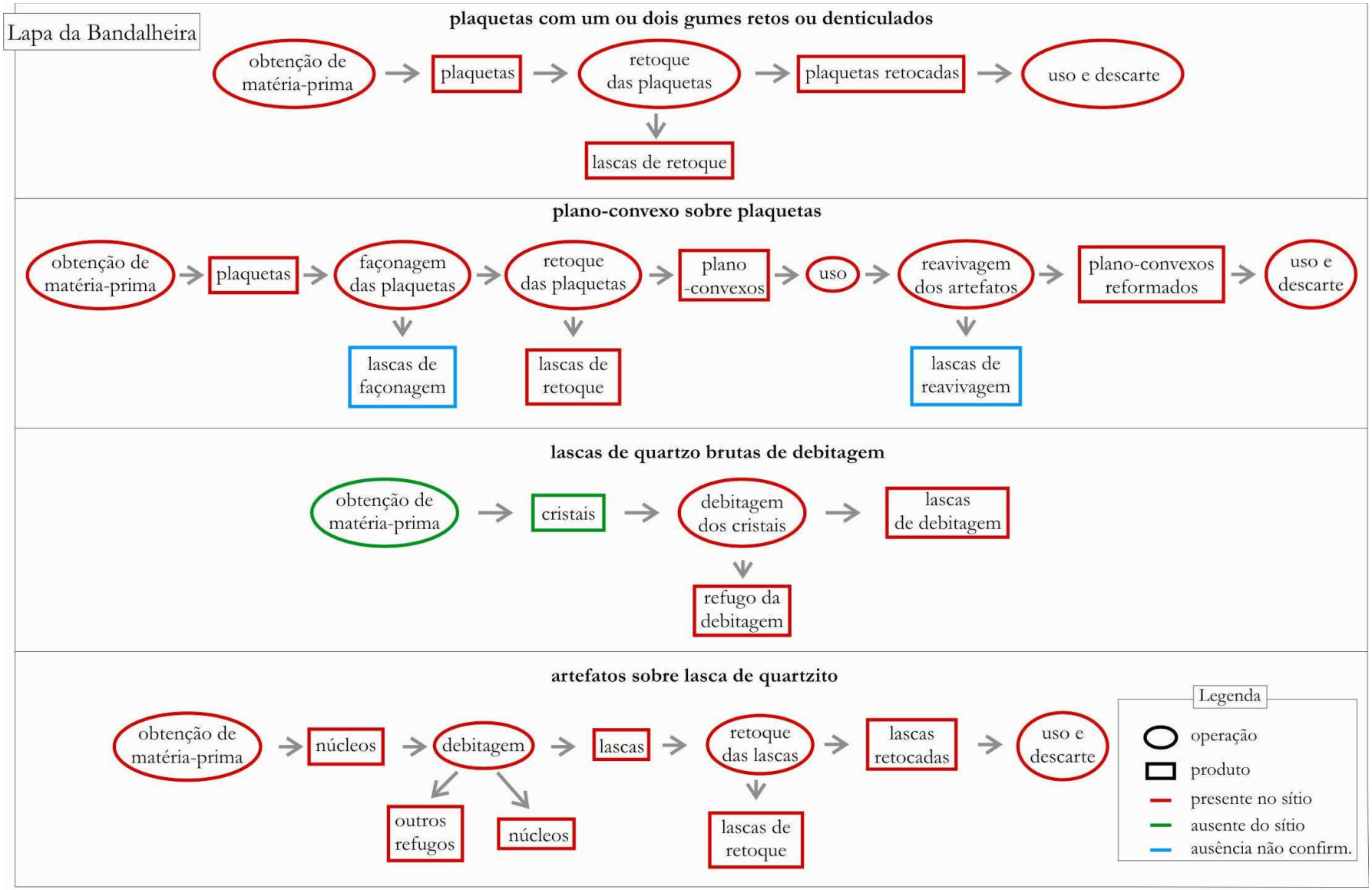
Diagramas nas páginas seguintes apresentam as cadeias operatórias identificadas em diversos sítios, assim como quais elementos e processos dessas cadeias constam do registro arqueológico. A intenção é, justapondo as diferentes cadeias, dar realce as semelhanças e às diferenças, e reconhecer entre estas últimas quais são complementares e quais são incongruentes.



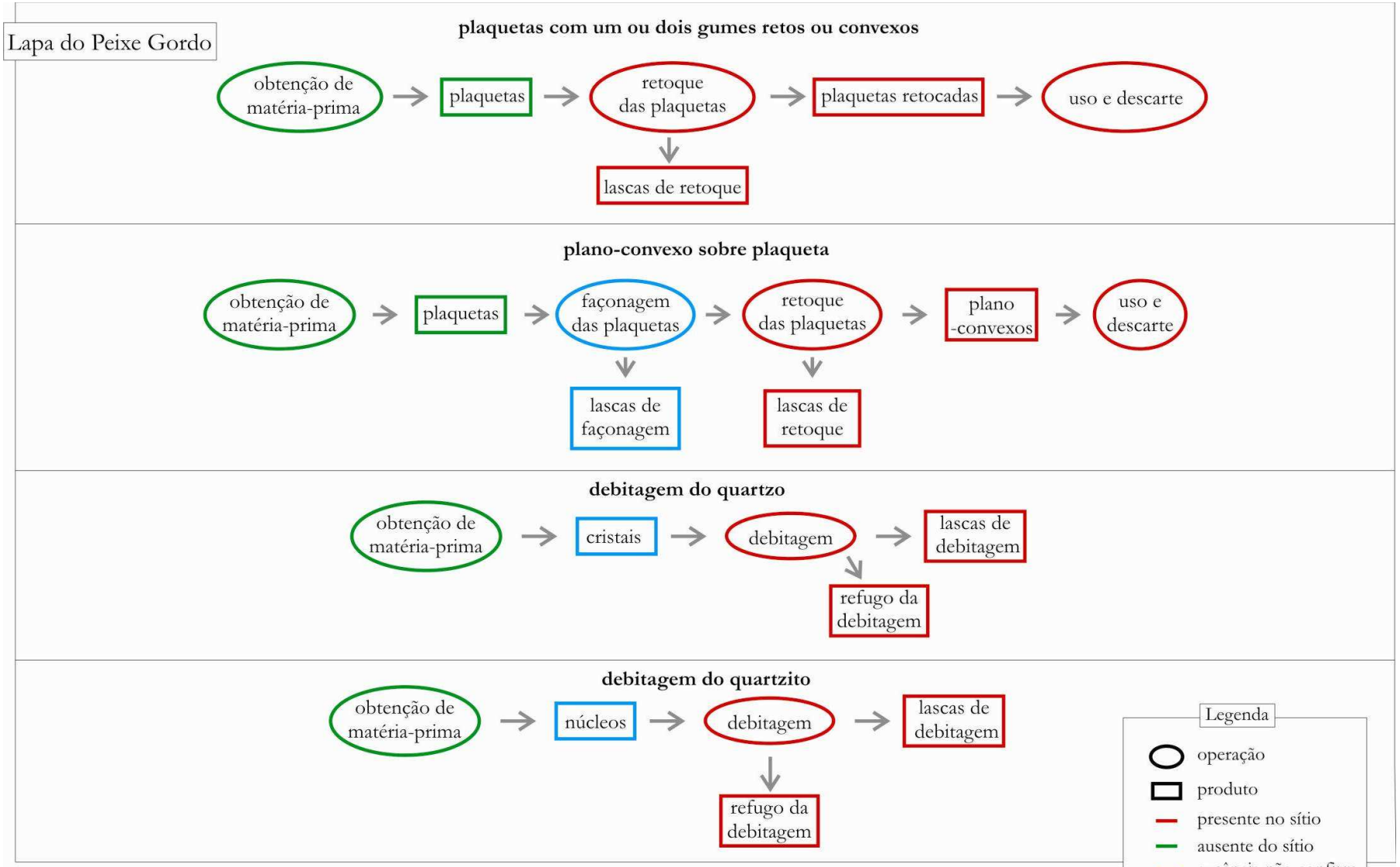
Prancha 53 - Presença na Lapa do Boi de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados



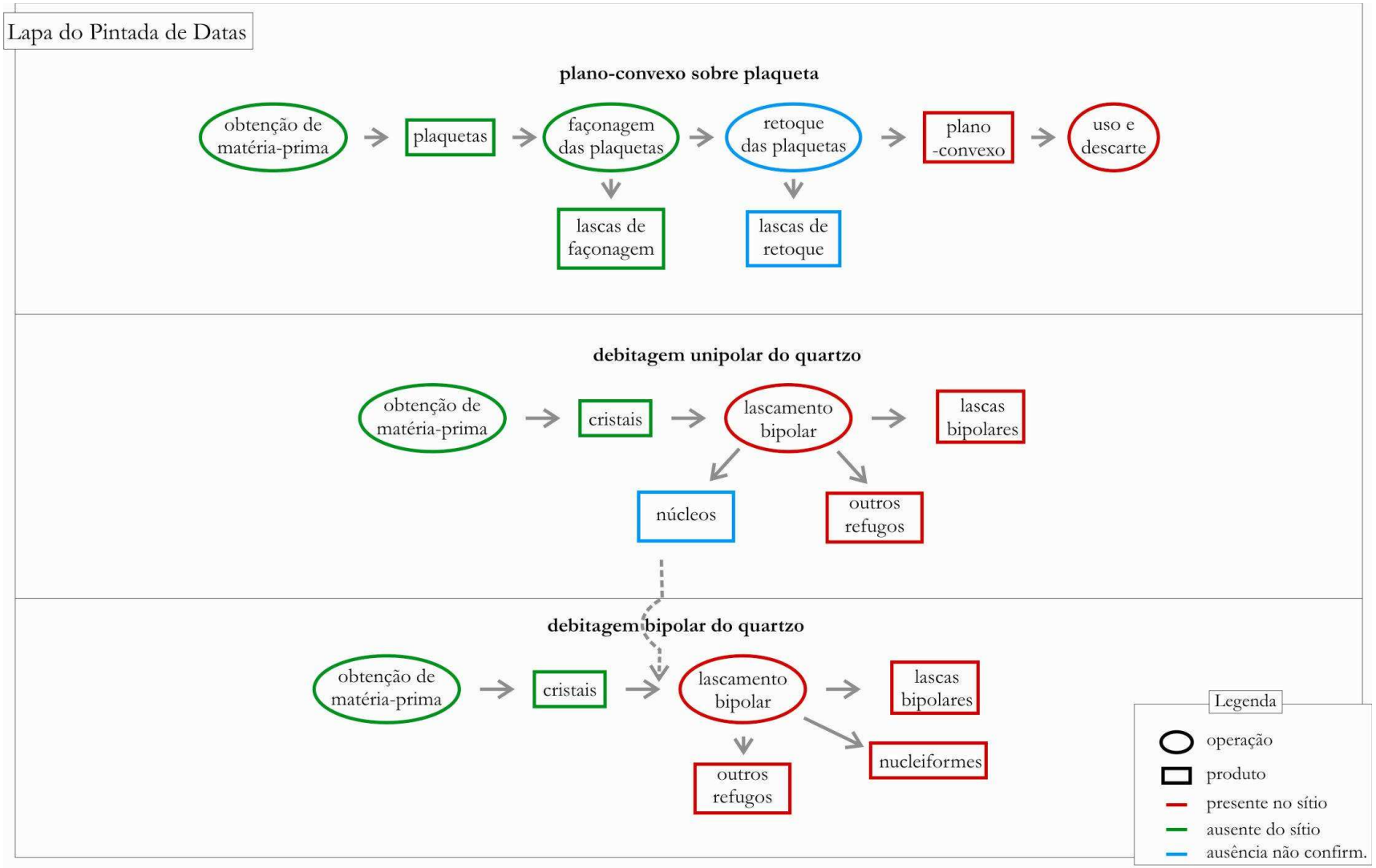
Prancha 54 - Presença na Lapa da Ciranda de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados



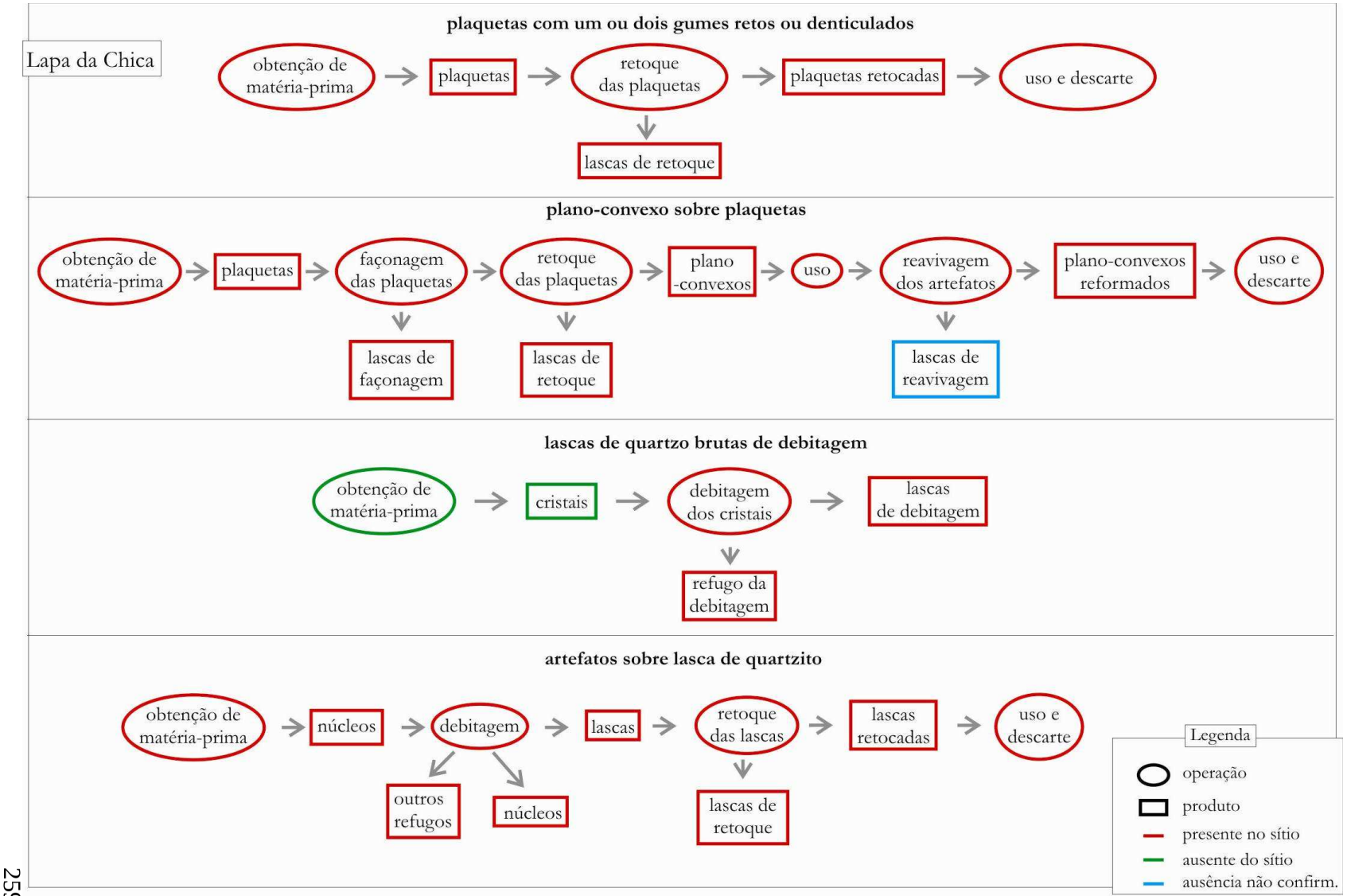
Prancha 55 - Presença na Lapa do Bandalheira de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos



Prancha 56 - Presença na Lapa do Peixe Gordo de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados



Prancha 57 - Presença na Lapa Pintada de Datas de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos retocados



Prancha 58 - Presença na Lapa da Chica de elementos das cadeias operatórias de distintos grupos de artefatos

É possível agora reconhecer grupos de sítios, a partir de seus conjuntos artefatuais articulados em cadeias operatórias e traçar linhas de uma organização tecnológica das ocupações recentes.

Os sítios que chamei de abrigo de borda de campo, de fato convergem numa série de aspectos.

Tem-se, assim, elementos da estruturação da paisagem legível: abrigos no sopé dos afloramentos, junto a amplas e aplainadas áreas de campo, que se conectam com elas facilmente, que serviram de acampamentos temporários, onde se puseram em uso os plano-convexos trazidos de alhures, plaquetas retocadas no próprio sítio, artefatos de quartzo com retoques refinados também produzidos no próprio sítio. Assim são a Lapa do Boi, o Caminho da Serra, o Moisés. Nesses sítios, a fronteira entre sítio e campo é diluída. O material passa do abrigo à borda do campo, quando não há divisão física entre eles (Caminho da Serra e Boi), ou se concentra nos blocos à borda do campo, quando há alguma descontinuidade (Moisés). O Peixe Gordo é membro desse grupo, em escala reduzida. A Lapa da Chica compartilha com eles parte do conjunto artefatual e a inserção e relação entre abrigo e campo, porém cumpre também um papel distinto, que os demais são incapazes: o de fonte de matéria-prima de qualidade refinada. A Chica propriamente, ou outro sítio equivalente, pode ter complementado os demais, fornecendo a matéria-prima para a produção dos plano-convexos, que nela foram fabricados – conforme seus milhares de lascas de retoque testemunham.

A Lapa da Ciranda se apresenta como potencial fonte de matérias-primas para a fabricação dos artefatos retocados presentes nos demais sítios, uma vez que, além de matéria disponível, núcleos e lascas que atestam seu uso, dispõe também de refugos de façonagem e retoque compatíveis com os plano-convexos, em variedades finas de quartzito. Sua implantação e morfologia bem distintas, juntamente com a ausência de retocados que certamente foram ali produzidos, combina bem com um sistema que privilegia como área de uso e descarte os abrigos implantados na borda dos campos.

A Gruta da Lasca, apesar de suas excelentes e abundantes qualidades de quartzitos, não parece se integrar a este sistema. Além de não haver semelhanças evidentes entre as matérias-primas, a Gruta foi um local de produção de grandes lascas quartzíticas, que não

são os suportes observados nos demais sítios. O artefatos que a própria gruta contém não são afins aos dos demais abrigos e podem estar associados à própria extração do quartzito. A diferença não basta para afirmar com segurança a não vinculação, mas, se a gruta se conecta ao horizonte de ocupações recentes como fonte de matéria-prima – como parece sua vocação -, não disponho de qualquer elemento que o indique. Ao longo dos mais de 10.000 anos de lascamentos na Serra, possivelmente pessoas de outros períodos fizeram da Gruta fonte.

A Lapa da Bandalheira converge com os demais na ocupação contínua entre abrigo e campo, também servindo como potencial fonte de matéria-prima aos demais sítios; algumas proximidades entre sua coleção de superfície e a dos sítios recentes são perceptíveis. Contudo, essa lapa coloca questões contundentes sobre sua integração ao conjunto. Possuidora de artefatos *suis generis*, o sítio poderia conter elementos destinados a tarefas que lhe fossem específicas, dentro do sistema de uso da paisagem pelos derradeiros ocupantes pré-históricos; é possível, inclusive, que distintos elementos dos mesmos grupos humanos usassem a Bandalheira e os demais sítios de borda de campo de modo um pouco diferenciados e produzissem seus artefatos específicos. Essa possibilidade, porém, não é passível de demonstração. Na falta de datações e com as condições de deposição próprias desse local, a possibilidade de termos ali peças que compunham outra organização tecnológica, de outros tempos, é igualmente provável.

Um elemento tecnológico sugere uma divergência ainda maior entre as peças *suis generis* da Bandalheira e os demais conjuntos artefatuais, em especial os plano-convexos com os quais guarda uma semelhança. As lascas grandes de gumes múltiplos serviriam a um papel semelhante aos plano-convexos, compartilhando com eles algumas características de performance (conforme definem Schiffer & Skibo, 1997).

A idéia de “características de performance” serve ao entendimento das capacidades de interação entre os componentes de uma dada atividade, atributos envolvidos nas interações sensoriais, mecânicas, químicas entre os seres envolvidos num processo. Bueno (2007 e 2007b) aplicou o conceito aos artefatos plano-convexos da região do Médio Tocantins, ressaltando como características de performance marcantes na indústria que analisou, raciocínio extensível aos conjuntos semelhantes de artefatos de outras regiões do Brasil Central, a multifuncionalidade/flexibilidade e a transportabilidade. O conjunto dos

plano-convexos recentes de Diamantina também apresenta essas características, demonstradas por seus atributos morfo-tecnológicos: seus gumes de delineamento e ângulos diversos e sua possibilidade de múltipla preensão. Os artefatos diamantinenses sobre plaquetas demonstram a significância de tais características de performance também por sua distribuição muito específica na paisagem, que dissocia os locais de fabricação e os locais de uso e consecutivo descarte, depondo a favor da idéia de que o instrumento era levado de uma parte à outra e não produzido sempre diante da necessidade imediata.

Outra característica de performance que pode ser atribuída aos plano-convexos diamantinenses, como também àqueles antigos centro-brasileiros, é a capacidade se serem reformados, digamos sua *reformabilidade* ou *reciclabilidade*. Tal capacidade é definida pelo próprio modelo de instrumento adotado, cuja forma permite novas intervenções, semelhantes às que se fez nele primeiramente, para reformá-lo, renovando seus gumes.

As lascas de múltiplos gumes da Bandalheira também sugerem multifuncionalidade, com múltiplas possibilidades de preensão para aproveitamento dos diversos gumes. Porém, soma-se a isso uma simplicidade técnica acentuada. São uma solução muito simples, estritamente restrita ao gume, para a necessidade de gumes variados. Uma solução expedita, que não guarda nenhum sinal de reaproveitamento. Sua forma e a forma como são feitas não deixam pronto o caminho para reformas e nenhuma dessas peças tem qualquer sinal disso. As lascas grandes de gumes múltiplos consistem, pois, numa resposta muito diversa à demanda da multifuncionalidade e parecem desinteressadas da reformabilidade. Como são produzidas e descartadas num mesmo lugar, abundante de matéria-prima, demonstram não ter a transportabilidade como característica de performance.

A Lapa do Caboclo se integra ao conjunto na condição de espaço que compartilhava parte de suas funções com alguns abrigos de borda de campo, como indicam as presenças de alguns artefatos retocados, sobretudo os de quartzo. Esse, porém, é um papel restrito, pouco abundantes que são os retocados. Não há também uma debitagem muito expressiva do quartzo, nem foi a lapa um local de produção freqüente de retoques nessa matéria-prima, diferentemente do Boi, por exemplo. Essa timidez do emprego e produção de retocados no Caboclo não deve ser entendida como uma pobreza do sítio, em termos de matéria-prima, ou uma limitação decorrente somente de sua implantação distinta. A distinção na implantação parece, sim, importante. O Caboclo não é um sítio de borda de campo e não foi

reconhecido e tratado assim pelos ocupantes pré-históricos tardios. Seu lugar na construção do modo de viver a paisagem foi outro, mas não foi formado por ausências. O Caboclo é, em certa medida, um espaço de escassez na organização tecnológica do horizonte recente, mas ele é um espaço de abundância de significado. Ele foi o espaço tornado lugar da morte e de operações possivelmente a ela relacionadas. Se o Caboclo não têm uma exuberante coleção de superfície, é porque coube a ele outro lugar, ou mais, é porque foi feito dele um outro lugar – por enquanto singular no cenário regional. Exuberante, sem dúvida.

Todo o conjunto de sítios que, com o Boi como expressão mais nítida, assumem a função de acampamentos temporários, locais de atividades específicas envolvidas com artefatos líticos, e/ou assumem a função de fontes de matéria-prima para a construção dos artefatos líticos, tendo a Ciranda e a Chica como expressões mais nítidas, todo esse conjunto ganha outro significado quando combinado à Lapa do Caboclo. Sem ela, os sítios daquele pedaço da Serra ganhariam muito fortemente a feição de um território periférico ou de ocupação ligeira. Com ela, eles são acampamentos e fontes de matéria-prima num conjunto que dispõe também de um cemitério, rico em suas estruturas funerárias e estruturas outras que, estando ou não associadas a elas, têm muito a dizer sobre o comportamento e os interesses dos que viveram e morreram ali. E o que ela tem a dizer está sendo apenas tocado aqui, muitos que são os caminhos e as hipóteses que ficarão provocadas.

ARREMATANDO A PROSA

Arrematar é preciso. Alguns pontos podem ser retomados e aproximados uns dos outros.

As pinturas rupestres dos momentos recentes, posteriores à Tradição Planalto, têm possibilidades de serem contemporâneas às ocupações recentes que aqui se discute. Essa possibilidade não pode ainda ser cabalmente demonstrada ou refutada, enquanto não dispusermos de outros elementos de cronologia absoluta.

Mesmo sem certezas sobre essa contemporaneidade, alguns elementos podem ser objetos de reflexão. Os sítios mais plenos de vestígios, de superfície ou sub-superfície, são também abundantemente pintados. O fato manifesta-se primeiramente como uma sobreposição de sistemas de percepção e construção da paisagem, uma vez que os sítios de borda de campo das ocupações recentes correspondem ao padrão de inserção dominante dos sítios de pintura na região, padrão este que foi definido inicialmente pelos primeiros pintores Planalto, mas foi mantido até os conjuntos recentes de pintura (LINKE, 2008). Sobretudo o Complexo Montalvânia, mas também a Tradição Agreste, estão firmemente ajustados ao padrão de escolha dominante – o Complexo Montalvânia chega, inclusive, a ser mais apegado ao padrão do que os próprios conjuntos Planalto. Assim, os sítios mais pintados pelos conjuntos recentes, à exceção da Lapa do Voador, correspondem àqueles mais vividamente ocupados pelos produtores do registro arqueológico que aqui chamei de *ocupações recentes*. Se não há contemporaneidade de fato, há uma sobreposição muito sugestiva de padrões de escolha, uma correspondência de estruturas de percepção e ação que faz pensar numa afinidade entre os modos de ocupar os sítios e de perceber quais são os lugares onde se deve ir e estar entre os que utilizaram os plano-convexos de plaquetas de quartzito e os que traçaram os grandes antropomorfos Agreste e/ou os volteados antropomorfos Montalvânia.

A continuidade que se viu entre os conjuntos gráficos se manifesta aqui envolvendo outras dimensões do registro arqueológico. A paisagem da Serra que os pintores Planalto inventaram, e que foi mantida ativa por todos os pintores desde então, parece confluir com a paisagem construída por meio da ocupação dos lascadores e daqueles que sepultaram na Lapa do Caboclo. Este sítio, aliás, uma vez mais, é provocativo, pois ele, embora escape um pouco ao padrão de escolha dominante para os

sítios de pintura, por não ter campo amplo diante de si e apresentar uma inserção peculiar na paisagem natural, é ele também um sítio com uma forte presença das pinturas dos conjuntos estilísticos recentes.

Talvez não seja possível aqui demonstrar a natureza da conexão entre as paisagens envolvendo elementos tão distintos do registro arqueológico, como os grandes antropomorfos e os artefatos retocados sobre plaquetas. Mas é possível perceber que a paisagem dos autores de ambas as artes, ainda que estes não sejam contemporâneos, têm elementos estruturais que se sobrepõem.

O percurso desta pesquisa se constituiu num desafio que se auto-renovava, na medida em que a região sempre surpreendia a cada nova etapa de campo. Generosa, a Serra esteve sempre revelando o que não esperávamos ver. Posso dizer que as prospecções encontraram um acervo sempre maior do que a previsão mais otimista. Mesmo quando eu não tinha maiores ilusões quanto a resultados muito expressivos, como no campo de prospecções a céu aberto, os sítios saltaram aos olhos, cheios de possibilidades. E isto foi mais do que um desafio, um convite, uma sedução da Serra.

Quando se dá início a trabalhos numa região pouco conhecida, os trabalhos são sempre tateantes e são as marcas nas canelas dos tropeços que nos ajudam a tomar o rumo. Creio que fomos, toda a nossa equipe, muito felizes ao empreender essa caminhada tropeçante, e os méritos dela são fruto da generosidade da Serra.

Os produtos mais concretos desta pesquisa são questões. E elas não são poucas. Qual é a articulação entre os altos da Serra em que caminhamos e seus arredores, com outras vegetações e solos, e a vizinhança provável de ceramistas tupis, no Doce, e de ceramistas Aratu, nos sertões de Curvelo e Corinto? Será possível confirmar a hipótese de uma ocupação dos topos da Serra articulada a habitações fora dos campos rupestres? Ou os sítios de habitação estão ali e escapam ainda à nossa percepção?

As afinidades entre pinturas Planalto e pinturas do Complexo Montalvânia estendem-se a outras áreas? Diamantina guarda ainda muitas informações a esse respeito? Como a comparação com outras regiões pode ajudar a entender as convergências entre Planalto e Agreste que se observam em Diamantina? A forte continuidade e a trama de interações diacrônicas entre figuras Planalto é uma peculiaridade diamantinense ou também é exercitada em outras regiões? Como essas tramas de interações e influências entre unidades estilísticas podem ser interpretadas em

termos de reconhecermos territórios e afinidades culturais numa escala regional mais ampla?

As diferenças que destacamos entre alguns aspectos da Lapa da Bandalheira e os conjuntos dos outros sítios podem ser melhor exploradas em outras bases de análise? O que uma análise tecnológica mais acurada dos vestígios líticos, especialmente dos refugos, pode nos informar sobre as articulações entre os sítios? Seria possível conectar a Gruta com outros sítios da área? Seria possível desenvolver uma abordagem para lidar com a diversidade de rochas da serra e explorar melhor as relações entre os sítios por meio das matérias-primas?

Mais do que uma tempestade, este conjunto de perguntas é uma expressão do que ficou em suspenso. E também a manifestação da curiosidade insatisfeita.

Fato é que o contexto das ocupações pré-históricas recentes tem aberto possibilidades analíticas interessantes em Minas Gerais, onde têm emergido algumas semelhanças notáveis. As estruturas de depósitos de vegetais de Diamantina guardam uma acentuada afinidade com estruturas do Vale do Peruaçu, também atribuídas ao horizonte dos últimos 1.500 anos. Em Montes Claros, pesquisas recentes coordenadas por L. Bueno (BUENO, 2008) encontraram também estruturas de depósitos de vegetais, mais coesas que as de Diamantina e menos que as do Peruaçu, plenas de vegetais cultivados (sobretudo feijões e milho) em sítio do qual também se ausenta a cerâmica. No Peruaçu, ao contrário, o contexto de deposição dessas estruturas tem a presença de cerâmica da chamada Tradição Una (PROUS, 1992), mas é, como em Diamantina, um contexto com atividades funerárias. Ao mesmo tempo, pesquisas em outras áreas do estado têm ampliado o campo de ocorrência de sítios associados à tradição cerâmica Tupiguarani.

A continuação de pesquisas em Diamantina pode, deste modo, inserir-se num contexto de discussões em expansão, onde será possível estabelecer conexões bem concretas – amostras de milho de Diamantina e de Montes Claros estão, neste momento, sendo analisadas e serão comparadas.

A paisagem como elemento de análise, me parece, tem dado frutos saborosos e esta pesquisa se valeu de alguns deles e tentou semear outros. Abordar conjuntos de vestígios heterogêneos, que são em geral segregados, me parece um percurso fértil a ser percorrido com mais intensidade do que se faz tradicionalmente.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Semíramis P.; PROENÇA, Carolyn E. B,; SANO, Sueli Matiko & RIBEIRO, José Felipe.
1998 *Cerrado. Espécies vegetais úteis*. Planaltina: EMBRAPA.

ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello; NEVES, Walter & PILÓ, Luis Beethoven.
2002 Paleoindian subsistence and technology in central Brazil: results from new excavations at boleiras rockshelter, Lagoa Santa. Current Research in the Pleistocene, v. 19, p. 4-6.

ASHMORE, Wendy & KNAPP, A. Bernard (eds.)
1999 *Archaeologies of Landscape*. Oxford: Blackwell.

BARBOSA, Altair Sales. Andarilhos da Claridade.
2002 *Os primeiros habitantes do Cerrado*. Goiânia: UCG.

BENEŠ, Jaromír & ZVELEBIL, Marek.
1999 A historical interactive landscape in the heart of Europe: the case of Bohemia. In: UCKO, Peter & LAYTON, Robert. *The Archaeology and Anthropology of Landscape*. London: Routledge.

BINFORD, L. R.
1979 Organization and formation processes: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*, 35(3):255-273.

1980 Willow smoke and dogs' tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*. Washington: Society of American Archaeology. V. 45, n. 1. pp: 4-20.

1983 *Working at Archaeology*. New York, Academic Press.

BRADY, James & ASHMORE, Wendy.
1999 Mountains, Caves, Water: Ideational Landscapes of the Ancient Maya. In ASHMORE, W. & KNAPP, B. (ed.). *Archaeologies of Landscape*. Oxford: Blackwell. pp.: 125-145

BUENO, Lucas.
2007 Variabilidade tecnológica nos sítios líticos do Lajeado, médio rio Tocantins. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Suplemento 4.

2007 b Organização Tecnológica e Teoria do Design. In: BUENO, Lucas & ISNARDIS, Andrei. *Das Pedras aos Homens*. Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira. Belo Horizonte: Argumentum/CAPES/FAPEMIG.

2008 Projeto Territórios culturais no Norte Mineiro, relatório de pesquisa. Manuscrito

BUENO, Lucas & ISNARDIS, Andrei.
2007 *Das Pedras aos Homens. Tecnologia lítica na Arqueologia Brasileira*. Belo Horizonte: Argumentum/CAPES/FAPEMIG.

CALDEIRÓN, Valentín.
1967 PRONAPA

CAVALHEIRO, Antônio Carlos M.
2003 Pinturas rupestres dos Campos Gerais – Paraná. *Caderno de resumos do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB. p. 169.

CHIPPINDALE, Christopher & NASH, George.
2004 Pictures in place: approaches to the figured landscapes of rock art. In: CHIPPINDALE, C. & NASH, G. (eds). *Pictures in Place. The Figures Landscapes of Rock Art*. Cambridge: University Press. pp.: 1-36.

CONSENS, Mário & SEDA, Paulo.
1990 Fases, estilos e tradições na rate rupestre do Brasil: a incomunicabilidade científica. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul. vol.17(20) : 33-58.

CRIADO BROADO, Felipe.
1999 Introduction: Combining the Different Dimensions of Cultural Space: Is a Total Archaeology of Landscape Possible? *TAPA - Trabajos de Arqueología del Paisaje, n.º 2*. Santiago de Compostela: Laboratório de Arqueoloxía e Formas Culturais, Universidade de Santiago de Compostela. pp. 5-9.

D'ABBEVILLE, Padre Cláudio.
2002 *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano. Trad. Dr. César Augusto Marques.

DARVILL, Timothy.
1999 The historic environment, historic landscape, and space-time-action models in landscape archaeology. In UCKO, Peter & LAYTON, Robert. *The Archaeology and Anthropology of Lanscape*. London: Routledge.

DIAS, Adriana Schmidt.
1994 *Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DIAS, Adriana Schmidt.
2003 *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese de doutoramento. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

2007 Da Tipologia à Tecnologia: Reflexões sobre a variabilidade das indústrias líticas da Tradição Umbu. In: BUENO, Lucas & ISNARDIS, Andrei. *Das Pedras Aos Homens: Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira.* Belo Horizonte: Argumentum/ CAPES/ FAPEMIG.

ECO, Umberto.
1993 *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.

FAUSTO, Carlos.
2001 *Inimigos Fiéis. História, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp.

FERNANDES, Florestan.
1963 *Organização social dos tupinambá*. São Paulo : Difusão Européia do Livro.

FOGAÇA, Emílio.
2001 *Mãos para o Pensamento. A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000 / 10.500 B.P.).* Tese de. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1995 A Tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (M.G. – Brasil). *Revista do MAE*, São Paulo, 5:145-158.

FOGAÇA, Antônio Celso Campolim.
1997 Geologia da Folha Diamantina, Minas Gerais. Projeto Espinhaço. Belo Horizonte: COMIG/ IGC-UFMG.

FOGAÇA, Emílio & LIMA, Márcio Alonso
1991 L'Abri du Boquete (Brésil): Les premières industries lithiques de l'holocène. *Journal de la Société des Américanistes*, N.S. Paris, t.77, pp.111-123.

FURTADO, Júnia Ferreira.
1994 *Memória sobre a Capitania das Minas Gerais, seu Território, clima, produções metálicas de José Vieira Couto*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

GALLOIS, Dominique.
1986 Migração, Guerra e Comércio: os Waiapi na Guiana. São Paulo: FFLCH-USP.

GEERTZ, Clifford.
1978 *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC.

GOODWIN, J. W., MORAIS, M., MENESES, J. N. & ISNARDIS, A.
2003 *Diamantina Rupestre: percepções e construções da paisagem em uma abordagem histórica, geográfica e arqueológica na região do antigo Distrito Diamantino*. Projeto de pesquisa para o programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Newton Paiva. Manuscrito.

GUIDON, Niède.
1986 A seqüência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. *Clio*. Série Arqueológica. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. nº 3. pp.: 137-164.
1991 *Peintures préhistoriques du Brésil*. Paris: Recherche Coopérative sur Programme, ADPF.

GUIMARÃES, C. M. et al.
2005 Projeto de Salvamento Arqueológico na área impactada pela construção da Usina Hidrelétrica de Irapé – MG. Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia da FAFICH UFMG / CEMIG.

FLOOD, Josephine.
2004 Linkage between rock-art and landscape in Aboriginal Austrália. In: CHIPPINDALE, C. & NASH, G. *Pictures in Place. The Figured Landscapes of Rock-Art*. Cambridge: University Press.

FURTADO, Júnia Ferreira.
1994 *Memória sobre a Capitania das Minas Gerais, seu território, clima e produções metálicas de José Vieira Couto*. Estudo crítico, transcrição e pesquisa hiostórica. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

HECKENBERGER, Michael.
2001 Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na *longue durée.* n HECKENBEGER, M. & FRANCHETTO, B. (org.) *Os Povos do Alto Xingu - História e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ.

HODDER, Ian.
1982 *Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge, Cambridge University Press.

ISNARDIS, Andrei.
2004 *Lapa, Parede, Painel. A distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais)*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. Dissertação de mestrado.

2007 Notas sobre a solidão das indústrias líticas. In: BUENO, Lucas & ISNARDIS, Andrei. *Das Pedras aos Homens*. Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira. Belo Horizonte: Argumentum/CAPES/FAPEMIG.

ISNARDIS, A.; GOODWIN, J.; MENESES, J.N. & MORAIS, M.
2005 *De dedos que tingem e de traços que eles deixam. A construção da paisagem no antigo Distrito Diamantino. Dos pintores rupestres aos viajantes oitocentistas.* Relatório de pesquisa. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva.

ISNARDIS, Andrei & LINKE, Vanessa.
2005 Pinturas rupestres de Diamantina e municípios vizinhos (porção meridional da Serra do Espinhaço, Minas Gerais). Campo Grande: SAB.

ISNARDIS, Andrei; LINKE, Vanessa & PROUS, André.
2008 Variabilité stylistique dans la tradition rupestre “Planalto” du Brésil Central: um même ensemble thématique, plusieurs esthétiques. In: HEYD, Thomas & CLEGG, John (eds*). Aesthetics and Rock Art*. Oxford: BAR.

JUNQUEIRA, Paulo & PROUS, André.

1992/93 As Estruturas Aparentes (1); a organização da ocupação. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG – Santana do Riacho, tomo 2*. Belo Horizonte: UFMG. Vol. XIII. p.: 3-20

KIPNIS, R.; WÜST, I., DILLAHEY, T. & CHIPPINDALE, C. (org.)
1998 Issues in Brazilian archaeology . *Antiquity*. Cambridge, v. 72, n. 277, p. 571-675.

KNAPP, A. Bernard & ASHMORE, Wendy
1999 Archaeological Landscape: Constructed, Conceptualized, Ideational. In ASHMORE, W. & KNAPP, B. (ed.). *Archaeologies of Landscape*. Oxford: Blackwell. pp.: 1-30.

LAYTON, R. & UCKO, P.
1999 *Archaeology and Anthropology of Landscape*. London: Routledge.

LEROI-GOURHAN, André.
1984 *Evolução e Técnicas. I – O homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70.

LIMA, Cláudio; LAGE, Daniela; VALENTE, Polyana & LINKE, Vanessa.
2003/4 Diamantina Rupestre: percepções e construções da paisagem em uma abordagem histórica, geográfica e arqueológica na região do antigo Distrito Diamantino. In: SOARES, A. & BARBOSA, M. V. (org.) *Iniciação Científica Newton Paiva 2003-2004*. Belo Horizonte: Newton Paiva. pp.: 79-102.

LINKE, Vanessa.
2008 Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina – Minas Gerais. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

LINKE, Vanessa & ISNARDIS, Andrei.
2008 Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da Tradição Planalto, na região de Diamantina (Brasil Central). Revista de Arqueologia. Belém: SAB. 21: 27-43.

LINKE, Vanessa; LIMA, Claudio; LAGE, Daniela & VALENTE, Polyana.
2006 Diamantina Rupestre: percepções e construções da paisagem numa abordagem *histórica, geográfica e arqueológica na região do antigo Distrito Diamantino. Revista Funadesp*. Brasília: FUNADESP. n.1, v.1. pp: 149-185.

MACHADO, Juliana Salles.
2005 *Montículos artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

MARTIN, Gabriela.
1997 *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

MENESES, José Newton Coelho de.
2000 *Continente Rústico. Abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas*. Diamantina: Maria Fumaça.

TOMMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio T. & NOELLI, Francisco (org.)

2004 *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dso Kaingang* . Londrina: Eduel.

NEVES, Walter & PILÓ, Luis Beethoven.
2007 *O Povo de Luzia*. São Paulo: Globo.

PESSIS, Anne-Marie.
1988 Apresentação gráfica e apresentação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre do Brasil. *Clio, Série Arqueológica*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. V. 5. pp. 11-17.

1992 Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. CLIO Série Arqueológica. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. v. 1 n.º 8 pp.: 35-68

1993 Registros rupestre, perfil gráfico e grupo social. *CLIO, Série Arqueológica*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. no 9. pp:

2003 *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara*. FUMDHAM/Petrobrás.

PINHO, Alberto Nunes do & ABREU, Pedro Ângelo A. de.
1997 Projeto Mapeamento Geológico do Espinhaço Meridional. Relatório de Quadrículas – Caxambu. Belo Horizonte: CPRM.

PIUZANA, Danielle; JERONIMO, Kyrla; MORAIS, Marcelino Santos de & GRANDI, Telma Sueli & IGNÁCIO, José Hermínio.
2006 *Parque Estadual do Rio Preto, MG: o herbário vivo*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva. Relatório de Pesquisa.

PROUS, André.
1986/90 Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG. v. XI. pp.1-88.

1991 Fouilles de l'Abri du Boquete, Minas Gerais. Brésil. *Journal de La Société dês Américanistes*, N. S. Paris, t.77, p:77-109.

1992 *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed UnB.

1992/93 Conclusão. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG – Santana do Riacho, tomo 2*. Belo Horizonte: UFMG. Vol. XIII. pp.: 373-386.

1994 L'art rupestre du Brésil. *Bulletin de la Société Préhistorique de l'Ariège*. Ariège, Tome 49, pp.77-144.

1996/7 Objetivos e Metodologia. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG. v. XVII/XVIII. pp.9-17.

1999 As categorias estilísticas nos estudos da arte pré-histórica: arqueofatos ou realidades? *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Universidade de São Paulo. Suplemento 3.

2004 *Apuntes para Análisis de Industrias Líticas*. *Ortegalia. Monografias de Arqueoloxía, Historia e Patrimônio,* n. 02. Ortigueira: Fundación Federico Maciñeira.

PROUS, André & BAETA, Alenice.
1992/3 Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG – Santana do Riacho, tomo 2*. Belo Horizonte: UFMG. Vol. XIII. pp.: 241-332.

PROUS, André; BAETA, Alenice & RUBIOLLI, Ézio.
2003 *O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos. Conhecer para proteger*. Belo Horizonte: Ed. do ator.

PROUS, A., LANNA, A.L.D. & PAULA, F.L.
1980 Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. *Pesquisas, Série Antropologia.* São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, v.31, pp. 121-146.

PROUS, André & JUNQUEIRA, Paulo A.
1995 Rock Art of Minas Gerais, Central Brazil. *Bolletino del Centro Camuno di Studi Preistorici*. Capo di Ponte, v.28, pp.75-86.

PROUS, André & SEDA, Paulo.
1987 Cronologia, tradições e metodologia na arte rupestre do Sudeste. *Boletim do Instituto Arqueológico Brasileiro. Série Catálogo*. Rio de Janeiro, v.3, pp.: 177-181.

RIBEIRO, Loredana.

1996 *Tradição e ruptura na arte rupestre da Lapa do Gigante – Montalvânia, MG*. Monografia de Bacharelado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

1996/7 O acervo gráfico da Lapa do Gigante. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG. v. XVII/XVIII. pp.: 331-405.

1998 Tradição e Ruptura na Arte Rupestre da Lapa do Gigante – Montalvânia, MG. *Clio – Série Arqueologia*. Recife, Universidade federal de Pernambuco.

2000 Arte rupestre em Montalvânia – MG: cronologia e estilística. In: SOUZA, Sheila M. F. Mendonça (org.) *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: SAB. Edição em hipertexto.

2001 Análises temáticas em arte rupestre - uma discussão metodológica. *Caderno de resumos do XI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira. pp.: 133-34.

2006 *Os Significados da Similaridade e do Contraste entre os Estilos. Um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-Médio São Francisco*. Tese de doutoramento. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Loredana & ISNARDIS, Andrei.
1996/7 Os Conjuntos Gráficos do Alto-Médio São Francisco (vale do Rio Peruaçu e Montalvânia) - caracterização e seqüências sucessórias. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG. v. XVII/XVIII. pp.243-285. 1996/7

RIBEIRO, Loredana & PANACHUK, Lílian.
1996/7 As pinturas da Lapa do Dragão - registro homogêneo do Complexo Montalvânia. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG. v. XVII/XVIII. pp.: 407-464.

RODET, Maria Jacqueline & ALONSO, Márcio.
2004 Princípios de reconhecimento de duas técnicas de debitagem: percussão direta dura e percussão direta macia (*tendre*). *Revista de Arqueologia*. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira. v. 17. pp.: 63-74.

RORTY, Richard.
1993 A trajetória do pragmatista. In: ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.

SAADI, Allaoua.
1995 A Geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens. *Geonomos*. 3 (1): 41-63. Belo Horizonte: CPMTC-IGC/UFMG.

SANO, Sueli Matiko & ALMEIDA, Semíramis.
1998 *Cerrado – ambiente e flora*. Planaltina: EMBRAPA.

SANTOS, Joaquim Felício dos.
1976 [1868] Memórias do Distrito Diamantino. Belo Horizonte/São PAulo: Itatiaia/EDUSP.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel.
1999 A Arte Rupestre e a Construccion dos Territorios na Idade do Bronce em Galícia. *Gallaecia 18*. Santiago de Compostela: Departamento de Historia I, Facultade de Xeografia e Historia.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel; PARCERO OUBIÑA, César & CRIADO BROADO, Felipe.
1997 De la arqueología simbólica del paisaje a la arqueología de los paisajes sagrados. *Trabajos de Prehistoria, 54*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Historicos.

SAUSSURE, Ferdinand.
1992 *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.

SCHIFFER, M. B.
1972 Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*. 37 (2): 165-165.

1991 *The study of formation processes*. Albuquerque: University of New Mexico.

SCHIFFER, M. B.& SKIBO, J. M.
1997 The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, 62 (1): 27-50.

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1997 *Serranópolis II - As pinturas e gravuras dos abrigos*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, & BARBOSA, Altair S.
1985 *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.

SCHMITZ, P. I. et al.
2004 Serranópolis III – Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. *Pesquisas, Antropologia*, nº 60. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.

SEDA, Paulo R. G.
1998 *A Caça e a Arte – Os caçadores-pintores pré-históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SHAAN, Denise.
2005 Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Anais do XIII Congresso da SAB: arqueologia, patrimônio e turismo*. Campo Grande: Ed. Oeste. Edição em híper-texto.

SILVA, Aracy Lopes da.
1983 Xavante : casa - aldeia - chão - terra – vida. In: Caiuby Novaes, Sylvia (org) *Habitações indígenas*. São Paulo : Nobel : Ed. da Universidade de São Paulo. p. 33-56.

SILVA, Martha Maria de Castro.
2003 *Desordem e crono-estilística no Alto Médio Rio São Francisco - MG: os grafismos rupestres do Complexo Montalvânia*. Campinas: IFICH-UNICAMP. Dissertação de mestrado.

SIQUEIRA, A. S.; MOTA, J. F. & PROUS, A.
1989 L'art rupestre de la Pedra Pintada de Cocais, Minas Gerais, Brésil. Paris, Musée de l'Homme, Institut d'Ethnologie, Archives et Documents, Micro-Edition, R 89 039 534.

SOLÁ, Maria Elisa Castellanos.
1996/97 Memória da prospecção arqueológica de 1977 na região cárstica de Montalvânia – MG. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, UFMG. v. XVII/XVIII. pp.: 75-126.

SOLÁ, Maria Elisa C., PROUS, A. & SILVA, G. R.
1981/82 Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Januária – Itacarambi (MG). *Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: v. 6/7, pp. 383-395. (Atas da 1ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).

STADEN, Hans.
1974 *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte; São Paulo : Itatiaia Editôra: Editora de Universidade de São Paulo.

STEWART, Andrew M.; KEITH, Darren & SCOTTIE, Joan.
2004 Caribou Crossing and Cultural Meanings: Placing Traditional Knowledge and Archaeology in Context in an Inuit Landscape. *Journal of Archaeological Method and Theor*y. V. 11, n. 2.

TAÇON, Paul.
1999 "Identifying Sacred Landscapes in Australia: from Physical to Social" in ASHMORE, W. & KNAPP, B. (ed.). *Archaeologies of Landscape*. Oxford: Blackwell. pp.: 33-57

TILLEY, Christopher.
1991 *Material culture and text; the art of ambiguity*. London: Routledge.

TIXIER, Jacques; INIZAN, Marie-Louise & ROCHE, Helène.
1989 *Préhistoire de la Pierre Taillée 1*. Paris: Editions du CNRS.

TRONCOSO, Andrés.
2001 "Asentamientos, Petroglifos y Paisajes Prehispánicos en el Valle de Illapel (Chile)". *TAPA - Trabajos de Arqueología del Paisaje, n.º 19*. Santiago de Compostela: Laboratorio de Arqueoloxía e Formas Culturais, Universidade de Santiago de Compostela. pp 103-114.

WIESSNER, Polly.
1982 Beyond willow smoke and dogs' tails: a comment on Binford's analysis of hunter-gatherer settlement systems. *American Antiquity*. V. 47, n. 1. pp: 171-178.

WILSON, D. C.
1994 Identification and assessment of secondary refuse aggregates. *Journal of Archaeological Method and Theory*. V.1, n. 1: 41-68.

WÜST, Irmhild.

1999 Etnicidade e tradições ceramistas: algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP. Suplemento 3. pp.: 303-317.

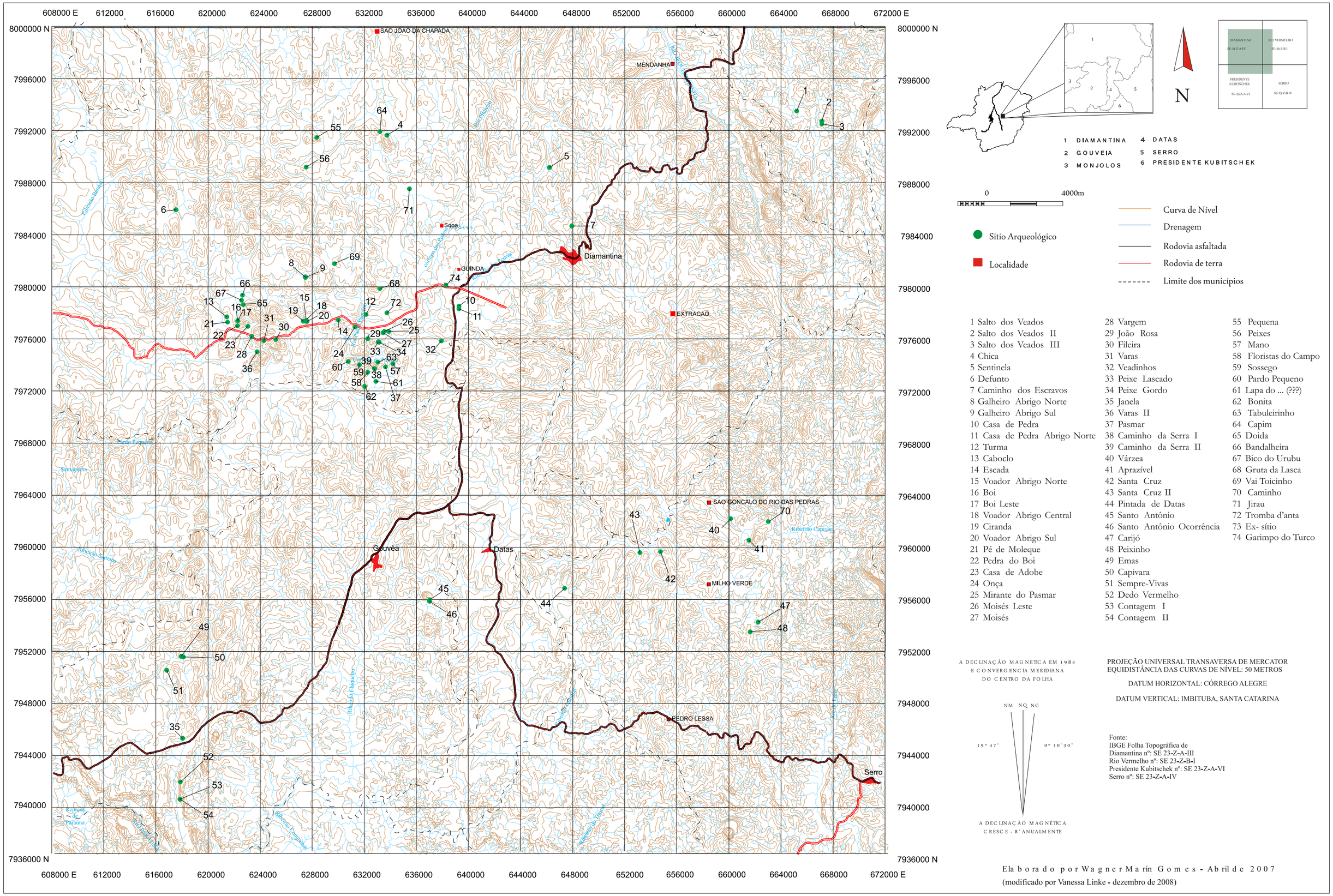
2000 As Aldeias dos Agricultores Ceramistas o Centro-Oeste Brasileiro. TENÒRIO, M. C. *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

ZEDEÑO, Maria Nieves.
1997 Landscape, Land Use, and the History of Territory Formation: An Example from the Puebloan Southwest. *Journal of Archaeological Method and Theory*. V.1, n. 1: 69-93.

Anexo 1

Quadro das datações radiocarbônicas obtidas para sítios arqueológicos da região de Diamantina, cujas análises foram realizadas todas pelo laboratório *Beta Analytic*.

Sítio	Camada	estrutura onde se obteve a amostra	Conventional Radiocarbon Age	Nº Beta Analytc
Caboclo	1	Sepult. 1 (estojo de casca de árvore)	680 +/-50 BP	199504
Caboclo	1	estrut. de depósito de vegetais	1.220 +/- 40 BP	199503
Peixe Gordo	3	estrut. de combustão	10.210 +/- 60 BP	233762
Caboclo	2	estrut. de combustão	10.380+/- 60 BP	233764
Caboclo	2	estrut. de combustão	10.560 +/- 40 BP	199502



Mapa 1 - Área de pesquisa com os sítios localizados.